

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ROSILDA MARIA SÁ GONÇALVES DE MEDEIROS

ADOLESCENTES MÃES ACOLHIDAS  
MODELANDO A ARTE E A VIDA:  
entrelaces entre a experiência artística com  
a cerâmica e as ressonâncias na criação de si

RECIFE  
2017

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
Linha de Pesquisa: Psicopatologia Fundamental e Psicanálise

ROSILDA MARIA SÁ GONÇALVES DE MEDEIROS

ADOLESCENTES MÃES ACOLHIDAS  
MODELANDO A ARTE E A VIDA:  
entrelaces entre a experiência artística com  
a cerâmica e as ressonâncias na criação de si

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, na Linha de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Consuêlo Passos

RECIFE  
2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

M488a Medeiros, Rosilda Maria Sá Gonçalves de  
Adolescentes mães acolhidas modelando a arte  
e a vida : entrelaces entre a experiência artística com  
a cerâmica e as ressonâncias na criação de si / Rosilda  
Maria Sá Gonçalves de Medeiros ; orientador Maria  
Consuelo Passos, 2017.  
245 f. : il.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Pró-Reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-Graduação.  
Doutorado em Psicologia Clínica. 2017.

1. Criatividade. 2. Adolescentes (Meninas). 3. Maternidade.  
4. Assistência a menores. 5. Cerâmica. I. Título.

CDU 159.964.2

ROSILDA MARIA SÁ GONÇALVES DE MEDEIROS

ADOLESCENTES MÃES ACOLHIDAS MODELANDO A ARTE E A VIDA: entrelaces entre a experiência artística com a cerâmica e as ressonâncias na criação de si

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Clínica no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profª Drª Maria Consuelo Passos (Orientadora)  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

---

Profª Drª Albenise de Oliveira Lima  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

---

Profª Drª Marisa Amorim Sampaio Cunha  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

---

Profª Drª Lívia Marques Carvalho  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

Profª Drª Geralda Mendes Ferreira Silva Dalglish (Lalada Dalglish)  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Recife, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

*A **Pedro**, meu filho, que me ensina diariamente  
a reinventar (remodelar) a vida.*

*À memória de **Celina**, minha mãe, de **Rosilda**, minha avó, e de **Ermelindo**, meu grande  
amigo, que estão no firmamento celebrando mais uma das minhas conquistas.*

*A **Mila**, **Bete** e **Ceci**, as jovens participantes deste estudo,  
pela confiança do ceramicar compartilhado.*

## AGRADECIMENTOS

À *Maria Consuêlo Passos*, por ter me introduzido no universo teórico winnicottiano, pelo acompanhamento do meu percurso neste doutorado, pelas leituras críticas, pelas valiosas discussões e contribuições.

À *Albenise de Oliveira Lima*, por ter aceitado participar da minha banca, pelas assertivas contribuições e correções durante a qualificação desta tese, que me fizeram enxergar os aspectos clínicos e terapêuticos deste estudo, mas também, por sua generosidade, simpatia e delicadeza em lidar com os alunos, entre os quais, me incluo.

À *Marisa Amorim Sampaio Cunha*, por ter aceitado participar da minha banca, por ter se apropriado da minha tese como se fosse argila e, a partir da sua leitura minuciosa, ter oferecido fundamentais contribuições durante a qualificação, mas, sobretudo, por ter me mostrando que eu fui além dos objetivos pretendidos. Marisa, embora estas palavras não abarquem a minha gratidão, espero que ao menos expressem a minha respeitosa admiração!

À *Lívia Marques Carvalho*, por ter aceitado o convite para integrar a minha banca, pela disponibilidade de fazer uma especial leitura crítica, além de discussões e sugestões ocorridas em momento decisivo do processo de escrita, bem como pelo parecer na qualificação desta tese.

À *Geralda Mendes Ferreira Silva Dalglish (Lalada Dalglish)*, por ter aceitado participar da minha banca, pelas valiosas contribuições contidas no parecer de qualificação desta tese.

Aos professores *Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas* e *Ivo Andrade Lima Filho*, por terem aceitado participar como membros suplentes da minha banca.

A *Marcos Tadeu Lacerda*, pelas discussões e sugestões sobre os vários temas do meu estudo, e, particularmente, pelas suas generosas contribuições na análise dos dados da pesquisa, que iluminaram o meu processo criativo de modelagem desta tese.

Às amigas *Lenita Faissal* e *Lourdes Von Sohsten*, pelas discussões na análise dos dados iniciais da pesquisa.

À *Rosângela Carvalho Guerra*, pela tradução do resumo.

À amiga *Líssia da Cruz e Silva* pela cuidadosa revisão do texto.

A todos que fazem a ONG católica que acolheu e permitiu a realização desta pesquisa.

À *Mila*, *Bete* e *Ceci* pela confiança em participar deste estudo, que possibilitou a ampliação interdisciplinar das minhas pesquisas com a cerâmica.

Aos professores *Gilberto Safra* e *Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto*, pelas contribuições durante a qualificação do meu projeto de pesquisa.

Aos professores *Zeferino de Jesus Barbosa Rocha (In memorian)*, *Nanette Zmeri Frej (In memorian)* e *Edilene Freire de Queiroz* – membros do Laboratório de Psicopatologia

Fundamental e Psicanálise da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) –, bem como aos colegas participantes, pelas discussões e contribuições ao meu projeto de pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP por trazerem novos conhecimentos nas disciplinas cursadas.

À coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, professora *Cristina Maria de Souza Brito Dias*, bem como à *Niceas Alves*, *Nélia Queiroz* e a todos os funcionários da secretaria da Pós-graduação pelo suporte acadêmico.

Aos colegas de turma pela estimulante interação, pelas discussões e contribuições durante as disciplinas cursadas.

À *Ivone Vita*, *Ronaldo Monte*, *Iraquitã Caminha*, *Neuma Barros*, *Glória Barros*, *Teresa Crispim* e a toda equipe que compõe, em João Pessoa, o Espaço Psicanalítico e o seu Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, pelas diversas contribuições para o meu ingresso neste doutorado.

Aos meus familiares e aos meus amigos pelos acolhimentos e cumplicidades.

A todos que não foram citados, mas indiretamente contribuíram para que eu modelasse esta tese.

A você leitor/a deste texto.

*o barro  
toma a forma  
que você quiser*

*você nem sabe  
estar fazendo apenas  
o que o barro quer*



## RESUMO

Esta pesquisa de doutorado teve como objetivo geral estudar as expressões de criatividade que puderam emergir – por meio da escuta e do brincar – durante a participação de adolescentes mães, numa oficina de cerâmica sob a intervenção da pesquisadora. A literatura aponta a complexidade da vivência simultânea da adolescência e da maternidade prematura em situação de acolhimento institucional. A literatura revela também a importância das atividades artísticas em projetos pedagógicos desenvolvidos em ONGs enquanto meio de simbolização, de contribuição para a promoção da reconstrução pessoal, da autoestima e da integração social de menores em situação de risco. A pesquisa partiu de campos epistemológicos distintos – as concepções de criatividade propostas por Winnicott (a psicanálise, o processo maturacional), e por Ostrower (a arte, o processo artístico). Ela foi desenvolvida numa unidade que oferece o serviço de acolhimento de menores que estão sob medida protetiva judicial, mantida por uma ONG católica na Paraíba, e durante dois meses e meio ocorreram vinte encontros em grupo (aberto) com a participação de sete jovens, das quais foram estudados os casos de três adolescentes mães (entre 15 e 19 anos). A metodologia abrangeu a oficina de cerâmica enquanto *locus* da pesquisa, o principal procedimento usado na coleta de dados foi o “brincar/jogar” com a argila (o *ceramicar*), espelhado na referência clínica de “brincar” com o “jogo de rabiscos” proposto por Winnicott, bem como, considerou a “materialidade” conforme pontuou Ostrower – neste caso a materialidade da argila associada à linguagem da cerâmica. Os instrumentos usados na coleta de dados foram a gravação de áudio, o registro fotográfico e o diário de campo. Em cada caso estudado foi usado o “raciocínio analítico” pontuado por Mezan, com ênfase em três unidades básicas de análise: a capacidade e as formas de brincar (as expressões lúdicas), a forma de usar a argila (as expressões plásticas), a forma de falar (as expressões verbais) ou o silêncio – conjugando diagramas de narrativas (conversações), com escuta, observação e interpretação teórica. Os resultados da pesquisa responderam os seguintes questionamentos: Que conteúdos as adolescentes mães expressam considerando o contexto de acolhimento institucional em que vivem? Aquilo que cada uma faz com a argila pode expressar uma criação artística e vir a favorecer na criação de si? Será que uma intervenção por meio da escuta e do brincar com a argila pode funcionar enquanto “espaço potencial” e contribuir para que os sujeitos ponham suas vidas em andamento, ao viverem o contexto simultâneo da adolescência e da maternidade? Dentre os resultados da pesquisa foi constatado que as jovens mães tiveram uma experiência compartilhada de criação artística com a linguagem da cerâmica, e puderam ampliar seus repertórios estéticos e culturais. Ao mesmo tempo, foi observada a contribuição dada para essas jovens encontrarem, na escuta oferecida pela pesquisadora e no brincar, condições para a apropriação das suas dificuldades e de suas potencialidades durante o desenvolvimento da pesquisa, na medida em que expressaram e simbolizaram suas manifestações subjetivas. Assim, a arte se constituiu como um elemento importante na criação do si mesmo (os efeitos clínicos e terapêuticos da intervenção).

**Palavras-chave:** Criatividade. Adolescentes mães. Acolhimento institucional. Cerâmica.

## ABSTRACT

The general objective of this doctoral research was to study the creativity expressions that emerged – either by means of listening or playing – during the participation of adolescent mothers in a ceramics workshop under the intervention of the researcher. The literature presents the complexity of the simultaneous experience of being an adolescent and a premature mother in an institutional tender care context. The literature also reveals the importance of artistic activities in pedagogical projects developed by NGOs as a means of symbolization and contribution to the promotion of personal reconstruction, self-esteem and social integration of minors at risk. The research was based on distinct epistemological fields – Winnicott’s conception of creativity (psychoanalysis, the maturational process) and Ostrower’s (art, the artistic process). It was developed in a facility which offers tender care services to minors who are under a judicial protective measure, which is supported by a catholic NGO in Paraíba, where twenty open group meetings happened for two and a half months in which seven young people took part and out of which the cases of three adolescent mothers aged between 15 and 19 were studied. The methodology involved the ceramics workshop as the research *locus* and the main procedure used for collecting data was “playing” with clay (*ceramicar*), founded on the clinical reference of “playing” with “squiggle game” proposed by Winnicott; it also considered “materiality” as pointed out by Ostrower – in this case, materiality of clay associated with the language of ceramics. The data collection tools used were audio recordings, photographic record and field diary. In each case studied, an analytical reasoning, as outlined by Mezan, was used, with special emphasis on three basic analysis units: the capacity and ways of playing (playful expressions), the way of using clay (plastic art expressions), the way of talking (verbal expressions) or silence – combining narrative diagrams (conversations) with listening, observation and theoretical interpretation. The results of the research provided answers to the following questions: Which contents do the adolescent mothers express considering the institutional tender care context they live in? Can that which each one of them does with clay express an artistic creation and end up helping their own creation? Can an intervention by means of listening and playing with clay by any chance function as a “potential space” and contribute for the subjects to progress with their lives while they simultaneously live the contexts of adolescence and maternity? Among the results of the research, it was found that those young mothers had a shared experience of artistic creation with the language of ceramics, and could increase their aesthetical and cultural repertoire. At the same time, it was observed the contribution given to them so that they could find, in the listening offered by the researcher as well as in the act of playing, conditions for assuming their difficulties and potentialities during the development of the research as they expressed and symbolized their subjective manifestations. Therefore, art has constituted an important element of self-creation (both clinical and therapeutic effects of the intervention).

**Keywords:** Creativity. Adolescent mothers. Tender care context. Ceramics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figuras 1 e 2</b> – <i>Vênus de Dolni Véstonice</i> , 29.000-25.000 a.C.....	80
<b>Figuras 3, 4 e 5</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (1º encontro, 12 dez. 2014).....	113
<b>Figuras 6, 7 e 8</b> – Bete, <i>expressões plásticas</i> (1º encontro, 12 dez. 2014).....	117
<b>Figura 9</b> – Ceci, <i>expressão plástica</i> (1º encontro, 12 dez. 2014).....	120
<b>Figuras 10 e 11</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (2º encontro, 17 dez. 2014).....	128
<b>Figura 12</b> – Bete, <i>expressão plástica</i> (2º encontro, 17 dez. 2014).....	129
<b>Figuras 13 e 14</b> – Ceci, <i>expressões plásticas</i> (2º encontro, 17 dez. 2014).....	135
<b>Figura 15</b> – Mila, <i>desenho 1</i> (3º encontro, 19 dez. 2014).....	140
<b>Figura 16</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (3º encontro, 19 dez. 2014).....	140
<b>Figura 17</b> – Bete, <i>desenho 1</i> (3º encontro, 19 dez. 2014).....	142
<b>Figura 18</b> – Bete, <i>expressão plástica</i> (3º encontro, 19 dez. 2014).....	142
<b>Figura 19</b> – Ceci, <i>desenho 1</i> (3º encontro, 19 dez. 2014).....	144
<b>Figura 20</b> – Ceci, <i>expressão plástica</i> (3º encontro, 19 dez. 2014).....	144
<b>Figura 21</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (4º encontro, 02 jan. 2015).....	148
<b>Figura 22</b> – Bete, <i>desenho 2</i> (5º encontro, 14 jan. 2015).....	152
<b>Figura 23</b> – Bete, <i>expressão plástica</i> (5º encontro, 14 jan. 2015).....	153
<b>Figuras 24, 25 e 26</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (6º encontro, 16 jan. 2015).....	157
<b>Figura 27</b> – Bete, <i>expressão plástica</i> (7º encontro, 19 jan. 2015).....	165
<b>Figura 28</b> – Bete, <i>expressão plástica</i> (8º encontro, 21 jan. 2015).....	167
<b>Figura 29</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (8º encontro, 21 jan. 2015).....	167
<b>Figuras 30, 31 e 32</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (9º encontro, 23 jan. 2015).....	170
<b>Figura 33</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (10º encontro, 26 jan. 2015).....	174
<b>Figura 34</b> – Alda, <i>desenho</i> .....	175
<b>Figura 35</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (10º encontro, 26 jan. 2015).....	175
<b>Figura 36</b> – Bete, <i>expressão plástica</i> (10º encontro, 26 jan. 2015).....	176
<b>Figuras 37 e 38</b> – Bete, <i>expressões plásticas</i> (11º encontro, 28 jan. 2015).....	179
<b>Figura 39</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (12º encontro, 02 fev. 2015).....	183
<b>Figura 40 e 41</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (13º encontro, 04 fev. 2015).....	187
<b>Figura 42</b> – <i>Vaso com flores</i> , Vale do Jequitinhonha (MG).....	189
<b>Figura 43</b> – Noemisa Batista, <i>pintura com barro sobre parede</i> , Vale do Jequitinhonha.....	189
<b>Figura 44</b> – Mila, <i>desenho 2</i> (14º encontro, 06 fev. 2015).....	189
<b>Figuras 45 e 46</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (14º encontro, 06 fev. 2015).....	189
<b>Figura 47</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (15º encontro, 09 fev. 2015).....	193
<b>Figuras 48 e 49</b> – Mila, <i>expressões plásticas</i> (16º encontro, 11 fev. 2015).....	195
<b>Figura 50</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (17º encontro, 13 fev. 2015).....	198
<b>Figura 51</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (18º encontro, 20 fev. 2015).....	201
<b>Figura 52</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (19º encontro, 23 fev. 2015).....	202
<b>Figura 53</b> – <i>Forno a lenha quadrado</i> , desenho de Joelsio Gomes.....	204
<b>Figura 54</b> – Mila, <i>expressão plástica</i> (20º encontro, 24 fev. 2015).....	207

## LISTA DE SIGLAS

- AIDS: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- CEP: Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
- CIPRO: Centro Popular de Documentação e Informação do Roger
- CLT: Consolidação das Leis do Trabalho
- CNAS: Conselho Nacional de Assistência Social
- DSTs: Doenças Sexualmente Transmissíveis
- EBA: Escola de Belas Artes
- ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente
- HIV: *Human Immunodeficiency Virus*
- IIM: Inqueritos de Indicadores Múltiplos
- MDS: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome
- OMS: Organização Mundial de Saúde
- ONG: Organização Não Governamental
- ONU: Organização das Nações Unidas
- PECFC: Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária
- PDS: Pesquisas de Demografia e Saúde
- PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
- PNCFC: Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária
- SUAS: Sistema Único de Assistência Social
- TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFBA: Universidade Federal da Bahia
- UFPB: Universidade Federal da Paraíba
- UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNFPA: Fundo de População das Nações Unidas
- UNICAP: Universidade Católica de Pernambuco
- UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>MODELAGEM INICIAL</b> .....	15
<b>PARTE I – MODELAGENS TEÓRICAS E CONCEITUAIS</b> .....	23
<b>I.1 Adolescência: desenvolvimento em diferentes perspectivas</b> .....	24
I.1.1 Enfoque psíquico particularizando as jovens.....	25
I.1.2 Enfoque social sobre a maternidade precoce.....	37
I.1.2.1 As adolescentes em situação de precariedade no Brasil.....	39
I.1.2.2 Ser simultaneamente adolescente e mãe.....	45
I.1.2.3 O <i>holding</i> institucional dado às adolescentes mães acolhidas.....	49
I.1.2.3.1 A vivência da adolescência e da maternidade em contexto de acolhimento.....	57
<b>I.2 Winnicott e Ostrower: situando os discursos sobre a criatividade</b> .....	60
I.2.1 Winnicott e a criatividade originária.....	65
I.2.2 Ostrower e a imaginação criativa.....	69
I.2.3 Experiência artística.....	76
<b>I.3 O barro primordial e a criação mítica do Homem: arte e vida entrelaçadas</b> .....	77
I.3.1 A metáfora plástica da deusa-mãe pré-histórica.....	79
<b>PARTE II – MODELAGEM DO PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	84
<b>II.1 Método</b> .....	85
II.1.1 Natureza da pesquisa.....	85
II.1.2 Caracterização institucional.....	87
II.1.3 Adolescentes mães modeladas pela argila.....	90
II.1.4 A oficina de cerâmica enquanto <i>locus</i> da pesquisa.....	92
II.1.5 Instrumentos utilizados.....	95
II.1.6 Procedimentos éticos.....	96
II.1.7 Procedimentos para análise dos dados.....	97
<b>PARTE III – MODELAGEM DOS DADOS</b> .....	100
<b>III.1 Contextualização das adolescentes mães acolhidas na “Terra”</b> .....	101
<b>III.2 Histórico de Mila</b> .....	103
<b>III.3 Histórico de Bete</b> .....	106
<b>III.4 Histórico de Ceci</b> .....	108

<b>III.5 Os encontros em grupo aberto na oficina de cerâmica</b> .....	109
III.5.1 1º Encontro.....	110
III.5.2 2º Encontro.....	122
III.5.3 3º Encontro.....	138
III.5.4 4º Encontro.....	147
III.5.5 5º Encontro.....	151
III.5.6 6º Encontro.....	155
III.5.7 7º Encontro.....	163
III.5.8 8º Encontro.....	167
III.5.9 9º Encontro.....	169
III.5.10 10º Encontro.....	173
III.5.11 11º Encontro.....	178
III.5.12 12º Encontro.....	182
III.5.13 13º Encontro.....	184
III.5.14 14º Encontro.....	187
III.5.15 15º Encontro.....	191
III.5.16 16º Encontro.....	194
III.5.17 17º Encontro.....	198
III.5.18 18º Encontro.....	200
III. 5.19 19º Encontro.....	202
III.5.20 20º Encontro.....	204
<b>MODELAGEM FINAL</b> .....	209
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	227
<b>APÊNDICE</b> .....	240
<b>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</b> .....	241

# Modelagem inicial

## MODELAGEM INICIAL

Tudo acontece em processo... Os eventos se interligam em redes de relações e de criações! De modo que atividades realizadas durante o meu percurso profissional como artista-pesquisadora – atuando na área de produção e reflexão em artes visuais –, e como arte-educadora, com especial enfoque na linguagem artística da cerâmica, influenciaram os estudos do doutorado<sup>1</sup>, dentre elas: há alguns anos acompanhar o processo criativo artístico de alunos na graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Artes Visuais, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ter contribuído na elaboração e implantação do projeto de extensão da UFPB intitulado “Oficina de Arte do CIPRO”<sup>2</sup>, que atendeu vinte crianças com idades entre sete e doze anos em situação de risco social, catadoras no antigo “lixão” da capital paraibana, para desenvolverem atividades artísticas a partir da reciclagem de papel.

Oportunamente, ao cursar o doutorado em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), tive a oportunidade de conhecer e aprofundar novos conhecimentos apresentados pelos professores, dentre eles a teoria psicanalítica de Donald W. Winnicott e o destaque que ele deu à “experiência cultural” desde os primórdios da relação mãe-bebê, com os conceitos de “criatividade”, “espaço potencial”, “brincar” e “transicionalidade”.

Elaborei com as contribuições dos professores o projeto de pesquisa fundamentado, também, nas formulações teóricas de Fayga Ostrower sobre a “criatividade”, particularizando o campo artístico, visando trabalhar novamente com a questão preocupante de menores em situação de risco social, só que dessa vez com menores em situação mais complexa de precariedade social e risco pessoal – a simultaneidade da adolescência e da maternidade prematura em contexto de acolhimento institucional. O projeto ofereceu meios às adolescentes mães acolhidas a fazerem experiências criativas artísticas com a cerâmica, bem

---

<sup>1</sup> Ressalto a pesquisa realizada durante o mestrado em Artes Visuais cursado na Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que objetivou a construção de uma poética visual apresentada em exposição concomitante à redação da dissertação intitulada “Redes vivas: nexos poéticos mediados pela cerâmica contemporânea” (MEDEIROS, 2011a). E a pesquisa realizada durante a especialização em Fundamentos Metodológicos da Apreciação e Crítica no Ensino das Artes cursada na UFPB, que culminou na monografia intitulada “Sistemas elementares de queima: uma alternativa para as aulas de cerâmica” (SÁ, 2001).

<sup>2</sup> Projeto elaborado e implantado em parceria com a coordenadora do mesmo, a profa. Lívia Marques Carvalho. Atuei nesse projeto realizado no Centro Popular de Documentação e Informação do Roger (CIPRO), instalado na Organização Não Governamental (ONG) “Casa Pequeno Davi”, em João Pessoa (PB), entre 1993-1995 (Cf. CARVALHO, 2008, p. 38-40).



como, experiências criativas a partir da cerâmica, ou seja, as ressonâncias na criação de si (*self*) – os aspectos clínicos e terapêuticos<sup>3</sup> da intervenção.

Assim, o meu percurso profissional delimitou o meu lugar nesta pesquisa enquanto artista-pesquisadora e arte-educadora. Por conseguinte, a minha intervenção durante a coleta de dados foi no campo da experiência artística, o brincar com a argila e com a materialidade da cerâmica, portanto em *ceramicar*<sup>4</sup>. Foram experiências, tanto estéticas (criar imagens vinculadas às sensações), quanto poéticas (o fazer autoral), nas quais relacionei aspectos teóricos, técnicos e metodológicos. A experiência, nós sabemos, não se transmite, tem que ser vivida, é pessoal e intransferível seja em que área for – artística, estética, analítica etc., além disso, é base para o conhecimento.

A minha intervenção também não se caracterizou como terapia ocupacional ou arteterapia<sup>5</sup>. No entanto, como trabalhei com o que as adolescentes expressavam – enquanto manifestação subjetiva – foram observados aspectos clínicos e terapêuticos. A intervenção foi fundamentada no método e na teoria psicanalítica de um de seus pilares, Winnicott. Embora o trabalho tenha sido diferente daquilo que é realizado na clínica do consultório, pode-se observar que estiveram presentes a escuta, as interpretações, o *setting*, a compreensão da transferência, ou seja, a dimensão clínica perpassou todo o trabalho em conversação com o outro.

A minha escolha pelo perfil dos sujeitos e o recorte do estudo se intensificou após ter sido convidada a conhecer pessoalmente o trabalho realizado em uma das unidades que oferece o serviço de acolhimento de menores que estão sob medida protetiva judicial e funciona como “casa lar” – mantida por uma ONG<sup>6</sup> católica, localizada no estado da Paraíba

---

<sup>3</sup> Em 1994 atuei como artista em parceria com o psicólogo Nelson Barros na realização de um trabalho terapêutico e grupal em João Pessoa, denominado “Modelando a vida: movimento e cerâmica”, associando a argila com a bioenergética, possibilitando o encontro da saúde com a criatividade, pois, as “técnicas de bioenergética facilitam o reconhecimento e o desbloqueio de tensões corporais, que interferem na expressão da espontaneidade. As possibilidades terapêuticas naturais da argila estimulam através de sua manipulação, a autopercepção e a criatividade” (SÁ, 2001, p. 72). O título desse trabalho foi usado como referência na construção do título desta tese.

<sup>4</sup> Este neologismo é verbo inventado, não existe no dicionário, no meu entendimento significa brincar com a cerâmica, com os elementos constitutivos do processo cerâmico, onde cabem as incontáveis poéticas – o livro “Ceramicando”, de James e Vidal (1997), foi usado como referência para adotar esse neologismo.

<sup>5</sup> Aplicada por profissionais habilitados em arteterapia, consiste na utilização das linguagens artísticas visando as produções artísticas em prol da saúde, mas sem finalidade estética, no qual o próprio artista/paciente/cliente é quem faz as interpretações de suas criações, cabendo ao arteterapeuta apenas instigar esta investigação. (Cf. ANDRADE, 2000).

<sup>6</sup> As Organizações Não Governamentais se caracterizam por não serem nem do setor privado, nem do setor público. São entidades que não têm finalidade de lucro e congregam objetivos sociais, filantrópicos, culturais etc. São também chamadas de “empresas do terceiro setor.” (Cf. CARVALHO, 2008, p. 24-25).

–, denominada, ficticiamente, neste trabalho, de “Terra”<sup>7</sup>, e sua equipe, lugar onde realizei a coleta de dados. A Instituição acolhe temporariamente crianças e adolescentes de ambos os sexos, e adolescentes grávidas ou com filhos<sup>8</sup> – na maioria dos casos, com vivência de rua, pobreza extrema, drogadição, violência/exploração intrafamiliar e/ou comunitária, fragilidade ou rompimento dos vínculos familiares e sociais, abandono –, encaminhados pelos órgãos competentes.

Na “Terra” são garantidos direitos básicos de proteção à vida integral dos acolhidos – alimentação, saúde, educação e lazer. Também são criadas oportunidades para que os menores desenvolvam suas potencialidades e elevem a sua autoestima, pois o acolhimento sempre visa à reinserção social e ao resgate da cidadania, com o objetivo final de desligamento do serviço de acolhimento.

No entanto, observei que na “Terra” não havia um espaço específico para se trabalhar com a arte (embora existisse um projeto de construção para uma oficina de arte), nem eram desenvolvidas atividades artísticas propostas por artistas ou arte-educadores. A literatura especializada, contudo, revela a importância de projetos pedagógicos desenvolvidos em ONGs que utilizam atividades artísticas enquanto meio de contribuição para a promoção da reconstrução pessoal, da autoestima e da integração social de crianças e jovens em contexto de risco, além da profissionalização (BARBOSA, 2001; CARVALHO, 2008).

Mobilizada por inquietações com o contexto que havia conhecido na “Terra”, surgiram os questionamentos que nortearam a pesquisa: 1º) Que conteúdos as adolescentes mães expressam, considerando o contexto de acolhimento institucional em que vivem? 2º) O que cada uma faz com a argila pode expressar uma criação artística e vir a favorecer na criação de si? 3º) Será que uma intervenção por meio da escuta e do brincar com a argila pode funcionar enquanto “espaço potencial” e contribuir para que os sujeitos ponham suas vidas em andamento, ao viverem o contexto simultâneo da adolescência e da maternidade?

Ao considerar, portanto, que tudo acontece em processo – viver é processo, a adolescência é processo, a maternidade é processo, produzir arte é processo, *ceramicar* é processo, fazer análise é processo, pesquisar é processo, também a modelagem desta tese é processo. Assim, optei por intitulá-la com a forma nominal de uma ação em processo, o gerúndio do verbo modelar: “Adolescentes mães acolhidas modelando a arte e a vida: entrelaces entre a experiência artística com a cerâmica e as ressonâncias na criação de si”.

---

<sup>7</sup> Esta denominação fictícia teve a finalidade de manter o sigilo, bem como não foi informada a sua exata localização, nem o nome da Fundação mantenedora da “Terra”.

<sup>8</sup> A partir de 2015 a Instituição deixou de acolher mães.

Valendo-me da licença poética, apresento uma modelagem lúdica em torno desse verbo prioritário do campo cerâmico, embora ocorra a flexibilidade no seu uso em diversos campos do saber, de modo que intitulei os tópicos desta tese com termos derivados desse verbo, a exemplo a começar pela “Modelagem inicial”.

Desde o título estão indicados os limites da pesquisa, que teve como principal objetivo: estudar as expressões de criatividade que puderam emergir – por meio da escuta e do brincar – durante a participação de adolescentes mães numa oficina de cerâmica, sob a intervenção da pesquisadora. Os objetivos secundários foram: (a) discutir a relação entre o conceito de criatividade nos contextos do processo maturacional (Winnicott) e do processo artístico (Ostrower); (b) analisar os processos e as formas decorrentes de possíveis expressões lúdicas e plásticas das adolescentes acolhidas ao se apropriarem da argila; (c) compreender o modo singular como cada adolescente faz uso da argila. Esses itens serão retomados na “Parte III – Modelagem dos dados”.

Os dois autores que nortearam este estudo, Winnicott e Ostrower, deram enfoque ao ser humano criativo. Winnicott explicou que só por meio de experiências criativas ocorre o processo de constituição e organização de si mesmo (*self*), e o viver criativo ocorre quando a vida faz sentido ser vivida, sobretudo através do “brincar” e da “apercepção”. Adversamente, a submissão à realidade externa “traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa”, nem viver (WINNICOTT, 1975, p. 95). Embora com o contínuo amadurecimento o ser humano saudável usufrua de sua criatividade com mais complexidade, para o psicanalista britânico, a gênese desta é inerente à “criatividade originária”, a partir do fundamental suporte da mãe-ambiente. A criatividade é “a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo” (WINNICOTT, 1999, p. 24). Winnicott, portanto, considera constitutiva a criatividade em sua origem e desvincula este conceito da produção artística.

Na posição abrangente de Ostrower “criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam” (OSTROWER, 1989, p. 5). A criatividade e os processos criativos não são inerentes apenas à arte e aos artistas, de modo que ela discutiu sobre a complexidade de elementos fundamentais ao processo produtivo em qualquer área, no qual destaco a “imaginação criadora” e a “materialidade” que além de abranger a questão física da matéria, incorpora também “tudo que está sendo *formado e transformado* pelo homem” (OSTROWER, 1989, p. 33, grifos da autora). Destarte, em função do recorte do estudo evidencio a matéria-prima argila e a

materialidade relacionada à linguagem da cerâmica. A cerâmica é um estatuto ou categoria de arte (linguagem) específica dentro do campo das artes visuais.

Dentre os resultados da pesquisa esteve a contribuição para que Mila, Bete e Ceci (as adolescentes mães participantes da pesquisa) encontrassem na escuta oferecida pela pesquisadora e no brincar com a argila (o *ceramicar* compartilhado), a possibilidade de uma experiência de criação artística autoral com a linguagem da cerâmica. Ao mesmo tempo, cada jovem entrou em contato com suas potencialidades e puderam ser observadas as ressonâncias na criação de si (*self*).

A presente tese está estruturada da seguinte maneira: inicialmente uma introdução denominada “Modelagem inicial”, seguida de três “Partes”, cada qual com seus respectivos “Capítulos”, a saber:

Na “Parte I – Modelagens teóricas e conceituais”, apresento o ponto de partida com a exposição dos aportes teóricos e conceituais que embasaram a pesquisa relacionando-os ao recorte do estudo.

No Capítulo 1 – “Adolescência: desenvolvimento em diferentes perspectivas”, destaco alguns aspectos psicológicos com enfoque psicanalítico, bem como aspectos sociais da adolescência com apresentação de dados<sup>9</sup>, particularizando a situação de precariedade. O enfoque foi dirigido para a questão da simultaneidade da adolescência e da maternidade, complexificada pela situação do acolhimento institucional.

No Capítulo 2 – “Winnicott e Ostrower: situando os discursos sobre a criatividade”, apresento o conceito de criatividade sob a ótica desses dois autores que estão em campos epistemológicos distintos – o clínico e o artístico – e destaco a utilização e a complexidade desse conceito proposto por ambos.

No Capítulo 3 – “O barro primordial e a criação mítica do Homem: vida e arte entrelaçadas”, enfoco as qualificações da matéria-prima argila, a questão mítica da criação do “Homem” a partir da argila, e relaciono a deusa-mãe – um dos vestígios pré-históricos modelados com argila – com a “mãe suficientemente boa” winnicottiana.

---

<sup>9</sup> Embora tenha sido recomendada, durante a qualificação desta tese, a utilização de dados quantitativos mais recentes sobre a população adolescente, me deparei com o descompasso de encontrar itens atualizados e publicados, a exemplo da contagem dessa população a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e outros não atualizados, a exemplo das adolescentes em contexto de acolhimento no Brasil e na Paraíba. De modo que justifico a manutenção dos dados quantitativos de 2009 alinhados a vários itens que contextualizaram uma parte da minha reflexão. Reforço ainda, que esses dados situam o tema abordado, mas não são imprescindíveis para este estudo, pois não realizei pesquisa quantitativa, mas qualitativa, além disso, esses dados não serão utilizados nas publicações.

Na “Parte II – Modelagem do percurso metodológico”, abordo sobre o método, no qual situo a natureza qualitativa da pesquisa, a caracterização institucional, os sujeitos participantes da pesquisa, o *locus* caracterizado pela oficina de cerâmica e ela enquanto técnica. Além da apresentação dos instrumentos utilizados, os procedimentos éticos, bem como os procedimentos para a análise dos mesmos.

Na “Parte III – Modelagem dos dados”, trago uma contextualização das adolescentes mães acolhidas na “Terra” e seus históricos; faço a análise detalhada e ilustrada<sup>10</sup> dos dados dos vinte encontros na oficina de cerâmica, destacando as expressões plásticas (artísticas), as expressões verbais e as expressões lúdicas de Mila, Bete e Ceci, valendo-me dos aportes teóricos de Winnicott e Ostrower e complementado com outros autores.

Encerro a tese com a “Modelagem final”, respondendo aos argumentos iniciais, e embora considerando que a modelagem da vida (em constante devir) é processo até a morte, e está relacionada às peculiaridades subjetivas individuais, conforme destaquei na “Modelagem do percurso metodológico”, apresento os resultados conclusivos da pesquisa.

O ineditismo do texto está em relacionar conceitos da teoria psicanalítica winnicottiana ao universo da cerâmica – criando a arte e criando a vida (criando a si mesmo), ou melhor, modelando a arte e modelando a vida. Além da discussão sobre o tema da maternidade na adolescência em contexto de acolhimento em Organização Não Governamental. Porém, um questionamento pode ser levantado: O que tem de novo numa oficina de cerâmica se essa prática é tão conhecida? A resposta é que essa experiência com a cerâmica foi feita por adolescentes mães acolhidas e revelou a situação de precariedade de suas vidas, dando visibilidade ao dia a dia delas, ou seja, dando visibilidade a uma fatia da sociedade que historicamente é preterida em seus direitos fundamentais e não existe nenhum texto publicado sobre esse tema, nem no campo da arte e da cerâmica no Brasil, nem no campo psicanalítico winnicottiano.

Priorizei a redação do verbete/conceito “adolescentes”, seguido do verbete/conceito “mães” e não o inverso, nem a redação com hífen, por considerar que, embora elas tenham biologicamente gerado um filho, são prioritariamente “adolescentes” em vários aspectos.

Destaco que mantive a forma como Mila, Bete e Ceci se expressavam verbalmente sem fazer as correções ortográficas. Essa opção de registro foi no sentido de manter a maior fidedignidade sobre elas e o que diz a postura subjetiva de cada uma, isso revelou tanto semelhanças na forma rudimentar e precária de Mila e Ceci falarem quanto diferenças que

---

<sup>10</sup> Não foi possível conseguir melhor definição visual dos desenhos inseridos neste tópico, pois os originais foram feitos com lápis grafite comum HB.

refletiram o grau de escolaridade entre elas e Bete. Embora eu tenha optado por essa forma de registro, me preocupei com a exposição excessiva das jovens.

Usei o termo “argila” ao longo do texto pelo fato de ele ser usado nos estudos científicos que abordam sobre essa matéria-prima, embora eu também tenha usado o termo “barro”. Escrevi em itálico as palavras de outros idiomas, os neologismos, os nomes científicos, quando a frase podia remeter a uma comunicação das jovens, para destacar algumas formulações escritas e os nomes nos agradecimentos. Destaquei em negrito os termos específicos relacionados à cerâmica (com as devidas explicações em notas de rodapé, quando este foi citado a primeira vez no texto), os títulos elencados nas “Referências”, bem como os nomes da dedicatória.

Destaco que a modelagem desta tese foi um processo simultâneo, tanto de modelar as palavras quanto de me recriar, me remodelando. Com as palavras modelei um texto-obra “para chamar de meu”, parafraseando Perrotta (2004) e seguindo a recomendação dessa autora: “escrevi sobre o que eu gosto” e tenho experiência – a cerâmica. E assim creio, modelando, refiz os contatos entre os sentidos, as ideias e as experiências, me aproximando do que disse Figueiredo:

[...] uma das tarefas da psicanálise como terapia, mas também da teorização psicanalítica e mais de sua escrita, é ajudar-nos a *refazer os contatos* entre os sentidos até os mais genéricos e universais e suas raízes no sentir, entre as ideias até as mais abstratas e as experiências afetivas do corpo e da matéria em sua concreta singularidade. (FIGUEIREDO, 1999, p. 12, grifos do autor).

Destaco ainda que eu não sou escritora, mas gosto e tenho prazer em escrever e tive o cuidado em tornar o texto leve diante do peso dos temas abordados – maternidade precoce, adolescentes excluídas, população de baixa renda. Confesso que a minha pretensão ancorada em Sontag (2001) foi de “cativar leitores críticos” de várias áreas, mas, especialmente, da psicanálise, da psicologia, das artes visuais e da cerâmica.

Considerando que o pesquisador tem o compromisso de produzir conhecimento, os resultados da pesquisa serão difundidos para além das atividades que desenvolverei na unidade de ensino onde sou lotada como docente, o Departamento de Artes Visuais da UFPB, em João Pessoa.

# PARTE I

## Modelagens teóricas e conceituais

## I.1 Adolescência: desenvolvimento em diferentes perspectivas

O entrelaçamento de múltiplos critérios constrói o extrato populacional denominado adolescência, dentre eles, os aspectos cronológico, biológico, psíquico e social. O critério cronológico tem valor instrumental, usado para fins estatísticos e políticos pelos organismos internacionais e nacionais que não apresentam um consenso quanto ao início e término da faixa etária de interesse que delimita a adolescência. Por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU) define entre 10 e 19 anos de idade; a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece entre 10 e 20 anos; e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Art. 2º, considera a adolescência entre 12 e 18 anos de idade, mas ressalta no Parágrafo único que em casos excepcionais pode ser aplicável até os 21 anos (BRASIL, 1990). Na escolha das adolescentes mães acolhidas – sujeitos participantes da pesquisa – adotei como referência o critério cronológico do ECA.

Embora, preferencialmente, o critério cronológico seja utilizado em diversas áreas de estudos, há de se destacar as assincronias e as idiosincrasias do processo de amadurecimento adolescente, norteadas pela diversidade de fatores, a exemplo do que ocorre durante a entrada na adolescência via puberdade. Esse termo, segundo Aberastury (1981a; 1981b) deriva etimologicamente do latim *pubertes* (de púber: adulto) e, conforme Outeiral (2008), vem de *puber* (pelos). O processo biológico puberal é caracterizado pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os caracteres sexuais secundários, além das expressivas distinções entre os sexos. Ocorrem variações em relação ao tempo de início – aproximadamente entre nove e 14 anos –, duração e progressão.

Em média, as meninas entram mais cedo na puberdade quando ocorre o estirão de crescimento, expansão óssea da região pélvica, desenvolvimento dos seios, início da ovulação e da menstruação, preparação para a maturação sexual e reprodutiva etc. Embora expressivas, essas mudanças físicas e metabólicas não ocorrem de modo isolado, mas entrecruzadas com a dimensão psíquica (OUTEIRAL, 2008). Outros fatores associados à puberdade também podem ser destacados, dentre eles, as diferenças entre grupos étnicos e sociais de uma mesma nacionalidade e de nacionalidades distintas; a singularidade de cada ser humano com sua personalidade; fatores ambientais e contextuais, tais como nutrição e saneamento. Não sendo homogêneos, portanto, os fenômenos implicados no desenvolvimento biológico e psíquico incorporam o reflexo familiar, social, econômico e histórico, resultando a variação da puberdade e da adolescência conforme a singularidade cultural. Por conseguinte, existem distintas experiências adolescentes (OUTEIRAL, 2008), então, faz-se necessário abordar o



tema adolescência neste estudo, pois vários aspectos apresentados podem ser identificados em Mila, Bete e Ceci. Embora o que prevaleceu foi a precariedade da vida e o sofrimento psíquico dessas jovens.

Não obstante a adolescência ser definida como um processo dinâmico entre a infância e a idade adulta, sair da adolescência não é uma equação garantida pelo ingresso na maioridade jurídica ou pelo tempo cronológico. O tempo individual que cada jovem leva para subjetivar as mudanças físicas e psíquicas ocorridas durante o processo da adolescência não corresponde ao critério cronológico que a define. Cassetari (2011) explicou que a maioridade, não determina ou estabelece o tornar-se adulto e, ainda menos, o adulto emancipado, embora, juridicamente, reze, no art. 5º do Código Civil, que aos 18 anos completos acaba a menoridade, o indivíduo conquista a maioridade e fica habilitado para exercer pessoalmente os atos da vida civil (BRASIL, 2002). No entanto, em muitos casos, ocorre uma disparidade entre os tempos individual e cronológico, mesmo os adolescentes contando com o suporte familiar ou institucional – aqueles em situação de acolhimento. De modo que se atinge a idade cronológica adulta (maioridade) sem ter autonomia afetiva e financeira, identidade profissional etc. para assumir pessoalmente a vida adulta – assumir os atos da vida civil. Esse processo se complexibiliza ainda mais quando ocorre a gravidez e a maternidade durante a adolescência.

Convém destacar que no decorrer do processo de amadurecimento o ser humano passa da “dependência absoluta” para a “dependência relativa” rumo à independência adulta, e embora a maturidade da fase adulta possibilite o sentir-se independente, este só ocorre dentro de um parâmetro de “dependência relativa”, nunca absoluta. A “maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada ‘independência’. Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável” (WINNICOTT, 1999, p. 3). Não existe amadurecimento psíquico pleno, pois num processo complexo e contínuo aspectos infantis e componentes adolescentes são conservados e revividos ao longo da vida até a velhice (WINNICOTT, 1990).

### **I.1.1 Enfoque psíquico particularizando as jovens**

O tema da adolescência é amplamente abordado pela literatura científica. Algumas de suas características podem ser discutidas por diversas perspectivas teóricas a partir da tripla origem etimológica do verbete: do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer) significa aptidão para

crescer física e psiquicamente; deriva também de *adolescere* (adoecer), propensão para adoecer em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nessa faixa da vida; além da referência à origem da palavra *dolo*, causar dano a alguém (OUTEIRAL, 2008) ou a si próprio.

Concomitante às mudanças corporais da puberdade, com o despertar da sexualidade genital que estimula o relacionamento com um par e o papel procriador, estão as mudanças psíquicas. Pois o processo da adolescência reaviva os aspectos inconscientes – conflitos, motivações, fantasias e sentimentos – organizados desde os primeiros tempos da infância em relação aos pais, que marcarão a orientação do desejo e a estruturação da personalidade. O papel desempenhado pelo meio ambiente, ou seja, pelas condições familiares e culturais é determinante para facilitar ou dificultar a elaboração a ser feita por cada adolescente, relativa a essas mudanças inerentes ao processo de passagem da adolescência para a vida adulta. Isso envolve ansiedades, dores psíquicas e sofrimentos – aspectos ingratos do crescimento (ABERASTURY, 1981a; 1981b; 1983a; 1983b).

Na fundamentação deste estudo predominou a “teoria do amadurecimento pessoal” e o conceito de “criatividade” (apresentados mais adiante em tópicos distintos) formuladas pelo pediatra e psicanalista Donald W. Winnicott. Antes de abordar a posição teórica de Winnicott e outros autores psicanalistas sobre a adolescência, e considerando o fato de que eles se ancoraram na matriz freudiana e destacaram a elaboração da situação edípica durante a infância e seu retorno na adolescência – a capacidade da criança e do adolescente para enfrentar as relações com o outro adulto, as relações triangulares com as figuras de mãe e de pai (ou seus substitutos) –, apresento a seguir o esquema do complexo de Édipo na menina, anunciado por Freud. Convém destacar que esse autor foi retomando em momentos distintos o que abordou sobre o Édipo. Embora a questão edípica não seja o foco deste estudo, ela foi apontada na análise dos dados sobre Bete.

Durante a infância as crianças de ambos os sexos percebem as diferenças sexuais por volta dos quatro anos de idade. O menino nota que possui o pênis e tem medo da castração. Para Freud (1924/2011) a garota pequena também desenvolve uma organização fálica e um complexo de castração, mas é diferente do que ocorre com o menino, pois inicialmente o seu clitóris se comporta como um pênis, mas ela o compara com o pênis de um irmão ou companheiro de brincadeiras e percebe estar em desvantagem e inferioridade, de modo que passa a ter “inveja do pênis”. Convém observar que nesse estágio de organização genital infantil não há feminino, mas genital masculino ou genital castrado. Interpretada como

castração, então, a ausência do pênis é o que estrutura a teoria da sexualidade feminina em Freud:

A menina não entende sua falta de pênis como uma característica sexual, explica-a pela hipótese de que já possui um membro do mesmo tamanho e depois o perdeu com a castração [...] Disso resulta a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade da consumação. (FREUD, 1924/2011, p. 211-212).

Os efeitos do complexo de castração tanto precedem quanto preparam o complexo de Édipo da menina, enquanto no menino o complexo de Édipo sucumbe ao complexo de castração. A trama edípica, portanto, na menina, é uma formação secundária (FREUD, 1925/2011).

Ainda que no primeiro momento de suas vidas, tanto a menina quanto o menino, elejam a mãe como objeto de amor, no complexo de Édipo da menina ocorre a substituição da mãe e uma postura feminina diante do pai, ou seja, ela inverte o seu objeto – da mãe para o pai. A relevância psíquica a se destacar na dita “inveja do pênis” da menina recai sobre a diminuição da relação terna com o objeto materno, ocorre uma relação ambivalente de amor e ódio entre a filha e a mãe, pois “a menina vê a mãe como responsável pela falta de pênis, por tê-la posto no mundo tão insuficientemente aparelhada” (FREUD, 1925/2011, p. 293).

A garota, então, para tolerar a renúncia ao pênis faz uma tentativa de compensação: “Ela abandona o desejo de possuir um pênis, para substituí-lo pelo desejo de ter uma criança, e *com esta intenção* toma o pai por objeto amoroso” (FREUD, 1925/2011, p. 295, grifo do autor). Dito de outra maneira, ao longo de uma equação simbólica ela passa do pênis ao bebê, “seu complexo de Édipo culmina no desejo, longamente mantido, de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho” (FREUD, 1924/2011, p. 212). Portanto, como a menina se tornou uma pequena mulher, a mãe se torna objeto de ciúme.

A dissolução do complexo de Édipo se dá em consequência de sua impossibilidade interna ou porque chegou o momento de sua desintegração, pois ocorre o abandono do incesto, esse tal desejo não se realiza e os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação, embora os “dois desejos, de ter um pênis e um filho, permaneçam fortemente investidos no inconsciente, e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual” (FREUD, 1924/2011, p. 204-205, 208, 212-213). Assim, o desejo de ser mãe contribuirá para a jovem se tornar uma mulher.

Só durante a puberdade, o desenvolvimento sexual se completa e a polaridade sexual passa a ser masculino e feminino (e não mais genital masculino e genital castrado): a atividade e a posse do pênis estão reunidas no sujeito masculino. Já o sujeito feminino assume

o objeto e a passividade, de modo que a “vagina é então estimada como abrigo do pênis, torna-se herdeira do ventre materno” (FREUD, 1923/2011, p. 175). Para esse autor, o sujeito feminino está intimamente relacionado à maternidade – esse é o atributo que o caracteriza. Sobre esse aspecto, Winnicott afirmou que “uma inveja do pênis reprimida deixa muito pouco espaço para a preocupação materna primária”, ou seja, a mulher que tem uma forte identificação masculina sentirá dificuldade em realizar as funções maternas (WINNICOTT, 1956/2000, p. 402).

Dentre os autores que se ancoraram na matriz freudiana do Édipo, destaco Winnicott, Aberastury e Rassial. Exponho algumas de suas contribuições para o debate sobre a adolescência, particularizando a gravidez e maternidade precoces.

Embora Winnicott tenha escrito pouco sobre o tema adolescência, são relevantes as suas contribuições. Ele destacou que os adolescentes têm de lidar com as mudanças decorrentes da puberdade e que trazem todos os seus padrões predeterminados pelas experiências da infância, sejam relativas às falhas de amadurecimento ou à tolerância aos conflitos inerentes à fase pré-edípica ou edípica na qual a vida da criança tem como base a situação triangular original com ambos os pais ou seus substitutos (WINNICOTT, 2001). São também contabilizadas à história individual, certas características pessoais herdadas e adquiridas, resíduos da dependência e da implacabilidade infantis. Além disso, muita coisa permanece inconsciente ou não é conhecida porque ainda não foi experimentada. De modo que a satisfação ou frustração ambiental pode despertar distintas reações no adolescente conforme o nível de tensão existente na fantasia pessoal. Por exemplo, no caso particular da menina:

[...] que aos quatro anos se identificou com a mãe e tinha ciúme de sua capacidade de conceber, sonhando com assaltantes ou com a morte de sua mãe, agora aos quatorze pode engravidar ou oferecer seu corpo por dinheiro. A adolescente pode engravidar embora ainda não estando no estágio de querer dar um bebê a alguém a quem ama ou querendo se encarregar ela própria do cuidado de um bebê. (WINNICOTT, 1983, p. 219).

A mudança biológica puberal transforma a adolescente em mulher com a genitalidade completa, o potencial para engravidar (o papel procriador), a capacidade de amamentar e embora possa ocorrer a maternidade biológica, isso nem sempre corresponde a uma maturidade sexual adulta que inclui a aceitação das fantasias sexuais, a escolha e a constância objetal, a satisfação e o entrelaçamento sexual. Exemplificando com uma adolescente de 13 anos que tem um filho, do ponto de vista psíquico, é uma adolescente que não tem ainda amadurecida a capacidade de conter a si mesma. Nesse caso, provavelmente o que está sendo revelado é a ausência de sua autonomia psíquica para o engajamento na maternidade.

Sejam quais forem os motivos para a adolescente ascender ao suposto *status* “falso” de mulher adulta, defrontando-se prematuramente com a maternidade – através de práticas sexuais consensuais ou não, seja por astúcia, ou por descuido, ou por desinformação, ou por comportamento de risco com a prostituição etc. – implicará em responsabilidades e consequências para a jovem, extensivas à sua família. A falsa maturidade, segundo Winnicott (1975), acarreta a perda da espontaneidade e dos esforços imaginativos, da capacidade de brincar e do impulso criativo despreocupado.

Para esse psicanalista, a imaturidade é destacada como um elemento essencial da saúde e um dos fatores que caracteriza a adolescência por conter os aspectos mais excitantes do pensamento criador – sentimentos novos e diferentes, ideias de um novo viver. Agir por impulso e não ter responsabilidades pelas consequências de suas ações. Gradativamente, com o passar do tempo vai ocorrendo o processo de amadurecimento, até lá são os pais que devem assumir as responsabilidades, afinal, eles crescem sob a retaguarda dos adultos (WINNICOTT, 1999; 2001).

Outro aspecto destacado por este autor é a correlação do isolamento do bebê ao isolamento do adolescente, assim Winnicott considera o adolescente essencialmente um isolado. Isso tanto faz parte da preservação do seu *self* quanto da busca por sua identidade pessoal. A reafirmação do isolamento se dá através da intensa atividade masturbatória que pode representar a descarga da tensão sexual. Ao se masturbar, o adolescente se prepara para relacionamentos futuros com pessoas totais (WINNICOTT, 2005).

Além dos impulsos e atividades sexuais, durante esse processo maturacional da adolescência, quando emerge a potência pulsional adulta, o adolescente também se depara com a força física e a astúcia que podem levá-lo a agredir, destruir e matar, causando dano a outrem e a si próprio. Conforme explicou Winnicott (1975; 2005), na fantasia inconsciente, crescer significa ocupar o lugar do pai e da mãe (ou os adultos “rivais” de referência). Crescer envolve a experiência da autonomia, que implica na morte simbólica dos rivais e o desejo de dominar.

Esse autor identificou na adolescência o que denominou “zona das calmarias”, fase de tédio, transitória, na qual os adolescentes ainda não se encontraram e por isso se sentem fúteis. Assim, algumas necessidades são manifestadas por eles, a exemplo da luta para “sentir-se real” – a necessidade de estabelecer uma identidade pessoal e viver o que precisam viver sem abrir mão ou conformar-se a um papel preestabelecido. Quando os jovens estão imersos numa fase de experiências (descobertas) pessoais relativas ao seu existir estão, ao mesmo tempo, num período em que tudo está suspenso e eles esperam sem saber no que se tornarão

ou onde estarão. Isso acarreta neles a manifestação clínica do sentimento de irrealidade e os move a tomarem atitudes que lhes pareçam reais, atitudes que afetam a sociedade. Ou seja, suas atitudes revelam a força que cada um tem, sua capacidade de não ser submisso e seu potencial criativo – a criação de algo novo. Dito de outra forma, são posturas/atitudes de desafiar o ambiente (os pais) que gerarão ressonâncias/reações, mas, é justamente isso que valida a experiência de “sentir-se real” (WINNICOTT, 2001). Tudo, então, se resume à questão de *como ser adolescente durante a adolescência*.

Winnicott destacou ainda, que os jovens manifestam a coexistência de dois extremos num mesmo momento – ora eles são rebeldes implacáveis, arrogantes, ora manifestam padrões de dependência que parecem crianças ou até bebês –, fazendo o quadro da adolescência parecer alocado e confuso. Por isso, precisam ser providos de uma retaguarda dos adultos, ou seja, eles precisam de um ambiente que saiba acolher os paradoxos e tolerar com cuidado, contenção e sustentação os fenômenos normais próprios da adolescência. Winnicott recomendou que não se deve tratar os adolescentes como se estivessem doentes, porque “só há uma cura para a adolescência e esta é a passagem do tempo e a passagem do adolescente para o estado adulto” (WINNICOTT, 2001; 1983, p. 219, 220, 222). Transpor a zona das calmarias significa que os adolescentes começam a “ser capazes de identificar-se com a sociedade, com os pais e com todos os gêneros de grupos mais amplos sem sentir a ameaça iminente da perda da própria identidade” (WINNICOTT, 2001, p. 127).

O ambiente familiar, portanto, tem papel determinante para o processo de desenvolvimento dos adolescentes. Os pais ou os adultos de referência precisam estar dispostos a serem usados como objetos de confrontação e também darem limite e suporte, mostrarem confiança, contenção e firmeza, de modo a atender as necessidades dos jovens que vivem experiências e descobertas objetivando encontrar suas próprias respostas. Por outro lado, é importante não deixarem de expressar compreensão e amor em suas atitudes para com os filhos. Dito de outro modo, os pais não precisam ser indulgentes, nem fazerem retaliações, mas sustentarem adequadamente o amadurecimento dos filhos, pois eles não aceitam falsas soluções para os efeitos das mudanças psíquicas que estão vivendo, que acarretam turbulência e depressão. Particularizando o ambiente que sustenta a adolescente grávida:

Os adultos oferecem um ambiente facilitador quando são capazes de compartilhar as responsabilidades de uma gravidez precoce, de sustentar e acolher a manifestação de dependência regressiva, de confrontar a adolescente [...] com a responsabilidade real de ter um bebê e, principalmente, de suportar e sobreviver às oscilações e à imaturidade. Certamente essa não é uma tarefa fácil. (LEITÃO, 2011, p. 12).

Outro ponto importante é a capacidade de os pais reconhecerem as qualidades positivas dos filhos, dialogarem com eles e não esquecerem que o abraço franco é a expressão direta de afeto; isso facilita ao jovem conviver e se harmonizar com o mundo duro e difícil (WINNICOTT, 2005). Obviamente que sentir dureza e dificuldade em relação à realidade externa não é a experiência de vida dos adolescentes em todos os distintos extratos sociais. Os que vivem em situação socioeconômica privilegiada são poupados, por exemplo, da preocupação com a luta pela sobrevivência. No entanto, cada um sofre, seja pela falta ou pelo excesso.

Sabe-se que a dinâmica da convivência familiar é complexa, os pais são passíveis de cometerem equívocos e os filhos, cotidianamente, os desafiam a se recriarem em suas funções. Mesmo quando os pais favorecem o crescimento pessoal dos filhos desde a infância, não há garantias que os filhos irão viver criativamente, com autonomia. Por conseguinte, os pais precisam ser capazes de lidar com resultados espantosos. A sorte, então, está lançada (WINNICOTT, 1975).

Esse psicanalista chamou a atenção para o fato da tensão e do desafio que o desenvolvimento dos adolescentes gera sobre a sociedade. Os adultos que foram privados de viverem suas adolescências sentem inveja, ciúme, dentre outros sentimentos, dos jovens que florescem à sua volta. O fato é que os adolescentes incomodam os adultos que não resolveram suas próprias adolescências e não conseguem ser compreensivos com eles na família, na escola etc. Considerando os dois lados da problemática, a dos adolescentes e a da sociedade adulta, Winnicott questionou: “Não seria sinal da boa saúde de uma sociedade o fato de que seus jovens são capazes de adolecer no tempo certo, isto é, na época em que ocorre o crescimento púbere?” (WINNICOTT, 2001, p. 119).

Assim como Winnicott, para Aberastury a intensidade e a gravidade dos conflitos durante a adolescência são marcadas pelo modo qualitativo sobre como se deu o processo de maturação durante a infância. Dito de outro modo: “Quanto mais harmônica e feliz é a vida de uma criança, quanto mais estável e em paz é seu mundo interno, menor será seu ressentimento familiar e social” (ABERASTURY, 1983b, p. 229). A qualidade da crise emocional é determinada pela relação entre as características do mundo interno de cada adolescente e o modo como o mundo externo reage, aceitando ou rechaçando o desenvolvimento desses jovens. Por conseguinte, as fricções com o meio familiar e o ambiente circundante ocorrem com frequência.

Segundo essa psicanalista, além da felicidade e da capacidade criativa, o que caracteriza a adolescência é o processo de desprendimento interno dos pais, isso ocorre

quando se escapa ao incesto com a descoberta/união com o par (o objeto de amor) no mundo externo. Aberastury destacou também a necessidade do adolescente de ingressar no mundo desejado e temido dos adultos, o que significa a perda definitiva da condição de criança e está atrelada às mudanças corporais e psíquicas que implicam numa nova relação dos adolescentes com os pais e com o mundo. No entanto, para que isso ocorra, é necessário a lenta e dolorosa elaboração do luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais da infância (ABERASTURY, 1981a; 1981b).

Essa autora chamou a atenção para a função da masturbação que ajuda o ego a organizar-se em torno da supremacia genital durante a adolescência normal. O adolescente reconhece e se apropria do seu corpo em desenvolvimento com sua função genital e se desprende do corpo infantil (ABERASTURY, 1983a; 1983b). Isso revela o êxito na elaboração do conflito pela perda do corpo e identidade infantis, pois a fantasia bissexual, que é a base da atitude masturbatória, é abandonada. Ela destacou ainda a aparição da menstruação na moça e do sêmen no rapaz como nova etapa de posse e adaptação corporal relativa ao papel procriador, conceber um filho unido a alguém do sexo oposto. Porém, no plano psíquico, isso pode acarretar conflitos inconscientes em torno da procriação/esterilidade ou de dificuldades para assumir o papel materno/paterno. Aparelhados fisicamente para assumir novos papéis, os filhos adolescentes tornam-se rivais dos pais, pois se convertem em competidores na situação incestuosa, além de serem testemunhas implacáveis dos seus ganhos e fracassos na relação com seus genitores. Para Aberastury: “É aqui que começa o verdadeiro drama edípico” (ABERASTURY, 1983a, p. 16).

Utilizando o estudo do desenho corporal enquanto critério diagnóstico de adolescentes, Aberastury conseguiu obter indícios para medir a integridade do ego, ou seja, o grau de normalidade desses jovens, e revelar ainda as oscilações que eles apresentam entre a regressão e o crescimento, revelações obtidas também a partir da expressão verbal. Essas oscilações derivam das modificações corporais e das exigências do mundo externo acerca dos novos modos de convivência dos adolescentes. Valendo-se de defesas, eles tanto se refugiam no seu mundo interno e nos ganhos infantis quanto no prazer de ocupar seu novo *status* e enfrentar o futuro. Esse período é definido como confuso, doloroso e ambivalente.

Quando se repete a má elaboração edípica na puberdade – pois os jovens não conseguem transformar o seu vínculo com os pais da infância –, as modificações e sensações corporais são vividas como perigosas e estranhas, produzem ansiedade e podem acarretar em conflitos e transtornos psíquicos. Negar o sofrimento, segundo Aberastury, é uma das patologias mais graves da adolescência, acarretando atitudes antissociais e autodestrutivas.



Aberastury destacou também a iniciação precoce na vida sexual e em condições precárias ou de perigo, pois são condutas “pseudogenitais, apoiadas muitas vezes pelo ambiente, e que encobrem angústias muito intensas e situações fóbicas vencidas com atitudes contrafóbicas” (ABERASTURY, 1983a, p. 26).

Relacionando a “iniciação precoce na vida sexual”, pontuada por essa psicanalista, com o recorte deste estudo, especialmente o caso de Mila – que foi explorada sexualmente provavelmente desde os 10 anos e engravidou aos 13 anos –, abro um parêntese, pois considero importante destacar que o Código Penal Brasileiro, no tópico sobre “Crimes Contra a Dignidade Sexual”, define que “a prática sexual é, em qualquer hipótese, uma violação da liberdade e dignidade sexual do ofendido quando este tiver menos de 14 anos” (UNICEF, 2011, p. 177), e estabelece que não só a conjunção carnal se configura em delito de estupro, mas também a prática de atos libidinosos (sexo oral e anal) visando o prazer sexual do autor do delito. Portanto, para além de uma interdição relacionada ao incesto, restrita aos parentes consanguíneos, a interdição legal que caracteriza essa prática sexual como violação de direito e ato criminoso, é abarcada de forma ampla por envolver uma relação sexual entre um homem adulto e uma menina ou uma adolescente. Mesmo que seja consensual por parte da jovem, isso é irrelevante diante do delito. Assim, ela é estendida ao vizinho, ao aliciador, ao agressor, enfim, ao pedófilo.

Igualmente à Winnicott, Aberastury (1981a; 1981b) também considerou fundamental abordar a dificuldade e ambivalência dos pais e da sociedade em aceitar o amadurecimento intelectual e sexual dos adolescentes. Os pais vivem os conflitos dos filhos, pois eles próprios passam pelo processo de desprendimento do filho criança, de perder seu corpo para sempre, isso implica na aceitação do devir – envelhecer e morrer. Assim, os pais podem dificultar o trabalho de luto dos filhos se não conseguem aceitar as flutuações entre dependência e independência. Podem usar a dependência econômica como autoridade e coação de liberdade ou a excessiva liberdade, que pode ser vivida como abandono. No entanto, os limites são necessários e úteis ao modo de conceder liberdade – fundamental para a conquista da independência e da maturidade. Para essa autora, só a identificação dos pais com a força criativa dos filhos, permitirá compreendê-los e recuperar dentro de si a sua própria adolescência.

Convergindo para o que já havia afirmado Aberastury (1981a; 1981b, 1983a; 1983b), foi o enfoque dado por Rassial (1997) sobre o corpo do adolescente. Ele destacou que o primeiro efeito da puberdade é a transformação do corpo da criança em corpo de adulto, bem como o trabalho de apropriação dessa nova imagem corporal que deve ser feita pelo

adolescente. Mas ressaltou que tão importante quanto a maturidade dos órgãos genitais para os jovens são os atributos secundários (destacando a moça – o crescimento dos seios, a menstruação etc.). A imagem do corpo que foi constituído e garantido na infância durante a fase do espelho pelo olhar e a voz, particularmente da mãe, na adolescência recai sobre o que verão e dirão os amigos e os eventuais parceiros sexuais (RASSIAL, 1997).

O que constitui o processo adolescente para esse autor é o trabalho de apropriação de si e do mundo; nisso estão implicadas demandas dirigidas de várias formas aos pais. Essa operação é marcada por séries de patologias transitórias observadas nos discursos (manipulações languageiras) e nos atos (condutas mais patológicas), nas quais são manifestadas as questões tanto implícitas quanto explícitas da adolescência. Essas condutas só podem ser consideradas como busca de uma nova virtude devido à sua função socializante, qual seja: a tentativa de um novo laço social transpondo as proibições (limites) impostas pelos pais. Antes de ser especificado, qualquer ato do adolescente “é inicialmente o modo pelo qual o sujeito tenta ‘sentir-se real’”, retomando a fórmula de Winnicott (RASSIAL, 1997, p. 19, 153).

Para o psicanalista francês, se há reativação do Édipo na adolescência, o acento está colocado sobre a diferenciação das gerações e não na distinção e definição dos sexos e seus papéis sexuais. A interdição do incesto é legitimada pela diferença entre criança e adulto, de modo que é necessário para a criança, ao exercício de sua sexualidade, um prazo para mais tarde. Para o adolescente, o fato de ele ter se apropriado dos atributos do adulto, o faz reformar essa interdição distinguindo seus pais dos outros adultos e o leva a questionar: “o que ainda sustenta esse interdito, agora que sou ‘grande’, que eu me assemelho [...] ao pai, no caso do menino, ou à mãe, no caso da menina?” (RASSIAL, 1997, p. 74).

Se o fantasma edípico da criança acerca da morte do pai é resolvido na ordem simbólica de um assassinato que assegura a transmissão, no adolescente a dinâmica da integração do Édipo é transformada, pois essa transmissão se ordena como perda, garantida pela descoberta que esse pai é falível e também envelhece e morre. Então, o pai destituído é designado, igualmente ao filho, como elo na cadeia infinita das gerações. O adolescente, portanto, constata o que significa a cadeia das gerações e suas múltiplas facetas, que tanto remonta aos avós e aos ancestrais, e também se estende depois dele. Diante dessa nova incidência, explode a família nuclear ordenada pela tríade edípica. Rassial explicou que o adolescente tem duas opções: ou aceitar ser o elo seguinte de igual valor ao desse pai destituído ou recusar a transmissão e ficar imobilizado diante da semelhança –

frequentemente encontrada na clínica adolescente sob o modo de uma “inibição” ou de uma “agitação” (RASSIAL, 1997, p. 124).

A sexualidade genital, ao mesmo tempo em que ordena uma identidade sexual e uma diferenciação das gerações, provoca uma urgência do estabelecimento da subjetividade que suture o hiato entre repetição da cena primitiva e reprodução de ingresso na cadeia infinita das gerações. Dentre os comportamentos paradoxais, que são definidos como “ensaios sintomáticos para evitar esse hiato”, está o engajamento precoce na maternidade, que é a “reprodução precipitada sem repetição do casal, desenlace lógico da crise, mas desprovido de desenvolvimento imaginário do amor” (RASSIAL, 1997, p. 16, 126), ou seja, a adolescente dramatiza uma escolha arriscada que faz eco no seu devir de adulta. Dito de outro modo, a adolescente, ao descobrir que a cadeia das gerações pode estender-se depois dela, descobre também uma nova responsabilidade para si. Assim, tentando esquivar-se desse novo lugar na linhagem genealógica, surge paradoxalmente o comprometimento precoce na maternidade, ou melhor, a adolescente dá uma criança a seu pai ou a sua mãe.

Parece-me oportuno expor sucintamente, após esse enfoque dado por Rassial, que a estrutura do processo de parentalização pressupõe uma dinâmica na qual estão inclusos: *a*) o desejo de ter um filho; *b*) ser capaz de ressignificar suas próprias experiências como filho/a atribuindo-lhe novos sentidos, na medida em que ele/a agora faz parte do novo elo da cadeia geracional – com esse realinhamento, ele/a torna-se pai/mãe sem deixar de ser filho/a, e seus pais passam a assumir os novos papéis de avô e avó; *c*) identificar-se com o filho desde o nascimento e, reciprocamente, ambos se nomearem, conforme explicou Passos (2011). Se não houver essa dinâmica, o que existe é apenas “um laço biológico e/ou social entre pais e filhos” (PASSOS, 2011, p. 1009).

Finalizando este tópico, destaquei Cassorla (2001) e sua análise sobre a questão da precocidade na vida sexual de muitas jovens e as fantasias inconscientes relacionadas à gravidez e à maternidade. Ele considerou que a carência afetiva relativa à figura materna e as defesas contra a desvalorização, além do caos e do vazio emocional, são os fatores que motivam muitas jovens à promiscuidade sexual, ou seja, a fazer uma entrega total e impulsiva que as levam a sentir-se preenchidas. Assim, sem nenhum tipo de preocupação mais elaborada ou de prevenção, ainda que possam ter certo grau de instrução e informação, se arriscam à contaminação por DSTs ou AIDS. De fato, a necessidade é de algo anterior ao amadurecimento da genitalidade, portanto, não é o sexo genital que elas buscam, mas o envolvimento físico, o contato humano pele a pele. Essas jovens necessitadas de carinho se

prostituem e são envolvidas por figuras protetoras idealizadas (substitutas da mãe), que as influenciam e as subjugam.

O mesmo ocorre em relação à gravidez, pois, embora tenham o corpo fértil, a mente funciona como a de um bebê desprotegido que encontrou a fonte da felicidade, o namorado – “mãe” (CASSORLA, 2001, p. 133). Para elas, como não faz sentido a ideia de engravidarem, não utilizam métodos anticoncepcionais.

Por isso, com frequência, a jovem aparentemente surpresa com a gravidez, orgulha-se do fato (ainda que não o demonstre) e poderá procurar consciente ou inconscientemente novas gestações. É bastante comum verificarmos como as jovens podem dar à luz com alegria. Algumas conseguem, inclusive, transformar-se em boas mães, principalmente se conseguem ajuda para se autoconhecerem. Com frequência verificamos que a jovem se identifica com o bebê, preenchendo o bebê e sentindo-se preenchida por ele, conseguindo-se agora a relação tão desejada no seu passado: a simbiose perfeita entre mãe e bebê. (CASSORLA, 2001, p. 133).

Esse autor abordou o aspecto positivo de identificação da jovem mãe com seu bebê, no entanto, para que isso aconteça, ela precisará de uma rede de sustentação que a apoie, seja familiar, comunitária ou institucional. Sabe-se, porém, que em muitos casos isso não acontece, ocorrendo a negligência dirigida ao filho ou a rejeição do bebê pela adolescente, acarretando o abandono dele. Ou, em casos extremos, pode ocasionar comportamentos de violência dirigidos a ele (jogá-lo no lixo, enterrá-lo vivo, tentar envenená-lo, espancá-lo etc.), caracterizando-se em tentativa de assassinato ou na concretização do homicídio, conforme noticiado frequentemente pelos meios de comunicação.

Esses aspectos servem para desmistificar a intrínseca relação que é dada entre o amor e a maternidade, corroborando a posição de Badinter (1985) de que amor materno é um mito, ele não constitui um sentimento inerente à condição de mulher porque não há uma conduta maternal universal e necessária. A partir de uma extensa pesquisa histórica essa autora constatou que há uma extrema variabilidade desse sentimento segundo a inserção cultural ou as ambições e as frustrações da mãe. Isso contraria a crença generalizada, sobretudo do senso comum, sobre a inscrição desse sentimento na natureza da mulher.

Independente dos afetos que mobilizam a relação mãe-bebê, expostos acima, a questão social com a alta incidência mundial da maternidade durante a adolescência tem gerado (na atualidade) preocupações. Sendo assim, antes de trazer uma reflexão sobre as vulnerabilidades sociais no Brasil, particularizando a “pobreza”, a “gravidez na adolescência” e a “privação da convivência familiar e comunitária” (que fazem parte do recorte deste estudo), trago o que foi revelado no relatório publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2013) sobre a “Situação da População Mundial”, intitulado **Maternidade precoce – enfrentando o desafio da gravidez na adolescência**, apresentado a seguir.

### I.1.2 Enfoque social sobre a maternidade precoce

Segundo o relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a população de meninas adolescentes no mundo é de 580 milhões, quatro entre cada oito delas vivem em países em desenvolvimento, diariamente 20 mil jovens com menos de 18 anos de idade dão à luz, o que equivale a 7,3 milhões de partos anualmente nesses países. Parte da faixa etária entre 15 e 19 anos cobre a maioria das estatísticas e estimativas comparáveis internacionalmente sobre gestações e partos na adolescência, ou seja, dispõem-se de menos dados sobre as ocorrências entre os 10 e 14 anos, grupo cujas necessidades e vulnerabilidades tendem a ser maiores. Esse quantitativo<sup>11</sup>, portanto, seria certamente ainda maior se as ocorrências fossem amplamente registradas (UNFPA, 2013).

Os estudos apontam que há uma complexidade nos determinantes da gravidez na adolescência em todo o mundo, eles são multidimensionais de natureza econômica, social, legal e outras, e variam significativamente entre regiões, países, grupos etários, faixas de renda, famílias e comunidades. Os fatores incluem a pobreza, violência e coerção sexual, casamento precoce, exclusão de oportunidades educacionais e de emprego, falta de acesso a serviços de saúde ligados ao tema dos direitos sexuais e reprodutivos, a desigualdade de gênero. Esses aspectos englobam as violações de direitos humanos e o subinvestimento (em nível nacional) no capital humano das meninas, no empoderamento delas. Ou seja, as pressões sociais e desigualdades estruturais dificultam a tomada de decisão sobre saúde, comportamento sexual, relacionamentos, casamento e reprodução por parte das meninas, comprometendo significativamente sua capacidade de aproveitar as oportunidades de educação, emprego e participação política (UNFPA, 2013). Dito de outra forma:

Pressões de todos os níveis conspiram contra as meninas e levam a gestações, intencionais ou não [...] Não importa o quanto uma menina queira reivindicar sua infância, ir à escola e alcançar seu pleno potencial, as forças que operam contra ela podem ser esmagadoras. (UNFPA, 2013, p. 55).

Convém reforçar que a adolescente mãe tem que viver simultaneamente dois intensos processos: o da própria adolescência rumo à idade adulta e o da maternidade. Em ambos, a jovem tem que assumir novos papéis e responsabilidades.

---

<sup>11</sup> Os cálculos foram baseados em dados de 81 países, representando mais de 83% da população coberta nas seguintes regiões: Países em desenvolvimento, África Central e do Oeste, Sul e Leste da África, Sul da Ásia, América Latina e Caribe, Estados Árabes, Leste da Ásia e Pacífico, Leste da Europa e Ásia Central, usando dados coletados entre 1995 e 2011 através de dois conjuntos de Pesquisas de Demografia e Saúde (PDS) e vários Inquéritos de Indicadores Múltiplos (IIM), publicados pela Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, em 2013.

Esses fenômenos mundiais da gravidez e maternidade precoces têm preocupado autoridades, estudiosos e entidades governamentais e não governamentais pelos sérios riscos e comprometimentos advindos. Eles acarretam impactos na qualidade de vida das jovens, no presente e no futuro, interrompendo seus sonhos e planos pessoais de modo definitivo para algumas, limitando o acesso à educação formal – impacto no desempenho educacional –, e restringindo seu ingresso no mercado de trabalho – impacto econômico, no potencial de geração de renda. Por conseguinte, aumentam sua vulnerabilidade frente à pobreza e à exclusão, perpetuando o ciclo de desigualdade de gênero, dependência e impotência (UNFPA, 2013).

As consequências imediatas da simultaneidade entre adolescência e maternidade podem ser a imaturidade física (as muito jovens) e emocional para cuidar de um bebê; a fragilização da saúde pela infecção por DSTs; a ocorrência de deficiências físicas, a exemplo da fístula obstétrica; o adoecimento psíquico em consequência de somatizações, do estresse, da depressão; a incidência de dificuldades na família, com a disfunção em sua dinâmica e o abandono; o comprometimento do bem-estar social quando ocorrem o estigma, a discriminação, a marginalização e a violação de direitos humanos fundamentais; a adoção; o aborto clandestino; e a morte. Esta última em decorrência das complicações durante a gravidez e o parto causadas pela prematuridade física das jovens. Sua pélvis e seu canal de parto estão em desenvolvimento, sobretudo das moças menores de 15 anos que acabaram de ingressar na puberdade (UNFPA, 2013).

Ocorre variação acerca do significado e consequência da gravidez durante a adolescência em função das motivações das adolescentes e/ou de suas famílias. Além dos aspectos anteriormente citados, Singh e Darroch (2012) *apud* UNFPA (2013) chamaram a atenção para novas possibilidades de atuação no cotidiano, de reconhecimento familiar, jurídico e social ou realização pessoal, e destacou: *a*) as jovens quando sentem que não têm outras opções e nada a perder, elas podem ganhar um bebê, um relacionamento, *status*; *b*) a transição esperada da infância para a fase adulta conferida pelo casamento e pela maternidade; *c*) acreditar que um bebê reforça os laços com o parceiro; *d*) a alegria e recompensa de ter um bebê, desejar um bebê para amá-lo e serem amadas; *e*) querer demonstrar que são responsáveis e maduras o suficiente para serem mães (SINGH, DARROCH, 2012 *apud* UNFPA, 2013).

O referido relatório da UNFPA revelou que a quarta parte da população mundial é constituída de jovens entre 10 e 24 anos. Por conseguinte, o futuro das tendências demográficas dependerá de suas opções reprodutivas. Lidar com essa questão tornou-se um

desafio global. O foco principal recomendado é investir nos jovens, apoiando-os para alcançarem um desenvolvimento saudável, particularmente nas adolescentes. Promover os direitos, a autonomia e o empoderamento das jovens, fruto dos investimentos em políticas, programas e ações que favoreçam a autonomia das adolescentes em relação ao exercício de sua sexualidade e de sua vida reprodutiva, para que possam tomar decisões voluntárias – sem coerção e sem discriminação. Portanto, investir nos jovens é destacado como um dos investimentos mais inteligentes que um país pode realizar, pois os jovens serão pais, mães e líderes da próxima geração e podem ajudar a romper o ciclo de pobreza, fortalecendo o tecido social e criando um futuro sustentável (UNFPA, 2013).

Destaca-se ainda nesse documento que grande parte dos países efetivou ações oriundas dos governos e da sociedade civil que indiretamente contribuíram para a redução da gravidez na adolescência, pois foram elaboradas com outras finalidades, dentre elas, evitar a infecção pelo HIV e manter as moças na escola (UNFPA, 2013).

Conforme o exposto, o modo como cada jovem vai exercer a sua sexualidade está diretamente ligado à sua vida psíquica. Contudo, esse aspecto não pode ser visto de modo isolado, é imprescindível considerar o contexto social, econômico e cultural onde cada adolescente está inserida. No caso particular da sociedade brasileira, estão presentes vulnerabilidades que afetam gravemente as jovens, exacerbadas pelas desigualdades que intensificam o sofrimento das que têm violados seus direitos, explicitados a seguir.

### **I.1.2.1 As adolescentes em situação de precariedade no Brasil**

Em decorrência dos processos históricos de exclusão e discriminação, a desigualdade social no Brasil produz vulnerabilidades que atingem uma parcela representativa de jovens, conforme revelou o relatório sobre a “Situação da adolescência brasileira”, intitulado **O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**, publicado pelo UNICEF (2011).

Dentre as vulnerabilidades apontadas, destaco a “pobreza”, a “gravidez na adolescência”, a “baixa escolaridade” e a “privação da convivência familiar e comunitária”. As vulnerabilidades são agravadas por desigualdades que determinam as possibilidades de melhorias na vida dos adolescentes: a raça e a etnia, o gênero, o local onde vive, e ter ou não algum tipo de deficiência. As desigualdades, além de serem circunstâncias de vida, são características de identidade que marcam o cotidiano de milhões de jovens e diminuem seu acesso aos direitos garantidos por lei. O Brasil, com dimensão geográfica continental, abarca

vasta diversidade e disparidades regionais, étnicas, culturais, sociais e econômicas. Por conseguinte, são reunidas distintas experiências de adolescências, numa pluralidade de possibilidades, significados, expectativas, mas, sobretudo, de desafios para a garantia do direito de ser adolescente (UNICEF, 2011).

A situação de vulnerabilidade, nesse contexto que está sendo discutido, diz respeito a pessoas que não têm acesso às oportunidades sociais, econômicas, educacionais, de trabalho, de saúde, de cultura e de lazer que provêm do Estado, do mercado e da sociedade civil, diminuindo suas chances de conquista e aprimoramento dos recursos oferecidos (ABRAMOVAY; PINHEIRO, 2003). Portanto, o que diferencia as formas de se viver as adolescências são as oportunidades a que cada jovem tem acesso. Cabe lembrar que o conceito de vulnerabilidade pode ser aplicado em distintas situações, inclusive a própria fase da adolescência é marcada por vulnerabilidades.

As vulnerabilidades sociais se sobrepõem. Particularizando a pobreza, além de negar aos adolescentes seus direitos, é determinada por gerações, e é uma situação de vulnerabilidade que potencializa outras vulnerabilidades. A definição nacional de “pobreza” remete às famílias que têm renda líquida mensal *per capita* de  $\frac{1}{2}$  salário mínimo e aquelas em “pobreza extrema” sobrevivem com até  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo por mês (UNICEF, 2011a). Em 2009<sup>12</sup>, do total de 21 milhões de adolescentes entre 12 e 17 anos, 7,9 milhões viviam em famílias pobres, e 3,7 milhões estavam inseridos em famílias extremamente pobres. Os adolescentes das regiões Nordeste e Norte, assim como os que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos são os mais afetados pela pobreza. No Nordeste, a pobreza extrema somava quase o dobro da média nacional o que representava 2,1 milhões de adolescentes vivendo na miséria (UNICEF, 2011).

Esse significativo contingente humano pode servir como exemplo para o que Winnicott (1999; 1975) postulou ser o sintoma de uma vida não-criativa – pessoas submissas, padecendo, imobilizadas por um sistema econômico e político perverso – esse autor deu destaque aos “governos totalitários”, ao “nazismo”, aos “prisioneiros de guerra” – que compromete a permanente manutenção ao longo da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Ainda que a submissão nem sempre decorra da pobreza – e também considerando que o ser humano é imponderável com uma enorme capacidade de superação – traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa, de apatia, de que não vale a pena viver a vida.

---

<sup>12</sup> Ver na nota 8 da “Modelagem inicial” a justificativa sobre os dados usados nesta tese.



As forças e os mecanismos sociais, políticos e econômicos são esmagadoras de modo a manterem vidas humanas em condição de extrema precariedade – de alimentação, habitação, saúde, educação etc. –, inviabilizando sonhos pessoais de viver em condição mínima de dignidade, de cidadania e conseqüentemente gerando sofrimento psíquico. Safra (2012) chamou a atenção para os fenômenos decorrentes das fraturas da hospitalidade originária, da cidadania, presentes na literatura psicológica e social:

Os fenômenos de não pertencimento, de desenraizamento e da exclusão social acontecem de inúmeras maneiras: afetiva, psicológica, econômica, social, cultural. Testemunhamos em nosso meio, como parte desse processo, inúmeras pessoas, vivendo em situação de grande sofrimento sem dispor de possibilidades para encontrar a ajuda necessária ao seu tipo de padecimento. (SAFRA, 2012, p. 15).

Embora tenham ocorrido avanços na garantia de direitos, observa-se que há uma disjunção entre o discurso legal e sua real efetivação, grande parte do que está assegurado de direito não existe de fato. Há uma distância enorme entre o que diz a lei e o que diz a vida. Os problemas largamente noticiados pela imprensa evidenciam que as políticas públicas no Brasil não dão conta de resolver o complexo problema da desigualdade social e suas conseqüências negativas para as famílias mais desfavorecidas. Ainda que reze na Constituição Federal (BRASIL, 1988): “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (Art. 226). Por conseguinte, o gargalo seletivo é fato.

Existe nesse contexto de vulnerabilidade social um real comprometimento da autoestima, da autonomia pessoal, onde a dependência, a passividade, bem como modalidades de violência e agressão, permeiam as relações das pessoas e se evidencia a precariedade do ambiente familiar. Particularizando os jovens, eles se singularizam tendo como referência a condição sócio-histórica em que vivem, ou seja, o atributo negativo condicionado à miséria que se alastra do nível material para o campo afetivo, se perpetuando num ciclo infundável que atravessa gerações. Em muitos casos, os jovens, por falta de alternativa passam a ter vivência de rua, aumentando ainda mais o risco social e pessoal.

Quando a miséria está generalizada, ela pode ofuscar o potencial criativo dessas pessoas, agravado pela ausência do reconhecimento social. A circunstância social condiciona essas pessoas a viverem no limite do que é ser humano, elas se sentem inferiores, desvalorizadas e incapazes, transmitem isso aos filhos, a sociedade as vê assim e as excluem. Ressalto que crianças e adolescentes precisam de condições adequadas para serem humanizados e esse processo ocorre primeiramente sob a influência da intensa relação cotidiana no contexto familiar.

Anterior às relações estendidas da família e seus cuidados voltados aos filhos está a mãe-ambiente suficientemente boa – a mãe e seu *holding* dirigido ao bebê. De modo apropriado, Cauduro fez uma síntese sobre o *holding*:

Winnicott usa o constructo psicanalítico *holding* para designar este ambiente representado pela mãe, não física, mas por um ser que traz para essa relação o registro das experiências intersubjetivas que a constitui. A mãe proporciona, por meio de uma comunicação não verbal, as condições físicas e emocionais essenciais para a vida humana. A comunicação que se estabelece nesse encontro representado pelo micro ambiente configurado pela mãe e o bebê contém os sinais do macro ambiente, as forças sociais que nele operam. E é nessa complexa trama relacional (*holding*) que cada indivíduo processa sua singularidade. (CAUDURO, 2011, p. 137-138).

Cada ser humano se singulariza a partir dessa trama relacional e dos investimentos de afeto que inicialmente são operados numa relação dual mãe-filho, quando a mãe torna-se o primeiro objeto de amor do bebê e se complexibiliza simultaneamente ao processo maturacional durante a vida. Obviamente o contexto social onde eles estão inseridos reflete nessa relação.

Sendo assim, particularizando a pobreza extrema e a exclusão social é possível pensar que a miséria pode comprometer as relações e os vínculos familiares intersubjetivos. Nesse caso, como é possível dar sustentação (*holding*) se não existe o que é básico, onde a experiência predominante é a fome, pois um quantitativo representativo são famílias que vivem no extremo do que pode ser considerado humano? Convém destacar que não é a situação de pobreza extrema que faz a mãe ser ou não “suficientemente boa”, pois conforme afirmou o próprio psicanalista britânico:

Dirigimos nosso olhar em direção à miséria e à pobreza não apenas como horror, mas também com olhos abertos para a possibilidade de que, para um bebê ou criança pequena, uma família pobre pode ser mais segura e “melhor” como meio ambiente facilitante do que uma família numa casa encantadora, onde haja ausência das perseguições comuns. (WINNICOTT, 1975, p. 192).

Portanto, a fartura material e a ausência de vulnerabilidade social não garantem a existência de vínculos familiares e de relações amistosas entre seus membros.

Considerando o exposto, nos apropriamos do conceito winnicottiano de “ambiente facilitador” para empregá-lo no contexto social que estamos discutindo, sem a pretensão de propor um debate teórico sobre o desdobramento ou ampliação desse conceito, mas apenas denominá-lo ao inverso: ambiente social frustrador ou, conforme destacou Winnicott (1956/2000), “ambiente não suficientemente bom”, na medida em que a proteção social do Estado está distante de ser suficientemente boa. Num verdadeiro estado democrático de direito, a dignidade, o reconhecimento, a assistência em todos os campos do serviço público e

o cuidado dirigido a cada ser humano são garantidos legalmente e efetivados pelo Estado que impede a propagação do ciclo intergeracional da situação de pobreza e sobretudo de pobreza extrema e suas consequências.

Particularizando o recorte deste estudo, especialmente vulneráveis são as adolescentes pobres e negras: à exploração, ao abuso sexual e à pornografia – as ocorrências de vítimas relatadas predominam dentro de suas casas e em instituições públicas, escolas e centros de detenção –; às DSTs/AIDS; e ao abandono da escola em decorrência de gravidez (UNICEF, 2011).

Mais vulneráveis de serem aliciadas, por possuírem limitadíssimos recursos materiais, as moças pobres são alvos fáceis para os abusos, convites e ofertas objetivando a prostituição (UNICEF, 2011). Seus corpos passam a ser o único recurso disponível, inclusive para não passarem fome. Assim, elas são exploradas em relações sexuais totalmente desprotegidas, sejam consensuais ou não, em condições precárias, muitas vezes sob ameaça psicológica e violência física.

Sabe-se que a educação tem o poder de transformar as pessoas e a sociedade. Enquanto direito assegurado, poderia “pôr fim ao ciclo de pobreza intergeracional e prover os fundamentos para um desenvolvimento sustentável” (UNICEF, 2011, p. 31), na medida em que a baixa escolaridade é parte da engrenagem que gera pobreza e limita o desenvolvimento, pois há uma íntima relação entre pobreza, baixa escolaridade e gravidez na adolescência. Entre os adolescentes, a baixa escolaridade tem suas origens na falta de acesso à educação infantil e pela precariedade do ensino fundamental – esse é também um dos aspectos da evasão escolar. Sem falar no considerável índice de analfabetismo (UNICEF, 2011).

Pobreza e baixa escolaridade estão associadas tanto à causa quanto à consequência da gravidez entre as jovens. Um dos “mais importantes fatores para a perpetuação de ciclos intergeracionais de pobreza e exclusão” é a gravidez na adolescência (UNICEF, 2011, p. 41), ou seja, ela traz à tona um dos mecanismos de reprodução biológica da pobreza que se traduz nas elevadas taxas de mortalidade infantil, desnutrição crônica que provoca retardo no crescimento e outras graves carências da infância. Portanto, os riscos de problemas de saúde estão associados ao contexto socioeconômico das adolescentes mães e seus filhos.

Convém destacar, segundo o UNICEF (2011), que essa relação entre pobreza e gravidez na adolescência pode gerar a perpetuação do ciclo de desigualdade de gênero em relação à mulher, e racial em relação à cor negra. Motivando, por conseguinte, o ciclo de dependência, de impotência e de submissão.

Em 2009, o UNICEF (2011) apontou o contingente de 290 mil moças entre 12 e 17 anos que já haviam tido filhos. As desigualdades regionais também são evidenciadas: o Norte e o Nordeste apresentavam os maiores percentuais. Outro dado importante é que enquanto o número de nascidos vivos de mães entre 15 a 17 anos tem apresentado queda nos últimos anos a taxa de fecundidade tem crescido entre as jovens de até 15 anos – grupo classificado como vulneráveis entre vulneráveis devido à sua especial condição de fragilidade física para comportar uma gravidez sem riscos. O relatório destacou o estímulo dado às adolescentes mães para não abandonarem os estudos de modo a serem capazes de viver uma vida melhor com seus filhos (UNICEF, 2011).

A baixa escolaridade dos pais é outro fator importante, que faz predominar a falta de informação no ambiente doméstico. Isso acarreta a ausência de uma referência dentro da família para as jovens, que lhes sirva de modelo e lhes oriente, que lhes esclareça sobre suas dúvidas, questionamentos e angústias. O acesso à informação, aos métodos contraceptivos, aos serviços de saúde e ao aborto assistido difere entre as classes sociais. Convém fazer uma observação, pois os dados computados não englobam as adolescentes que engravidam e abortam (UNICEF, 2011).

Diante desse quadro, é imprescindível ajustar o discurso e a prática das políticas públicas para se tornarem eficazes em relação à complexidade dos fenômenos da gravidez e maternidade precoce, que são considerados preocupantes enquanto problemas sociais. Fazer cumprir as leis nacionais, de forma integrada, nas áreas da assistência social, educação, saúde e trabalho contribuiria para a redução das múltiplas fontes de vulnerabilidades das jovens, sobretudo relativa à prevenção à gravidez não planejada. Conforme analisou o UNICEF (2011), dependendo das oportunidades reais que as jovens tenham para desenvolverem suas potencialidades, elas poderão chegar à vida adulta fazendo valer seus direitos, empoderadas, cidadãs ativas ou continuarão excluídas, submissas, sem voz e presas na pobreza. Para isso, tanto há de ser considerado o ponto de vista das adolescentes – seus sentimentos, percepções e opiniões – quanto valorizá-las como sujeitos de direitos, dentre eles, os direitos sexuais e reprodutivos. Dito de outro modo, há necessidade de uma abordagem ampla para se “desenvolver o capital humano dessas meninas, com foco na sua capacidade de tomar decisões sobre suas próprias vidas” (UNFPA, 2013, p.97, 98). No entanto, é fundamental mobilizar a vontade política no investimento para empoderar essas jovens, aumentando sua autonomia e participação.

Embora a maternidade seja uma forma de construção da identidade, as jovens podem ter acesso a outras opções além de ser mãe precocemente. Isso implica no oferecimento de

oportunidades e alternativas reais para que as jovens façam as suas escolhas. Portanto, essas escolhas poderão tornar-se condição de possibilidade para as adolescentes saírem do ambiente de incerteza e insegurança e, assim, poderem modelar o seu próprio futuro. Afinal, não se deve subestimar a capacidade das adolescentes recriarem a si mesmas e as suas vidas. Não se deve subestimar a potência criativa de cada uma delas.

Conforme indicam pesquisas recentes na área da Psicologia e da Antropologia, a gravidez e a maternidade na adolescência não ocorrem apenas entre os pobres e, adequada ou não à idade adolescente<sup>13</sup>, ela é constituída de significações tanto sociais quanto individuais e culturais, além de não se restringir aos aspectos negativos, prejudiciais e indesejados (UNICEF, 2011). Independente da condição social, os impactos são sentidos por todas as jovens.

### **I.1.2.2 Ser simultaneamente adolescente e mãe**

Esse tema da gravidez/maternidade na adolescência é complexo e amplamente abordado na literatura científica. Envolve diversos fatores que, obviamente, não conseguirei abarcar no âmbito deste estudo, até porque este não foi o objetivo.

Os impactos, tanto da gravidez, quanto os advindos do nascimento de um filho variam conforme a trajetória de vida de cada adolescente e seu contexto socioeconômico e cultural. Esse fenômeno, portanto:

Não pode ser interpretado da mesma maneira para adolescentes moradores das grandes cidades e adolescentes das zonas urbanas ou cidades pequenas, [...], para adolescentes pobres e de classe média e alta [...]. A gravidez na adolescência é marcada pela heterogeneidade: pode-se dar no âmbito de uma relação estável ou não; pode gerar distintos arranjos familiares; pode alterar o percurso profissional ou não etc. (FONTOURA; PINHEIRO, 2009, p. 155).

A maternidade precoce modifica a biografia das adolescentes e pode reforçar padrões culturais relativos a conquistas e representações que diferem entre as classes sociais. O investimento das jovens em outros campos da vida, como o educacional e o profissional, durante a adolescência, é incentivado nas classes mais favorecidas. Do contrário, o fragmentado percurso educacional nas classes de baixa renda contribui para o ingresso precoce na maternidade (UNICEF, 2011).

Sendo assim, conforme revelam os estudos, variam os significados atribuídos à maternidade: Dadoorian (2003) destacou que a função social feminina nas classes menos

<sup>13</sup> Considerando aspectos antropológicos e históricos há de se destacar que a maternidade conceituada na atualidade como “precoce”, nem sempre foi vista assim. Na geração de nossas avós, por exemplo, casar e ter filhos durante a adolescência era culturalmente incentivado, essa prática não era relacionada à precocidade.

favorecidas relaciona o desejo de ter um filho a um rito de passagem – a mudança de *status* de ser menina para ser mulher. Por conseguinte, as causas da gravidez precoce se relacionam não só à desinformação sexual, mas ao desejo de ter um filho e à afirmação da feminilidade através da capacidade reprodutiva. Por outro lado, Fontoura e Pinheiro (2009) chamaram a atenção para o fato de que a maternidade para as jovens pobres “pode ser fruto da ausência de opção e de dificuldade de forjar um projeto de vida para além de ser *mãe de família*” (FONTOURA; PINHEIRO, 2009, p. 156, grifos das autoras). Logo, a gravidez na adolescência não é indesejada em todos os casos, mesmo entre moças das classes mais baixas:

A adolescente busca construir sua identidade e sentir-se mais adulta, mais mulher, mais autônoma e com mais poder tendo seu próprio filho. O projeto de vida profissional, neste caso, pode dar lugar a outro projeto, o de construir uma família ou, pelo contrário, o fato de ter um filho pode reforçar o plano de seguir estudando e buscar ascender socialmente. (PANTOJA, 2003 *apud* FONTOURA; PINHEIRO, 2009, p. 155).

No entanto, a conciliação de viver o que é pertinente tanto à adolescência quanto à maternidade requer amadurecimento e conscientização, que nem sempre são alcançados face à angústia e sofrimentos que podem ser gerados. O envolvimento materno é fundamental para a vida do bebê e conceituado “preocupação materna primária” por Winnicott (1983; 1988) na sua “teoria do amadurecimento pessoal”. Considero oportuno fazer um parêntese para descrever como funciona esse conceito winnicottiano, pois é importante para a manutenção da presente discussão.

No final da gestação, a mãe entra num estado psíquico de identificação extremamente sofisticado, de total dedicação, de envolvimento afetivo para acolher e se adaptar ao seu bebê e às necessidades dele, em que “ela é o bebê, e o bebê é ela”, denominado “preocupação materna primária”. Os cuidados oferecidos pela mãe nos primeiros meses do bebê são indispensáveis para a manutenção física – a completa rotina nos três turnos diários – e psíquica do filho em seu contínuo amadurecimento (WINNICOTT, 1983; 1988). Dito de outro modo, esses cuidados tornam-se os fundamentos para o bebê ter uma existência assentada na “autopercepção” e na capacidade de “sentir-se real”. Conseqüentemente, tudo que mantinha a mãe ocupada – no que diz respeito às atividades diversas e às relações sociais – deixam de ser priorizadas e ela naturalmente passa a se preocupar intensivamente com o filho.

Essa condição psíquica da mãe favorece ao bebê não sofrer interrupções em sua continuidade de ser além do que ele pode suportar. Do contrário, se o cuidado materno não foi suficientemente bom, a personalidade do bebê “começa a se constituir baseada em reações a irritações do meio” (WINNICOTT, 1983, p. 5). Esse estado de retraimento é deixado

gradativamente pela mãe à medida que o filho se desenvolve, cresce e necessita experimentar reações à frustração. A continuidade do cuidado e da dedicação evidenciada na sustentação (*holding*) constitui o que Winnicott denominou “ambiente suficientemente bom” (WINNICOTT, 1983; 1988).

O processo de amadurecimento, portanto, se inicia com a “dependência absoluta” em relação à mãe “devotada” nos primeiros meses do bebê, afinal o desamparo e a fragilidade inerente ao ser humano nesse estágio precisam condicionalmente da “dependência absoluta” a outro ser humano e do seu cuidado para continuar a existir. Conforme disse Winnicott: “O fornecimento de um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à vida” (WINNICOTT, 1956/2000, p. 404).

Ele enfatizou que embora existam genes que determinam padrões e uma tendência herdada a crescer e a alcançar a maturidade, o processo de crescimento emocional depende de uma conjunção com a provisão mãe-ambiente que tem de ser suficientemente boa. O assentamento das bases da saúde mental está justamente nisso. Ele chamou a atenção que não se trata de perfeição, porque “a perfeição é própria das máquinas e as imperfeições, características da adaptação humana à necessidade, constituem qualidade essencial do meio ambiente que facilita” (WINNICOTT, 1975, p. 188). Como não existe perfeição humana, não existe mãe perfeita, esse ideal é absolutamente massacrante. O contrário do ambiente facilitador é o ambiente caótico, frustrador, que, para o filho, significa imprevisibilidade e produz confusão mental:

Existe algo que chamamos de ambiente não suficientemente bom, que distorce o desenvolvimento do bebê, assim como existe o ambiente suficientemente bom, que possibilita ao bebê alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes. (WINNICOTT, 1956/2000, p. 398).

A condição de dependência durante a primeira infância explica a origem das “angústias impensáveis”. Elas estão na etiologia das psicoses que surgem das falhas no relacionamento da mãe com o bebê, quando ela não é confiável e suficiente para propiciar um ambiente facilitador que assegure os processos de amadurecimento e de integração progressiva dele. São angústias diante de várias ameaças do existir humano, a exemplo do retorno a um estado de não-integração, que são anteriores ao complexo de Édipo (LOPARIC, 1996).

Porém, esse estado de “preocupação materna primária” não é alcançado por todas as mães gestantes. Conforme destacou Leitão (2011), as possibilidades para a adolescente

alcançá-lo dependem tanto do significado da gravidez para ela quanto do seu processo pessoal de amadurecimento emocional. Os sinais que revelam as dificuldades em relação à gravidez e à identificação com o bebê ocorre a partir da escuta da adolescente grávida. Essas dificuldades precisam ser reconhecidas e podem estar ligadas a conflitos inconscientes. Ela apontou que há presença de conflito quando: 1) “a atividade sexual e exposição à gravidez se colocam como expressão de rebeldia aos pais e à sociedade”; 2) “a gravidez se liga a sentimentos de ódio e do desejo de morte e de ocupar o lugar da mãe” (LEITÃO, 2011, p. 11-12).

A conjugação entre o amadurecimento emocional e o significado pessoal de ter um filho é o que vai determinar a dificuldade da adolescente grávida. A rotina diária com as demandas de cuidado, alimentação, higiene e sustentação (*holding*) que envolve ser mãe de um bebê e criança pequena que englobam o exercício da função materna é prioritária em detrimento dos interesses e projetos pessoais de ser adolescente. Winnicott disse que manter “a criança saudável e livre de doenças requer vigilância constante”, além de haver a necessidade permanente “de amor e compreensão arguta” (WINNICOTT, 2005, p. 42).

Outro aspecto a destacar é a probabilidade de a adolescente ter um bebê prematuro. Embora pediatra, Winnicott não se referiu ao bebê prematuro, que geralmente nasce com baixo peso e problemas de saúde congênitos, configurando o quadro de alto risco às doenças e à morte. Sem falar no longo período hospitalizado que exige acompanhamento profissional interdisciplinar e o cuidado redobrado da família.

O cuidado da família é outro aspecto da questão, pois quase sempre as adolescentes mães não têm condição de assumirem sozinhas as responsabilidades com um bebê, de modo que necessitam de assistência e sustentação (*holding*) familiar. É fato que nos vários contextos sociais, os pais, avós, tios ou outros familiares frequentemente acolhem esse processo, provendo e cuidando das jovens e seus bebês (Cf. GRANATO; AIELLO-VISBERG, 2005; CASSORLA, 2001), exercendo o que Winnicott definiu como “tarefa dos pais, durante a puberdade dos filhos, ou em meio às dores da adolescência” (WINNICOTT, 1975, p. 194). Esse fato está cada vez mais comum na sociedade brasileira (Cf. BRITO, 2015).

Exemplificando essa questão, Granato e Aiello-Visberg (2005) destacaram a hipótese segundo a qual a sobreposição das experiências da adolescência e da maternidade se constitui como um “paradoxo existencial”. A discussão das autoras, fundamentadas em Winnicott, versou sobre um caso clínico de uma mãe adolescente que viveu esse impasse existencial alternando estados opostos de “dependência claustrofóbica” – permanecer no colo da sogra que a apoiou como uma filha – e “independência alienante” em ganhar o mundo com suas conquistas de adolescente. Amparada por um ambiente familiar adequado que supriu as



necessidades do bebê, teve a oportunidade de resolvê-lo. A avó paterna se dispôs a cuidar da neta em sua casa durante a semana, de modo que a adolescente passou a ficar com a filha durante os finais de semana no local onde foi morar sozinha. Isso possibilitou a jovem mãe realizar suas aspirações pessoais e profissionais sem perder o vínculo com a filha. A jovem também foi amparada pelo *holding* terapêutico centrado na confiança estabelecida com a sua psicanalista que respeitou seu sofrimento, favoreceu a reflexão do que ela vivenciava, contribuindo para que o encontro fosse mutativo.

Particularizando esse tema com enfoque na situação de pobreza, Cassorla (2001) comentou que “a solidariedade da comunidade (geralmente carente), da qual o fenômeno já faz parte, muitas vezes permite que as crianças sejam criadas pela família da jovem e pela rede social comunitária” (CASSORLA, 2001, p. 134). Mas em geral, quando a jovem é solteira e não ocorre o acolhimento familiar e/ou comunitário, frequentemente o bebê é abandonado e/ou entregue para adoção pela mãe biológica ainda no hospital, portanto, ela rejeita o exercício da função materna. Ou a jovem menor de idade é encaminhada grávida para ser acolhida em uma instituição, após ser rejeitada e/ou abandonada pela família (Cf. ASSIS; FARIAS, 2013).

### **I.1.2.3 O *holding* institucional dado às adolescentes mães acolhidas**

O acolhimento institucional é definido como modalidade de desvantagem social por caracterizar a vulnerabilidade pela privação da convivência familiar e comunitária (UNICEF, 2011). Essa definição oficial não pode ser generalizada ou entendida, como se diz, “ao pé da letra”, há de ser estudado caso a caso, pois pode ser benefício para muitas jovens estarem fora da família e, às vezes, até da comunidade imediata. O enfoque dado neste estudo foi ao acolhimento institucional em “casa lar”, na modalidade de abrigo, em Organização Não Governamental<sup>14</sup>, pois assim se caracterizou a minha pesquisa de campo.

---

<sup>14</sup> Dentre a **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais** aprovado pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), ligado ao Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), através da Resolução nº 109/2009 está o “Serviço de Acolhimento Institucional” na modalidade de “abrigo institucional”, que pode ocorrer em instituição governamental ou não governamental. Este, por sua vez, é classificado dentro da organização estabelecida pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS), como um dos Serviços de Proteção Social Especial de Alta Complexidade (BRASIL, 2009a, p. 1-2). Visando estabelecer “parâmetros de funcionamento”, bem como, “oferecer orientações metodológicas para que os serviços de acolhimento de crianças e adolescentes possam cumprir sua função protetiva e de restabelecimento de direitos” foi publicado pelo MDS o documento intitulado “Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes” (BRASIL, 2009, p. 17).

Conforme dados<sup>15</sup> do **Levantamento nacional de crianças e adolescentes em serviço de acolhimento** (ASSIS; FARIAS, 2013) estima-se que em 2009 no Brasil, 54 mil crianças e adolescentes viviam nessas instituições. Desse modo, eles foram “privados da convivência com os pais, irmãos, avós e outras pessoas que com eles troquem afeto, que os protejam e os apoiem em seu processo de construção de suas identidades” (UNICEF, 2011, p. 36). Ainda que esse dado geral quantitativo esteja publicado e seja expressivo, não existem nos documentos oficiais mais dados específicos sobre adolescentes grávidas e/ou adolescentes mães com filhos em situação de acolhimento institucional, nem Brasil, nem na Paraíba – estado onde realizei a pesquisa. O único indicativo de 2009 que encontrei relacionado ao tema se refere aos motivos que ocasionam o acolhimento institucional no Brasil. Dentre eles, está elencado: “Responsáveis sem condições para cuidar de adolescente gestante”, perfazendo o total de trinta e quatro casos em instituição governamental e trinta casos em instituição não governamental (ASSIS; FARIAS, 2013, p. 180, 186).

Winnicott considerou que na presença de lares insatisfatórios, ausência ou doença da família “alguma parcela da sociedade deve assumir a função da família”, importante é achar um lar alternativo (WINNICOTT, 1983, p. 219). O posicionamento do psicanalista britânico está contemplado na legislação brasileira, seja através do acolhimento institucional ou da colocação em família substituta. O ECA (BRASIL, 1990) preconiza que as medidas de proteção são aplicáveis quando forem ameaçados ou violados os direitos de crianças e adolescentes, sendo três razões para isso: por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; em razão de sua conduta (Art. 98).

Particularizando a questão dos pais, ou seja, da situação familiar de origem, o ECA (BRASIL, 1990) determina que aos pais cabe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores (Art. 22). Além disso, toda criança ou adolescente tem “direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes” (Art. 19). Bem como, a falta ou carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do poder familiar (Art. 23). A decretação de alguma medida protetiva só ocorrerá se existir outro motivo que a justifique, de modo que a família deverá ser obrigatoriamente incluída em programas oficiais de auxílio e a criança ou adolescente será mantido em sua família de origem (Art. 23, Parágrafo único).

---

<sup>15</sup> Ver na nota 8 da “Modelagem inicial” a justificativa sobre os dados usados nesta tese.

Observa-se que viver no contexto de pobreza não é motivo que justifique a intervenção judicial. A decretação da suspensão ou da perda do poder familiar ocorrerá conforme os casos previstos na legislação civil, assim como, na “hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o art. 22” (BRASIL, 1990). E, mesmo havendo o motivo justificado para os procedimentos em questão, é assegurado legalmente o contraditório e a ampla defesa. Portanto, só quando forem esgotadas todas as tentativas legais é que, por decisão judicial, a criança ou o adolescente será colocado em família substituta na forma de guarda, tutela ou adoção.

Até que isso venha a ocorrer, os menores permanecem em situação de acolhimento institucional. Definido pelo ECA (BRASIL, 1990) como provisório e excepcional, o acolhimento institucional é utilizável “como forma de transição para a reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade” (Art. 101). Essa permanência de menores em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de dois anos. Para que a duração se prolongue, a autoridade judiciária, devidamente fundamentada, deverá comprovar a necessidade que atenda ao superior interesse do/a menor (Art. 19, Inciso 2º).

Anterior ao que preconiza o ECA, na Constituição Federal (BRASIL, 1988) reza: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores [...]”, Art. 229. Chamo a atenção que esses textos jurídicos mencionados aludem ao cuidado, ao sustento, à proteção, à educação, à socialização e à responsabilidade pelo desenvolvimento integral dos filhos se caracterizando dever e obrigação dos pais ou responsáveis. Porém, não estão inclusos termos como afeto, amor e ternura, talvez por já estarem implícitos ao que se denominou, mas não há como torná-los obrigatórios, porque o afeto não é uma premissa obrigatória para ninguém (Cf. ANTUNES; PASSOS, 2012). Afinal, é impossível determinar juridicamente que nas relações parentais predominem esses sentimentos que favorecem o amadurecimento dos filhos, pois a qualidade positiva das experiências relacionais parentais é reflexo das atitudes afetivas fundamentadas no amor e na ternura. Dito de outro modo, o amadurecimento psíquico do filho precisa de um ambiente com qualidade e estabilidade de afeto. Em tese, portanto, a família de origem é o núcleo primário de afeto, cuidado, proteção, socialização e solidariedade. Nesse caso, já que existe no Art. 22 do ECA (BRASIL, 1990) a questão do “cuidado”, do “sustento” e da “proteção”, seria pertinente pensar que a “sustentação” proposta por Winnicott, denominada *holding*, não estaria associada a isso? Talvez sim, pois, é imprescindível ao *holding*, o “cuidado” e a “proteção” aos filhos.

Convém não esquecermos que na base de todas as relações entre as pessoas (seja familiar ou não) estão implicados, paradoxalmente, o amor e o ódio. Conforme afirmou Figueiredo (2012), o trabalho dos afetos em suas inúmeras diferenciações está na base de tudo: “o amor – aproximação, ligação e apreensão – e o ódio – afastamento, desligamento e evitação” (FIGUEIREDO, 2012, p. 117). Assim, o enquadre familiar estável não é o que predomina no recorte deste estudo. Considerando a situação das adolescentes institucionalmente acolhidas, elas deveriam ter feito uma experiência de “lar minimamente satisfatório” com a família de origem, logo, ter-se-ia evitado chegar a esse extremo com a necessidade de afastamento do convívio familiar. Conforme abordei antes, é indiscutivelmente mais importante para uma adolescente mãe viver numa família psiquicamente estável, embora em situação de pobreza, do que em qualquer outro lugar, mesmo numa instituição de acolhimento, por melhor que ela tente atender seus acolhidos. Com o acolhimento institucional, além do agravante com a fragilização ou rompimento dos vínculos, a situação delas torna-se paradoxal, pois não estão vivendo com a família de origem e passaram a viver numa instituição mediante medida protetiva. Embora vinculadas juridicamente a essa família, com pais que não exercem as funções parentais, ou seja, há uma família que abriu mão da responsabilidade de cuidar dos filhos, conforme destacaram Silva e Aquino (2005).

Tanto os motivos que acarretam o acolhimento – a violação de direitos, o abandono por parte dos responsáveis, o alcoolismo, o uso de drogas, a violência intrafamiliar com maus tratos, abuso sexual etc. – quanto as condições físicas e psíquicas das jovens grávidas ou com o/s filho/s na ocasião da chegada à instituição acolhedora, indiciam o estado de fragilidade generalizada em que se encontram. É necessário observar se as adolescentes apresentam sintomas que indiquem a angústia subjacente gerada pela separação da família, por exemplo: enurese noturna, dores no corpo, irritação cutânea, hábitos desagradáveis etc., conforme recomendou Winnicott (2005), que desenvolveu um trabalho com crianças e adolescentes evacuados, separados de suas famílias durante a Segunda Guerra Mundial. Obviamente que investir na compreensão das jovens deve ser prioridade por parte dos profissionais que trabalham na instituição, pois eles podem ajudar a amenizar o estado em que as jovens se encontram.

Quando essa separação ocorre por falecimento, a pessoa vivencia a dor e, enlutada, elabora a situação seja em contexto de acolhimento institucional ou não. Mas no caso em questão, a jovem é separada por medida judicial de um ente familiar (da mãe ou do pai vivos) que permanece vivo dentro dela. Embora em grande parte dos casos esses responsáveis foram

negligentes com as filhas, convém ressaltar que separar e desvincular são coisas distintas. Sendo assim, essas jovens provavelmente utilizam mecanismos psíquicos enquanto estratégia de sobrevivência, já que o afastamento é radical, por um período indefinido ou para sempre quando há a perda do poder familiar.

Winnicott chamou a atenção para o fato de que a criança e qualquer ser humano têm um limite e capacidade para “manter viva a ideia de alguém a quem ama, quando não tem contato com essa pessoa” (WINNICOTT, 2005, p. 48-49). O afastamento judicial das famílias, em especial da mãe, em muitos casos das adolescentes que não recebem visitas de parentes, pode deixar em estado de extremo sofrimento psíquico, mesmo considerando a fragilidade dos laços primários. Há uma forte carga simbólica (paradoxal e ambivalente) em torno da figura da mãe, seja para amá-la – se seus investimentos de afeto com a filha foram positivos –, seja para odiá-la – se houve omissão e negligência com a filha, de modo que a filha vive ressentida, tem raiva e não consegue pronunciar o nome da mãe, inclusive ocorre de querer se vingar da genitora, conforme ocorreu no caso de Bete (uma das adolescentes participante da pesquisa).

Os casos de impossibilidade de retorno à família de origem, ou seja, de reintegração na família nuclear ou extensa em seus diversos arranjos, acarretam o rompimento dos vínculos que gera sofrimento psíquico e se não houver o *holding* institucional pode se instalar o vazio da história pessoal, de pertencimento familiar, social e de identidade. Torna-se fundamental perceber, a partir do comportamento das jovens e do atendimento psicológico, os recursos internos preservados e saudáveis, além dos sentidos de sobrevivência, de resiliência individual e, considerando Winnicott (1975), especialmente a disponibilidade para “brincar”. Embora a condição de acolhimento seja legalmente excepcional, espera-se que o *holding* institucional além de ser uma referência temporária, seja reparadora para as jovens. Fazendo uso de um trocadilho para dizer de outro modo: re – PARAR – a – DOR dessas adolescentes mães que precisam urgentemente de cuidados.

No trabalho desenvolvido por Winnicott (2005) com crianças e adolescentes num contexto de alta violência devido à Guerra, conforme já mencionei, eles foram privados da convivência familiar e foram postos em lares adotivos até voltarem para as suas famílias após o fim da Segunda Guerra Mundial ou em instituições – os que tinham comportamento antissocial. A partir desse referencial winnicottiano seria possível fazer um paralelo com as jovens acolhidas em instituição mediante medida protetiva? Guardando os distintos contextos, proporções e contingências, seria possível pensar que a separação da família é um modo de evacuação também, pois, simbolicamente é um resgate de uma situação de “guerra” familiar,

do real perigo em casa, que visa efetivamente proteger a menor dos malefícios da própria família de origem – com riscos de violação de seus direitos, que, dentre outras consequências, poderia acarretar o desenvolvimento mental perturbado e distorcido. Sair de uma família disfuncional, numa infinidade de casos, pode gerar um alívio para a menor.

Embora oriundas de contextos familiares em crise, com sérios problemas de disfuncionalidade, essas adolescentes foram desenraizadas, tiradas de seus lares precários e postas entre estranhos – acolhidas num lar institucional. Com o acolhimento, elas vivenciam o fato de estarem longe de casa (do lar) e sem família. Se a palavra *lar* já era destituída de amor, elas permanecem desligadas da ideia desse sentimento nesse lar provisório? As adolescentes conseguem se integrar no ritmo da instituição ao ponto de se sentirem em casa e de terem o sentimento de estar em família? Afinal, não foram acolhidas para passarem poucos dias. Lembro que se sentir em família necessariamente não precisa ser a família de origem, mas pode ser a rede de afeto e apoio construída durante o tempo de permanência dessas jovens mães na instituição.

Não sendo, portanto, possível o retorno à família de origem (pai e mãe), tentar-se-á inserir as adolescentes mães na família extensa (avós, tios, irmãos etc.) ou num novo contexto em família substituta, na forma de guarda, tutela ou adoção. Embora a adoção tenha pouca probabilidade de acontecer devido ao perfil etário das jovens não ser o mais procurado pelos pretendentes, bem como pelo fato de serem mães (estarem com um bebê/criança). Então o trabalho institucional a ser desenvolvido, além de favorecer uma agenda regular de experiências sociais que atenda às necessidades das acolhidas, que promova oportunidades reais de desenvolver seus potenciais, visará o trabalho gradativo para o desligamento delas desse serviço. Esse tipo de desligamento visa à reabilitação psicossocial, inclusive com inserção das adolescentes nos programas de qualificação profissional e a inclusão no mercado de trabalho através de contratações previstas na lei.

Porém, é fato que em diversos casos nenhuma das alternativas acima descritas são contempladas antes das jovens mães atingirem a maioridade, mesmo elas dispoendo de uma pequena quantia financeira mensal sendo beneficiárias no Programa Bolsa Família<sup>16</sup>. Assim, elas permanecem em situação de acolhimento institucional: (a) até conseguirem ter autonomia para cuidarem de si e do filho; (b) até conseguirem cuidar apenas de si quando por vontade própria elas entregam os filhos para a adoção; (c) até conseguirem cuidar apenas de si quando por determinação judicial perdem a guarda dos filhos; (d) pela ausência de perspectiva de

---

<sup>16</sup> Esse Programa Social do Governo Federal consiste na transferência de renda sob condições para o repasse ao beneficiário.

viverem autonomamente quando atingem a maioridade em função de vários fatores, dentre eles, por serem portadoras de alguma doença ou deficiência; (e) por não existir no município o serviço de acolhimento em república<sup>17</sup>.

Por conseguinte, ressalto que o acolhimento, ainda que seja temporário, em diversos casos (não só os excepcionais como deveria ser) se prolonga e pode durar anos sem perspectiva de desligamento e, com isso, também precisa ter a sustentação (*holding*) institucional – de cuidado, assistência, pertencimento, manutenção, de modo que é necessário existir um ambiente suficientemente humano. Estou destacando os casos excepcionais de adolescentes mães que precisam do apoio indispensável da instituição de acolhimento e não serão desligadas do serviço em poucos dias, pelo contrário, isso corresponde a viver uma parte significativa da vida institucionalizada. Não há publicada uma estimativa, nem sobre o Brasil, nem sobre a Paraíba, de quantas adolescentes mães são desligadas do serviço de acolhimento antes dos dois anos, nem quantas permanecem e por quanto tempo.

Conforme destaquei no início deste tópico, o UNICEF (2011) emitiu uma definição de que o acolhimento institucional é uma “modalidade de desvantagem social” por caracterizar a vulnerabilidade pela privação da convivência familiar e comunitária. Esse posicionamento talvez se justifique por se pensar que o acolhimento institucional deixa as adolescentes desprotegidas, privadas de afeto e representa riscos para elas. Talvez porque as instituições acolhem, mas não conseguem dar o *holding* que cada uma das jovens precisa.

Creio que seja conveniente esclarecer que as Instituições Não Governamentais acolhedoras devem seguir as “Orientações Técnicas” (BRASIL, 2009) recomendadas para seu funcionamento com o oferecimento desse serviço. Considero questionável o aspecto da “privação” do afeto e da convivência comunitária definida pelo UNICEF. Se as jovens, através de medida protetiva, já saíram da situação familiar de risco por violação de direitos, com o acolhimento elas vão estar sujeitas a outros riscos pela privação de convivências? São riscos sobrepostos? Ocorre a privação da convivência familiar, sobretudo para as adolescentes que não têm contato com os familiares, nem recebe a visita deles, mas não ocorre a privação da convivência comunitária. E quando acontece de elas continuarem a permanecer na

---

<sup>17</sup> Esse tipo de serviço de acolhimento “oferece apoio e moradia subsidiada a grupos de jovens em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social; com vínculos familiares rompidos ou extremamente fragilizados; em processo de desligamento de instituições de acolhimento, que não tenham possibilidade de retorno à família de origem ou de colocação em família substituta e que não possuem meios para auto-sustentação”, os jovens devem ter idade entre 18 e 21 anos, eles são acolhidos por gênero em unidades distintas (no máximo seis usuários por unidade), dentre as “Orientações Técnicas” para esse tipo de serviço de acolhimento está recomendado “a devida atenção à perspectiva de gênero no planejamento político-pedagógico do serviço, inclusive no que tange aos direitos sexuais e reprodutivos e à proteção à maternidade” (BRASIL, 2009, p. 85-89).

instituição por falta de perspectiva de inserção em família extensa ou substituta ou por não adquirirem autonomia de viverem sem o apoio institucional após completarem a maioridade, conforme elenquei alguns motivos acima?

Uma resposta (hipótese) seria considerar o que Winnicott (2005) escreveu sobre a experiência de crianças e adolescentes afastadas das famílias devido à Guerra: se as adolescentes estiverem suficientemente amadurecidas “emocionalmente para suportar a separação, poderiam beneficiar-se com a mudança” e “experimentariam um novo tipo de lar, ampliariam seus limites e teriam, talvez, um novo contato saudável com a vida” (WINNICOTT, 2005, p. 34). Ou seja, após terem rompido os vínculos com os pais e/ou irmãos, poderiam vincular-se novamente a partir do afeto, da amizade e da identificação.

Parece-me oportuno e esclarecedor destacar a diferenciação publicada no **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária** (PNCFC), (BRASIL, 2006), entre os conceitos de “família” e de “rede social de apoio”:

A diferença entre “família”, como rede de vínculos, e como “domicílio” tem um importante caráter operacional no interior de programa e serviços sociais, pois há vínculos que definem obrigações legais entre pessoas que não moram no mesmo domicílio e que são reconhecidas e se reconhecem como “família”, como no caso de crianças e adolescentes que não residem com pelo menos um de seus pais. Além disso, o cotidiano das famílias é constituído por outros tipos de vínculos que pressupõem obrigações mútuas, mas não de caráter legal e sim de caráter simbólico e afetivo. São relações de apadrinhamento, amizade e vizinhança e outras correlatas. Constam dentre elas, relações de cuidado estabelecidas por acordos espontâneos e que não raramente se revelam mais fortes e importantes para a sobrevivência cotidiana do que muitas relações de parentesco. [...] Aos diversos arranjos constituídos no cotidiano para dar conta da sobrevivência, do cuidado e da socialização de crianças e adolescentes, dá-se o nome de “rede social de apoio”, para diferenciá-la de “família” e de “família extensa”. É preciso lembrar, nesses casos, que, se as obrigações mútuas constituídas por laços simbólicos e afetivos podem ser muito fortes, elas não são necessariamente constantes, não contam com reconhecimento legal e nem pressupõem obrigações legais. (BRASIL, 2006, p. 28).

A instituição acolhedora abre um caminho para que essas jovens façam novos vínculos de caráter simbólico e afetivo através da “rede social de apoio” – e quiçá o vínculo familiar, caso ocorra a adoção da jovem com/ou sem seu filho, bem como vínculos entre as próprias acolhidas, com os profissionais da ONG, com as pessoas que frequentam a instituição e têm contato com elas, com as várias pessoas e profissionais com os quais elas se relacionam nas atividades diárias, a exemplo da escola. Sendo assim, não se caracterizam apenas em relações institucionais, mas de amizade, afeto e identificação.



### **I.1.2.3.1 A vivência da adolescência e da maternidade em contexto de acolhimento**

Pesquisas qualitativas, principalmente na área da saúde, apontam semelhanças entre o perfil das adolescentes com vivência de rua e a vivência da maternidade, dentre elas, o desconhecimento que as jovens têm do próprio corpo e do sexo – este, além de ser praticado de modo arriscado, não é associado ao prazer e ao desejo, conseqüentemente, a gravidez não planejada ou indesejada é fruto de relações ocasionais ou de vínculos frágeis (Cf. GONTIJO; MEDEIROS, 2004; 2008; PENNA et al., 2012; dentre outros). No entanto, cada estudo pontuou particularidades que as diferenciam dos demais estudos qualitativos, contribuindo para o debate sobre o tema dessa população que se encontrava institucionalmente acolhida.

Gontijo e Medeiros (2008) pesquisaram adolescentes, numa instituição não governamental, que vivenciaram processo de ruptura intensa dos vínculos sociais. Identificaram que a maternidade foi significada de forma positiva, havia satisfação com a construção de um vínculo de afeto genuíno com o filho, pois o cuidado materno estruturou a vida em torno das necessidades dele, ao contrário do que foi vivido na “cultura da rua” na qual a única perspectiva era a morte. O filho, então, acabou com a solidão e o abandono vivenciado pelas adolescentes e elas acreditavam numa relação duradoura com o filho, de dar e receber amor. O filho era entendido como um “salvador” de uma morte certa nas ruas e as jovens depositaram nele expectativas de um futuro melhor. No entanto, as possibilidades de construção dessas expectativas estavam relacionadas ao acolhimento institucional, pois nas ruas elas não pensavam em nada disso.

A ajuda dos educadores da instituição dada às adolescentes nos primeiros cuidados com o bebê – amamentação e banho, por exemplo – foi ressaltada por ter uma “importância vital” para elas, pois amenizou a insegurança e o desconhecimento delas sobre o comportamento do bebê e os cuidados com ele. Essas dificuldades também se relacionavam ao modo como estavam acostumadas ao ritmo das ruas e do próprio corpo, ou seja, a organização não se regulava com base em horários e rotinas. Assim, a vida durante o acolhimento institucional e os cuidados com o filho exigiam um ritmo diferenciado, e com isso, exigia esforço da parte delas para se adaptarem (GONTIJO; MEDEIROS, 2008).

O exercício da maternidade, portanto, mostrou-se como uma oportunidade de estabelecimento de novas formas de estar e de se relacionar no mundo, construídas de modo compartilhado – com os educadores e com as outras adolescentes acolhidas e seus filhos. Assim, elas se desvincilharam dos padrões comportamentais vividos anteriormente, ficando evidente que, nesse caso, a instituição favoreceu a vivência da maternidade assistida, a

descoberta de suas capacidades de serem mães, o resgate da sua autoestima, a construção de sua independência e autonomia (GONTIJO; MEDEIROS, 2008).

Joffily (2010) pesquisou em entidade pública e elencou vários significados atribuídos pelas adolescentes à gravidez e à maternidade. A gravidez significou: 1) ser protegida e amparada pela instituição, ter casa e comida enquanto estiver sob a proteção do ECA; 2) adquirir uma ideologia na vida: ser mãe de família, além de desejar consolidar a relação com o masculino e a entidade adulta; 3) a expulsão de casa, a rejeição familiar e a perda do companheiro; 4) pecado, culpa, alegria e a própria vida; 5) a possibilidade de reparar a culpa através da aceitação social do filho, que, conseqüentemente, significará sua própria inserção social; 6) realizar o sonho de Cinderela, a busca por construir uma família nuclear e a perpetuação do amor romântico; 7) a perda da fase adolescente, da identidade adolescente, do corpo adolescente e da liberdade adolescente; 8) a busca de referências e de continente para a vida; 9) medo da vida e da morte; 10) um acidente que se transforma em maternidade onipotente; 11) reviver a infância, vínculos afetivos primários e a busca de amor; 12) não ficar só no mundo e ter alguém muito especial na vida; 13) ter alguém que garanta proteção e subsistência básica no futuro; 14) aquisição de um maior *status* social e uma identidade adulta.

A maternidade significou ou foi significada como: 1) a saída da vida nas ruas e da vida com as drogas; 2) ser cobrada e exigida, pelas instituições, como mãe adulta; 3) estigma e discriminação; 4) um alibi para não continuar os estudos e a motivação para se esforçar para ser alguém na vida; 5) a inserção no mundo adulto do trabalho e a perda dessa inserção e da proteção do ECA; 6) adquirir a identidade de boa mãe, maior valorização social e elevação da autoestima (JOFFILY, 2010).

Penna et al. (2012), por sua vez, identificaram que a percepção das adolescentes acolhidas em instituição pública sobre a maternidade se relacionou à construção de gênero, à aquisição de uma identidade social que reproduz o papel esperado para a mulher, que é ser mãe. O processo da maternidade, no entanto, foi vivido de forma ambivalente, as adolescentes expressaram fatores positivos e negativos. A perspectiva positiva se relacionou a transformação da realidade vivida com a chegada do filho que requer novas prioridades e responsabilidades. A perspectiva negativa decorreu da limitação da maternidade na adolescência relacionada à imaturidade inerente à idade, intensificada ao ser associada à sua situação de vulnerabilidade psicossocial.

A instituição enquanto espaço acolhedor é “campo fértil para ações emancipatórias de cuidados no sentido de favorecer a ressignificação dos modos de viver” (PENNA et al., 2012,

p. 550) relativos aos padrões de comportamento construídos com a vivência nas ruas. A instituição tentou minimizar as dificuldades apontadas pelas adolescentes, sobretudo relativas às regras para o cuidado com o filho pautadas na afetividade e na não violência. Elas tentavam compreender que bater no filho é errado, não é educativo, além de poder comprometer o vínculo entre eles. No entanto, as pesquisadoras destacaram uma questão: “Como, então construir uma relação afetiva com o filho num processo de maternidade saudável diante de um contexto de vida permeado por tantas precariedades, inclusive de afeto no contexto familiar?” (PENNA et al., 2012, p. 550).

Em outra pesquisa, Santos e Motta (2014), norteadas pela escuta psicanalítica, usaram os conteúdos pesquisados em diálogo com a teoria de Winnicott. As autoras enfatizaram o vazio e as lacunas que se abrem na vida das adolescentes que vivem em contexto institucional. Suas relações são construídas pela ruptura dos laços, pela perda de referências, pela dor, pela falta, “pela carência de uma experiência de afeto estruturante na constituição do ego” (SANTOS; MOTTA, 2014, p. 522). Desse modo, o filho representou “esperança” e “resgate” da ausência e/ou perda da experiência de afeto e o abandono anterior e o vazio foram superados a partir da constituição de um núcleo familiar (mãe-filho) e da experiência da parentalidade. Ou seja, “[...] há espaços no mundo interno dessas jovens que precisam ser preenchidos; vazios criados pelo mundo adulto e pela sociedade que falha em dar continência às demandas dos indivíduos e às suas necessidades [...]” (SANTOS; MOTTA, 2014, p. 523).

Essas autoras destacaram que, embora a gravidez na adolescência ocorra em todas as classes sociais, existe um significado distinto sobre essa experiência para as jovens que passam por privações – serem reconhecidas, tornarem-se visíveis ao mundo, serem tratadas como cidadãs em consequência da nova função e papel social, o de serem mães. A maternidade é também uma oportunidade de buscar o que cada uma tem de verdadeiro, de tornarem-se pessoas melhores, enfim, de cada uma encontrar a sua humanidade, embora isso seja difícil mediante a intensa vivência de violência já sofrida (SANTOS; MOTTA, 2014). Conforme explicaram:

Tanto a violência estrutural, aquela que envolve os aspectos históricos, econômicos e culturais, quanto as outras formas de violência (física, psicológica, sexual e a negligência) interferem no desenvolvimento do processo de subjetivação do ser humano, que passa a ter que viver concretamente, no corpo e nas atitudes, suas angústias, medos, prazeres. O sentimento de confiança não se estabelece e o indivíduo organiza seu Eu de forma insegura, o que torna seu viver de forma criativa um desafio. A violência impede que o homem se torne um ser humanizado. O sentimento de entrega que existe na relação mãe-filho torna-se um desafio diante da falta de sustentação do ambiente e da insegurança interna do indivíduo. De uma geração a outra, o sentimento de insegurança é transmitido, assim como a necessidade de provocar o ambiente para saber se é possível confiar nele ou não. O que não se pode esquecer é

que essa situação revela um pedido de ajuda, que se for percebido a tempo pode modificar a maneira pela qual as relações vêm sendo construídas. (SANTOS; MOTTA, 2014, p. 524).

A “sustentação” (*holding*) é uma necessidade que se estende ao longo da vida para cada indivíduo, variando o grau de dependência e o modo como se apresenta. Para essas jovens mães, a assistência institucional representou um apoio e a “sustentação” para suas angústias, medos, dúvidas e necessidades presentes durante a gestação e os primeiros anos de vida de seus filhos, de modo que a maternidade não se tornasse um peso para elas. Esse cuidado foi fundamental para suprir suas demandas e auxiliar o processo de amadurecimento pessoal, de reconstrução de sua história e, conseqüentemente, a conquista de sua autoconfiança e habilidades necessárias para assumirem a maternidade. As autoras, então, recomendaram que, antes de previamente ser colocada em dúvida a capacidade das jovens de se vincularem a seus filhos e de cuidarem deles, devido a sua idade biológica, deve-se priorizar a “sua história pessoal e suas condições emocionais para realizar a maternagem”, afinal, em qualquer faixa etária ela pode ser precária (SANTOS; MOTTA, 2014, p. 524).

Finalizando este tópico considero que não podemos perder de vista que a institucionalização dessas jovens mães é temporária, em algum momento elas serão desvinculadas do serviço, serão desinstitucionalizadas. O trabalho da instituição, além dos cuidados urgentes e imediatos já citados, deve ser no sentido da conquista da autonomia concreta e efetiva dessas jovens, favorecida também através de mecanismos eficientes do ingresso no mercado de trabalho e a manutenção da educação formal. Isso só será possível após a imersão num processo que restaure o seu “viver criativo”, conforme postulou Winnicott (1975). Seja recriando a vida sem o filho, em consequência da perda da guarda por motivos justificados, seja recriando a vida com o filho, sua identificação com ele, assumindo a maternidade e todos os desdobramentos decorrentes.

## **I.2 Winnicott e Ostrower: situando os discursos sobre a criatividade**

Este tópico é iniciado com a apresentação das concepções sobre criatividade postuladas por Donald W. Winnicott e por Fayga Ostrower. Ambos os autores incrementam suas proposições entrelaçando a criatividade a outros conceitos que lhes dão sustentação teórica e operacional. Visando enriquecer a reflexão trago algumas contribuições de seus comentadores e outros autores. O tópico é finalizado com breves comentários sobre a experiência artística.

Tema estudado por pesquisadores de diversas áreas da atuação humana há mais de um século, a criatividade enquanto dimensão psíquica foi revelada a partir de pesquisas focadas na inspiração e na criação da mente humana. A psicologia, ao trabalhar na compreensão dos fenômenos mentais, sem dúvida, foi definidora para o entendimento da capacidade imaginativa e criativa do ser humano. Inicialmente, os estudos foram centrados nas pessoas inventivas ao se considerar que a criatividade era exclusiva dos artistas, gênios e inventores. Com o posterior enfoque dado aos processos da imaginação, definiu-se a criatividade enquanto potencial inerente ao ser humano, podendo variar em maior ou menor grau. Várias teorias contribuíram para o debate sobre a criatividade (Cf. NICOLAU, 1997).

A base sobre a teoria da atividade criadora na psicanálise foi preparada por Freud. Ele sustentou a tese de que a criatividade tem sua gênese em um conflito inconsciente movido pela energia sexual enquanto catarse criadora. De modo sintetizado, a criatividade (o fenômeno criativo) está relacionada a uma determinada dinâmica psíquica, sobretudo mobilizada pela pulsão que encontra na sublimação a sua destinação. Laplanche e Pontalis explicaram:

Freud, ao longo de toda a sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual: por exemplo a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a quem uma dada sociedade confere grande valor. É uma transformação das pulsões sexuais que Freud procura a causa última destes comportamentos. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 495).

Nessa perspectiva a canalização das forças do inconsciente usadas pelas pessoas criadoras gerariam suas produções. As soluções das forças inconscientes podem ser criativas, para fins construtivos através de processos de sublimação, ou neuróticas, canalizadas em violência e destruição quando frustradas. Vê-se, portanto, que Freud deu relevo à motivação da criatividade.

Estudiosos indicaram contradições e lacunas nos argumentos de Freud: “A ausência de uma teoria coerente da sublimação permanece sendo uma das lacunas do pensamento psicanalítico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 497), o próprio Winnicott afirmou: “Freud utilizou a palavra ‘sublimação’ para apontar o caminho a um lugar em que a experiência cultural é significativa, mas talvez não tenha chegado ao ponto de nos dizer em que lugar, na mente, se acha a experiência cultural” (WINNICOTT, 1975, p. 133).

Observa-se, no entanto, que Winnicott não desconsiderou a matriz freudiana acerca da criatividade quando afirmou que um dos objetivos da construção da personalidade é tornar o indivíduo capaz de drenar o seu instinto. Por essa razão, é necessário que ele tenha liberdade

de expressão para poder dominar e converter a sua crueldade e avidez em atividades sublimadas (WINNICOTT, 2005, p. 102). Para exemplificar, ele citou a necessidade inerente a qualquer pessoa que exerça uma profissão para usar as suas aptidões. Destacou o caso do médico, questionando o que seria desse profissional se fosse privado de exercer o seu trabalho. Ele citou também os casos da adolescência e do paciente psiquiátrico, para ambos “a terapia ocupacional é frequentemente o ponto de partida para uma relação construtiva com a sociedade” (WINNICOTT, 2005, p. 117), pois dentre os recursos usados na terapia ocupacional visando à reabilitação estão as linguagens artísticas. Todavia, esse autor adverte que, embora a arte possa favorecer pacientes a realizarem “excelentes produções artísticas”, revelando saúde potencial, não significa que isso seja “saúde propriamente dita” (WINNICOTT, 1983, p. 223-224).

Embora o psicanalista britânico tenha feito referências à arte e aos artistas nos seus escritos, esclarece que a sua definição de criatividade é separada da ideia de criação da obra de arte. Desse modo, uma gama infindável de coisas, além da criação artística, pode ser considerada criações como: uma refeição, um jardim, uma casa, um vestido, um penteado etc. Ele foi mais além nas suas explicações ao relacionar a criação ao “impulso criativo” e defini-lo como:

[...] algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando *qualquer* pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical. Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança [...] que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele. (WINNICOTT, 1975, p. 100, grifo do autor).

Sem fazer distinção etária das pessoas, o psicanalista associou ao “impulso criativo” desde ações involuntárias, como respirar, até a inspiração de um profissional que deliberadamente dá forma a uma ideia e concretiza algo.

Winnicott bebeu em diferentes correntes psicanalíticas e trouxe consideráveis contribuições à psicanálise, dentre elas, a “teoria do amadurecimento humano”, quando abordou, de modo inédito, a “criatividade originária”, relacionada aos estádios primitivos do crescimento e desenvolvimento individuais na primeira infância enquanto ponto de origem. A “criatividade” funda o funcionamento psíquico, o modo de ser de alguém e tem ressonâncias psíquicas ao longo da vida, pois é uma proposição universal e relaciona-se ao estar vivo. Ele fez um recorte para definir o que considerou criatividade:

A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. Supondo-se uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade, tudo o que acontece é criativo, exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos. (WINNICOTT, 1975, p. 98-99).

Outro conceito criado por ele foi o de “espaço potencial”, o lugar na mente onde se localiza a experiência cultural, situado entre a realidade psíquica e a realidade compartilhada. O espaço potencial é caracterizado pelos “objetos transicionais” enquanto matriz da experiência cultural que constitui a maior parte da experiência do bebê e ao longo da vida é conservada na experimentação com a cultura (WINNICOTT, 1975, p. 30). Ou seja, “começa como um jogo e conduz ao domínio da herança humana” (WINNICOTT, 1999, p. 19-20) – arte, ciência, religião, filosofia etc. Portanto, para além da atividade lúdica e do senso de humor, essa área “aparece também na forma de toda a cultura acumulada nos últimos cinco ou dez mil anos. O intelecto bem dotado pode operar nesta área. Ela é um subproduto da saúde” (WINNICOTT, 1999, p. 19-20).

A grande intuição de Winnicott foi dimensionar o lugar da experiência cultural para o processo de subjetivação a partir da transicionalidade. Esse parâmetro de subjetivação, segundo Luz (1998), é pautado no modelo estético, a atualidade do seu pensamento “está em refletir sobre a prevalência da dimensão poética – o gesto formativo sobre a matéria sensível – na gênese e na estruturação do sujeito em sua diferença e singularidade frente aos protocolos já estabelecidos da experiência cultural” (LUZ, 1998, p. 214). Já Khan (2000) ressaltou que:

Winnicott estava inteiramente cômico de que o conceito de objeto transicional tinha estreita correspondência com certos conceitos da literatura e da arte. Por exemplo, as colagens cubistas de Braque e Picasso apresentam claramente a característica do objeto transicional, pois integram o dado ao criado, o imaginado ao concretamente encontrado – num espaço único, o da tela – e lhes dão ali uma unidade e uma realidade novas. [...] É por essa razão que mais tarde, próximo ao final de sua vida, Winnicott interessou-se tanto pelo modo como a cultura, com seu amplo vocabulário de símbolos e suas atividades simbólicas, ajuda o indivíduo a encontrar e a realizar a si mesmo. O conceito de objeto transicional ajudou o pensamento psicanalítico a reavaliar o papel da cultura como uma contribuição positiva e construtiva à experiência humana, em vez de como fonte de mal-estar. (KHAN, 2000, p. 21).

Ao valorizar o espaço entre a realidade interna e a realidade externa, Winnicott propôs inversões ousadas das operações conceituais no solo de fundação do campo psicanalítico e, por isso, seu gesto teórico foi “genial”, conforme afirmou Birman (2008).

Ostrower, por sua vez, se reportou a Freud e à sua teoria em várias passagens na sua reflexão, mas a discussão acerca da psicanálise não foi o propósito do seu trabalho. Ainda que escrita décadas antes da produção teórica dessa autora, nenhuma citação sobre a teoria de Winnicott consta nos seus livros, indicando que ela não o usou como referência. A sua

posição sobre a “criatividade” e os “processos criativos” é abrangente, integrada de modo intrínseco ao viver de qualquer ser humano e não a limitando apenas à arte e aos artistas.

Dentre os vários ângulos da criatividade abordados por ela, destaquei a “imaginação criativa” definida como “um pensar específico sobre um fazer concreto” (OSTROWER, 1989, p. 38), ou seja, para uma pessoa poder ser criativa “a imaginação necessita identificar-se com uma materialidade. Criará em *afinidade* e *empatia* com ela, na linguagem específica de cada fazer” (OSTROWER, 1989, p. 39, grifos da autora). A imaginação criativa dependerá da capacidade de cada pessoa de se relacionar com certas matérias. Nesse caso, particularizei a “materialidade” em relação à argila e à linguagem da cerâmica.

A autora também fez uma reflexão sobre valores humanos em meio a uma época comprometida com a massificação que esmaga o potencial criador, alienando as pessoas de modo condicionado, como uma “deformação do consciente”. Ela mergulhou na razão existencial com destaque para a dimensão humana e humanizante da arte, onde através do potencial criador podemos encontrar caminhos que façam sentido à vida ser vivida e explicou: “Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida” (OSTROWER, 1989, p. 5).

A partir da vinculação cultural, portanto, as pessoas são influenciadas no modo como pensam, percebem, sentem e se comportam. Pode-se inferir que a cultura globalizada, midiática e virtual na contemporaneidade é reveladora disso ao observarmos os efeitos generalizados da coisificação, do desenraizamento, da alienação e da manipulação do ser humano com a submissão e adaptação a valores banais. Assim, vive-se quase sempre sem usufruir do potencial criativo, agravado pelo atual sistema político, econômico, social e educacional brasileiro, que afunila o poder aquisitivo da população. Nessa trágica história brasileira de desigualdades, pobreza e exclusão estão as adolescentes mães acolhidas.

Winnicott e Ostrower abordaram sobre o ser humano criativo e a relação deste com a cultura e seu fator determinante na vida das pessoas. Embora eles estejam em campos epistemológicos distintos – o campo clínico e o campo artístico –, inseridos em diferentes contextos teóricos, com pressupostos e desenvolvimentos igualmente diferenciados, se tangenciam: Winnicott e Ostrower consideraram que a criatividade é inata ao ser humano, não está restrita à arte, e que criar e viver estão interligados. Ambos defenderam também, que, se as circunstâncias da vida forem desfavoráveis, podem alienar o indivíduo, impedindo-o de ser criativo. Observa-se então, que a psicanálise e a arte podem caminhar juntas, em movimento, se auxiliarem, embora não se confundam, porque elas não necessitam uma da outra para existirem.



### I.2.1 Winnicott e a criatividade originária

No decorrer de quatro décadas atuando como pediatra, Winnicott atendeu cerca de 60 mil pessoas – bebês, crianças, mães, pais e avós – e criou a “teoria do amadurecimento humano” enquanto tendência inata à integração que precisa de uma mãe-ambiente facilitadora, conforme abordamos anteriormente. Para ele, não são as forças pulsionais em conflito que põem a vida em movimento; os bebês tendem a amadurecer de modo inato se houver alguém que facilite esse processo (Cf. KHAN, 2000).

Apresentada como universal e inerente à natureza humana, a criatividade e seu potencial são aspectos da vida que se relacionam ao estar vivo – situados desde os primórdios da vida psíquica quando os fenômenos estão ligados a experiências não-discursivas, pré-reflexivas, de vulnerabilidade e dependência absoluta em relação à mãe-ambiente. Isso ocorre antes da aquisição do recurso linguístico, e gera consequências na vida adulta (Cf. SAFRA, 2008; 2009a; BEZERRA JÚNIOR, 2007).

O psicanalista britânico postulou sobre a fundamental importância, na primeira infância, do cuidado e do apoio da “mãe suficientemente boa” (WINNICOTT, 1975), não necessariamente a mãe biológica, mas quem se considera/ocupa a “figura de mãe” – pessoa devotada e amorosa, presença que sustenta, oferece contenção, relaxamento e confiança ao bebê para criar, ou seja, se iludir com o que é subjetivamente concebido no período fusional com ela. Nesse período, o bebê tem a ilusão de criar o seio da mãe durante a amamentação. Paradoxalmente, o bebê cria o objeto (ou o mundo) ao mesmo tempo em que o encontra, pois o objeto (ou o mundo) já está ali:

A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse sido concebido ou concebesse o mundo. O princípio de realidade é o fato da existência do mundo, independentemente de o bebê tê-lo criado ou não. (WINNICOTT, 1999, p. 24).

A integração das experiências criativas primárias, vividas pelo bebê quando ele tem a ilusão onipotente de estar criando aquilo com que entra em contato, se bem conduzidas pela mãe, vai contribuir para a constituição da sua vida psíquica. Só por meio de experiências criativas ocorre o processo de constituição e organização de si mesmo (*self*) (Cf. SAFRA, 2008; 2009a). A criatividade, portanto, é constitutiva para esse autor. Assim, observa-se que a provisão ambiental tem importância vital no início da vida infantil do ser humano. Embora

com o contínuo amadurecimento o ser humano saudável usufrua de sua criatividade com mais complexidade, a origem desta é inerente à “criatividade originária”:

Para resolver as tarefas do estágio inicial, o bebê conta, *de propriamente seu*, com a tendência inata ao amadurecimento e com a *criatividade originária*. Mas o bebê não pode ir criando o mundo no vazio, apenas com seus próprios recursos: é preciso que haja uma provisão suficientemente boa de cuidados para que ele possa realizar – tornar real – o seu potencial criativo. A criatividade é finita e, para permanecer viva, precisa ser exercida. (DIAS, 2003, p. 169-170, grifos da autora).

Do contrário, se houver falha precoce e grave em relação a esse cuidado nos primórdios da vida, ocorrerá, no tempo presente, o aparecimento de sintoma referente à situação traumática que compromete o potencial criativo do *self* e sua capacidade de viver espontaneamente (Cf. DIAS, 2003).

Entre a mãe e o bebê há uma área definida por Winnicott (1975) de “espaço potencial”, onde se iniciam as experiências culturais. A partir do acúmulo de experiências que produziram confiança ao bebê no amor materno, no ambiente suporte, pois a mãe atenderá às suas necessidades, de tal maneira que ele confia em si e no mundo. Isso é fundamental para que ocorra o período da “transicionalidade”. Nessa área intermediária da experiência, nesse lugar hipotético e mutável, ao mesmo tempo psíquico e real, terceira área da vida de um ser humano – o entre, área de experimentação, do “brincar/jogar”, é onde simultaneamente ocorre a emergência do sujeito e do ambiente cultural compartilhado – do mundo. Essa é, também, a área da ilusão, “do descanso necessário aos seres humanos em sua eterna tarefa de discriminar entre fatos e fantasia” (WINNICOTT, 1990, p. 127).

O “espaço potencial” está relacionado, portanto, com a experiência de viver de cada pessoa que se inicia com os “objetos transicionais”, ao modo como o bebê elege e faz uso de um determinado objeto (real) externo ao seu corpo, que fará parte da transição de um estado fusional com a mãe para um estado de diferenciação. A mãe, então, passa a ser percebida como algo externo e distinto de si, em vários momentos denominados “fenômenos transicionais”. Nesse período, é fundamental o apoio que a mãe dá ao bebê para ele suportar a frustração/desilusão da onipotência criativa, culminando com o desmame e o gradativo contato com a realidade compartilhada (WINNICOTT, 1975).

Na “transicionalidade” ele substitui a mãe por algum objeto, o subjetivamente concebido dá lugar ao objetivamente percebido, possibilitando com isso o estudo ampliado do que tradicionalmente em psicanálise se considera “relação de objeto”, ou seja, a viabilidade de considerar o objeto em si, concreto, com sua natureza e materialidade na qual tanto bebês

como crianças irão brincar. A primeira experiência de brincadeira e o primeiro uso de um símbolo por uma criança estão no uso de um objeto transicional (WINNICOTT, 1975).

Passado o período da transicionalidade, ao brincar, a criança continuará a se ilusionar e a entrar em contato permanente com o universo cultural. Transpassados os limites da família e o início do processo de subjetivação, é na cultura que cada pessoa encontrará o lugar para o contínuo processo de subjetivação, partilhando com seus pares o que lhe tem valor simbólico. A potência de criar a si mesmo, continuamente, tem na capacidade de brincar um de seus pilares. Brincar é exercício de liberdade que precisa ser praticado. Brincar, portanto, não é algo técnico, não pressupõe o falar e não é prerrogativa específica da criança (WINNICOTT, 1975). Brincar expressa uma forma de o ser humano estar no mundo, é experiência que possibilita transitar entre o mundo interno e o externo, portanto, é dimensão subjetiva, é experiência de vida que transforma a pessoa. Quem não brinca, se defende, é rígido, vive impasses e adocece.

De modo diferenciado de outras escolas psicanalíticas, a atuação clínica do tratamento psicanalítico winnicottiano tem acento no “brincar” e na “experiência”. O brincar oportuniza experiências amorfas e impulsos criativos, motores e sensoriais e é, ao mesmo tempo, por eles constituído, pois são sua matéria-prima (WINNICOTT, 1975). Além de ser próprio do humano, para Winnicott, é somente no brincar que “o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (WINNICOTT, 1975, p. 80). Por sua vez, quando o terapeuta brinca e tem prazer em brincar com o paciente, leva-o a vivenciar o que não foi experienciado. Obviamente que isso só é possível se houver confiança na provisão ambiental, onde o cuidado é imperativo, na medida em que se configura numa forma de sustentação (*holding*) apoiado no relacionamento humano, profissional. Assim, de modo resumido foi descrito o contexto onde tudo é criativo:

(a) relaxamento em condições de confiança baseada na experiência; (b) atividade criativa, física e mental, manifestada na brincadeira; (c) a somação dessas experiências formando a base do sentimento do eu (*self*). A somação ou reverberação depende de que o indivíduo possa ter refletida de volta a comunicação (indireta) feita ao terapeuta (ou amigo) em quem confia. Nessas condições altamente especializadas, o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra a ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo. Nesse posicionamento tudo é criativo. (WINNICOTT, 1975, p. 83, grifos do autor).

O viver criativo ao longo da vida é saber brincar com o mundo, é ter prazer e perceber sentido no que se faz, é o sentimento de criar o mundo no decorrer da vida, essa é a condição da existência criativa (WINNICOTT, 1975). Esse estado, constantemente renovado, se desdobra em qualidade de vida, em saúde.

Desde o nascimento até o último suspiro, portanto, a criatividade é a capacidade de cada ser humano criar o mundo de modo novo, constantemente, de ver tudo como se fosse a primeira vez (WINNICOTT, 1975). Isso pertence à experiência infantil, mas não cessa enquanto o ser humano estiver vivo. Paradoxalmente, a compreensão intelectual acerca do fato de o mundo preexistir ao indivíduo não suprime o seu sentimento de que o mundo foi criado por si, ainda que isso seja fruto de sua produção mental desde a fase da “criatividade originária”.

A condição para que a pessoa seja criativa é que ela precisa existir, ela precisa ter um sentimento de existência na forma da apercepção. Para Safra (2008; 2009a) aperceber-se é estar diante dos fenômenos – objetos e situações – do mundo de modo que a experiência seja pessoal, singular.

O fato é que aquilo que criamos já está lá, mas a criatividade reside no modo como conseguimos a percepção, através da concepção e da apercepção. Assim, quando olho o relógio, como preciso fazer agora, por exemplo, crio um relógio [...] (WINNICOTT, 1999, p. 37).

Para Winnicott (1975) a atividade criativa no adulto é o equivalente à continuidade do brincar infantil. Do mesmo modo que a “experiência ilusória” e de “onipotência” possibilita o início da atividade criativa do bebê enquanto recurso essencial e constitutivo para a criação de si (*self*), ao longo da vida as experiências criativas se complexibilizam e são igualmente fundamentais para o contínuo processo maturacional e as transformações daí decorrentes.

O *self* é o centro de cada pessoa, é ser a si mesmo e se expressar no mundo de modo singular. Isso tudo atravessa o processo maturacional e depende das articulações que ocorrem com o ambiente (Cf. BEZERRA JÚNIOR, 2007). Safra (2005) nos indicou na “face estética do self” – as dimensões materiais e sensoriais da existência enquanto elementos básicos dos processos de constituição do *self*, de modo que o assentamento cultural em que cada ser humano se encontra é uma trama estética, singularmente experienciada por cada um.

O “potencial criativo do *self*” favorece a capacidade de viver espontaneamente, é um canal aberto em relação com o mundo, conforme afirmou Bezerra Júnior: “Seu lugar é o campo relacional que une e separa ao mesmo tempo indivíduo e ambiente, a interioridade e a exterioridade” (BEZERRA JÚNIOR, 2007, p. 48). Isso amplia as possibilidades de viver e de criar a si mesmo, constantemente. Do contrário, encontramos o falso *self* ameaçado e esvaziado pela submissão ao ambiente externo. Para Winnicott (1975) a submissão está associada a não valer a pena viver. O viver criativo é poder manter a capacidade de brincar estendida para todos os sentidos da vida, sendo ativo e criando um estilo próprio, singular de

viver. Desse modo, a vida vale a pena ser vivida porque ela tem sentido. A criatividade, portanto, faz parte da experiência de vida individual em intrínseca interação com o mundo, com a cultura, enfim, com a realidade compartilhada.

### **I.2.2 Ostrower e a imaginação criativa**

Numa reflexão lúcida, refinada e fundamentada Ostrower aprofundou a compreensão de problemas relativos à criatividade e aos processos de criação em geral e naturalmente incorporou à sua reflexão o seu depoimento enquanto artista, advindo de sua experiência profissional com problemas de criatividade na arte e no seu ensino.

Essa autora considerou que os processos criativos são interligados em dois níveis da existência: o individual e o cultural. Ambos são polos de uma mesma relação que se confrontam no indivíduo. No nível individual estão as potencialidades de um ser humano único, representadas pela sua criatividade. A realização desse potencial – inerente a qualquer ser humano – é uma de suas necessidades só concretizada a partir de suas criações. No entanto, a natureza criativa do ser humano se elabora num determinado contexto cultural. Assim, por estar imerso numa determinada realidade social dentro de uma cultura, o indivíduo vive e se desenvolve tendo os próprios valores de vida moldados pelas necessidades e valorações culturais, ou seja, esse atravessamento cultural vivido pelo indivíduo atua sobre as suas configurações individuais e preestabelece certos significados para ele. Então, as suas criações – que não se restringem à arte – ocorrem dentro do quadro de uma determinada cultura. Desse modo: “O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam” (OSTROWER, 1989, p. 5).

Dentre os vários aspectos sobre a criatividade abordados pela autora estão a compreensão da forma e seus significados, na medida em que desde as culturas pré-históricas, o ser humano surge dotado com o dom singular de formar, “mais do que ‘homo faber’, ser fazedor, o homem é um ser formador” (OSTROWER, 1989, p. 9). Ou seja, a cada instante o ser humano recebe inúmeros estímulos, de modo que ele é capaz de relacionar a multiplicidade de fenômenos que ocorrem fora (ao seu redor) e dentro dele que se tornam ordenações, pois o ser humano configura esses fenômenos em experiências vivenciais dando-lhes um significado. A motivação humana para criar reside na busca por ordenação e significação. Enquanto ser consciente, motivado a compreender a vida, o ser humano é impelido a formar. Em qualquer circunstância do viver, seja em vigília ou dormindo, o ser humano relaciona e forma (OSTROWER, 1989).

Criar está, portanto, intrinsecamente relacionado a dar forma enquanto atuação de caráter simbólico, pois toda forma é ao mesmo tempo comunicação e realização (OSTROWER, 1989), além de corresponder a aspectos expressivos que refletem os processos interiores de crescimento e maturação do ser humano:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. [...] Nós nos movemos entre formas. (OSTROWER, 1989, p. 9).

Observa-se que um dos termos usado por essa autora é “forma”, definida como estrutura e ordenação, ou seja, estrutura de relações dentro de qualquer contexto e desde a tenra infância e não associada exclusivamente às questões formais relacionadas à construção do objeto artístico:

A forma é o modo por que se relacionam os fenômenos, *é o modo como se configuram certas relações dentro de um contexto*. [...] Não deve ser difícil transferir essa noção da forma, da área visual para outras áreas. A forma será sempre compreendida como a estrutura de relações, como o modo por que as relações se ordenam e se configuram. Teremos a forma de uma mesa, mas também teremos a forma de uma ação, de uma teoria, de determinada situação, de determinado caráter, ou de outro fenômeno. Desde que a forma é estrutura e ordenação, todo fazer abrange a forma em seu ‘como fazer’. Para nós não há nada, nem o existir em si, que não contenha uma medida de ordenação. Esta, nós a vivenciamos. É a forma das coisas que corresponde – não poderia deixar de corresponder – ao conteúdo significativo das coisas. (OSTROWER, 1989, p. 78-79, grifos da autora).

A ordenação de certas sensações que são estruturadas em experiências começa desde que o bebê nasce, mesmo dormindo constantemente e sem consciência de si, ele nasce com um “potencial de consciência” – embora um frágil trânsito entre o início da formação e do exercício da consciência. Sensações de conforto e desconforto associadas a outros dados, tais como cheiros, sons, tato, movimento, luz, calor etc., são alternadas ao longo dos dias em distintas situações pelas quais passa o bebê, nas quais dados internos e externos representam uma determinada experiência. Vários exemplos podem ser trazidos: destaquei o comportamento de chorar, indicando que o bebê está com fome, associado ao atendimento da mãe ao amamentá-lo e colocá-lo no colo, que pode gerar um comportamento que associa o choro ao colo, não necessariamente por estar com fome. Assim, solicitando ele é atendido (OSTROWER, 1989).

Nessa fase inicial dos bebês está a “origem da compreensão da forma e seus significados” no que a autora denominou “experiência de relacionamento”. Da presença passiva à presença, progressivamente, ativa da criança onde “os relacionamentos e as

significações se ramificam no consciente-inconsciente com crescentes cargas simbólicas” (OSTROWER, 1989, p. 78). Determinadas experiências, portanto, podem se converter em referências, essas “imagens referenciais” se formam na percepção e influem no modo de perceber e interpretar os acontecimentos.

A integração da experiência em padrão referencial é um processo que continua pela vida afora. É um processo de memória e de conscientização. Permanece processo alterável [...]. É um *processo simultâneo de subjetivação e objetivação*, abrangendo valores pessoais e culturais e interligando o plano da expressão com o da comunicação. Corresponde ao nosso crescimento interno, às nossas definições interiores; corresponde a um processo de configuração em que criamos continuamente novas formas de viver e, nelas, as formas do nosso fazer. (OSTROWER, 1989, p. 78, grifos nossos).

Percebendo a si mesmo e a realidade externa, assim como afetado pelas transformações que ele provoca na natureza, na cultura e na história, o ser humano amplia a sua consciência perceptiva e seu intrínseco desenvolvimento dinâmico, possibilitando a ampliação de complexas formas de “inteligência associativa”, constantemente, de modo ininterrupto, movido pelo seu potencial criador (OSTROWER, 1989). Crescimento e renovação contínua são consequências da ampliação da consciência para cada ser humano em seus processos de criação.

Como processos intuitivos, os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade. [...] Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente. A ela pertencem as reações involuntárias do nosso organismo, bem como todas as formas de auto-regulagem. Uma outra parte, porém, também participa do sensório, chega ao nosso consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas. É a nossa *percepção*. Abrange o ser intelectual, pois *a percepção é a elaboração mental das sensações*. (OSTROWER, 1989, p. 12, grifos da autora).

A autora destacou a sensibilidade como inerente à condição de vida, ela é “uma porta de entrada das sensações”, ou seja, é uma disposição elementar de abertura constante para o mundo e tudo que acontece em torno de cada ser humano. Mesmo considerando o vasto campo da sensibilidade, Ostrower se referiu o tempo inteiro nos seus escritos sobre a percepção. Para ela, a “percepção consciente” é uma das premissas necessárias à criação. Sabe-se que a experiência coerente criada pela mente durante o processo de percepção se dá através da organização ativa dos elementos sensoriais. O desenvolvimento da percepção é inerente ao ser humano e ocorre de modo singular, cada indivíduo vê o mundo do seu próprio modo. A experiência perceptiva sem juízo crítico ou de valor difere fenomenologicamente da experiência analisada por um observador treinado. A síntese criativa gerada a partir do processo de organização dos elementos mentais encontra expressão nas funções aperceptivas

e nas atividades de imaginação e compreensão (OSTROWER, 1989). De modo singular, com base nas experiências individuais, cada pessoa com suas emoções e seu conhecimento de mundo, interpreta os estímulos sensoriais atribuindo-lhes significado. Uma mesma experiência sensorial, portanto revela diferentes relatos das pessoas envolvidas, pois para cada experiência são gerados novos compostos psíquicos na mente humana.

A relação feita pela autora entre “sensibilidade” e “criatividade” foi exposta da seguinte maneira: primeiro ela estabeleceu uma “qualificação dinâmica” para a sensibilidade, na medida em que a própria sensibilidade se transforma, ela torna-se “faculdade criadora” ao se “vincular no ser consciente um fazer intelectual e cultural em busca de conteúdos significativos”, ou seja, a sensibilidade incorpora um princípio configurador seletivo. “Nessa integração que se dá de potencialidades individuais com possibilidades culturais, *a criatividade não seria então senão a própria sensibilidade*. O criativo do homem se daria ao nível do sensível” (OSTROWER, 1989, p. 17, grifos da autora). Ela destacou ainda, que enquanto “fenômeno social, a sensibilidade se converteria em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa para o indivíduo. No enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar.” (OSTROWER, 1989, p. 17). No entanto, ela fez uma importante ressalva: as circunstâncias de vida de um indivíduo têm que ser favoráveis, do contrário elas impedem que o indivíduo seja criativo, porque ele se aliena, quando “sua atividade *não* se lhe apresenta significativa, de um modo geral não se dá a estimulação da sensibilidade e o fazer do indivíduo dificilmente chegará a ser criativo” (OSTROWER, 1989, p. 17, grifo da autora). De fato, o atravessamento cultural exerce um papel importante nesse sentido.

Ao relacionar “comunicação”, “conteúdos expressivos”, “ordenações” e “formas”, Ostrower explicou que a capacidade humana de comunicar conteúdos expressivos não está restrita às palavras. Portanto, existem outros modos de comunicação simbólica entre o “mundo interno e o externo”, além das verbais. Outras linguagens que permitem os seres humanos se comunicarem, mas, essencialmente, no cerne da criação está a capacidade humana de se comunicar “por meio de ordenações, isto é, através de FORMAS.” (OSTROWER, 1989, p. 24, grifo da autora). A autora explicou que:

Se a fala representa um modo de ordenar, o comportamento também é ordenação. A pintura é ordenação, a arquitetura, a música, a dança, ou qualquer outra prática significante. São ordenações, linguagens, formas; apenas não são formas verbais, nem suas ordens poderiam ser verbalizadas. Elas se determinam dentro de outras materialidades. [...] O aspecto relevante a ser considerado aqui é que, por meio de ordenações, se objetiva um conteúdo expressivo. *A forma converte a expressão subjetiva em comunicação objetiva*. Por isso, o formar, o criar, é sempre um ordenar e comunicar. Não fosse assim, não haveria diálogo. Na medida em que entendemos



o sentido de ordenações, respondemos com outras ordenações que são entendidas, por sua vez, justamente no sentido de sua ordem. (OSTROWER, 1989, p. 24, grifos da autora).

Para exemplificar, destaco um aspecto relacionado à coleta de dados da pesquisa, os diálogos verbais (as conversações) ocorridas durante os encontros na oficina de cerâmica, que foram gravados, transcritos e analisados. Neles poderá ser observado o “sentido de ordenações”, elas são correspondidas e seguem uma ordem durante as comunicações (conferir a “Parte III – Modelagem dos dados”).

Exemplificando ainda, trago o fazer cerâmico. É possível falar sobre a linguagem da cerâmica, sobre seus detalhes técnicos e processuais, mas a própria “ordenação” da cerâmica, isto é, a sua forma, só é possível ser feita usando a argila, e não as palavras conforme poderá ser observada nas produções de Mila, Bete e Ceci. Isto porque “através das formas próprias de uma matéria, de ordenações específicas a ela, estamos nos movendo no contexto de uma linguagem” (OSTROWER, 1989, p. 33), nesse caso, a linguagem da cerâmica. O ceramista não imagina em termos de pensamentos e palavras. É possível ter como ponto de partida ideias a respeito da cerâmica ou de outras coisas, por exemplo, partir de emoções (conscientes ou não) ou escolher iniciar tendo referências temáticas – históricas, religiosas, da natureza, da figuração humana etc., mas isso não significa imaginação escultórica no contexto da cerâmica.

Lidamos com todo um sistema de signos que são referidos a uma matéria específica. As ordenações, físicas ou psíquicas, tornam-se simbólicas a partir de sua especificidade material. Não é possível traduzir nem parafrasear o processo imaginativo, porque transpor de uma matéria específica para outra desqualifica essa matéria e não qualifica a outra. (OSTROWER, 1989, p. 35).

A única alternativa seria conhecer uma materialidade específica no seu próprio fazer. Assim, aliando esse conhecimento sobre uma determinada materialidade e a uma sensibilidade individual seria possível acompanhar o fazer de outros (OSTROWER, 1989, p. 35). Justamente o que ocorreu na oficina de cerâmica: eu pude acompanhar o fazer de Mila, de Bete e de Ceci devido a minha experiência prática e teórica no campo da linguagem da cerâmica, aliada à minha sensibilidade, num processo intersubjetivo.

Ostrower (1989) usou ao longo do seu texto o termo “materialidade”, ao invés de “matéria”, e justificou. Para ela a “materialidade” abrange:

[...] não somente algumas substâncias, e sim tudo que está sendo *formado e transformado* pelo homem. Se o pedreiro trabalha com pedras, o filósofo lida com pensamentos, o matemático com conceitos, o músico com sons e formas de tempo, o psicólogo com estados afetivos, e assim por diante. [...] Cada materialidade abrange, de início, certas *possibilidades* de ação e outras impossibilidades. Se as vemos como *limitadoras* para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que

surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para se ampliá-lo em direções novas. De fato, só na medida em que o homem admita e respeite os *determinantes da matéria* com que lida *como essência de um ser*, poderá o seu espírito criar asas e levantar vôo, indagar o desconhecido. (OSTROWER, 1989, p. 31-32, grifos da autora).

A autora formulou também a ideia de “imaginação criativa” vinculada à especificidade de uma matéria e seu campo de trabalho. Por isso, haveria uma imaginação artística, uma imaginação científica, ou seja, haveria uma “imaginação criativa” referida a cada atividade, com base em que seria possível levantar hipóteses sobre certas configurações viáveis a determinada materialidade. Assim, “o imaginar seria *um pensar específico sobre um fazer concreto*” (OSTROWER, 1989, p. 32, grifos da autora). Se não fosse assim, não seria um pensar imaginativo, porque estaria desvinculado de uma matéria. Seria um “divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade” e estaria impossibilitado de tornar-se um imaginar criativo.

Desvinculado de alguma matéria a ser transformada, a única referência do imaginar se centraria no próprio indivíduo, ou seja, em certos estados subjetivos desse indivíduo cujos conteúdos pessoais não são suscetíveis de participação por outras pessoas. Seria um pensar voltado unicamente para si, suposições alienadas da realidade externa, não contendo propostas de transformação interior, da experiência, nem mesmo para o indivíduo em questão. (OSTROWER, 1989, p. 32-33).

Trago, para exemplificar, a proposta que fiz às adolescentes, durante a coleta de dados, de desenharem com a finalidade de fazerem um projeto antes de iniciarem a modelagem da argila, justamente para que dirigissem o pensamento sobre o fazer concreto usando a argila. Para elas pensarem imaginativamente em termos de problemas artísticos a serem resolvidos a partir da linguagem da cerâmica. E de fato, em alguns momentos foram visíveis os pensamentos e os questionamentos delas sobre as “formas significativas”, tanto sobre o que seriam para elas novas viabilidades formais usando a argila, quanto a configuração do conteúdo expressivo de cada peça modelada (ou projeto individual desenhado), o que significava para cada uma a sua produção autoral. Isso tornou possível uma comunicação pela via artística. Ostrower explicou que:

A materialidade não é [...] um fato meramente físico mesmo quando sua materialidade o é. Permanecendo o modo de ser essencial de um fenômeno e, conseqüentemente, com isso delineando o campo de ação humana, para o homem as materialidades se colocam num plano simbólico visto que as ordenações possíveis se inserem em modos de comunicação. Por meio dessas ordenações o homem se comunica com outros. [...] Nessas ordenações a existência da matéria é percebida num sentido novo, como realização de potencialidades latentes. Trata-se de potencialidades da matéria, bem como de potencialidades nossas, pois na forma a ser dada configura-se todo um relacionamento nosso com os meios e conosco mesmo. Por tudo isso, o imaginar – esse experimentar imaginativamente com formas e meios – corresponde a um traduzir na mente certas disposições que estabeleçam uma *ordem maior*, da matéria, e ordem interior nossa. (OSTROWER, 1989, p. 33-34, grifos da autora).

Há de se considerar, todavia, que a sensibilidade distinta de cada artista, a sua atitude subjetiva de seletividade diante do contexto cultural, a sua maneira singular de produzir arte, seja em qualquer linguagem, revelam o enfoque manifesto na própria linguagem. Por conseguinte, a obra reflete a estrutura única de um artista.

Para concluir trago o que a autora abordou sobre a “tensão psíquica”, enquanto aspecto que garante a vitalidade da ação criativa. Poder recuperar sempre a tensão é o que significa criar. Ainda que exista uma descarga emocional, de liberação de energias no ato criador, segundo a autora é algo de somenos importância, porque o que é significativo e gratificante para quem cria é:

[...] o sentimento concomitante de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se liberta no ato de criar. Menos a potência descarregada, do que a potência renovada. [...] É essa uma das razões por que a arte, reduzida à terapia – como prática de se promover a vazão de tensões, de conflitos emocionais talvez – perde seu sentido artístico. Deixa de ser arte. [...] Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elaborados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida. (OSTROWER, 1989, p. 28).

Foi explicado anteriormente que a experiência artística neste estudo não deve ser confundida com arteterapia ou terapia ocupacional. A experiência artística dinamizou o crescimento interior de Mila, de Bete e de Ceci, que puderam ampliar a abertura para a vida. Ostrower (1989) evidenciou que dar forma à matéria (argila), é também formar-se, dar forma a si mesmo. Pois, a partir do processo de estruturação da matéria, ocorre um modo de autocriação (autopoiesi) para quem a modela.

Assim, está caracterizado que essa experiência com a arte, na qual as adolescentes brincaram com a argila e com a materialidade da cerâmica (*ceramicaram*) foi de atuação no campo artístico, com ressonâncias na criação de si (os aspectos clínicos e terapêuticos<sup>18</sup>). Alguns aspectos do campo artístico serão abordados a seguir.

<sup>18</sup> A arte tem sido um dos recursos aplicados no campo clínico para fins terapêuticos na saúde mental – essa estratégia de autoexpressão é definida como “arteterapia”. No Brasil, o trabalho da Dra. Nise da Silveira (1981; 2001) é referencial na utilização desse recurso, no qual o uso da argila é uma das matérias privilegiadas. Outro estudioso desse campo é o Dr. Alvaro de Pinheiro Gouvêa, que utiliza essa matéria-prima como mediadora na relação analítica (Cf. GOUVÊA, 1989; 1999). Podem ser encontrados, ainda, vários estudos centrados na abordagem psicanalítica junguiana que utilizam a argila, dentre eles Alessandrini (2004) e Chiesa (2004). Oportuno destacar que esse recurso artístico no campo clínico pode revelar talentos – conforme ocorreu com Arthur Bispo do Rosário (1911–1989), interno por mais de vinte anos na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Diagnosticado como esquizofrênico-paranóico, teve sua obra discutida e exposta em importantes eventos, a exemplo da Bienal de Veneza (ARTHUR Bispo do Rosário, 2001), embora, conforme advertiu Winnicott (1983), o fato de pacientes psiquiátricos realizarem “excelentes produções artísticas” não signifique que tenham “saúde” psíquica.

### I.2.3 Experiência artística

O que compete ao campo artístico? Compete aguçar os sentidos de quem faz uma experiência criativa através dos múltiplos conhecimentos e linguagens artísticas, distintas das linguagens científica e discursiva. Criar artisticamente requer uma familiarização com os códigos específicos de cada linguagem. No caso particular da cerâmica, a comunicação se estabelece através de formas estruturadas feitas a partir de princípios técnicos. E não só isso, cada linguagem artística guarda uma bagagem cultural e histórica, pois a arte enquanto fenômeno humano está assentada na tradição. Portanto, são diferentes códigos de cultura que ampliam a maneira de cada pessoa ver o mundo e a si mesma. O ser humano mergulha dentro de si e comunica aos outros seus pensamentos, emoções e sensibilidade, brinca de criar signos e poéticas através das linguagens artísticas. Assim, ele recria a si mesmo e a própria vida, na medida em que o seu impulso criador está canalizado para a sua produção artística. A arte, indiscutivelmente, é um dos meios que o ser humano inventou para habitar a vida (Cf. OSTROWER, 1989; MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998; BARBOSA, 2008).

No entanto, convém ressaltar que, no Brasil, o acesso à arte é socialmente desigual; crianças e adolescentes das distintas camadas sociais têm oportunidades diferenciadas ao patrimônio cultural. A escola, portanto, é o meio de democratizar o seu acesso e ampliar o universo cultural dos alunos. Considerando ainda a questão da desigualdade social, as ONGs têm sido usadas como espaços de referência para vias educacionais alternativas, ou seja, elas desenvolvem projetos com arte-educação em ambientes não formais. Assim, a arte é priorizada em seus projetos pedagógicos (Cf. CARVALHO, 2008).

Indiscutivelmente, a educação e a arte são poderosos meios de promover a igualdade social e o desenvolvimento humano, bem como o esporte. Por meio de análise das implicações do ensino de arte em ONGs que atendem crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco na região Nordeste, Carvalho (2008) discutiu como a arte favorece a reconstrução pessoal e social e sua importância na formação do ser humano. A produção artística pode ser entendida como lugar organizador, estruturante e de pertencimento, por meio da qual se possibilita desenvolver habilidades e competências para esses pequenos seres humanos que ainda não têm perspectivas para o futuro e estão desencontrados de si mesmos (Cf. BARBOSA, 2008; CARVALHO, 2008; 2009).

Barbosa explicou que o sucesso de muitas ONGs que trabalham com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados pela sociedade está no fato de priorizarem a arte como forma de “recuperar o que há de humano no ser humano” e, afirmou ainda, que a arte é necessária

para todos os seres humanos, “por mais inumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém” (BARBOSA, 2008, p. 7). Conveniente seria se todas as ONGs que atendem essa população, incluíssem em seus projetos pedagógicos, de modo prioritário e sistemático, as atividades artísticas.

### **I.3 O barro primordial e a criação mítica do Homem: arte e vida entrelaçadas**

A matéria-prima cientificamente denominada “argila” constitui parte do planeta Terra, o corpo da terra (a mãe-Terra), onde habitamos (o lar-Terra). Apesar de ser abundante, pois é encontrada em incontáveis locais do planeta, é um recurso mineral não renovável. Ela tem memória e simbologia relativa à origem do mundo, do universo. Santos (1989) explicou que, de maneira geral, “o termo argila significa um material de textura terrosa e de baixa granulometria, que desenvolve plasticidade quando misturado com uma quantidade limitada de água” (SANTOS, 1989, p. 3).

Tem sido notório que na consistência plástica a argila incita à tutilidade, nos convidando a experienciá-la. Mattar (2010) enfatizou que “dadas as propriedades particulares desse material – maleabilidade, flexibilidade, adaptabilidade – a argila convida à manipulação, suscitando a imaginação e ativando a potencialidade criadora do ser humano” (MATTAR, 2010, p. 10). Matéria simples, o barro – como é popularmente conhecido – é fácil de modelar e tem uma versatilidade impressionante, tanto que favoreceu a extensão de sua cosmogonia à própria criação mítica do Homem.

Em trabalho anterior ficou ressaltado que “modelar a argila – o barro primordial, permissivo, plástico, a terra doce, a matéria branda – é gesto mítico, gesto ancestral, gesto afetivo” (MEDEIROS, 2011a, p. 58), gesto lúdico, portanto, gesto poético. Senti-la e usá-la requer ações de manipulação, acúmulos, repetições, dentre outros procedimentos. Ações que não só modelam a matéria, mas que poeticamente também modelam o artista, ações simultâneas e complementares, por conseguinte, podem ser consideradas também ações autopoieticas. Ostrower apontou a dimensão autopoietica centrada no fazer cerâmico:

Quando vemos uma jarra de argila produzida há 5 mil anos por algum artesão anônimo, algum homem cujas contingências de vida desconhecemos e cujas valorizações dificilmente poderemos imaginar, percebemos o quanto esse homem, com um propósito bem definido de atender certa finalidade prática, talvez a de guardar água ou óleo, em moldando a terra moldou a si próprio. Seguindo a matéria e sondando-a quanto à “essência de ser”, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus sentimentos. Dando forma à argila, ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, capturou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou. (OSTROWER, 1989, p. 51).

A exploração das capacidades expressivas, processual e semântica da matéria, bem como as extensões relativas às distintas possibilidades poéticas poderão ser observadas nas esculturas modeladas por Mila, Bete e Ceci, na “Parte III – Modelagem dos dados”. Obviamente que existe uma distinção entre a produção de um artista profissional e alguém que inicia uma produção artística com a linguagem da cerâmica sob orientação profissional, sobretudo no que se refere à polissemia de uma obra de arte – de seus conteúdos abrangentes. Mas, o “percurso criador”, das “buscas estéticas” em arte ocorre tanto para um artista profissional, quanto para uma criança (Cf. GIANNOTTI, 2008), como ocorreu com Mila, Bete e Ceci, por estarem relacionadas ao projeto artístico. A diferença será o grau de consciência que cada um tem do seu processo, pois o tempo de criação das obras é também o tempo de autocriação.

O percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Daí o percurso criador ser para ele, também um processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, autocriação no sentido de que ele não sai de um processo do mesmo modo que começou [...] (SALLES, 2006, p. 65).

O contato com a matéria-prima, matriz e informe – objeto sem organização estética – favorece a compreensão de analogias, imersões, revelações de metáforas, evocando de maneira simbólica e vivencial devaneios imemoriais. Ou seja, favorece as experiências regressivas modeladoras do sujeito da experiência, como se a cada contato com essa matéria-prima o ser vivente estivesse sempre se remodelando após a gênese da modelagem mítica que lhe criou – presente tanto na fábula criada por Higinus<sup>19</sup>, quanto na passagem bíblica: “O senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente.” (BÍBLIA, 1982, p. 50). Pois, estar vivo é constantemente um “gesto inacabado”<sup>20</sup>, como o processo criativo artístico para o artista, sempre um devir. Se vivemos em amadurecimento psíquico contínuo até o último suspiro, é pertinente fazer um paralelo poético em torno do fazer cerâmico: enquanto obra inacabada, cada ser humano se remodela ao longo da vida após o gesto mítico que lhe criou, mas inicialmente quem favorece esse processo de modelagem da vida aos seres humanos em seu estado de desamparo, após o nascimento, são as mães.

Considerando a importância da mãe na teoria de Winnicott, conforme destacado anteriormente, trago para ilustrar uma piada judaica: “[...] foi porque Deus percebeu que daria

<sup>19</sup> Fábula-mito com base grega relacionada ao “cuidado”, apresentada mais adiante no texto.

<sup>20</sup> Título de um dos livros de Cecília de Almeida Salles que aborda sobre a crítica genética, relacionada à produção artística.

muito trabalho encontrar-se ao mesmo tempo em todos os lugares para tomar conta de todo mundo que Ele inventou as mães” (BOGOMOLETZ, 1992, p. 7). Pode-se notar que desde a Pré-História a imagem da mulher traduz concretamente as experiências vividas, particularizadas neste texto pela simbolização artística das deusas-mãe, provavelmente relacionadas à figura da mãe, conforme exposto a seguir.

### **I.3.1 A metáfora plástica da deusa-mãe pré-histórica**

A literatura confirma que durante o Neolítico ocorreu a relação do aperfeiçoamento e da sistematização da produção cerâmica utilitária devido as necessidades inerentes à mudança de vida – a agricultura, o sedentarismo, os afazeres domésticos etc. No entanto, sabe-se que durante o Paleolítico a argila crua foi utilizada como precedente cerâmico na arte parietal e rupestre, composta por obras modeladas, gravadas e pintadas, bem como na arte móvel – esculturas de dimensões pequenas –, manifestações “artísticas” que tiveram um assento importante durante a Pré-História, particularmente a temática da deusa-mãe. Os estudiosos presumem que essas “vênus” esteatopígicas por apresentarem o corpo de mulher com seios e ancas fartos eram representações míticas relacionadas à fertilidade<sup>21</sup>, à procriação (Cf. LOMMEL, 1966; CHITI, 1975; COOPER, 1987; JANSON, 1993). Ainda que distante da realidade social em questão, é notório observar o referencial ontológico da figura materna.

Esse gesto modelador de tempos imemoriais não consta em nenhum registro escrito feito por quem os praticava, pois a escrita ainda não existia. Assim, nossos ancestrais se antecederam a qualquer tipo de teoria (conhecimento sistematizado), seja religioso ou mitológico (como na criação mítica do Homem) evidenciando a importância da mãe ou quem se considera como figura de mãe e deram provas de mecanismos não-verbais do aparelho psíquico arcaico através de representações concretas acerca da mãe.

Nossos ancestrais, portanto, deixaram de modo instintivo metáforas plásticas predominantemente esculpidas em pedra e também modeladas em argila que se tornaram

---

<sup>21</sup> Essas figuras foram representadas como uma deusa geradora da vida, da natureza, do fértil cultivo da terra e da cultura, geralmente sendo a generosa personificação da mãe-Terra. Na maioria das civilizações pagãs as deusas são criadoras do universo e boa parte do que nele contém, resultando numa complexa estrutura teológica. Safra, ao abordar sobre a cultura Russa, destacou: “No Cristianismo, o culto à mãe-terra é deslocado para o culto à Virgem Maria, surgindo alguns ícones da Virgem em que ela aparece negra. Dessa maneira, a iconografia dava à Virgem-Mãe a cor da terra” (SAFRA, 2004, p. 29-30). Pertinente comentar que as deusas-mãe são vestígios concretos da expressão dos nossos antepassados usando a argila, e embora as fábulas míticas de criação do Homem sejam invenções literárias, nelas também foram usadas a matéria-prima tirada de solo argiloso semeável, da terra fértil – húmus – que gera vida.

fontes significativas de estudos. Um exemplo de vestígio arqueológico bem preservado é a “Vênus de Dolni Véstonice” (Figuras 1 e 2).

Fazendo uma leitura winnicottiana da produção “artística” em questão, destaco que nossos ancestrais ao modelarem os corpos das deusas-mãe possivelmente reviveram experiências afetivas e ilusórias primárias, um reencontro com suas referências infantis, simbolizando e se expressando, ao criarem objetos tridimensionais. A mãe, o componente do núcleo familiar que Winnicott (1975) denominou em sua teoria psicanalítica de nosso “primeiro objeto subjetivo”, devido a sua importância humanizadora e estruturante para a constituição do aparelho psíquico do filho.

Conforme afirmou Safra:

Pela experiência de onipotência, o bebê cria a sua mãe, e isso lhe possibilita a sua entrada no mundo. É um momento em que, por seu gesto, ele recria o mundo preexistente à sua imagem e semelhança, transformando-o, por intermédio de sua mãe. Este também é o ponto em que se constitui a dimensão ética de seu ser, pois na medida em que o bebê toma o corpo materno como o próprio, organiza-se segundo os aspectos éticos da comunidade em que nasceu. (SAFRA, 2012, p. 15).



FIGURAS 1 e 2 – *Vênus de Dolni Véstonice*, aproximadamente 30.000-25.000 a.C., argila misturada com ossos calcinados, encontrada na Morávia. Fotos Petr Novák.

Sabe-se que a onipotência é, miticamente, experiência divina, bíblica, demiúrgica. No entanto, o bebê na teoria winnicottiana tem a “experiência mágica da onipotência”, ele cria todas as coisas de modo subjetivo, pois esse é o seu mundo e sua mãe lhe possibilita isso ao se adaptar a ele, às suas demandas e necessidades, configurando-se da parte dela num “suprimento básico de *experiência de onipotência*. Isso envolve essencialmente uma relação viva.” (WINNICOTT, 1999, p. 5). A “experiência de onipotência” perdura ao longo da vida



para cada ser humano de modo contínuo, pois estamos sempre criando o mundo de modo novo.

Devido à intensidade e à intimidade da relação mãe-filho inscrita nos seres humanos de modo ontológico, especialmente na relação corporal (física) entre ambos – a experiência tátil que diz respeito às relações mais primitivas e arcaicas – e mesmo considerando um estágio posterior, quando a relação se transforma do puramente físico numa “relação em que o bebê toma contato com a atitude da mãe, e o puramente físico começa a ser enriquecido e complicado por fatores emocionais” (WINNICOTT, 2005, p. 109), não é surpresa o fato de nossos ancestrais haverem priorizado dentre as temáticas de “criação artística” a deusa-mãe, representada através do corpo feminino e produzida com as mãos através do tato.

A “mãe suficientemente boa” winnicottiana se adapta, em sintonia, ao ritmo corpóreo do filho, sua presença física, seu corpo em contato com o corpo do filho, pele com pele – o tato marca o encontro entre pessoas e tudo o que nos cerca, reconhecemos o mundo através das sensações, dos sentidos, mas o tato é a porta de entrada para a intimidade, o compartilhar mútuo – essa troca de modo saudável, positivo, alimenta partilhas, criações mútuas e contribui para a qualidade da vinculação na relação mãe-filho.

Parece-me pertinente conjecturar, embora por razões óbvias não possa ser comprovado: será que a presentificação escultórica das deusas-mãe feitas por nossos ancestrais, além das interpretações já existentes, não seriam um indício de que desde as eras imemoriais a simbologia da farta mãe que gera e amamenta seus filhos, tem dado sustentação (*holding*) à humanidade – na medida em que, cuidando dos filhos, as mães também compartilhavam culturalmente suas experiências, de modo que essa transmissão foi sendo disseminada? Ora, isso faz sentido, embora seja notório que muitos comportamentos entre a mãe e o filho sejam instintivos e presentes também em animais irracionais.

Reforçando a minha justificativa, trago Ostrower para explicar que “o homem surge na história como um ser cultural. Ao agir ele age culturalmente apoiado na cultura e dentro de uma cultura” (OSTROWER, 1989, p. 13). Está comprovado que há pelo menos 500 mil anos o chamado homem de Choukoutien (China), embora não se saiba como esses ancestrais viviam nesse período, já comunicavam suas experiências a partir das expressões simbólicas culturais – provavelmente transmitindo-as aos mais jovens, a exemplo da produção das “pedras lascadas”, que segundo Ostrower são “provas irrefutáveis de seres de percepção consciente e de vida cultural” (OSTROWER, 1989, p. 13).

Então, num período Pré-Histórico mais recente, no Paleolítico, quando teve início a produção das deusas-mãe, esse modo de transmissão já estava instaurado, o que me leva a

considerar a possibilidade de representação do gesto originário, primitivo e ontológico da relação simbólica da mulher-mãe. Enquanto notórias manifestações referenciais, as deusas-mãe dizem da pertinência acerca das práticas simbólicas realizadas por nossos ancestrais, afinal, conforme explicou Bulhões (2013), as práticas simbólicas fazem parte da própria existência do ser humano, universais e atemporais em sua condição de exercício da psique, embora suas manifestações se determinem historicamente sob diferentes condições.

Independente de quem tenha dado forma às suas experiências, modelando ou esculpindo as deusas-mãe, eles/as tiveram a mãe como primeira referência simbólica. As deusas-mãe são configurações que têm conteúdos significativos em termos formais e visuais – a referência ao corpo da mulher está bem caracterizada, não é a representação do corpo humano masculino, nem o corpo de animal.

Por mais que eu esteja presumindo, é fato que esse “cuidado” com os bebês humanos é materno, ele não foi destacadamente exercido por homens. Muito menos na amamentação de bebês humanos predominaram tetas de animais fêmeas de outras espécies. Ou a família foi constituída por animais de outras espécies cuidando de bebês humanos, embora dados literários ficcionais e, talvez, alguns dados científico possam exemplificar essas excepcionalidades.

Assim, faz sentido o elo poético, feito por alguns estudiosos da psicanálise, entre o desamparo do bebê, o cuidado da mãe e o que está escrito na fábula de Higinus:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão, que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil. (HEIDEGGER, 1989, p. 263 *apud* BOFF, 1999, p. 45-46, tradução livre para o português).

Esta fábula exemplifica a importância do “cuidado”, ele é a verdadeira essência (*ethos*) do ser humano (Cf. BOFF, 1999). Conforme poderá ser observado, ao longo desta tese o termo *cuidado* é recorrente. O cuidado da mãe e seu papel decisivo na constituição psíquica do filho, o cuidado da família, o cuidado institucional nas instituições de acolhimento para menores, o cuidado consigo mesmo. O cuidado é fundamental em todas as fases da vida. No

cerne do que gerou os acolhimentos institucionais das adolescentes mães está a ausência de atitude de ocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo dos genitores com as filhas. E também pode ser considerada a falta de cuidado social por parte do Estado, se caracterizando no oposto do cuidado – o descuido ou o descaso.

## PARTE II

# Modelagem do percurso metodológico

## II.1 Método

### II.1.1 Natureza da pesquisa

Conforme considerei na “Modelagem inicial” sobre o que tange à questão “processual”, destaco que também o processo viabilizou os objetivos da pesquisa. O principal objetivo foi estudar as expressões de criatividade que puderam emergir – por meio da escuta e do brincar – durante a participação de adolescentes mães numa oficina de cerâmica, sob a intervenção da pesquisadora. Desse modo, foi necessário, enquanto objetivos secundários: (a) discutir a relação entre o conceito de criatividade nos contextos do processo maturacional (Winnicott) e do processo artístico (Ostrower); (b) analisar os processos e as formas decorrentes de possíveis expressões lúdicas e plásticas das adolescentes acolhidas ao se apropriarem da argila; (c) compreender o modo singular como cada adolescente faz uso da argila.

A pesquisa desenvolvida que resultou na presente tese foi de natureza qualitativa. A opção por trabalhar qualitativamente, portanto, se legitima pela adequação à temática e suas peculiaridades: a criatividade conceituada por Winnicott e por Ostrower. Esse campo investigativo acolhe diferentes caminhos que dependem da fundamentação epistemológica escolhida. Isso se justifica, pois esse campo reconhece que, além de a realidade ser fluente e contraditória, os processos de investigação dependem do pesquisador, de sua compreensão de mundo, de seus valores e objetivos, do modo como ele se aproxima do fenômeno investigado, de suas crenças e afinidades teóricas (CHIZZOTTI, 2011). Os processos de investigação dependem da coerência do pesquisador com o seu modo subjetivo e singular de lidar com os processos da pesquisa. Cabe ressaltar ainda que o ambiente não é passivo, os fenômenos são afetados pela ação direta do contexto ambiental (CHIZZOTTI, 2011). Portanto, a natureza do estudo determina o método a ser utilizado.

O percurso metodológico é um conjunto de atividades sistemáticas que indicam o caminho a ser seguido pelo pesquisador, é seu amparo, usado tanto para tomar decisões quanto para detectar erros com a finalidade de compreender o fenômeno estudado, considerando seu contexto e suas especificidades. O foco da pesquisa qualitativa são os sentidos ou os significados singulares revelados pelos sujeitos participantes aos fenômenos vividos em suas incontáveis formas de expressão (CHIZZOTTI, 2011).

Ainda que adotando um conjunto estruturado de regras operatórias que respaldam exigências de credibilidade, fiabilidade e consistência, recorrendo para isso a instrumentos de coleta de dados conexos aos procedimentos adotados na pesquisa (CHIZZOTTI, 2011), é

frequente a necessidade de ajustes, numa contínua modelagem, portanto em processo, sobretudo quando se trata de pesquisa que envolve a temática da singularidade humana e aborda campos epistemológicos distintos: a psicanálise – o campo clínico – e as artes visuais – o campo artístico.

Safra (2009), ao se referir sobre a pesquisa em psicologia, explicou sobre as implicações epistemológicas, metodológicas e éticas na investigação fundada no Sujeito-Sujeito e disse que esse modelo de investigação é intersubjetivo, dialógico, pois abre o campo para o discurso, para a expressão simbólica. Ao considerar a teoria de Winnicott, Safra ressaltou que esse autor reconhece a importância da intersubjetividade, mas a problematiza. No processo de intersubjetividade ocorre um fenômeno diferente, a importância do “entre”, denominado “espaço potencial”. São dois sujeitos e uma interação que os transcende, que os define, que os constitui. Há algo para além da própria subjetividade encerrada em si mesmo, então o fenômeno vai acontecer como “experiência”.

Para Winnicott, o fenômeno humano é abordável pelo “paradoxo”, não pela articulação lógica, de modo que ocorrerá uma revelação assentada na “palavra quebrada”. É rompido o sentido originário da palavra e o indivíduo dá a ela outro sentido que ela jamais teve. Por conseguinte, a “palavra quebrada” é o campo da emergência do poético (SAFRA, 2009).

A pesquisa que resultou nesta tese foi especialmente no campo artístico, mas fundamentada no campo metodológico e teórico de um dos pilares da psicanálise, Winnicott, e teve ressonâncias de caráter clínico.

Sabemos que, desde as suas origens, a psicanálise surge não só como terapêutica, mas também como um método de investigação, inicialmente bastante subordinada ao projeto científico. No texto freudiano intitulado “Análise terminável e interminável” está colocada uma perspectiva fundamental para se pensar a investigação em psicanálise. Nele vemos que o método psicanalítico é posicionado não na busca de um objetivo determinado ou de algo a ser concluído, mas como um procedimento processual. Trata-se de uma característica do processo psicanalítico diretamente relacionada às peculiaridades da subjetividade humana: *a contínua abertura para o devir*. [...] Temos aqui um princípio fundamental da investigação em psicanálise: *ela é um processo investigativo não conclusivo*. (SAFRA, 2001, p. 173, grifos do autor).

Pertinente questionar: Se a modelagem da própria vida é um processo contínuo de autocriação (de criar/modelar a si mesmo), de amadurecimento, sempre o devir até a morte, como é possível atestar qualquer caráter conclusivo ao que se relaciona com o ser humano, seja na psicanálise, seja na produção artística, seja na produção científica? O devir da existência é processo, mas a pesquisa está marcada no tempo e num espaço que teve início, meio e fim, portanto, seus resultados são conclusivos.

## II.1.2 Caracterização institucional

Os critérios fundamentais na escolha da instituição onde realizei a oficina de cerâmica foi que ela já desenvolvesse trabalho social há alguns anos e tivesse reconhecida credibilidade. Essas características estão contempladas na “Terra” – nome fictício usado nesta tese, conforme já informei, para a instituição onde realizei a coleta de dados. A “Terra” é uma das duas unidades onde são desenvolvidos os projetos sociais da ONG – configurada como associação privada de fiéis da Igreja católica. A referida ONG é mantida por uma fundação (também por causa do sigilo, não será informado o nome dessa principal entidade mantenedora, conforme já mencionado). A outra unidade, além da “Terra”, está localizada na capital do estado da Paraíba, João Pessoa, onde estão instaladas as sedes da fundação e da ONG.

Essa ONG foi fundada em 2001 no Ceará por um padre católico (em função do sigilo não será informado o nome do padre fundador) e em 2006 nasceu a missão na Paraíba. Portanto, em 2017 completaram 16 anos de atividades na Paraíba. A natureza da ONG é de caráter espiritual, beneficente, formador, social e cultural, e tem por finalidade a promoção humana e religiosa no meio social, objetivando, sobretudo, cuidar dos mais pobres, oferecendo oportunidade de uma vida mais digna a pessoas marcadas pelo sofrimento.

Várias ações sociais são desenvolvidas com o apoio da referida ONG, dentre elas o projeto social da “Terra”, que tem como missão: “Acolher mães e crianças em situação de risco pessoal e ou social, oferecendo-lhes acesso aos direitos fundamentais à pessoa humana como alimentação, saúde, educação, lazer, criando oportunidades de desenvolvimento, visando à formação do cidadão” (CFM, 2010, p. 6).

A “Terra” é um complexo de acolhimento com capacidade para atender até quarenta mães e cem crianças. Esse quantitativo está sempre variando em função da entrada de novos acolhidos, de transferências para outras instituições de acolhimento, e/ou de desligamentos do serviço (CFM, 2010). São acolhidas crianças e adolescentes de ambos os sexos e também adolescentes grávidas ou com filhos em situação de risco pessoal e social (a partir de 2015, a Instituição deixou de acolher mães). Essas crianças e adolescentes foram afastadas do convívio dos responsáveis por ordem judicial devido à negligência, abuso sexual etc. ou foram abandonadas por eles, seja por causa da miséria econômica associada ou não a outro motivo, seja por dependência química, vivência de rua, necessidades especiais etc.

Cada acolhido/a pode permanecer até dois anos, sendo avaliado caso a caso a continuação do acolhimento – desde que não tenha havido reintegração do/a menor na família

de origem ou extensa, nem sua inserção em família substituta por adoção, nem tenha conquistado a autonomia necessária para o desligamento do serviço nos casos de adolescentes entre 18 e 21 anos – mesmo tendo atingido a maioridade. Os acolhimentos efetivam-se através de encaminhamentos realizados pelos: Juizado da Infância e Juventude, Ministério Público, Curadoria da Infância e Juventude, Conselhos Tutelares. A instituição obedece aos preceitos do ECA.

O acolhimento sempre visa à reinserção social e ao resgate da cidadania das crianças e adolescentes. As ações desenvolvidas na “Terra” são voltadas para o reestabelecimento ou fortalecimento de vínculos familiares, para o estabelecimento de vínculo com a família substituta, para a reabilitação psicossocial, para a descoberta de potencialidades profissionais (inclusive com entrada no mercado de trabalho), para a elevação da autoestima num evidente processo de amadurecimento. Ressaltando que o objetivo final é o desligamento do serviço de acolhimento.

O acolhimento institucional transitório enquanto lar alternativo é uma das medidas protetivas por ordem judicial que objetivam cessar a situação de risco e garantir o usufruto dos direitos ameaçados previstos no ECA. São garantidos direitos básicos – alimentação, educação, saúde, lazer e assistência médica –, como, também, assistência psicológica e religiosa – o ponto principal na proposta de reestruturação pessoal e social para as crianças e adolescentes nessa instituição fundamenta-se na vida cristã, assim, todos são convidados a participarem de eventos e momentos de evangelização, como missas, retiros e encontros.

Na “Terra” é oferecido um ambiente acolhedor e de cuidado em “casas lar” que contribui para a superação das situações de risco pelas quais passam os acolhidos. Os bebês moram e são assistidos por pelo menos duas missionárias. As crianças do sexo feminino moram com uma missionária responsável por elas, e as do sexo masculino moram com um missionário responsável. No caso das adolescentes mães, cada família fica acomodada em uma suíte, tendo também uma missionária responsável por elas. Portanto, os/as acolhidos/as moram em casas lar distintas. Morar nas casas lar é uma maneira adequada para melhor atender às necessidades das crianças e adolescentes na realidade de abandono que se encontram. É dado enfoque no sentido de família, por meio de um trabalho para concretizar as referências nas figuras materna e paterna.

Afora os bebês, as crianças de ambos os sexos e as adolescentes mães convivem no dia a dia na “Terra”, sejam nos horários das refeições, nos horários livres para brincar, nas atividades de lazer ou espiritual promovidas pela instituição, sejam nos deveres (obrigações) determinadas para cada acolhido/a conforme a idade (por exemplo, cuidar da limpeza das



casas lar e do refeitório comunitário, manter o quarto arrumado, a cama forrada, a higiene pessoal etc.). Convivem também na escola – desde que estejam em idade escolar, os acolhidos são matriculados na rede pública de ensino.

A instituição funciona, portanto, como espaço de cuidado e suporte para a construção de relações pautadas na confiança e no diálogo. Desenvolve atividades que além da reestruturação familiar, promove a preservação dos vínculos afetivos na relação mãe-filho para as adolescentes mães, objetivando a reinserção social, com a estruturação necessária para terem autonomia de cuidarem de si e de seus filhos. Desse modo, a instituição tem atuado no âmbito da cidadania e contribuído para a mudança social.

A “Terra” está instalada numa área de aproximadamente 13 hectares, localizada a 40 km de João Pessoa. Nesse complexo existia, em 2015, cinco casas lar com cinco suítes, sala, cozinha e terraço, um espaço multiuso onde funciona o refeitório, uma lavanderia, salas de administração e de atendimentos especializados, garagem, igreja, quadra coberta (em construção) para prática de esportes, além de cultivos diversos, a exemplo das plantações de inhame e macaxeira. No entanto, o projeto do complexo de acolhimento está em execução, conforme o ritmo das prioridades e da dotação orçamentária (CFM, 2010), portanto, é provável que tenha ocorrido ampliações na infraestrutura.

Convém destacar que existe, sobretudo, espaço onde as crianças e os adolescentes brincam, correm, circulam livres e se divertem, além de conviverem com a natureza e com animais domésticos, particularmente cachorros.

Nenhuma atividade sistematizada com a arte é desenvolvida na instituição, mas existe o projeto de construção de uma oficina de artes, inclusive já dispõem de dois importantes equipamentos para o trabalho com a cerâmica – um torno e um forno elétricos –, frutos de doação, ambos da marca Jung (uma das melhores marcas para esses tipos de equipamentos produzidos no Brasil), mas, infelizmente, desinstalados e se deteriorando, sem uso. Cabe destacar que, devido à impossibilidade institucional relatada na “Parte III – Modelagem dos dados”, não foi construído o forno a lenha de estrutura fixa e, por isso, não realizamos a queima das peças modeladas pelas adolescentes.

A ONG tem autonomia financeira, ainda que não exista verba fixa, pois recebe recursos oriundos de várias fontes: doações de pessoas físicas (benfeitores), de pessoas jurídicas e também através da captação de recursos por meio de projetos contemplados por editais públicos diversos – municipal, estadual e nacional –, embora a principal entidade mantenedora seja a já citada fundação.

A estrutura organizacional é composta pelo presidente – que é um padre idealizador e fundador da ONG, vice-presidente, conselho fiscal, conselho deliberativo, coordenadores e cuidadores. Alguns profissionais da equipe técnica são voluntários da ONG e estão engajados nos projetos da instituição dando assistência psicológica, psiquiátrica e fisioterápica em clínicas na capital paraibana, embora a assistência médica seja dada pela rede pública de saúde. Outros são funcionários contratados pela instituição – assistente social, psicóloga, pedagoga, cozinheira, lavadeira etc.

A maior parte das pessoas devotadas à instituição são missionários católicos – homens e mulheres – que moram, assim como o padre, nas duas unidades onde são desenvolvidos os projetos sociais. Ocorre de os missionários terem compromisso afetivo entre eles – serem casados, com ou sem filho, namorados ou noivos, mas a maioria é solteira. Dentre as normas para a vida missionária está a obediência, ou seja, escrever tudo oficialmente com o reconhecimento do fundador da ONG e da Igreja católica (CFM, 2010).

Os serviços atribuídos aos missionários são: de missão; de formação espiritual e humana; e de caridade. Os serviços de missão estão configurados em: acolhimento das mães e das crianças; evangelização; formação humana; catequese; momentos oracionais; acompanhamento; e atividades de lazer. Já os serviços de caridade são: guardião; coordenador do complexo de acolhimento; formador comunitário; promoção humana; catequistas; acompanhadores; preservador e conservador da granja; agente de saúde (CFM, 2010).

Os missionários (a vida missionária) na “Terra” atende às crianças a partir da atenção, da evangelização, da catequese, do reforço escolar, da oração e da disciplina, e atende às mães a partir da escuta, da evangelização, da catequese, da oração, dos cuidados de saúde e disciplina (CFM, 2010).

### **II.1.3 Adolescentes mães modeladas pela argila**

Fizeram parte deste estudo três adolescentes mães acolhidas (foram usados nomes fictícios para manter o sigilo): Mila que na época tinha 15 anos; Bete de 19 anos; e Ceci de 17 anos. Mila e Ceci estavam acolhidas na “Terra”, e Bete estava acolhida na unidade de João Pessoa. Destaco que, embora Bete, na ocasião, estivesse com 19 anos, ela era considerada nessa instituição ainda fazendo parte da “excepcionalidade” apontada no ECA sobre a definição cronológica da adolescência. Elas foram convidadas a participar da pesquisa através da mediação de duas missionárias da instituição, Rosa e Lane (nomes fictícios), que sabiam dos critérios para a inclusão das jovens na pesquisa. Na ocasião, havia ao todo quatro

adolescentes mães acolhidas nas duas unidades, além de Mila, de Bete e de Ceci, tinha Mara (portadora de problemas mentais, estava grávida e acolhida há apenas um mês – devido o pouco tempo de seu acolhimento ela não entrou na pesquisa). Lane, a missionária responsável pelas adolescentes mães, disponibilizou a consulta aos prontuários onde obtive dados sobre o histórico de Mila, de Bete e de Ceci (a própria instituição tinha poucos dados sobre esta jovem), expostos na “Parte III – Modelagem dos dados”.

Antes do início da oficina de cerâmica, ocorreu uma reunião para o planejamento realizada no dia 05/12/2014, onde estávamos eu e as referidas missionárias, e definimos as datas dos encontros e os horários, foi o início das atividades de pesquisa na “Terra”. O grupo foi caracterizado como aberto, era permitido o fluxo de entrada e de saída das jovens em cada encontro. Esse aspecto foi pensado, sobretudo, em decorrência das fugas das jovens da instituição.

Foram considerados três critérios de inclusão na escolha das jovens participantes da pesquisa:

1º) Ser adolescente, com enfoque no critério cronológico estabelecido pelo ECA<sup>22</sup> (BRASIL, 1990): adolescente é o indivíduo entre 12 e 18 anos incompletos (Art. 2º), podendo ser aplicável até os 21 anos em casos excepcionais (Art. 2º - Parágrafo único);

2º) Ser simultaneamente adolescente e mãe, ou seja, estar vivendo a experiência da adolescência e da maternidade;

3º) Ter, no mínimo, seis meses de acolhimento na instituição, período considerado necessário para a adaptação das jovens à dinâmica da instituição acolhedora, embora seja notório que essa questão da adaptação é relativa e delicada, pois sempre ocorrem evasões, a exemplo de Ceci, que participou apenas dos 1º, 2º e 3º encontros na oficina de cerâmica. Também estiveram presentes nesses primeiros encontros, Mila e Bete.

Após a fuga de Ceci (fato explicitado na “Parte III – Modelagem dos dados”), participaram dos cinco encontros subsequentes as adolescentes Alda, Mara, Lia e Isa. No entanto, não foi dado enfoque aos seus históricos, nem às suas produções e narrativas porque elas não eram mães (afora Mara, que estava grávida, mas seu perfil não atendia ao 3º critério de inclusão). Suas participações foram usadas na contextualização das análises sobre as produções e as conversações de Mila e de Bete. Ocorreram também as fugas simultâneas de

---

<sup>22</sup> A população pesquisada neste estudo foram adolescentes, e me guiei pelo ECA, no entanto, em 2013 foi criado o “Estatuto da Juventude” sob a Lei Nº 12.852, que reconhece os jovens como sujeitos de direitos universais, geracionais e singulares (Cf. BRASIL, 2013).

Alda e Isa e, após essa ocorrência, permaneceram participando da oficina de cerâmica, apenas Mila e Bete.

#### **II.1.4 A oficina de cerâmica enquanto *locus* da pesquisa**

A oficina de cerâmica foi o *locus* da pesquisa. Como a instituição ainda não dispunha de uma oficina de artes, os encontros ocorreram no local que melhor atendia a esse tipo de trabalho, o espaço multiuso onde funcionava o refeitório, um terraço grande com farta ventilação e iluminação natural, uma bela paisagem com a natureza no entorno – coberta de vegetação variada, sobretudo árvores, e também muitos pássaros. Trabalhamos numa mesa de madeira e sentamos em dois bancos longos de madeira, próximos às pias com pontos de água para lavar as mãos e os instrumentos.

Todos os materiais utilizados foram providenciados pela pesquisadora. As argilas usadas são oriundas de barreiros na Paraíba – Cupissura, Mumbaba e Guarabira<sup>23</sup> – e foram disponibilizadas já amassadas, prontas para modelar. Além das argilas, no decorrer dos encontros foram disponibilizados instrumentos e materiais, tais como **estecas**<sup>24</sup>, lona, rolo de madeira, espátula, compensado de madeira forrada com plástico, régua, lápis grafite HB, papel A4 etc., e também apresentados livros sobre cerâmica. Todas as peças produzidas pelas adolescentes foram guardadas em armários no escritório da instituição, de modo que trabalhamos de forma modesta, porém adequada, tanto de infraestrutura, quanto de material.

Sobre a definição de “oficina”, Delgado et al. (1997) *apud* Valladares et al. (2003) explicaram que existe uma diversidade de atividades que utilizam a oficina visando a reinserção social de pessoas acolhidas, nelas são consideradas as particularidades de cada instituição, sobretudo o contexto cultural em que estão inseridas com seus aspectos regionais. Dentre as configurações desses autores, a oficina de cerâmica foi caracterizada como “espaço de criação”, ou seja, espaço onde é propiciada a experimentação constante a partir da criação artística.

Foram realizados vinte encontros na oficina de cerâmica para a coleta de dados. Houve semana em que ocorreu um encontro e, em outras, ocorreram dois encontros com 2hs de duração cada um, totalizando 40hs. Os dias e horários para os vinte encontros foram

---

<sup>23</sup> Considerei pertinente especificar, pois as argilas são diferentes, especialmente na cor, isso provocou reações nas jovens.

<sup>24</sup> Instrumentos específicos para se trabalhar com a modelagem da argila. Geralmente eles são feitos com cabo de madeira e pontas metálicas em vários formatos e espessuras que têm finalidades distintas, dentre elas, desbastar, escarificar, brunir, fazer texturas na superfície das peças cruas.

agendados com o aval das missionárias Rosa e Lane. Tudo foi acertado segundo a conveniência de todos e levando-se em consideração o calendário de atividades e recesso da “Terra”, bem como os feriados e a disponibilidade de horário das adolescentes.

Os encontros foram realizados de modo grupal (aberto) e ocorreram ao longo de dois meses e meio, com início no dia 12/12/2014 e encerramento no dia 24/02/2015, nas seguintes datas: DEZEMBRO/2014 – 1º encontro (12/12), 2º encontro (17/12) e 3º encontro (19/12); JANEIRO/2015 – 4º encontro (02/01), 5º encontro (14/01), 6º encontro (16/01), 7º encontro (19/01), 8º encontro (21/01), 9º encontro (23/01), 10º encontro (26/01), 11º encontro (28/01); FEVEREIRO/2015 – 12º encontro (02/02), 13º encontro (04/02), 14º encontro (06/02), 15º encontro (09/02), 16º encontro (11/02), 17º encontro (13/02), 18º encontro (20/02), 19º encontro (23/02), 20º encontro (24/02).

A configuração grupal foi modificada ao longo dos vinte encontros. Inicialmente, participaram três adolescentes mães, conforme previsto: Mila, Bete e Ceci. Em alguns encontros estiveram presentes Ciço, filho de Mila, e Pepe, filho de Ceci. No entanto, perto do final do ano, Ceci evadiu-se da instituição levando seu bebê e não voltou, ela só participou dos três primeiros encontros, conforme destaquei anteriormente. Permaneceram participando Bete e Mila, mas Bete ingressou nas atividades do projeto Jovem Aprendiz, visando sua inserção no mercado de trabalho. Ela teve disponibilidade para participar de dez encontros. A coleta de dados continuou até o final do vigésimo encontro com Mila, ela participou de dezoito encontros. Após a fuga de Ceci, participaram apenas de cinco encontros subsequentes Alda, Mara, Lia e Isa, pois eu estava trabalhando com um grupo aberto. Ocorreram ainda as fugas simultâneas de Alda e de Isa. Embora sendo um grupo aberto, as análises foram centradas em Mila, Bete e Ceci, mas a riqueza das outras participações foi útil para a contextualização dos dados sobre Mila e Bete, após a fuga de Ceci.

Devido a dois fatores – 1) O fato da sala multiuso (local onde foi realizada a oficina de cerâmica) ser um espaço amplo, aberto e de fácil acesso; 2) O interesse e a curiosidade, tanto por parte dos outros acolhidos (crianças e adolescentes), quanto por parte dos profissionais da instituição sobre a nossa atividade – era comum ter sempre alguém que não fazia parte da pesquisa e nem havia sido convidado a estar conosco, circulando em torno da nossa mesa de trabalho, perguntando, comentando e saindo, entre os que circularam registrei as presenças da assistente social e de Tito (um menino de 07 anos).

Os vinte encontros e a experiência criativa com a cerâmica ocorreram da seguinte forma:

**Encontro preliminar:** Apenas com as missionárias Rosa e Lane para a efetivação do planejamento.

**No 1º encontro:** Ocorreu o início da familiarização dos sujeitos com a pesquisadora, com a argila e os equipamentos usados na coleta dos dados: gravador de áudio digital e máquina fotográfica digital.

**Do 1º ao 20º encontros:** Acolhi as adolescentes num espaço de confiança, implicação e cuidado onde mantive a minha intuição e atenção sensível, mas, sobretudo, mantive a minha disponibilidade para a escuta, para o brincar com a argila e para a observação.

O brincar com a argila ou os “jogos com a argila” se aproximaram do dispositivo clínico de brincar desenhando por meio do “jogo do rabisco”, praticado por Winnicott (1994), no qual o analista e o paciente completam o desenho um do outro. Esse recurso introduziu a dimensão poética com o uso do desenho para o espaço da clínica. Efetivamente brincamos com a argila na consistência plástica, utilizando basicamente da **técnica do rolinho**<sup>25</sup> e da **técnica de placas**<sup>26</sup>, de modo que foi estabelecida uma comunicação. Desse modo, *ceramicamos* em todos os encontros. A cada encontro, e conforme a necessidade do projeto individual das jovens, foi demonstrados o preparo da matéria, os aspectos técnicos do fazer cerâmico, a utilização dos instrumentos, foram dadas explicações sobre a terminologia específica, foram introduzidos e discutidos dados culturais e históricos, obras de artistas/ceramistas de referência – por exemplo, Miró, Mestre Vitalino e as ceramistas do Vale do Jequitinhonha –, foram apresentados livros e imagens fixas, de modo a contextualizar o que elas estavam fazendo, me valendo da Abordagem Triangular, no tripé proposto por Barbosa (1991) – apreciação, contextualização e produção.

Também foi usado em alguns encontros o recurso do desenho, enquanto projeto prévio para a assimilação, discussão e planejamento da produção tridimensional. O desenho registra e revela o pensamento, além de compartilhar o que estava oculto.

No decorrer dos encontros realizei intervenções que se configuraram tanto na forma de conduzir a oficina de cerâmica, quanto no cuidado dedicado a cada adolescente e ao grupo, por exemplo: (a) nas proposições para brincarmos, de modo a facilitar a dinâmica espontânea individual e grupal favorecendo as expressões lúdicas; (b) durante a modelagem – seja sugerindo, discutindo o projeto individual, orientando ou complementando – visando ao

---

<sup>25</sup> Consiste em usar fios de argila sobrepostos, começando da base até a parte superior. Entre as camadas usa-se **barbotina** – a argila em estado pastoso, que tem a função de colar as emenda.

<sup>26</sup> Existem diferentes procedimentos para fazer placas de argila. As jovens abriram a argila entre dois pedaços de lona de algodão, usando um rolo de madeira, e fizeram os cortes conforme os tamanhos previstos nos projetos individuais.

beneficiamento da expressão artística das jovens; e (c) durante as conversações em que as jovens tanto falavam de modo espontâneo quanto eram estimuladas a falar a partir de indagações específicas feitas por mim, surgidas na ocasião conforme o assunto abordado no diálogo: “Você já conhece a argila? Você já teve experiência?”, “Como é que foi para vocês o encontro passado?” – objetivando a exposição oral dos pontos de vista, das ideias, das experiências singulares das jovens, enfim, das expressões verbais ou dos silêncios.

**No 20º encontro:** Ouvimos uma música instrumental, ocorreu o fechamento da produção artística de Mila e o desligamento das atividades de pesquisa na instituição.

O detalhamento das situações relevantes, das narrativas (conversações) e das produções plásticas (artísticas) estão expostas na “Parte III – Modelagem dos dados”.

### **II.1.5 Instrumentos utilizados**

Acompanhei os processos criativos de jovens que viviam a simultaneidade da adolescência e da maternidade em contexto de acolhimento através da experiência com a linguagem da cerâmica. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: a gravação de áudio, as fotografias e o diário de campo.

As gravações de áudio das conversações (diálogos) do grupo foram registradas na íntegra a cada encontro, num gravador digital portátil e, posteriormente, transcritas, literalizadas e organizadas por datas, seguindo a ordem dos encontros. Optei por manter a forma como cada adolescente mãe se expressava verbalmente sem as correções ortográficas, conforme expliquei anteriormente, isso revelou semelhanças na forma rudimentar de Mila e de Ceci falarem e as diferenças na forma de falar correta de Bete em relação às outras, de modo que ficou evidenciado o maior grau de escolaridade de Bete. O registro foi realizado com a autorização das participantes e do responsável por elas na instituição, expressas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As fotografias com função de registro foram feitas com uma câmera digital, apenas das etapas da modelagem e as peças prontas (cruas), em ângulos e enquadramentos que não possibilitaram identificar os sujeitos. Conforme explicou Loizos (2002), as narrativas visuais ou as descrições fotográficas são consideradas dados visuais significativos que podem revelar indicadores diversos. Dentre os indicadores, o que interessou nesta coleta de dados foi o indicador “plástico”, ou seja, a revelação plástica do processo criativo artístico com a argila. Abro um parêntese para relatar que se tivesse outro profissional realizando apenas o registro fotográfico, possivelmente teria sido mais rico o material para expor nesta tese, pois, em

vários momentos, eu não pude fazer o registro porque estava com as mãos na argila, me impossibilitando de pegar na máquina fotográfica.

O diário de campo foi o meu instrumento pessoal de expressão escrita sobre as experiências vividas. Redigido após o término de cada encontro e permeado por minhas afetações diversas da ordem do sensível. O registro em diário de campo, por se configurar na escrita do pesquisador, imersa em suas sensações vivas, difere de um relatório descritivo. O diário foi ferramenta imprescindível para o meu trabalho de análise dos dados, no qual surgiram várias correlações poéticas, especialmente envolvendo a letra de várias músicas, que enriqueceram as interpretações dos dados.

O mesmo procedimento de organização por datas e seguindo a ordem dos encontros, ocorreu com as fotografias e o diário de campo. A interrelação entre os dados durante a análise teve a finalidade de ampliar o campo compreensivo.

### **II.1.6 Procedimentos éticos**

Condição indispensável para o início da pesquisa de campo, o Projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Foi assegurado às participantes total sigilo sobre os dados por elas fornecidos, inclusive foram usados nomes fictícios para elas e para seus filhos, para a instituição onde foi realizada a coleta de dados, para as missionárias e para a fundação (principal entidade mantenedora da instituição), mencionados nesta tese.

Todo o material coletado ficará guardado em lugar seguro por cinco anos sob a minha responsabilidade e passado esse período será incinerado.

Antes do início da pesquisa, as adolescentes mães foram esclarecidas verbalmente acerca dos vários aspectos da pesquisa, dentre eles os objetivos, os riscos e os benefícios, conforme consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e nessa ocasião foram esclarecidas as dúvidas. Ao concordarem em participar da pesquisa, as jovens formalizaram o aceite assinando o TCLE, bem como deram a permissão para a gravação de áudio e o registro fotográfico. Bete sabia assinar o seu nome completo, mas Mila e Ceci não, elas só assinaram o prenome. Todas escreveram os números dos seus documentos. O consentimento também foi respaldado pelo padre responsável pelas jovens na instituição. Ele, inclusive, já tinha formalmente autorizado previamente a realização da oficina de cerâmica na “Terra”.



## II.1.7 Procedimentos para análise dos dados

Além da minha experiência acumulada como artista plástica, ceramista e arte-educadora, na discussão dos resultados obtidos com a análise dos dados usei o “raciocínio analítico”, que, segundo Mezan (1998), é a relação entre observação e interpretação teórica. O conjunto dos dados coletados foi analisado e interpretado à luz das teorias de Winnicott e Ostrower, afora as complementações, valendo-me da literatura relativa aos assuntos.

Oportuno ressaltar que na abordagem investigativa de âmbito qualitativo nada é trivial, toda manifestação tem potencial para fornecer pistas importantes na construção e compreensão do fenômeno estudado. O pesquisador tenta analisar os dados em toda sua riqueza respeitando as formas de registros (CHIZZOTTI, 2011).

Nesta pesquisa, a análise das gravações de áudio se deu a partir da escuta do que foi falado, das transcrições e literalizações das conversações. Foi analisada a maneira de falar de Mila, Bete e Ceci, e os conteúdos vivenciais sobre os quais falavam, inclusive optei por manter a forma como elas falavam sem correção ortográfica, conforme justifiquei anteriormente. Ostrower (1989) explicou que falar é uma forma de simbolizar, pois muito do que imaginamos é verbal ou torna-se verbal, e as associações são ligadas à fala e às palavras – por serem formas, as palavras abrangem níveis de significações. Pensa-se falando, cada indivíduo pensa, imagina e fala dentro dos parâmetros de uma língua, inserida numa cultura. No entanto, mesmo a fala sendo articulada ao uso concreto da língua, há de se considerar a experiência vivencial de cada indivíduo. Assim, quando ditas, as coisas se tornam presentes para cada indivíduo que fala (OSTROWER, 1989, p. 21, 34), além disso, as expressões verbais (com a dificuldade ou não de se expressarem no português correto) dizem da postura subjetiva das jovens.

Já na análise das fotografias foi considerado o indicador plástico do processo artístico com a argila. Nesse caso, foi dado enfoque aos dados concretos expressivos presentes nas formas escultóricas modeladas com a argila (as etapas da modelagem até a finalização), onde relacionei a materialidade e a linguagem da cerâmica aos conteúdos significativos em termos plásticos, visuais e a apreciação dos caminhos de “elaboração imaginativa”. Ostrower (1989) expôs que existem outras formas além das verbais, ou seja, são ordenações de uma determinada matéria, “formas igualmente ordenadas e simbólicas cujo conteúdo expressivo se comunica” (OSTROWER, 1989, p. 34). No entanto, para se ter noção do processo de criação com a linguagem da cerâmica é imprescindível que o artista e/ou o arte-educador tenha

conhecimento sobre a sua materialidade, isto implica em dizer que é necessário ter tido experiência prática, vivenciado os problemas específicos em termos de linguagem da cerâmica. Só a partir da familiaridade com o pensamento plástico, tridimensional, das formas visuais do campo cerâmico é possível apreciar os caminhos de “elaboração imaginativa” feitos por quem produziu usando essa linguagem. Isso é similar à qualidade do terapeuta, o processo analítico do paciente só vai até onde o terapeuta foi no seu próprio processo analítico.

Sabe-se que o diário de campo é um recurso constitutivo de qualquer pesquisador. A construção do meu diário de campo se deu ao longo de toda a experiência durante a coleta dos dados, redigido na ordem cronológica dos encontros. Foram registradas as minhas descrições e reflexões sobre os fenômenos da investigação, mas também as minhas emoções, reveladas através da minha narração escrita, singular, sobre as experiências intersubjetivas vividas com as adolescentes nos vinte encontros na oficina de cerâmica. A minha escrita teve o reflexo da minha presença implicada, observando e acompanhando os processos criativos (artístico e maturacional) das adolescentes. Obviamente, foquei a redação do diário sobre as expressões lúdicas, as expressões plásticas (artísticas) e as expressões verbais das jovens.

Destaco, ainda, que a análise também envolveu a oficina de cerâmica em si, como *locus*, o espaço de criação de modo geral, no qual foram apontados e discutidos vários aspectos além das análises do que Mila, Bete e Ceci criaram com a argila e as ressonâncias na criação de si, isso poderá ser observado nos vários encontros, dentre eles, daqueles em que Ciço, filho de Mila, e Pepe, filho de Ceci estiveram presentes.

Considerando o exposto, através da interrelação da análise dos dados modelei a minha reflexão num processo laborioso de relacioná-los às indagações da pesquisa. Segundo Ostrower (1989) “as indagações constituem *formas de relacionamento afetivo*, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno” (OSTROWER, 1989, p. 39, grifos da autora). Assim, os questionamentos da pesquisa foram: 1º) Que conteúdos as adolescentes mães expressam, considerando o contexto de acolhimento institucional em que vivem? 2º) Aquilo que cada uma faz com a argila pode expressar uma criação artística e vir a favorecer na criação de si? 3º) Será que uma intervenção por meio da escuta e do brincar com a argila pode funcionar enquanto “espaço potencial” e contribuir para que os sujeitos ponham suas vidas em andamento, ao viverem o contexto simultâneo da adolescência e da maternidade?

Conforme exposto anteriormente, a concepção de “criatividade” em Winnicott relativa à dimensão de si, e a de Ostrower do ponto de vista artístico foram os eixos deste trabalho. Para isso três unidades (aspectos básicos) foram analisadas: 1) A capacidade e as formas de

brincar (as expressões lúdicas); 2) A forma de usar a argila artisticamente (as expressões plásticas); e 3) A forma de falar (as expressões verbais) ou o silêncio.

Na análise foi considerado a escuta das gravações das conversações e a leitura de suas transcrições, nas quais foi mantido o máximo de fidelidade em relação ao que foi verbalizado pelas participantes e por mim (pesquisadora) durante os encontros na oficina de cerâmica. Sustentada ainda por Mezan (1998), construí os “diagramas” das distintas conversações em forma de coluna, de modo a organizá-las por temas: 1) A experiência artística com a cerâmica e a experiência criativa (maturacional) a partir da cerâmica; 2) A experiência da adolescência; 3) A experiência da maternidade.

Após elencar os temas numa certa ordem fiz várias leituras para me familiarizar com os dados. Simultaneamente, fiz anotações preliminares associando os temas com as três unidades básicas de análise. Visando o aprofundamento da reflexão foram acrescentadas outras informações relativas a cada tema, obtidas através de leituras, fichamentos e associações, de modo a apresentar consistência e informar uma sucessão de elementos relativos a cada tema. Na modelagem da reflexão foram acrescentados os dados oriundos das descrições fotográficas do ponto de vista plástico do processo artístico, além dos dados do diário de campo que incrementaram a ordem e a conexão dos argumentos, bem como a adequação dos exemplos à malha conceitual.

Diante do exposto, foram encontrados fundamentos para a discussão dos resultados obtidos com a análise dos fenômenos (dados) vivenciados pelos sujeitos participantes.

# PARTE III

## Modelagem dos dados

### III.1 Contextualização das adolescentes mães acolhidas na “Terra”

A partir de uma afirmação publicada pelo UNICEF (2011) sobre as instituições de acolhimento, que revela uma posição generalizada sobre o tema, contextualizo com outro posicionamento as adolescentes mães acolhidas na “Terra” e também trago resultados que são frutos da pesquisa.

[...] não existem experiências sustentáveis de abrigos que consigam desenvolver estratégias eficientes para a garantia do direito a uma família ou mesmo para buscar alternativas que apoiem os adolescentes que crescem nessas instituições a fim de que desenvolvam um projeto de vida, estabeleçam autonomia e construam redes afetivas. (UNICEF, 2011, p. 36).

São tantos aspectos relativos a essa questão, dentre eles, o que envolve a infraestrutura, os recursos materiais e humanos, as atividades desenvolvidas conforme consta das “Orientações Técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes” (BRASIL, 2009), de maneira que considero pertinente exemplificar com o que observei sobre o apoio específico à Mila, Bete e Ceci na instituição acolhedora.

Além de lidarem com o próprio desamparo durante a adolescência sem o apoio familiar, as jovens mães precisam acolher o desamparo inerente ao filho/bebê. Elas se veem envolvidas em instabilidades, ansiedades, dúvidas, alegrias, expectativas, ressentimentos, fantasias e responsabilidades, agravadas pela falta de suporte necessário da família nesse duplo processo marcante de vivência da adolescência e da maternidade. A própria condição de ausência, fragilidade ou perda do vínculo familiar complexibiliza a imaturidade para viver a realidade do processo da maternidade e suas implicações que ultrapassam os aportes concretos de cada uma das jovens – psíquico, afetivo, financeiro etc. Embora sem a sustentação (*holding*) familiar, com a situação de acolhimento, esse *holding*, em muitos casos, passa a existir, ainda que seja institucional. A instituição, então, exerce o papel que deveria ser dos pais e passa a ser um referencial para elas. No entanto, também pode ocorrer de a jovem não encontrar o *holding* que necessita, ou mesmo não se adaptar às regras da instituição, e encontrar na fuga uma alternativa – sobretudo por parte das jovens com vivência de rua, que têm ausência da dinâmica cotidiana doméstica e da temporalidade, sendo necessária a formação de hábitos de conduta e aquisição de valores.

O despreparo das jovens para a função materna, em tese, é amenizado durante o período de acolhimento, quando passam a ter diversas orientações – sobre a convivência, o afeto, o cuidado e a educação do filho. A instituição é, portanto, um espaço de cuidado, suporte e intervenção visando ao favorecimento das jovens a ressignificarem as suas vidas,

sobretudo a partir do fortalecimento do vínculo mãe e filho, fundamental para a constituição da família e da responsabilidade materna. Em última instância, o trabalho da instituição visa à autonomia das adolescentes para cuidarem de si e dos filhos, criando um projeto singular para se manterem vivas – cheias de vida, no sentido winnicottiano.

Além da garantia dos direitos básicos, como alimentação, educação, saúde, lazer, assistência médica, recebem também assistência psicológica e religiosa. Elas são inseridas num ritmo cotidiano de atividades. Outro benefício é o fato de as adolescentes mães permanecerem convivendo com os filhos. Mais um ponto importante na “Terra” é o fato de as adolescentes encontrarem adultos que se tornam referências para elas, figuras de autoridade, de proteção e cuidado para seu desenvolvimento saudável. É evidente que a instituição mobiliza os recursos que dispõe para acolher, atender e dar suporte educativo as adolescentes, sendo necessária a adaptação delas ao contexto institucional. A adaptação é necessária para ambas as partes, tanto das jovens à instituição, quanto da instituição às jovens, como uma “mãe suficientemente boa” e seu filho durante o *holding*.

O contexto rural de tranquilidade em contato com a natureza, a regularidade, a provisão garantida, bem como a rotina diária com direitos e deveres, norteiam as adolescentes que conseguem seguir esse ritmo. Do contrário, há aquelas que fogem ou não cumprem as regras da instituição, se atritam entre si e com os profissionais e são transferidas para outra instituição por não conseguirem se adaptar. A imersão numa vivência totalmente diferente daquela vivida no convívio familiar e/ou na vivência de rua torna-se referencial onde são prioritários o conforto, o acolhimento, a segurança e o apoio. A construção de relações pautadas na confiança e no diálogo favorece o contato sincero e acessível.

A “Terra” é uma das unidades onde é oferecido o serviço de acolhimento em casas lar, com o suporte operacional de uma ONG católica, conforme caracterizado na “Parte II – Modelagem do percurso metodológico”. Os fortes laços entre os membros (missionários) da instituição, por viverem e conviverem em comunidade favorece o atendimento/serviço que abarca a ação coletiva. Esse reflexo pode ser observado na qualidade das relações estabelecidas entre a equipe e os acolhidos. Nem sempre os serviços oferecidos em instituições públicas, com a maioria da equipe técnica composta por funcionários públicos, ou mesmo em ONGs, consegue construir vínculos de qualidade e confiança com os acolhidos.

A Paraíba, assim como todos os estados da federação, não dispõe de instituições acolhedoras em boa parte de seus municípios, embora esses serviços sejam da competência de cada um deles. No entanto, a política de atendimento a crianças e a adolescentes no Estado da Paraíba, conforme formalizada no **Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do**

**Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PECFC)**, (PARAÍBA, 2013, p. 18), está alinhada com o que reza a Constituição Federal (BRASIL, 1988), o ECA (BRASIL, 1990), e a Lei Federal nº 12010 (BRASIL, 2009b)<sup>27</sup>, que os definem enquanto sujeitos de direitos. Porém, isso não quer dizer que o que está alinhado juridicamente, de fato atende ao que as adolescentes precisam.

Vários fatores estão implicados para que a instituição cumpra sua função protetiva e de restabelecimento de direitos e também de *holding* – o que é ainda mais complexo. Quando o serviço de acolhimento não é de qualidade as consequências negativas comprometem o desenvolvimento dos acolhidos, sobretudo quando o acolhimento de prolonga desnecessariamente. Fundamentalmente, os profissionais devem estar preparados para receberem as acolhidas sem discriminação e preconceito, mas respeitando sua individualidade e sua história de vida. Devem estar atentos às suas crenças e conhecer (caso exista) sua rede de vínculos e a importância que eles (os vínculos) exercem ao processo de desenvolvimento de cada jovem (BRASIL, 2009). A equipe técnica só conseguirá obter um diálogo franco, transparente e transformador com as jovens mães a partir da construção de vínculos de confiança, conforme observado na “Terra”.

### III.2 Histórico de Mila

Mila tinha 13 anos quando chegou à instituição com seu filho recém-nascido. O motivo do acolhimento foi vulnerabilidade social e exploração sexual. Quando realizei a oficina de cerâmica ela estava em situação de acolhimento há quase dois anos, tinha 15 anos de idade e o filho 01 ano e 08 meses. A gestação foi de risco, não só pela sua idade, mas agravada pelo fato de ter AIDS.

Antes de ser acolhida, Mila morava com a mãe, os três irmãos menores de idade, dois meninos e uma menina (sendo ela a caçula) e o avô com problemas mentais, numa casa de taipa com dois cômodos, em condição humilde e precária – sem piso e sem higienização. Além desses irmãos, a jovem tinha uma irmã maior de idade e casada. A mãe, além de não cuidar de si mesma, não dava a devida atenção nem aos filhos, nem ao idoso. Segundo denúncia, as crianças não se alimentavam nos horários adequados e ficavam até altas horas da noite pela rua, totalmente livres e sem limites, enquanto a mãe ficava com os parceiros

---

<sup>27</sup> De 3 de agosto de 2009, “dispõe sobre adoção; altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências.” (BRASIL, 2009b).

sexuais dentro de casa, bebendo e fumando. A genitora tinha comportamento inadequado diante dos filhos, não se preocupava se as crianças presenciavam ou não as suas atitudes.

Nessa época, Mila fazia diversos programas com homens de tipos e idades variadas que a humilhavam, pressionavam-na psicologicamente para ela fazer sexualmente o que eles queriam e ameaçavam agredi-la fisicamente. Recebia dinheiro, bebia e fumava, pegava carona para passar dias fora de casa, vivendo em “cabaré”, juntamente com outras moças, conforme contou. Fazia sexo sem prevenção e não sabe ao certo com que idade começou a se prostituir e como contraiu a doença. Presume-se que tenha sido através dos “amigos” da mãe alcoólatra e também doente de AIDS, pois, esses homens frequentemente se relacionavam sexualmente tanto com a mãe, quanto com a filha. Quando descobriu que estava grávida Mila ficou se relacionando sexualmente com o rapaz que a engravidou.

Após a denúncia sobre a situação de risco das crianças, foi realizada uma intervenção pelo Conselho Tutelar da cidade do interior da Paraíba onde moravam. O idoso foi transferido para a casa do tio de Mila e a guarda dos irmãos de Mila ficou com o pai biológico deles, padrasto de Mila, pois o seu pai biológico é falecido. A partir de então, ficaram morando na referida casa até a internação da jovem para o parto, Mila, a mãe e o rapaz de 22 anos que a engravidou. A mãe não deixou de manter as frequentes visitas dos seus parceiros sexuais.

Nesse período que a relação entre Mila e o pai biológico da criança se manteve, ele lhe deu certa assistência, chamava a ambulância quando ela sentia dor, quando estava trabalhando lhe dava dinheiro e comprava o que ela precisava. Ele fazia uso abusivo de bebida alcoólica e na relação ocorriam brigas frequentes. Quando o jovem não estava trabalhando, o pai dele ajudava com mantimentos e dinheiro, conforme ela contou.

Em consequência da intervenção legal, a mãe de Mila teve de acompanhá-la nas consultas – embora tenha faltado a algumas – e na internação, até o parto que inspirou cuidado intensivo assistido em hospital de referência nesse tipo de tratamento e procedimento em João Pessoa. A jovem ficou internada durante três meses, devido à fragilidade de sua saúde, agravada pelo quadro de infecção urinária.

Nesse ínterim, foram acertados os ajustes para que após o parto houvesse o imediato acolhimento da jovem e seu bebê na “Terra”, pois, mediante a rotina de vida diferenciada que a adolescente e seu filho necessitariam, não haveria condição de retornar ao convívio negligente com o comportamento inadequado da mãe, na situação de infraestrutura precária em que viviam. Mila manifestou o desejo de voltar para o convívio com a mãe assim que foi acolhida na instituição. A mãe continuou vivendo da mesma maneira e não se permitiu fazer o tratamento para a AIDS, conforme relatório dos técnicos dos órgãos competentes.



Após o acolhimento da jovem e seu bebê, foi realizada avaliação neurológica e ela foi diagnosticada com um “atraso cognitivo mental”, que requeria “acompanhamento multidisciplinar”. Ela também apresentava limitação visual, tinha óculos, mas não os usava por vergonha. A jovem foi matriculada em colégio que atendia às suas necessidades e cursava o segundo ano do ensino fundamental. Devido ao apoio e ao incentivo dado pelos professores e monitores, fez avanços e passou de ano após as repetências consecutivas nos últimos cinco anos. Mila lia e escrevia pouco, desconhecia o seu nome completo, mas escrevia o seu prenome. Ainda que a adolescente mantivesse uma rotina de atividades na instituição e na escola, e percebesse a temporalidade quanto a fatos do passado, ações do presente e realizações para o futuro, não sabia especificar que dia da semana estava vivendo, tampouco pouco o mês ou o ano.

A jovem apresentava comportamento tranquilo e se relacionava bem com a equipe da instituição e com os outros acolhidos, compreendia situações e fazia elaborações diversas dentro de suas limitações. Tinha certa noção da gravidade da sua condição de saúde, ficava atenta para não deixar ninguém tocá-la quando se feria, e não realizava tarefas na cozinha. No entanto, devido aos efeitos colaterais que sentia, não mantinha a regularidade necessária ao tratamento medicamentoso com o coquetel indicado para a AIDS, iniciado quando esteve interna no hospital para o parto, conseqüentemente a sua imunidade ficava comprometida.

Em relação aos cuidados com o filho Ciço, Mila era impaciente com a criança e não conseguia compreender o que ele necessitava. Devido a esse precário cuidado diário na rotina com a alimentação, higiene, afeto etc. que dedicava ao filho, eram mantidos suportes constantes dirigidos à jovem por parte dos missionários e da equipe profissional da instituição – assistente social, educadores etc. De modo preventivo, a guarda provisória de Ciço foi concedida a uma madrinha – uma senhora da comunidade que integrava a instituição católica. Ocorreu de a criança ter ficado desidratada e ter sido internada de urgência em hospital devido aos frequentes descuidos da jovem. Ela não deixou de visitar o filho no hospital, inclusive, fazia pouco tempo que ele havia recebido alta quando iniciei a oficina de cerâmica, que ocorreu no período de férias escolares da jovem. Ciço esteve presente em vários encontros.

Seu filho tinha aspecto robusto, não havia sido contaminado pelo vírus do HIV; mas era um bebê que adoecia com frequência, apresentava várias alergias. Ainda que o vínculo entre Mila e o filho existisse, a ausência de diversos recursos, sobretudo psíquicos, limitava a jovem de cuidar de modo autônomo, tanto de si, quanto dele.

A jovem era consciente da impossibilidade legal de reintegração com a mãe que perdeu o poder familiar sobre ela. Por conseguinte, aguardava decisão judicial para ir morar

na casa do padrasto, que há alguns anos não morava mais com a mãe de Mila. Esse homem ficou comovido e indignado quando soube da situação de saúde e do quadro geral da jovem. Ele vivia com a atual mulher, os filhos dela, os três filhos biológicos dele (irmãos de Mila por parte de mãe). No entanto, durante os dois anos iniciais do acolhimento da jovem, nunca a visitou na instituição, talvez devido à sua condição financeira precária – ora arrumava trabalho, ora está desempregado.

### **III.3 Histórico de Bete**

Bete tinha 17 anos quando foi encaminhada grávida de cinco semanas para a “Terra”, em 2012, através da Casa de Passagem do município de João Pessoa. O motivo do encaminhamento foi justificado pelo fato de a genitora não ter manifestado interesse em reintegrá-la e muito menos outros familiares. Após o acolhimento da jovem na “Terra”, a genitora se negou a conversar sobre qualquer assunto relacionado à Bete e não autorizou visita da equipe técnica da instituição à sua residência. Seu padrasto, ao contrário, telefonou várias vezes para a instituição e chegou a falar com a jovem.

Durante os dias iniciais do acolhimento, Bete não tinha revelado quem de fato a tinha engravidado, embora a mãe e a família soubessem que tinha sido o padrasto. Bete apresentava aceitação e comportamento tranquilo em relação à gravidez. Teve dores de cabeça e abdominal, havia sido medicada em hospital e encontrava-se estável. Estava se adaptando à instituição, se relacionava bem com os outros acolhidos e os profissionais. Estava matriculada no ensino fundamental em escola pública. Embora tivesse boa saúde, sentia dificuldade para respirar, fazia uso de medicação indicada para crise asmática e relacionava isso às suas relações emocionais conflituosas. Participava das atividades de artes, evangelização e passeios. A partir do acolhimento, Bete recebeu cuidados e teve várias assistências. A gestação de Nino foi tranquila, seu bebê nasceu de parto normal em hospital público em João Pessoa.

A jovem disse não ter vínculo com a mãe e não ter conhecido o pai. Segundo a genitora, os vínculos da filha com o pai foram perdidos, o genitor nunca foi responsável pela educação da adolescente.

Desde que nasceu, Bete foi rejeitada pela mãe, conforme relatou, e passou a morar em várias residências, inclusive com a avó paterna, até foi morar num município do interior paraibano com os padrinhos de batismo que ficaram cuidando dela até os 07 anos de idade. Nessa época a madrinha percebeu que o marido, padrinho de Bete, abusava sexualmente dela

e a havia estuprado. Mesmo sem lembrar muitos detalhes do estupro, a jovem sabe que sangrou e ficou traumatizada. Disse que, durante muito tempo, ao falar sobre o assunto chorava bastante, mas que atualmente havia superado, de modo que conseguia falar sobre o episódio sem se afetar ao ponto de chorar.

Bete morou com a avó paterna em João Pessoa, considerada por ela sua referência afetiva. Com frequência, a jovem apresentava comportamento rebelde – fugia de casa, roubava dinheiro das economias guardadas (em mealheiros de cerâmica) pela avó e outros familiares. Também disse ter se prostituído para ganhar dinheiro nessa época, e que correu riscos por não fazer sexo seguro. Por gostar de futebol, a avó matriculou a neta em times para ela treinar, perto de se profissionalizar descobriu que estava grávida e deixou de treinar. Também tocou numa banda marcial. Foi morar na casa da genitora em João Pessoa, mas fugiu várias vezes alegando traumas da infância. Fez tratamento psicológico.

Até 2010, morou com a genitora, o padrasto e o irmão mais velho que padecia de transtorno mental, o único filho que a mãe assumiu. O casal vivia maritalmente há sete anos e moravam em casa própria num dos bairros populares da capital paraibana. Além desse irmão, Bete tinha uma irmã mais nova, que morava com os familiares do pai, num município paraibano do interior e ela não a conhecia.

Sua genitora trabalhava como acompanhante de pessoas enfermas nos hospitais, embora não tenha terminado o curso de qualificação nessa profissão. Seu padrasto estava se recuperando de um acidente de trabalho e recebia auxílio doença. A jovem tinha problemas de relacionamento com a mãe, mas se relacionava bem com o padrasto. Conforme relatou, ele a tratava bem e com respeito, como se fosse sua filha e ela o considerava como pai.

Saiu da casa da genitora no final de 2010 e passou a morar numa cidade do interior da Paraíba na casa de uma amiga. Lá esteve matriculada em escola e se relacionou com um homem mais velho que lhe agredia fisicamente, conforme relatou. Ela não era usuária de drogas, mas já havia experimentado maconha e crack.

A genitora contou que a jovem retornou à sua casa em meados de 2011 e que foram muitas idas e vindas, pois a filha não tinha comportamento estável. O relacionamento entre ambas era conflituoso. Segundo Bete, a mãe tinha ciúme porque ela e o padrasto mantinham boa convivência. A genitora afirmou que sentia raiva por não ser compreendida pelo marido, pois ele defendia e protegia Bete sem que a filha tivesse razão.

A jovem retornou à casa da genitora em 2012 e as brigas entre as duas continuaram. O ápice dessa relação conflituosa com a mãe culminou com o envolvimento sexual de Bete com seu padrasto. Ainda que os encontros sexuais tenham ocorrido poucas vezes, ela engravidou

aos 17 anos. Ela relatou que o seduziu para se vingar da mãe. A situação de Bete na família ficou bastante difícil. A genitora disse para ela abortar, porque se não mataria a criança, mas Bete não desejava abortar. A avó não quis mais acolher Bete em sua casa. A jovem grávida ficou perambulando pelas ruas até pedir ajuda ao Conselho Tutelar de João Pessoa, que a encaminhou para a “Terra”.

Quando iniciei os encontros na oficina de cerâmica Bete estava acolhida há dois anos na instituição, tinha 19 anos de idade e seu filho Nino estava com 01 ano e 07 meses. Nino não participou de nenhum encontro. A jovem fazia planos para o futuro com seu filho. Pelo que demonstrava e falava, a vida circulava em torno dele. O filho foi norteador para ela, além do apoio dado pela instituição. Ela recebia ajuda financeira do governo federal através do programa Bolsa Família. O pai da criança tinha contato frequente com o filho, era um pai presente, e ajudava materialmente no que Nino precisasse, inclusive, nas ocasiões em que ele esteve hospitalizado, acompanhou a criança com Bete. Ela não teve mais contato sexual com o pai do seu filho e ele não vivia mais com a sua genitora. Há vários meses ela não falava com a avó paterna.

Bete relatou que na instituição acolhedora descobriu Deus, passou a frequentar a igreja católica e fez a 1ª comunhão. Ela estava muito bem adaptada à instituição. Esforçada e estudiosa, a jovem estabeleceu um projeto de vida que envolvia os estudos e a estabilidade financeira com um emprego para ter autonomia para cuidar do filho, mas tinha dúvidas se moraria com o pai dele. Bete era um exemplo de adolescente mãe que demonstrava capacidade de reinventar a vida e a si mesma, após ter vivido passagens traumáticas na infância e na adolescência.

### **III.4 Histórico de Ceci**

Ceci foi acolhida na “Terra” em março de 2014, com 17 anos e grávida de dois meses. O motivo do acolhimento foi vulnerabilidade social e risco pessoal, pois seu genitor, usuário de drogas, a ameaçava. Sua mãe também era usuária e envolvida com tráfico de drogas, encontrava-se presa em São Paulo. A jovem morava com o irmão mais velho, casado, na cidade onde nasceu no interior da Paraíba, mas não se dava bem com ele e vivia perambulando pelas ruas.

Quando ela chegou à instituição, teve dificuldade para se adaptar às regras e aos limites colocados para ela, de modo que se mostrou agressiva, desrespeitando os cuidadores. Em outubro do mesmo ano, Ceci fugiu da “Terra” levando Pepe, seu bebê recém-nascido.

Após localizados, eles foram levados ao Conselho Tutelar da cidade natal da jovem e encaminhados para a casa do irmão. Esse irmão e a mulher com quem ele vivia cuidavam dos outros irmãos menores de Ceci.

No mês seguinte (em novembro), após contato da jovem com a instituição dizendo que queria voltar, Ceci retornou com seu filho. O pai de Pepe não tinha contato com ele e não ajudava na sua manutenção. Ceci estava sem frequentar a escola e afirmou não querer estudar.

Quando iniciei a oficina de cerâmica em dezembro do mesmo ano, Ceci estava com 18 anos e Pepe com três meses de idade. Ceci participou dos 1º, 2º e 3º encontros, e Pepe esteve presente no 2º. Perto dos festejos de fim de ano, a jovem evadiu-se novamente da instituição levando seu filho e não voltou mais.

### **III.5 Os encontros em grupo aberto na oficina de cerâmica**

A oficina de cerâmica em grupo (aberto) se configurou enquanto espaço relacional durante os vinte encontros, ela foi especificada também como um recurso técnico utilizado na coleta dos dados (ver “Parte II – Modelagem do percurso metodológico”). Nos encontros participaram basicamente Mila, Bete, Ceci e eu, mas em alguns encontros houve as participações de Ciço, filho de Mila e de Pepe, filho de Ceci. Após a fuga de Ceci, participaram de cinco encontros subsequentes as adolescentes Alda, Mara, Lia e Isa; também estiveram presentes, sem convite prévio, a assistente social (em um encontro) e Tito – uma criança de 07 anos (em dois encontros), conforme explicitado anteriormente. Embora sendo um grupo aberto, as análises foram centradas nas produções de Mila, Bete e Ceci, mas a riqueza das outras participações foram úteis para a contextualização das expressões lúdicas, verbais e plásticas das três jovens. Poderá ser observado que eu não fiz apenas uma análise do que elas criaram, mas uma análise da oficina em si, como *locus*, do espaço de criação de modo geral. Nos encontros convivemos com as surpresas, com as presenças e as ausências, com as conversações e os silêncios, com as energias, enfim, com as experiências mediadas pela modelagem da argila.

A oficina de cerâmica foi um espaço lúdico, de experiências intersubjetivas, de partilhas, de surpresas, de confiança e de cuidado com o outro. O brincar compartilhado com a argila (o *ceramicar*), tendo como referência o dispositivo clínico do “jogo de rabisco” de Winnicott (1994), foi uma aproximação fecunda. Além da modelagem da argila, houve a comunicação na qual cada adolescente se surpreendeu com o que descobriu sobre si mesma. A relação de confiança estabelecida entre a pesquisadora e as adolescentes favoreceu o

brincar, a expressão espontânea, permitindo que elas se “sentissem reais”, sendo elas mesmas. Não foi observado nenhum estado em que as jovens não brincassem, ao contrário, em todos os encontros elas estiveram dispostas e disponíveis para *ceramicar* – criando objetiva e subjetivamente a arte a si mesmas (*self*), num processo autopoiético. Dito de outra forma: a vida e a arte foram entrelaçadas ao processo artístico. Isso indicou que as jovens demonstraram o seu “potencial criativo do *self*”, agindo espontaneamente e interagindo em grupo, no campo relacional da oficina de cerâmica onde estavam implicados, o mundo interno de cada uma, e o mundo externo comum a todas.

Foi instaurada uma vivência de processualidade em intrínseca relação com os campos poéticos e estéticos mediado pelo fazer cerâmico. E a pesquisadora acolheu e deu o *holding* necessário às jovens para que fizessem suas experiências, a qualidade da relação estabelecida com as jovens foi reconhecida como positiva.

Modelando a arte e a vida, as jovens experimentaram uma nova forma de estar no mundo, ativaram novos processos objetivos e subjetivos, bem como, suas próprias potencialidades, pois nunca haviam feito uma experiência artística como a que fizeram, com ressonâncias na criação de si. E a forma como se sai desse tipo de experiência não é a mesma forma que se entrou, isso ficou visível porque o fazer artístico compartilhado mobilizou a potência criativa de Mila, de Bete e de Ceci.

Durante os encontros foram surgindo questões técnicas e estruturais, específicas do campo das artes visuais e relacionadas tanto ao processo de modelagem da argila, quanto sobre a linguagem da cerâmica. As questões técnicas específicas do fazer/processo cerâmico puderam ser relacionadas à outra ótica epistemológica – ao processo psíquico.

Nas análises dos encontros poderá ser observado que eu mantive a forma como cada uma das adolescentes mães se expressava verbalmente, conforme destacado e justificado anteriormente. Os resultados deste estudo deram visibilidade ao dia a dia de adolescentes mães pobres acolhidas em uma ONG.

### **III.5.1 1º Encontro**

Nesse 1º encontro estávamos Mila com Ciço, Bete, Ceci e eu. Iniciei me apresentando e a minha pesquisa de doutorado e como funcionaria a oficina de cerâmica. Em seguida disponibilizei a argila para que elas tirassem a quantidade que quisessem, e sugeri que tocassem a matéria, sentissem a sua consistência. Logo após, sugeri que elas modelassem o que desejassem e que fossem se apresentando.

Expliquei que quando estamos trabalhando em grupo começamos por uma apresentação e, embora elas já se conhecessem, nem eu as conhecia, nem elas a mim. Como eu já havia me apresentado, queria ouvi-las. Então, pedi que elas falassem o nome e o do filho, a idade e a do filho e há quanto tempo estavam acolhidas. Expliquei que simultaneamente ao falarem de si, estariam trabalhando e mostrando plasticamente os conteúdos individuais e, ao mesmo tempo, entrando no universo da cerâmica. Então as convidei: “Vamos começar?” Mila foi a primeira a falar e disse: “É, vô logo começá, eu gosto de convesá. Melhó convesá du que ficá calada”.

Nesse encontro, Mila foi a que se mostrou mais disponível para o diálogo. A jovem chegou vestida com um short de viscose colorido e chinelo de borracha. A blusa regata bordada de lantejoula cinza brilhante, apropriada para festas me chamou a atenção. Seu cabelo estava solto e em dado momento ela disse: “Meu cabelo tá um fuá!”, e Bete sugeriu: “amarra”. Fazendo correlações percebo que disponibilizei a argila brincando: “Fiquem à vontade, se sirvam do bolo!”. Estávamos ali para brincar, numa festa onde cada uma foi se servindo poeticamente do “bolo” de argila, se apropriando da matéria, e isso motivou Mila a falar. Suponho que essa ocasião tenha inspirado a vaidade adolescente da jovem, de modo a se trajar ricamente com paetê. Afinal, foi o momento do seu reencontro com essa matéria-prima mítica, relacionada à humildade de origem da humanidade, matéria a qual ela já conhecia conforme narrou. Humilde também era a sua família e seu lugar de origem – a casa de taipa onde havia morado. Assim, do “fuá” inicial, ou seja, da desordem inicial para o reencontro do brincar com a argila, com o modelar da argila que poderia vir a ser a condição de possibilidade para ela fazer as suas amarrações – as suas elaborações formais e simbólicas.

Após a apresentação inicial de Mila, perguntei se ela já havia tido experiência com a argila. Ao tocar a matéria e iniciar a modelagem, a jovem fez revelações acerca de suas experiências de brincar com o barro quando era criança na companhia dos irmãos ao acompanhar a mãe que lavava roupa no rio, bem como nas atividades do “colégio”. Seu tom de voz e seu entusiasmo demonstravam seu encantamento. Portanto, era uma forma de brincar que a jovem já tinha uma certa familiaridade, conforme explicitou:

**(0:05:03 – 1º encontro) Pesquisadora:** Você já conhece a argila? Você já teve experiência?

**Mila:** Não, mai assim, as tia já falava já, de gila. Assim, quôndo eu tarra em casa, estudava... Fazia dessas coisa de gila, essas coisa. Ai, eu fazia antigamente. Mai, quôndo vim pará aqui num tem como.

**Pesquisadora:** Quer dizer que você já mexeu com a argila onde você morava?

**Mila:** No coléjo qui tinha dessas coisa, di fazê.

**Pesquisadora:** Então você já conhece?

**Mila:** Não muito, puque num tive tempo. (**Ela disse para o filho:** “Ô mainha fica quieto”). Quôndo eu comecei, eu tinha 10 anu.

**(0:23:40 – 1º encontro) Mila:** É bom, quôndo eu era criança eu brincava quôndo minha mãe tarra lavano rôpa no rio. Aí eu pegarra o barro e ficarra assim... brincano, eu e meus irmão.

Observa-se que Mila conseguiu articular e dar sentido às suas experiências pessoais, localizando no tempo a experiência de brincar com a argila. Mesmo com suas limitações cognitivas, relacionou os eventos temporalmente localizando-os na sua história e no tempo em que a ação ocorreu. Ela visitou o seu passado quando era criança. Bachelard (1991) poeticamente escreveu: “Modelagem! Sonho de infância, sonho que nos leva de volta à nossa infância!” (BACHELARD, 1991, p. 76), embora no caso de Mila, a infância e a adolescência se misturassem.

Após a apresentação de Mila, se apresentaram Ceci e Bete. Perguntei-lhes se já haviam tido experiência com a argila, e responderam que tiveram atividades pontuais com essa matéria promovidas pela instituição acolhedora, ou seja, não foram atividades sistemáticas, nem promovidas por um profissional da área das artes visuais (artista ou professor de arte). E diferente de Mila, elas não a relacionaram a experiências da infância.

Durante esse encontro vários aspectos me chamaram a atenção, dentre eles: o silêncio de Bete, o fato de ela não ter tido vontade de falar espontaneamente sobre seu trabalho, só quando lhe perguntei; o fato de Ceci ter perguntado se podia molhar a argila – inclusive só ela usou a água durante a modelagem –, além de perguntar se poderia falar quando terminasse o trabalho; e a forma como Mila se dirigiu ao filho, chamando-o por “mainha”. Esses destaques estão abaixo explicitados num trecho da conversação e, serão comentados ao longo do texto:

**(0:10:31 – 1º encontro) Ceci:** Pode molhá?

**Pesquisadora:** Pode, tranquilamente.

**Mila:** (**Ela disse para o filho:** “Mainha, pode não, coisa feia. Mai é carinhoso”). Ah! Agora já sei o qui vô fazê... árvore de Natal! (**Ela disse para o filho:** “Mainha, pode não. Brinca aqui, senta. Não mainha, cadê a sua?”)

**Pesquisadora:** Tem como vocês irem falando o que estão fazendo? O que é que vocês estão pensando?

**Ceci:** Eu posso dizê quôndo terminá?

**Pesquisadora:** Pode, mas quem tiver vontade de falar, fale.

**Mila:** Eu já disse.

**Pesquisadora:** O que foi?

**Mila:** É uma árvore de Natal. Isso aqui é as bolinha.

Ao pedir para que falassem o que estavam fazendo Mila prontamente verbalizou a sua ideia, embora essa ideia inicial tenha sido modificada, conforme podem ser observadas as imagens (Figuras 3, 4 e 5). Ela escolheu fazer árvore de Natal, talvez porque estivessemos



perto dos festejos do Natal. Nota-se que ela poderia ter escolhido outros símbolos natalinos, como papai Noel, presépio, caixas de presente, mas a sua tentativa foi de modelar uma árvore de Natal.



FIGURA 3 – MILA, *expressão plástica* (1º encontro).  
Foto Rosilda Sá.



FIGURAS 4 e 5 – MILA, *expressões plásticas* (1º encontro). Fotos Rosilda Sá.

Como ela não conseguiu fazer o que pretendia, mudou de ideia e conseguiu expressar plasticamente uma forma inusitada. Formalmente são pequenas esferas expostas que a jovem inicialmente não sabia o que fazer com elas. Representavam “bichinho”, indefesos e desprotegidos, assim como ela talvez se visse ou parecia ver a família.

Nota-se a liberdade de brincar com o barro, de criar formalmente sem ter ainda contato com recursos técnicos. Nas conversas do 1º e do 2º encontros Mila explicou o que a escultura significava para ela. As suas impressões subjetivas indiciavam sobre os conteúdos afetivos que mobilizaram a produção. Na experimentação entre ensaio e erro ela chegou à intenção desejada, intencionalidade que refletiu a sua personalidade e talvez o modo como ela estivesse se sentindo: fragmentada, desarticulada, desprotegida, desenraizada.

**(0:45:12 – 1º encontro) Mila:** Tia, eu num quis fazê árvore de Natal, não. Aí, isso aqui num tem aqueles... como se fosse os bichinho qui nasce dento du buraco?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** A mãe tem os filhinho nu buraco. Aí, isso aqui é meu Ciço. **(Ela disse para o filho: “Mainha não dirmanche não, tá vendo o trabalho qui tô tendo!”).**

**(0:49:55 – 1º encontro) Mila:** Dexei uns buraquinho pra vê os bichinho.

**(0:02:10 – 2º encontro) Mila:** Eu fiz uma casinha chêa de filhotinho.

Diante das intenções e explicações sobre a sua produção e o resultado plástico, o que acrescentar de comentário reflexivo? No seu processo poético, Mila construiu uma forma tosca, uma forma de útero-vaso-casa com pedaços largos (Figura 5) e, no centro, ela acolheu as bolinhas (Figura 4). As bolinhas não mais permaneceram fora e soltas, elas se juntaram dentro do recipiente. Ela envolveu esses fragmentos numa tentativa de proteger e dar uma unidade. Ela protegeu essas criaturas, mas ela mesma desejava proteção. Talvez seja possível formalmente notar a presença da questão sexual que se desdobrou nos trabalhos realizados nos encontros seguintes. Sua produção parecia estar impregnada com vivências de sexualidade. Ela deixou aberturas, dava a entender que queria espiar por essas aberturas, como a criança que quer espiar a cena originária do pai e da mãe. No caso dela, uma cena originária banalizada pela promiscuidade da mãe. A curiosidade da sexualidade, não do sexo genital.

Pode-se questionar ainda que não havia luz dentro do buraco e, portanto, ela não viu os “bichinho”, pois era ela mesma quem estava dentro do buraco ou dentro da barriga-casa da mãe. Num trecho da música intitulada “Primeira casa da gente”, o grupo Paralatimbum canta: “Minha mãe me contou que a barriga é a primeira casa da gente, não tem janela, não tem batente, mas tem comida e água quente” (PERSON, 2013). Ao nascer, igualmente a outros animais, Mila saiu da barriga da mãe, de sua primeira casa, mas modelou um/uma útero-casa e retornou simbolicamente para dentro dele/a.

Pareceu-me talvez ser possível relacionar a essa produção de Mila o modo como a jovem se dirigia ao filho. Durante os vários encontros na oficina de cerâmica, seja com o filho

no colo ou ao seu lado, ela mais parecia brincar de boneca ou com um ursinho do que cuidar de uma criança. Embora o filho fosse, na ocasião, a sua única relação de família, só duas vezes o chamou pelo nome “Ciço”, mas pronunciou nesse encontro 23 vezes: “mainha”. Por exemplo, “Mainha sente aqui!”, “Mainha num faça isso!”, dentre outros. Pronunciar “mainha” através do filho, talvez fosse um modo de a jovem se manter ligada o tempo inteiro à sua mãe, essa mãe que perdeu legalmente a sua guarda e não mais a encontrava. Ou um modo de reconstruir esse lugar de mãe-filha. O elo que a prendia à mãe estava nessa palavra dirigida ao filho. Com a mãe ausente, sem a sua presença física e, portanto, impossibilitada de chamar diretamente a ela com esse afetuoso diminutivo, Mila falava para si mesma através do filho ao repetir a forma como ele corretamente a chamava: “mainha”. Pareceu-me evidente que ela clamava pela mãe, uma mãe que cuidasse dela como filha. Ela precisava dessa mãe, tanto que modelou os “bichinho” e os colocou de volta para dentro do ventre-casa materno/a.

Questionada no 2º encontro sobre essa forma usual de chamar o filho, Mila afirmou:

**(1:04:04 – 2º encontro) Pesquisadora:** Você chama a sua mãe de “mainha”?

**Mila:** A minha mãe verdadeira?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Chamo.

**Pesquisadora:** E tem outra?

**Mila:** Tenho, a mãe lá do céu!

Por outro lado, o fato de ela ter sido transitoriamente acolhida nessa instituição, assim como outras crianças e adolescentes, esse lugar era a sua casa-morada naquele período. Acolhidos nesse espaço com perfil e hábitos diários ligados à religião católica, ela aprendeu a acreditar que tinha uma “mãe lá no céu”. Assim como as bolinhas-“bichinho” modelados por Mila, essas crianças e adolescentes, esses seres menores de idade eram como sementes plantadas na terra, cuidadas institucionalmente pela “Terra” para germinarem e crescerem. Nessa “Terra” rural tudo que era plantado brotava da terra fresca: árvores diversas, plantas, flores, frutas... A natureza exuberante e o ar puro do entorno eram inspiradores enquanto temas de criação. Ainda que os temas de criação possam estar relacionados a várias questões (emocionais, históricas, ecológicas, religiosas etc.), sabe-se que o processo criativo artístico só se concretiza no fazer, não é inspiração que o move, mas sim o trabalho, a experiência concreta em relação a uma matéria.

Diferente de Mila que chegou disponível para conversar em grupo nesse encontro, Bete, por sua vez, era a mais reservada para falar sobre si e sobre sua produção, na frente das outras acolhidas. Assim, não tomou a iniciativa de falar, só quando a perguntei sobre o que estava produzindo:

**(0:37:38 – 1º encontro) Pesquisadora:** É uma cena, não é? Fala dela.

**Bete:** Jesus sendo crucificado, o nascimento e todo o processo.

**Pesquisadora:** Você gosta dessa história.

**Bete:** Eu conheci aqui e aprendi a gostar aqui na comunidade, verdadeiramente a conhecer Deus.

Um dos objetivos dessa instituição católica, além do acolhimento, era a evangelização. Notadamente, percebe-se o quanto Bete estava incorporada à dinâmica da instituição, aos cultos e seus ritos. Isso era revelado a partir da sua conversação e também pela temática do que foi produzido plasticamente por ela nesse encontro, inclusive essa temática católica estava refletida na blusa que ela vestia.

Ela demonstrou ter um estilo organizado no modo de se portar – seu tipo físico era magro, seu corpo era enxuto, seu cabelo era naturalmente liso e preto, que ela deixava solto e/ou preso – no modo de modelar as peças e no modo de encaminhar sua produção e projetos. Por duas vezes nesse encontro me perguntou as horas, mas só depois percebi o motivo. Como ela era a única do grupo das acolhidas participantes que não morava na “Terra”, ficou acertado com os coordenadores da instituição que nos dias combinados para a realização da oficina de cerâmica eu a apanharia na outra unidade institucional em João Pessoa, cidade onde ela morava, e a levaria para a “Terra” para participar da oficina e também a traria de volta. Esses deslocamentos de ida e de volta foram ocasiões em que a jovem conversou espontaneamente sobre si, diferente do modo reservado de falar na frente das outras acolhidas e com o gravador de voz ligado. Então, me pareceu plausível considerar que o interesse de Bete para saber das horas poderia ser a demonstração de uma ansiedade para o encerramento daquele encontro e, assim, poder continuar conversando comigo sobre a sua vida durante o trajeto de volta para casa, como ocorreu. Ela foi a primeira a concluir seu trabalho nesse 1º encontro, a limpar o espaço usado e a ir lavar as mãos.

Bete montou dois temas católicos, o nascimento de Jesus (a natividade) e a sua crucificação numa única cena (Figuras 6, 7 e 8), talvez influenciada pela proximidade do Natal. Criou vários elementos usando rolinhos de argila, tais como: berço com bebê deitado, figuras humanas em pé, serpente, figura humana presa na cruz. Ela produziu figuras finas, longilíneas, montadas sob uma estrutura extremamente frágil indicando o local onde se deu a cena. O fato de Bete e as outras participantes trabalharem usando uma base de madeira recoberta com plástico facilitou a mobilidade das esculturas para serem vistas e trabalhadas no ângulo que desejassem, sem ter que comprometer a estrutura das peças manipulando-as diretamente nas mãos.



FIGURAS 6, 7 e 8 – BETE, *expressões plásticas* (1º encontro). Fotos Rosilda Sá.

Do que Bete estava falando (comunicando) ao modelar essa cena? Ela provavelmente podia estar falando do que mais faltava a ela, que era a proteção. Ela começou modelando um berço onde essa criança era cuidada. Isso vai derivando e ela tentou proteger esse berço, ela criou estruturas de proteção que eram completamente frágeis, desmontáveis. Assim como ela mesma foi “desmontada” de uma casa para outra quando criança. Ou seja, dava a entender que por mais que se tentasse não se conseguia proteger esse bebê.

Relacionando o histórico relatado pela jovem, ela se sentia responsável por ter seduzido o padrasto. Mas, ela ter desejado esse homem não era o problema, isso nós fazemos o tempo inteiro na infância, por exemplo, quando deitamos no meio da cama do pai e da mãe, querendo separar os dois. Desejar as figuras parentais é o pão nosso de todos os dias e de todo mundo, afinal, aprendemos a amar desejando o pai e desejando a mãe.

No entanto, o que provavelmente poderia estar em jogo aqui foi: ninguém protegeu Bete. Ela poderia desejar esse homem, mas ele precisava ter colocado a interdição, dizer: *você*

*vai ter outro homem que será o seu homem, eu sou o homem da sua mãe e seu padrasto.* A mãe também deveria ter protegido Bete, proibindo o companheiro de se envolver sexualmente com a filha e não tê-la ameaçado de matar o bebê se ela não abortasse ou se não desaparecesse de perto dela e de sua casa. A desproteção de Bete parecia ser perceptível. Ver-se-á, por exemplo, que no 3º encontro ela conseguiu fazer uma casa para proteger pessoas que se amavam, mas nesse 1º encontro ela não conseguiu fazer uma estrutura de casa para proteger esse bebê que está cercado de pessoas, mas não foi protegido. Assim como ela que no início viveu em várias casas, com pessoas ao redor dela sem, contudo, protegê-la.

A cena que Bete produziu e as temáticas abordadas, embora fazendo referências bíblicas, parecem abordar sobre ela mesma. Talvez ela, enquanto Cristo nessa história, se sinta crucificada, responsável pelo acontecido – ter seduzido o padrasto, feito sexo com ele e engravidado. E muitas pessoas – seja de forma moralista ou não – podiam vê-la como responsável e culpada. Mas, na verdade, ela era vítima por não ter tido quem interditasse esse desejo dela, que a protegesse.

Embora considerando que Bete era uma vítima, desprotegida, pode-se seguir o relato dela descrito no histórico e pensar, todavia, que a jovem usou um artifício, um mecanismo para se vingar da genitora que nunca conseguiu se entender com ela como mãe, se caracterizando, portanto, na rivalização da questão edípica. Winnicott chamou a atenção para o “conteúdo da fantasia adolescente”, porque “crescer significa ocupar o lugar do genitor [...], implica a morte do rival e o estabelecimento da dominância” (WINNICOTT, 1975, p.194-195). Isso parecia fazer sentido no caso de Bete e não ficou restrito à fantasia inconsciente, transformou-se numa situação de vida, pois ela já tinha todo um entendimento do que estava praticando e suas possíveis consequências, inclusive a gravidez. Afinal, ela era uma jovem inteligente e esperta e, na ocasião, tinha 17 anos de idade, ou seja, não era uma adolescente de 12 anos e sem instrução. Bete fez isso na vida real, não na fantasia, pois não tinha quem a ajudasse nessa passagem ao simbólico.

O que ela poderia estar falando (comunicando)? *Fiquei perdida, cercada de pessoas que ao invés de me protegerem, me crucificaram.* Pareceu-me ser tudo o que aconteceu desde o início da vida de Bete. As usuais e populares conversas em torno do berço que qualificam o bebê e o integram a uma linhagem familiar não ocorreram para essa jovem. Sua mãe a rejeitou desde que ela nasceu e passou a viver de casa em casa, na casa de algum conhecido ou de algum parente, até que foi estuprada pelo padrinho aos 07 anos quando morava na casa dele. O fato é que Bete (desprotegida) sempre teve uma relação conflituosa com a figura materna e a atacou.

Considere um fato curioso o desaparego de Bete à sua produção artística, embora ela a considerasse significativa. Ao final desse encontro, diferente de Mila que deixou sua peça descoberta para ir secando, e Ceci, que deixou a sua coberta com plástico, Bete preferiu desmanchar o que havia modelado. Bete demonstrou segurança em dizer que saberia fazer novamente, mas, sobretudo, ressaltou a sua criatividade dando a entender que saberia usá-la novamente em suas criações artísticas, conforme a sua conversação:

**(0:42:15 – 1º encontro) Pesquisadora:** Falta muito para terminar a peça?

**Mila:** É só cobrir aqui.

**Ceci:** Aqui, falta muito.

**Pesquisadora:** A gente faz o seguinte: deixa coberto com saco plástico e no próximo encontro continua.

**Bete:** Desmanchar.

**Pesquisadora:** Quer desmanchar? Se você quiser, tem outras duas opções: cobre ou deixa secando. E, se quiser, pode desmanchar, a gente chama efêmero. Eu já fotografei. Como é, para você, ter feito e não ficar com ele, desmanchar?

**Bete:** Ele é significativo para mim, mas eu sei fazer novamente, é a minha criatividade.

Distintas interpretações podem ser dadas aqui, pois o desaparego esteve presente ao longo da vida de Bete. Ela parecia não ter o sentido de continuidade dentro de si, só de recomeço, assim, ela tinha necessidade de viver recomeçando, no transitório, no efêmero. Ela já havia se reinventado antes, inclusive procurando a lei para sair da rua, quando estava grávida e rejeitada pela família. Por outro lado, Bete havia integrado suas vivências em representações formais modeladas na argila, em “ordenações concluídas”, mas, devido à sua criatividade, ela saberia fazer novamente. Conforme pontuou Ostrower, “a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia” (OSTROWER, 1989, p. 27).

Quando eu perguntei se faltava muito para terminar a peça que estavam modelando, Ceci respondeu: “Aqui, falta muito”. Diferente do desprendimento de Bete, Ceci não concluiu a sua peça, nesse 1º encontro, sem conseguir se desapegar dela. Ela modelou um objeto utilitário, conforme afirmou no 2º encontro “Ia ser um cesto” (Figura 9). Então, o seu processo criativo na oficina de cerâmica começou com um desejo de fazer um cesto, mas não conseguiu modelar essa forma de cesto, ela conseguiu representar um recipiente tosco.

Antes de continuar comentando sobre a produção de Ceci, parece oportuno ressaltar que, próximo do final desse 1º encontro, uma missionária me convidou para lanchar com todos os menores acolhidos, pois estava se aproximando o horário do lanche na instituição. Aceitei o convite. Entretanto, antes encerrei nossa atividade na hora combinada previamente, após deixarmos tudo limpo e arrumado, conforme encontramos o local ao iniciarmos a oficina



de cerâmica naquele dia. Nessa ocasião do lanche, Ceci prontamente me pediu para sentar perto dela e do filho Pepe. Curiosamente, a jovem me perguntou se eu poderia deixar barro com ela para continuar trabalhando. Eu disse que sim e deixei um saco com aproximadamente dois quilos de argila. Pareceu-me pertinente deixar uma quantidade de argila com ela, pois conforme tinha afirmado, faltava muito para concluir o seu trabalho.



FIGURA 9 – CECI, *expressão plástica* (1º encontro). Foto Rosilda Sá.

Embora pareça uma ocorrência corriqueira essa de Ceci querer ficar com o barro para trabalhar, creio que cabem questionamentos: o que deixou Ceci mobilizada ao ponto de querer ficar com a argila para trabalhar até o encontro seguinte? Como se não quisesse se separar do corpo da matéria, como se quisesse a matéria perto dela para poder tocá-la, disponível para poder modelar quando desejasse? O que poderia significar essa matéria? A argila era o elemento intermediário, numa área possível para brincar, comunicar e se expressar, o “espaço potencial”, conforme propôs Winnicott (1975). O fato de Ceci não querer se separar do corpo da matéria, talvez pudesse significar o que ela não teve da própria mãe: disponibilidade para explorar essa relação com o corpo da mãe.

Foi uma atividade que deixou Ceci bastante envolvida em explorações sensoriais. Ostrower (1989) pontuou que a criatividade nas crianças se manifesta em todo o seu fazer espontâneo e Ceci parecia ter regredido numa experiência exploratória, de descobertas sensoriais novas para ela. Isso se evidenciou na forma como ela usou a argila e a água, deixando bastante úmida a estrutura da peça modelada. Ela alisou a matéria, molhou as mãos e a impregnou de argila. Perguntei ao grupo, quando iniciei o 2º encontro, como tinha sido o



encontro anterior e a conversação de Ceci confirmou o seu encantamento com a matéria e a sua consistência:

**(0:01:20 – 2º encontro) Pesquisadora:** Como foi para vocês o encontro passado?

**Mila:** Foi bom.

**Pesquisadora:** O que é bom? Explica mais o que é. Foi bom, como foi bom?

**Mila:** Gostei...puquê mexê na gila...

**Ceci:** Pra vê qui ela é macia. Num é nojenta, não.

As explorações sensoriais de Ceci nesse encontro levaram-na a perceber e a sentir que a argila era “macia” e não era “nojenta”, ou seja, a matéria não causava nojo, repugnância. Ao contrário, a argila era agradável, macia. Ficar com a argila era a possibilidade de estender o efeito positivo que tinha sido para ela essa experiência artística e sensorial.

Eu tive a certeza de ter possibilitado, já nesse 1º encontro, um espaço para brincarmos a partir da confiança e do relaxamento, conforme postulou Winnicott (1975). Ceci, realmente se envolveu espontaneamente no brincar com a argila. Embora ela não tenha verbalizado muita coisa nesse encontro, a sutileza e os detalhes que observei revelaram alguns aspectos sobre ela. Por exemplo, Ceci tinha uma dicção difícil de compreender, como se falasse um dialeto, de modo que, em determinados momentos, pedi para ela repetir a frase porque não havia compreendido. Bete por várias vezes me auxiliou na tradução do que Ceci expressava verbalmente por estar mais familiarizada com o modo dela falar.

Penso ser possível relacionar a dicção de Ceci e o modo como ela chegou na “Terra” (muito agressiva, desrespeitando os cuidadores), com a maneira tosca, sem polimento, da peça produzida com a argila (Figura 9). Embora ela tenha sentido a argila “macia”, não conseguiu expressar plasticamente um objeto liso, mesmo impregnando-a com a água e alisando com os dedos a superfície da peça modelada, não foi suficiente para obter uma superfície macia. Como ela não sabia tecnicamente como levantar uma peça com a argila, modelou usando pedaços de barro montados, de modo que a aparência do processo poético “intuitivo” ficou visível e o acabamento obtido ficou com aspecto áspero, assim como ela, com a sua posição subjetiva no seu modo de falar, nos seus comportamentos. Em sentido figurado, podia significar algo que não era agradável ao toque, uma pessoa grosseira, difícil de conviver.

Ceci estava vivendo uma experiência de toque pelas mãos com algo que era agradável tocar – a argila macia, uma matéria permissiva, não resistente, como deveria ser uma mãe. A experiência de modelar o barro é algo que podemos pensar como o que há de mais primitivo em nós e poderia, por exemplo, remeter a questões arcaicas. Conforme afirmou Nino: “A modelagem da argila e suas propriedades inerentes de ductilidade, elasticidade e unidades

variantes, fazem referências a manipulações arcaizantes” (NINO, 2000, s/p). Poderia remeter também ao que é primitivo na relação parental sobre o que postulou Winnicott (1975) acerca da função ambiental suficientemente boa – o toque das mãos, o segurar. Assim, cabe questionar: como será que Ceci foi tocada, segurada e manejada pela mãe e pelo pai? O pouco que se sabe sobre o histórico de Ceci é que ambos eram usuários de drogas e a mãe estava presa por tráfico. Mas a jovem afirmou no 2º encontro que não conhecia e nem queria conhecer o pai.

Evidenciou-se nesse 1º encontro que Ceci, ao tocar na matéria, foi simultaneamente tocada por ela de modo agradável. Winnicott afirmou que quando o bebê brinca tudo “que é físico, é imaginativamente elaborado, investido de uma qualidade de primeira vez” (WINNICOTT, 1975, p. 140). E com Ceci não foi diferente, ela estava visivelmente encantada com a argila, este foi o seu primeiro contato com essa matéria. Curioso que essa “qualidade de primeira vez” se reverberou em Ceci nos encontros seguintes. O fato de ela se permitir brincar só foi possível devido à relação humanizada mantida com a pesquisadora, a jovem começou a demonstrar confiança e a se integrar à dinâmica da oficina de cerâmica. Integração que ela não conseguiu à dinâmica da instituição, conforme ficou evidenciado pelas suas recorrentes fugas, motivo pelo qual ela só participou dos 1º, 2º e 3º encontros.

### III.5.2 2º Encontro

Nesse 2º encontro participamos Mila, Bete, Ceci com Pepe e eu. Mila chegou demonstrando estar sonolenta em consequência do sono interrompido por Ciço na noite anterior. Houve um momento em que alguém trouxe seu filho para perto dela e ela disse: “leva ele pra tia Lane (missionária), puquê sinão eu num faço nada aqui, ele num pode ficá aqui”. Esse era um tempo que ela queria ficar com ela mesma, sem o filho. Assim que eu liguei o gravador, a conversação inicial entre Mila e Ceci versava sobre o motivo da sua sonolência:

**(0:00:01 – 2º encontro) Ceci:** Mintira, você dumiu cêdo ontem.

**Mila:** Sim, mai Ciço mi acordô di madrugada, cagado. Fui limpá o minino. Eu tarra durmino.

**Pesquisadora:** Ofício de mãe, né?

**Mila:** Eu ia dexá ele melá a cama todinha? Eu ia durmí cum bosta?

Conforme pode ser observada na justificativa de Mila para a sua sonolência, a sua preocupação não recaiu, especificamente, sobre o desconforto do filho e o cuidado com a higiene dele, mas com ela própria para que a cama onde ela ia dormir não ficasse suja. Ela

não conseguiu se pôr no lugar do filho, nem perceber as suas necessidades, de como ele poderia estar se sentindo.

Embora sonolenta, Mila conseguiu dar continuidade a seu projeto artístico, conforme descreverei ao longo do texto. Em seguida, antes de disponibilizar a argila para o grupo, fiz uma avaliação com elas de como tinha sido o 1º encontro. Mila afirmou que gostou, que “foi bom” e Ceci também, conforme já destaquei no tópico anterior. Bete, por sua vez afirmou: “Foi bom mexer na argila a primeira vez. Eu nunca fui de ter contato com esse tipo de coisa não”. E comentamos sobre os trabalhos produzidos por cada uma. Como Ceci havia ficado com argila para concluir o trabalho dela, lhe questionei sobre a argila:

**(0:10:14 – 2º encontro) Ceci:** Tá guardada.

**Pesquisadora:** Ah ainda tem? E o que vai fazer dela?

**Ceci:** Fazê mai, puque nesses dia eu num tarra muito bem não, eu tarra istressada com as tia.

Ceci não usou a argila que ficou para concluir o trabalho, e justificou que não estava bem, estava estressada com as tias (missionárias). Curioso que a argila estava guardada, assim como a mãe dela: guardada em algum lugar longe da vista, do convívio, sem conseguir se adaptar. Assim como a sua mãe, Ceci não conseguia se adaptar – trazendo como referência o seu histórico, o seu perfil cotidiano era de dificuldade de se relacionar com as pessoas.

E o que tinha na argila que ela demonstrava querer continuar? O que tinha era a possibilidade de que, a partir de uma matéria informe, ela conseguia modelar uma forma criada por ela. A partir da modelagem, ela foi se surpreendendo com o que essa experiência lhe favorecia e lhe revelava, essa experiência fazia sentido para ela. Ela foi se “sentindo real” conforme disse Winnicott (1975), Ceci estava em contato com ela mesma. E o fato de ela querer ficar com a argila e não ter conseguido fazer nada, se justificava, pois ela não conseguiria fazer sem a minha presença. Ela precisava da pesquisadora-mãe para ir dando forma ao sentimento dela, ao contorno dela mesma, sozinha ela não conseguiria dar essa forma – o bebê não existe sem a mãe. Convém destacar que ao oferecer a argila às adolescentes, elas não estavam apenas diante da matéria-prima, pois, nesse contexto da oficina de cerâmica, modelar era também experiência relacional. E nesse caso, a oficina de cerâmica com a minha presença implicada e o brincar recíproco, possivelmente foi o que Winnicott (1975) definiu como “o espelho da face da mãe”, refletindo a Ceci que estava ali. A jovem conseguiu se identificar com a matéria e com a pesquisadora-mãe durante o seu processo artístico.

Após eu comentar sobre o que cada uma havia produzido no encontro anterior, expliquei a Mila, a Bete e a Ceci que as primeiras experiências deram início ao processo de

familiarização delas com a matéria (argila) e o universo da cerâmica. Imaginar o que se pretendia modelar não significava conseguir concluir ou produzir exatamente como se havia pensado. Diferente de fazer um rabisco desenhado com um lápis sobre papel, para modelar a argila era imprescindível a utilização de recursos instrumentais e conhecimentos técnicos, pois do contrário uma escultura (uma forma tridimensional) em argila não se manteria em pé e desmoronaria. No andamento da produção do grupo e das necessidades concretas individuais, fui introduzindo esses procedimentos.

Na sequência das conversações durante esse encontro, antes de comentar sobre a continuidade da modelagem da argila por cada uma das jovens, destaco as reações de Mila, Bete e Ceci quando eu propus construir um forno a lenha e fazermos uma fornada para queimarmos as peças que elas produzissem até o último encontro. Entretanto, deixei claro que essa atividade estaria condicionada tanto à disponibilização do material para a construção, quanto da indicação do local para a construção por parte da instituição. As falas foram surpreendentes, conforme pode ser observado, de modo que ao longo desse 2º encontro relacionei várias questões que envolviam a etapa da cocção durante o processo cerâmico:

**(0:15:09 – 2º encontro) Pesquisadora:** Se vocês toparem também, ao final do 20º encontro e se a gente tiver disponibilidade de material aqui, a gente podia construir um forno e fazer uma fornada.

**Ceci:** U quê tia?

**Pesquisadora:** Um forno a lenha e fazer uma fornada com o que foi produzido por vocês.

**Bete:** Sério?

**Pesquisadora:** Sério.

**Ceci:** A senhora sabe como é?

**Pesquisadora:** Claro, eu dou aula sobre isso na Universidade.

**Ceci:** Vámu hoje tia?

**Pesquisadora:** Hoje não.

**Mila:** Minha mãe também sabe fazer dessas coisa.

**Pesquisadora:** Sua mãe sabe fazer?

**Mila:** De barro, ela coisa lá. Num tem de lata? Também ela coisa.

**Pesquisadora:** Agora a palavra está com você. Me conte! Me explique bem direitinho. Sua mãe é ceramista? É louceira?

**Mila:** Assim, ela nunca terre essas coisa, assim. Ela foi aprendeno sozinha im casa.

**Pesquisadora:** Ela fazia para consumir em casa?

**Mila:** Pra ela cuzinhá im casa.

**Pesquisadora:** Sua mãe faz panela?

**Mila:** Não. Ela fazia forno pá cuzinhá cumida. Como num tinha...

**Pesquisadora:** Só o forno? O fogareirozinho?

**Mila:** Era. Num tinha queles baude di lata di pintá casa?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Ela ajeitarra, depoi butarra barro. Ela fazia im casa e assim ia...

**Pesquisadora:** Mas ela chegava a fazer panela e construía um forno para queimar essas panelas? Ou queimava essas panelas em fogueiras?

**Mila:** Não. A gente cuzinhava pra cume naquele negócio qui ela fazia.

**Pesquisadora:** Então, era um fogareiro para cozinhar na panela. Em panela de barro ou em panela de alumínio?

**Mila:** Em quaquê panela ela cozinhava.

Bete se surpreendeu; Ceci queria que fosse naquele dia e Mila revelou e demonstrou familiaridade com esse universo do forno a lenha. Na vida humilde da família de Mila não havia fogão a gás, de modo que a própria mãe dela fazia fogareiros com latas grandes de tinta, forradas internamente com barro. A família cozinhava os alimentos nesses fogareiros, seja usando panelas de cerâmica ou de alumínio. Esse recurso inerente ao cozinhar é utilizado nos vários continentes pelos remanescentes tribais. Segundo Certeau, Giard e Mayol (1996) dentre as “artes de fazer”, o cozinhar é um dos aspectos relativos à invenção do cotidiano doméstico.

Esse recurso também é inerente à invenção da cerâmica desde a Pré-História. Segundo Cooper (1987), presume-se que nessa época eram usados buracos cavados no solo, recobertos internamente com argila e utilizados como fogões rudimentares para os humanos manterem o fogo – se aquecerem, alumiar as noites, afugentarem as feras e cozinhare. Após certo período de contato do fogo com a superfície de argila, eles devem ter descoberto que o calor transformava a argila num material inalterável pela água. Esses vestígios são considerados significativos à comprovação da existência de vida humana onde foram encontrados. Para Chitti (1975), esses fogões rudimentares pré-históricos são os antecedentes do forno cerâmico.

No caso da família de Mila, representava a miséria decorrente da pobreza extrema, sem acesso a equipamentos de tecnologia e bens de consumo. Uma família urbana que morava na periferia de cidade do interior e utilizava esse, dentre outros recursos pré-históricos, para priorizar a questão vital da sobrevivência – cozinhar e se alimentar. Igualmente a tantas outras pessoas que vivem em condição de miséria socioeconômica nos quatro cantos do mundo... Afinal, “Miséria é miséria em qualquer canto / Riquezas são diferentes / Índio, mulato, preto, branco / Miséria é miséria em qualquer canto” (TITÃS, 1994).

A reação de Ceci foi de pressa para que construíssemos o forno naquele momento: “Vámu hoje tia?” Ela entendeu que o forno, o processo da queima eternizaria o que ela estava fazendo. Assim, Ceci parecia querer tomar posse, ser dona do que ela sentia, e estava disponível para brincar, desejava participar de tudo que eu propus, seja de atividade individual ou coletiva.

Então, nesse 2º encontro foi dada continuidade à produção a partir do que elas já haviam começado a trabalhar no encontro anterior. Disponibilizei a argila e propus brincar com o grupo, conforme a conversação seguinte, num jogo de argila entre cada uma delas e eu,

assim como no “jogo de rabisco” proposto por Winnicott (1994), embora sem a função diagnóstica.

Destaco a proposta de Mila modelar a sua árvore de Natal, mas antes pretendo comentar sobre a primeira brincadeira ou a disponibilidade para brincar dessa jovem, desencadeada a partir de sua conversação sobre a sua dificuldade cognitiva para assimilar e memorizar. Ela comentou que naquela semana havia se lembrado de mim, e Ceci também disse ter lembrado, demonstrou confiança na nossa relação e vontade de continuar a “fazê gila”, conforme a conversação:

**(0:20:47 – 2º encontro) Pesquisadora:** Vamos fazer uma brincadeira?

**Ceci:** Qui tipo?

**Pesquisadora:** Qual seria? A brincadeira vai ser: eu vou trabalhar com cada uma de vocês. Olha, Mila, presta atenção! Mila começa fazendo alguma coisa e diz: Pesquisadora é a sua vez. Eu vou lá e interfiro no que você fez. Pode ser? Você começa fazendo alguma coisa. Aí eu vou lá e mexo alguma coisa no que você fez. Aí, depois você vai mexer em cima do que eu fiz. E assim a gente vai construir alguma coisa.

**Ceci:** Qui tipo?

**Pesquisadora:** O que vai surgir aí a gente faz. Vamos lá, cada uma pensa em alguma coisa, ou um gesto que seja para fazer agora. Aí, vocês dão um passo e eu dou outro, vocês dão outro e eu dou outro, tá?

**Ceci:** Um passo di quê?

**Pesquisadora:** Um passo que eu digo é um gesto que você faça na argila. Você vai fazer alguma coisa aqui, você para e eu continuo. Quando eu parar você continua, como um jogo. Um jogo de argila.

**Mila:** Aí, tô isperano seu gesto. É pra fazê o quê tia?

**Pesquisadora:** O que você quiser. Eu vou trabalhar a partir da sua ideia.

**Mila:** Eu vô fazê... Hoje eu vô fazê árvore de Natal. Tô esperano a sinhora, tia.

**Pesquisadora:** Prestem atenção, estou fazendo intervenção no trabalho de Mila.

**Ceci:** Eu vô dirmanchá o meu, tia.

**Pesquisadora:** Se concentre no seu. Eu chego já aí. Estou aqui com Mila por enquanto.

**Mila:** Vêiu um negoço agora na minha mente.

**Pesquisadora:** Aproveita. O que foi que veio na mente? A produção em arte tem muito disso, às vezes a gente tem uns *insights*, vem na mente alguma coisa... Pega a ideia, não deixa ela escapar.

**Mila:** Puque ela vêio, mai fugiu.

**Pesquisadora:** Mas você lembra do que era?

**Mila:** Istô quaje me alembrano já. Essa semana eu lembrei da sinhora.

**Pesquisadora:** Foi?

**Ceci:** Eu tombém lembrei.

**Pesquisadora:** Lembrou de mim como? Conta.

**Mila:** Assim, tarra tão bom, eu vô lá im tia para pegá o meu pra fazê. Aí eu lembrei da sinhora. Aí eu perguntei: “Tia (missionária) ela vem quôndo?” A tia respondeu: “Num sei não”. Puquê eu num sô minina di você dizê... Pronto, você me dis um negoço agora, lá na frente se você mi perguntá eu já num sei. Num alembro.

**Pesquisadora:** Mas você lembra que a gente combinou os dias dos nossos encontros?

**Mila:** Sim tia, mai eu num sô qui nem ôtras pessoa qui sabe... Assim, já di memóra. Eu sô muito difícil!

**Pesquisadora:** Muito difícil.

**Mila:** Eu tenho muita dificuldade... Assim, di alguém falá cumigo, di eu butá na mente. O afabeto... Assim, tem vêi qui eu sei du afabeto, tem vêi qui não. Preciso di uma pessoa perto di mim pra sabê daquele negoço. Purisso, qui tia (missionaria), mi bota nu coléjo.

**Pesquisadora:** E o alfabeto, o alfabeto são as letras. E o que você sabe do alfabeto?

**Mila:** A, B, C, D... (ela soletra sofregamente o alfabeto incompleto... e diz não saber, não lembrar).

**Pesquisadora:** Vamos fazer uma brincadeira agora? Quero brincar com você. Eu começo a escrever com a argila sobre a lona que cobre a mesa, cada letra do alfabeto na sequência, em letra maiúscula, e você pronuncia cada uma. Vendo você sabe? Olha aí que você sabe.

**Mila:** Sim tia, mai precisa di alguém junto di mim.

A partir dessa conversação de Mila, e pensando que nesse encontro eu já havia perguntado se ela sabia ler e escrever, me respondendo: “Muito, muito bem não. Umas pôquinha letrinha. Assim, qui cunheço, eu sei lê um poquinho”, a convidei para brincar usando o alfabeto como tema; ela se permitiu brincar, eu a incentivei, a corriji quando errava, e resaltei as letras que ela não sabia. Ela conseguiu identificar cada letra e localizou as letras iniciais dos nomes de nós quatro, reafirmamos simbolicamente que éramos um grupo.

Assim como ler, escrever e falar exigem a aprendizagem de vários códigos para que uma pessoa possa ser alfabetizada e entrar formalmente na cultura, na sociedade. Produzir artisticamente usando a linguagem da cerâmica necessitava a aquisição de um repertório básico com seus códigos específicos. Não se tratava de adestramento técnico, pois, não se pode ignorar no indivíduo, conforme nos advertiu Ostrower, “a sensibilidade e a inteligência espontânea do seu fazer” (OSTROWER, 1989, p. 38). Desse modo, aproveitei a familiaridade que Mila revelou a partir do seu cotidiano familiar com aspectos do universo cerâmico, para ampliar seu repertório de produção, bem como o de Bete e o de Ceci. O contato com a produção autoral usando a linguagem da cerâmica permitiu às três jovens expressarem suas vivências, seus pensamentos, suas emoções, sua sensibilidade, sua tolerância à frustração, sua ousadia e suas criações.

Nesse jogo de argila, nesse brincar *ceramicando*, elas modelaram inicialmente o que pretendiam, eu fiz minhas intervenções nas modelagens de cada uma delas e elas continuaram a modelagem até cada uma ter finalizado a sua peça. Mila conseguiu modelar a árvore de Natal (Figuras 10 e 11), conforme disse: “Da ôtra vez eu tentei mai num consegui não”, se referindo ao encontro anterior.

Mila modelou uma base e sobre ela usou os mesmos fragmentos usados no 1º encontro. As “bolinha” de argila agora ficaram sobrepostas e expostas. No 1º encontro ela envolveu os fragmentos dentro de um recipiente, mas são os mesmos fragmentos que agora ela dá o nome de árvore.



FIGURAS 10 e 11 – MILA, *expressões plásticas* (2º encontro). Fotos Rosilda Sá.

O meu gesto lúdico consistiu em mostrar que as bolinhas sobrepostas estavam soltas e precisavam ser coladas. Demonstrei para o grupo como preparar a **barbotina**<sup>28</sup> e coleí algumas bolinhas. Mila deu continuidade à sua árvore de Natal, reforçando a estrutura escultórica para não desmoronar, nem desequilibrar. Os acabamentos foram dados no 3º encontro, até lá, a peça ficou coberta com saco plástico.

Ao finalizar a peça Mila ficou entusiasmada e orgulhosa pelo que tinha criado, e pretendia dar a sua árvore de Natal de presente para alguém, conforme afirmou: “Tá muito bunitinha, eu qéro dá ela di presente a uma pessoa”. Sugeri que antes seria interessante queimá-la.

Em seguida comecei a brincar com Bete. Ela seguiu nesse 2º encontro também modelando uma cena que talvez estivesse falando de si. Pareceu-me que ela se colocava na cena, como num autorretrato (Figura 12). Antes de dar segmento aos meus comentários sobre a sua produção, trago as conversações contextualizadas a fim de observar como Mila e Ceci se envolveram na dinâmica de brincar comigo durante a minha intervenção na produção que Bete estava realizando. Bete *ceramicou* e simbolicamente expressou através da sua produção artística conteúdos que deram continuidade às questões levantadas durante o 1º encontro:

<sup>28</sup> A argila na consistência pastosa, obtida a partir de sua mistura com água. É considerada a cola do barro, usada para fazer emendas de uma parte de barro na outra.





FIGURA 12 – BETE, *expressão plástica* (2º encontro). Foto Rosilda Sá.

- (0:35:51 – 2º encontro) Pesquisadora:** E aqui Bete, o que é isso?  
**Bete:** Aqui pra mim são cogumelos.  
**Pesquisadora:** Sim. E isso aqui?  
**Bete:** É um banco e isso aqui é um poste.  
**Pesquisadora:** É uma cena?  
**Bete:** É, mais ou menos isso. Só não sei como, mas é.  
**Pesquisadora:** Então, peraí eu vou fazer alguma coisa também. Posso mexer nesse cogumelo?  
**Bete:** Pode, tem problema não. O que é isso que a senhora ta fazendo?  
**Pesquisadora:** Boa pergunta.  
**Bete:** Não tô entendendo. Isso é um vulcão? Tá parecendo um vulcão?  
**Mila:** Ah tia, num vai dá certo u meu não, tá caino.  
**Pesquisadora:** Chego já aí Mila.  
**Bete:** Isso é uma fonte?  
**Ceci:** É tia?  
**Pesquisadora:** Vamos tentar adivinhar? Vamos lá!  
**Ceci:** Uma taça.  
**Pesquisadora:** Não.  
**Bete:** Tá com a bixiga!  
**Pesquisadora:** Nesta cena aqui, não tem como ser uma taça. É uma cena que vai ficar harmoniosa com esse elemento que eu vou colocar aqui. Olha, tô chegando lá, o que será?  
**Ceci:** Um pé de árvore.  
**Pesquisadora:** Eita, Ceci acertou.  
**Bete:** Isso é um pé di árvore?  
**Pesquisadora:** Um pé de árvore.  
**Bete:** Qual?  
**Pesquisadora:** Calma! E que árvore? Um pé de quê?  
**Ceci:** De manga.  
**Pesquisadora:** Pode ser.  
**Bete:** Será que a senhora vai conseguir fechar ele? Fechar essa árvore?  
**Pesquisadora:** Será? Vamos ver. Ceci falou um pé de árvore. Como é que fecha agora Ceci?  
**Ceci:** Pû cima.

**Pesquisadora:** Exatamente! (brinco e pergunto ao bebê de Ceci: e aqui Pepe como eu fecho? E ele sorri). A gente tem que pensar que não pode desequilibrar. Para ela não desequilibrar, ela tem que ter um eixo, quando a gente fica em pé, a gente tem que ter equilíbrio para andar, para se manter em pé, não é isso? Do mesmo jeito é quando a gente faz uma escultura, viu Mila? Porque se não, se você faz com muito peso para um lado, tomba para um lado, se faz com muito peso para o outro, tomba para o outro. Então, ela não vai ficar no formato e com o equilíbrio que você quer que ela fique. Entenderam? Embora você possa, claro, se aproveitar muitas vezes dos imprevistos, como na vida, e isso tem um efeito bacana. Em arte tem muito disso.

**Pesquisadora:** Olha, a copa da árvore é de uma mangueira. Pode ser manga rosa? (risos) A gente pode fazer ela mais para cima, mais comprida, mais para as laterais, tudo vai depender de como você vai definir a estrutura. Entenderam?

Continuando com a disposição de fazer uma cena com vários elementos, Bete desta vez havia trazido uma praça com um banco, um poste, e uma sequência de cogumelos. Minha interferência consistiu em pegar um dos cogumelos e transformá-lo em uma árvore. Em seguida, ela continuou a sua produção acrescentando à cena uma pessoa solitária sentada no banco, uma serpente e um cesto com frutas (Figura 12).

Considerando o perfil católico da instituição onde Bete foi acolhida e a assimilação por parte da jovem de um dos objetivos da instituição, a evangelização de pessoas marcadas pelo “sofrimento”, seria talvez plausível considerar que ela estivesse dizendo: *eu hoje sou uma pessoa que pelo meu erro estou condenada a viver na rua, sozinha num banco, sofrendo e olhando o pecado que cometi*. A cena modelada por Bete também podia remeter à cena do pecado original, bíblico – a árvore, a serpente e as frutas. Nessa cena, ela parecia ter representado o pecado e se colocou de espectadora culpada desse pecado, por isso viveu o isolamento e a rua.

Outra possibilidade de leitura sobre o trabalho de Bete seria dizer que ela retratou ela mesma na medida em que tinha livre trânsito para ir e vir. Ela circulava de modo autônomo e desfrutava dos espaços urbanos, inclusive praças. Ela, por exemplo, se deslocava de bicicleta para ir à escola, andava de ônibus, circulava pela cidade para ir a qualquer lugar, fazia compras em lojas etc.

Conforme destacou Ostrower, ao ordenar uma matéria, se produzem “formas simbólicas” cujos “conteúdos expressivos” se comunicam, e por serem “formas” abrangem níveis de significação (OSTROWER, 1989, p. 34). Assim, outras possibilidades de leituras seriam possíveis se outros observadores estivessem envolvidos nesse trabalho. Conforme comentarei em conversação destacada mais adiante: “a arte é livre” e o espectador interpreta a obra conforme a sua percepção. Winnicott considerou que “A criação se ergue entre o observador e a criatividade do artista” (WINNICOTT, 1975, p. 100). Portanto, eu faço nesta

tese as minhas inferências, fruições e interpretações sobre as produções de Mila, de Bete e de Ceci, ainda que elas tenham revelado as suas intenções e motivações artísticas.

Eu tive o privilégio de acompanhar as “ordenações simbólicas” das jovens, seus pensamentos e caminhos imaginativos expressados durante a modelagem da argila. A imaginação de jovens que nunca haviam tido experiência sistemática e orientada sobre a linguagem da cerâmica. Mesmo não sendo ceramistas profissionais, elas estavam imaginando em termos visuais (inseridas nas artes visuais), preordenando mentalmente certas possibilidades de proporção, volume, equilíbrio que envolviam uma materialidade específica escultórica usando a argila. Conforme afirmou Ostrower: “A matéria objetivando a linguagem, é uma condição indispensável para podermos avaliar as ordenações e compreender o seu sentido” (OSTROWER, 1989, p. 37).

Sendo assim, eu tive a liberdade de considerar o que percebia delas, sem com isso dar diagnóstico, como é feito em situação clínica transferencial em consultório etc. Porque esse não foi o objetivo da pesquisa, embora o potencial clínico tenha perpassado todo o trabalho conforme justifiquei na “Modelagem Inicial”. O que coube a mim, enquanto pesquisadora, foi propor uma experiência artística que, obviamente, se desdobrou em experiências estéticas, culturais e surtiram efeitos terapêuticos.

Aproveitei a intervenção realizada na cena feita por Bete para comentar que estávamos trabalhando com uma linguagem tradicional em arte – a cerâmica. Ela tanto possibilitava uma amplitude de possibilidades plásticas, quanto tinha suas limitações, onde era necessário usar recursos específicos para poder concretizar (materializar tridimensionalmente) as ideias, de modo que expliquei novamente como preparar a barbotina. Dentre esses recursos específicos estava a familiaridade com o domínio técnico, pois “a ausência de conhecimento de técnica gera desconforto, na medida em que se torna fonte de erros” (SALLES, 2006, p. 85-86).

Também expliquei sobre os instrumentos próprios para se trabalhar com a cerâmica – as estecas, embora elas não estivessem disponíveis nesse encontro para usarem. E como não podia deixar de ser, conversamos acerca da mediação que a água, o ar e o fogo faziam sobre a argila-terra – a água a amolecia, o ar a secava e o fogo a endurecia. As etapas do processo cerâmico: preparação da argila e modelagem, secagem das peças e a queima, de modo que pude explicar e mostrar o que era a peça em estado plástico, a peça em **ponto de couro**<sup>29</sup>, a

---

<sup>29</sup> Diz-se de uma peça de argila em estado semi-seco.

peça em **ponto de osso**<sup>30</sup> e a peça queimada. Bem como, o que era possível fazer ou não na peça quando ela estava em cada consistência, conforme a conversação abaixo:

**(0:44:40 – 2º encontro) Bete:** Aquela daquele jeito dali se a gente botar água o que é que vai acontecer?

**Pesquisadora:** Se você colocar água vai fragilizar a matéria porque ela está seca. Então ela pode ir dissolvendo. Porque o trabalho com a cerâmica é uma trabalho que você mexe com os quatro elementos da natureza, quais são?

**Bete:** Terra, água, fogo e ar.

**Pesquisadora:** O que é que vai acontecer? A argila em contato com a água ela faz o quê? Ela amolece. E você pode dissolver ela até ficar uma barbotina, pastosa. Quando ela entra em contato com o ar, o que é que acontece? Quando você deixa de colocar água, ela vai secando e fica naquele estado. E com o elemento fogo o que é que acontece? Alguém sabe?

**Bete:** Queima.

**Ceci:** Fica duro.

**Pesquisadora:** O que é ficar duro?

**Ceci:** Fica comu tá aquele.

**Pesquisadora:** Não, ela passa para um outro estágio. O seu, Mila, ainda é uma argila crua, está seca, mais está crua. Quando a gente queima, ele passa a ser cerâmica. Depois que queima, viu Ceci? Depois que queima essa matéria, ela não volta a ser barro assim maleável, por exemplo, tijolo e telha que constrói casa.

**Bete:** E como é que queima?

**Pesquisadora:** Tem vários tipos de queima, usando combustíveis diferentes: combustíveis sólidos (lenha, esterco de animais herbívoros, gravetos, palha, isso tudo é combustível sólido), a gás e elétrico. A gente pode queimar na fogueira como os índios fazem. E a gente pode construir um forno a lenha. As peças permanecem durante um certo tempo lá dentro do forno para poder queimar. Vou trazer livros e fotos para vocês verem como é. Mas aqui na “Terra” já tem um forno elétrico que não está instalado.

Ainda abordando sobre a cerâmica expliquei que ela possibilitava tanto trabalharmos com miniaturas (peças em pequena escala), quanto em peças em escala maior (até monumentais). A conversação que se seguiu após as minhas explicações revelou o que Bete pretendia fazer, inclusive, já sinalizava para a modelagem de uma casa, que foi o que ela criou no encontro seguinte:

**(0:50:09 – 2º encontro) Bete:** É massa fazer grande.

**Pesquisadora:** Sim, isso aqui ser uma ideia para fazer maior.

**Bete:** Eu queria fazer uma vila, tia?

**Pesquisadora:** Hum, uma vila.

**Bete:** Uma vila com uma árvore em cada casa, na verdade.

**Ceci:** U quê?

**Bete:** Uma vila com árvores em cada casa.

**Ceci:** Como assim?

**Bete:** Fazer uma vila com um monte de casas como é aqui. As casas e árvores em cada uma delas, entendeu? Como é que se faz uma casa com um formato assim?

**Pesquisadora:** Repete a sua pergunta.

**Bete:** Como é que se faz uma casa com formato assim? Tipo assim, eu não sei como fechar quando fizer ela.

---

<sup>30</sup> Diz-se de uma peça de argila em estado seco, ideal para ser queimada.

**Pesquisadora:** Você quer fazer ela quadrada ou ela redonda?

**Bete:** A casa?

**Pesquisadora:** Sim

**Bete:** E tem redonda?

**Pesquisadora:** Tem de todo tipo. Arquitetura você sabe é uma coisa... (ela interrompeu e não conclui a frase)

**Bete:** Mas... Redonda?

**Pesquisadora:** Tem casa até em cima de árvore.

**Bete:** Eu sei que tem casa em cima de árvore. Mas, casa é de um formato só?

**Pesquisadora:** Não, existem casa em vários formatos. Tem um artista, ele fugiu da guerra, perdeu a família toda, na Segunda Guerra Mundial, chama-se Frans Krajcberg. Ele mora no litoral da Bahia, a casa foi construída em cima de uma árvore.

**Bete:** Sérió?

**Pesquisadora:** É linda a casa dele! Uma casa de madeira com vidro e espaços abertos. O ateliê dele é lá também, mas num galpão. Ele trabalha com a natureza, ele coleta... (ela interrompeu e não conclui a frase).

**Bete:** Mas a árvore tem que ser muito firme.

**Pesquisadora:** Sim.

**Pesquisadora:** Vocês poderiam começar a trabalhar com desenho. Faziam o projeto no desenho e depois modelavam o que estava no projeto. Vou lançar a proposta para dever de casa: fazer desenhos para trazer no próximo encontro. Vocês desenham o que quiserem.

**Bete:** O projeto?

**Pesquisadora:** O que vier na cabeça desenham, e pode se tornar o projeto. E aqui a gente discute sobre os desenhos, pode ser?

**Mila:** Tia, tá tão bom assim.

**Pesquisadora:** Sem desenhar?

**Mila:** Sim.

**Ceci:** Eu topo Mila.

**Pesquisadora:** Mas Mila, um desenho é um rabisco como você quiser, feito com um lápis ou uma caneta. Só para discutir o que vocês estão pensando. Pode ser?

**Ceci:** Yes.

**Bete:** Terminei.

**Pesquisadora:** Terminou? Vamos cobrir? Pode ser?

**Bete:** Pode.

**Pesquisadora:** Pronto. Vai desenhar?

**Bete:** Vou. Estou com tudo na minha mente.

**Pesquisadora:** Pronto, se está com tudo na mente... Alguma coisa tem a ver com isso?

**Bete:** Tem.

**Pesquisadora:** Então esse aqui está servindo de protótipo. É um planejamento, um projeto tridimensional em pequena escala. Você sabe que os arquitetos desenham?

**Bete:** Para ter uma noção.

**Pesquisadora:** Isso, para ter uma noção. Fazem a maquete que é pequena, na escala pequena para ter ideia de como vai ser em escala grande.

**Bete:** Depois eles passam para o computador em escala bem maior.

Convém chamar a atenção nessas duas conversações anteriores para a questão epistemológica em relação ao meu lugar nessa pesquisa. Eu estava ali como artista, professora de arte e pesquisadora, de modo que o fazer cerâmico não poderia ser simplesmente um *laissez-faire* ou um recurso usado como arteterapia. Ao contrário, o fazer cerâmico estava atrelado a outras questões intrínsecas ao fazer artístico relativas à alfabetização nas artes visuais, onde considerei a “Abordagem Triangular” de Barbosa (1991): a apreciação, a

contextualização e a experimentação. Assim, a produção artística ressaltou e resguardou o que cada uma trazia como referência e bagagem, abrangendo os aspectos de suas vidas cotidianas – do que viveram no passado, do que estavam vivendo no presente e o desejo do que viria para o futuro. A partir daí, seria possível significar o que cada uma estava vivendo e possibilitar ampliar o repertório individual e coletivo (compartilhado) sobre temas trazidos no âmbito da cultura. No caso de Bete temas como: árvore, casa, arquitetura, natureza, Krajcberg que fugiu da Guerra, escala, projeto e o entorno institucional onde transitoriamente moravam e estavam acolhidas, resgatadas também de uma “guerra”, a familiar. Assim, conforme explicaram Martins, Picosque e Guerra: “A arte, então, deixa de ser concebida apenas como um campo diferenciado da atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a cultura.” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 16). Winnicott, por sua vez, ressaltou que o brincar e a experiência cultural são coisas que ocupam tempo e espaço e vinculam o passado, o presente e o futuro (WINNICOTT, 1975).

Em seguida, brinquei diretamente com Ceci. E nesse processo de brincar com a argila, onde interfeiri no trabalho dela, ela havia modelado uma curiosa forma orgânica que remetia a várias coisas, tais como: sol, coração, estrela do mar etc. (Figura 13). No entanto, era uma forma plana, sem volume, e como estávamos produzindo esculturas resolvi interferir no trabalho dela dando volume ao objeto. Sugeri que ela montasse esse objeto sobre uma placa de argila, pois ele tinha partes finas que poderiam quebrar facilmente (Figura 14), conforme descrito na conversa seguinte:

**(1:01:36 – 2º encontro) Bete:** Pode ser um castiçal. Castiçal não, um sacrário. Não...

**Pesquisadora:** Olha, fechei, estão vendo. Quando eu passo água, olha Mila, só o dedo molhado, eu não estou usando mais nada, eu posso usar uma bucha, também molhada. Eu faço isso, eu aliso ele, está vendo?

**Ceci:** Fazê carinho nele.

**Pesquisadora:** Depois que ele está em ponto de couro eu posso virar e posso raspar por dentro para evitar que quebre quando queimar. Ainda tem isso, durante a queima a gente pode perder muitas peças. Olha, eu dei volume ao que Ceci fez, ao que estava lá em baixo, plano.

**Ceci:** Coração.

**Pesquisadora:** Olha, você disse que é um coração. Pode ser um coração, em arte pode ser qualquer coisa. A ideia é de quem está vendo. Muitas vezes você pensa que é uma coisa, mas o espectador que está observando aquele trabalho vai achar que é outra coisa. O bom de arte é isso. A arte é livre.

**Mila:** Quage que eu dizia: caranguejo.

**Pesquisadora:** Olha Ceci, a partir da sua ideia, eu brinquei com ela. Podiam ser várias coisas, como ainda podem ser várias coisas. Mas a gente pode dizer que ela tem uma forma orgânica. Pode ser uma coisa do mar, não pode? Coisa que a gente vê em filme.

**Bete:** Um porco-espinho, um coco.

**Pesquisadora:** Sim.

**Ceci:** Quôndo queimá dura muito, tia?

**Pesquisadora:** Quando queima a peça é melhor, se não cair no chão, não é Ceci? Porque caindo no chão qualquer cerâmica quebra. Agora, esse seu aqui está frágil. Você pode fazer uma placa com argila e colar ele em cima, porque a escultura ficou frágil, pode quebrar facilmente. Mas, se ela tiver colada na placa protege mais para não quebrar, entendeu? Topa?  
**Ceci:** Topo.



FIGURAS 13 e 14 – CECI, *expressões plásticas* (2º encontro). Fotos Rosilda Sá.

Antes de comentar sobre essa produção da jovem destaco que Pepe, o seu bebê, estava com ela. O local onde estávamos trabalhando era amplo, um terraço aberto com farta ventilação. O seu bebê sentia frio, estava com as mãozinhas frias e espirrava, eu lhe disse: “ele está com frio”. Ceci parecia não perceber a demanda dele e seu desconforto. Oferecia o peito para ele mamar, ele era alimentado e parava um pouco de reclamar, mas em seguida voltava ao seu chorinho de reclamação. Podemos observar nas Figuras 13 e 14 que existe um cestinho com um bebê deitado. Curiosamente, nem Ceci falou verbalmente sobre esse pequeno objeto, nem eu havia lhe dado a devida atenção, só o notei quando vi as fotografias.

Ela colocou esse cestinho com o bebê ao lado de uma forma que remete a um sol, mas também remete formalmente a um coração. Então, Ceci talvez pudesse estar falando de uma necessidade de amor, de aconchego, de calor. Mas esse amor dela e esse calor são planejados. E a minha intervenção foi, curiosamente, dar volume ao coração-sol.

Ceci começou no 1º encontro por um desejo de produzir um cesto, depois passou para o calor/luz de um sol, que também era o amor de um coração planejado, vazado nesse 2º encontro. E ao lado, embora em miniatura, foi colocado um cesto estruturado com um bebê dentro, protegido. Ela poderia não ter juntado esses dois objetos, o cestinho com o bebê e o sol-coração, mas os manteve juntos.

O filho dela estava ali presente, o bebezinho estava com frio, ela deu o peito, deu de mamar, mas não era só a fome, era o vento, ele estava desconfortável. Mas ela e o filho se confundiam porque ela era uma criança também, era uma criança com outra criança. Ela não conseguia dar o que estava representado ali: o calor e o amor para aquecer aquele bebê, ela parecia não ter se apropriado do filho. Havia um desejo de amor, de calor, que ela não dava ao filho. Embora eu (pesquisadora) tivesse dado volume à forma modelada, o sol e o aconchego precisavam “se tornar reais” por meio de Ceci.

Ela talvez falasse de amor, mas não conseguia fazer a comunicação entre o calor, entre o sentimento e esse bebê (que é ela própria), e o filho Pepe que estava lá passando frio. Então, ela repetia o que ela vivia da autoconservação: *ele precisava comer, dou o peito a ele. Tem comida, tá bom!* Existia uma cena real que ela ignorava, ao passo que materializava outra cena que ela conseguia dar conta. Winnicott apresentou a “preocupação materna primária” que se refere ao estado materno de adaptação às necessidades do bebê, quando bebê e mãe estão em alto grau de identificação (WINNICOTT, 1975, p. 149) e Pepe ainda estava em situação de dependência total em relação aos cuidados de Ceci.

Mas Ceci não demonstrava esse calor de se dirigir ao seu bebê. Embora ela quisesse isso, um sol amoroso (um pai) que a aquecesse, pois, o bebê representado na argila estava muito bem protegido no “moisés”. É interessante ela ter dado tridimensionalidade ao cesto com o bebê que ela não deu ao sol. O que não foi dado destaque, falava do que estava acontecendo. Havia uma concretude no cesto que apareceu no 1º encontro, apareceu no bebê dentro do cesto nesse 2º encontro, mas uma fraqueza nesse sol (pai), nesse amor. Ela não conseguia aquecer, mas ela gostaria de ser aquecida. Ela precisava ter sido aconchegada anteriormente (por seus genitores) para ter condição de possibilidade de dar isso ao próprio filho. Depois de um certo tempo presente onde realizávamos a oficina de cerâmica, sugeri que levassem Pepe para outro local e outra acolhida que não participava da oficina levou o bebê.

A fim de complementar meus comentários sobre a produção artística de Ceci, que envolve o seu histórico, trago o diálogo seguinte, onde abordei novamente sobre a construção do forno a lenha, ocasião que Ceci revelou as experiências de violência que viveu:

**(1:15:09 – 2º encontro) Pesquisadora:** Tendo todo o material aí, a gente constrói o forno. Tendo todo mundo ajudando, numa tarde dessa a gente constrói um forminho pequeno. Aí a gente faria uma queima. Porque lenha vocês têm aqui. Vocês conseguem lenha.

**Ceci:** Quebrano pé de árvore.

**Pesquisadora:** Não, não é quebrando, não. Têm galhos no chão. Ninguém destrói nada. A gente reaproveita o que já tem.

**Ceci:** Quebrano os poste.

**Pesquisadora:** Não, nem inventa Ceci. Aí, vai presa.



**Ceci:** Ave Maria!

**Pesquisadora:** Estou brincando.

**Ceci:** Eu já fui presa dimai.

**Pesquisadora:** O quê? Como é isso, me explique.

**Ceci:** Eu já fui presa, tia.

**Pesquisadora:** Como? Por quê? O que foi que você fez? Derrubou árvore?

**Ceci:** Isso aí num tem cumo sê prêsa não, pu derrubá uma árvore, isso num é um crime.

**Pesquisadora:** Você sabia que tem crime ambiental?

**Ceci:** Fui presa pu droga e porte de arma.

**Pesquisadora:** A é?

**Ceci:** Foi logo trêi arma na cinta.

**Pesquisadora:** Sim.

**Ceci:** Tarra andano na cinta. Muito doidona.

**Pesquisadora:** Estava andando por onde Ceci, desse jeito?

**Ceci:** Ôche, adiviha?

**Pesquisadora:** Eu não adivinho, não posso adivinhar. Onde?

**Ceci:** Assaltano.

**Pesquisadora:** É mesmo?

**Ceci:** Uma vida lôca. Mai... só vivia no mundo!

**Pesquisadora:** Mas, onde que sua família mora. Você vem de onde?

**Ceci:** Minha mãe tá prêsa.

**Pesquisadora:** Sua mãe está presa? Aqui em João Pessoa?

**Ceci:** Sum Paulo. Eu morarra no Rii dí Janero, eu nací lá.

**Pesquisadora:** Você nasceu no Rio, sua mãe é de lá também ou é daqui?

**Ceci:** Minha mãe é de lá tombém, mai tá presa im Sum Paulo.

**Pesquisadora:** E seu pai?

**Ceci:** Meu pai eu num cunheço e num pretendu cunhecé tombém.

**Pesquisadora:** E, fora eles dois, tem outros parentes que você conhece?

**Ceci:** Tenho minha vó qui tá no Rii, tenho meus irmão qui mora [ela disse o nome de uma cidade do Estado da Paraíba]. Meu irmão tem 18 anu i cuida deles, i a mulhé du meu irmão.

**Pesquisadora:** Cuidando deles, quem?

**Ceci:** Dus meu irmãus pequeno.

**Pesquisadora:** E você fazia essas coisas com ela?

**Ceci:** Cum quem?

**Pesquisadora:** Com a sua mãe?

**Ceci:** Minha mãe nem sabe qui eu fazia isso. Ela foi prêsa pu causa disso.

**Pesquisadora:** Ela, o quê?

**Ceci:** Ela foi prêsa pu causa dí trafico tombém.

**Pesquisadora:** E você além de traficar, também é usuária?

**Ceci:** Sim.

**Pesquisadora:** E como é que está agora, acolhida?

**Ceci:** Bem.

**Pesquisadora:** Sem usar?

**Ceci:** É. Tem lugá cumo esse, qui valorizo.

**Pesquisadora:** E por que já fugiu daqui?

**Mila:** (risos) Essa agora foi boa.

**Ceci:** E cumo a sinhora sabe?

**Pesquisadora:** Você que disse.

**Ceci:** Fugi tombém, já.

**Mila:** Tá veno!

**Ceci:** Cala a boca!

**Bete:** Deixa ela falar!

Embora Ceci tenha vivido essas experiências de violência, o que surpreendeu na sua produção artística foi que ela não representou a violência, o conteúdo expressivo não falava de violência. Seria fácil representar plasticamente a violência a partir de uma matéria tão permissiva como o barro. Ao contrário, Ceci representou coisas singelas – o amor, o calor, um bebê num cesto, bem como o que será observado no 3º (último encontro) que ela participou, porque antes do final do ano, Ceci fugiu novamente da “Terra” e levou seu bebê.

Antes de finalizar esse encontro e sentindo que o grupo estava interagindo bem, fiz o fechamento desse encontro:

**(1:50:19 – 2º encontro) Pesquisadora:** Gente, antes de finalizar eu queria só dar uma fechada nessa experiência de hoje e saber de vocês. Pode ser? Como é que foi hoje?

**Ceci:** Ótimo! Eu gostei muito puquê eu aprendi o qui a sinhora istava insinando a gente. A gente começô a aprendé as coisa.

**Bete:** A gente vai aprendendo mais coisas pra fazer melhor.

**Pesquisadora:** Então, estão sentindo uma evolução, é isso?

**Bete:** É.

**Pesquisadora:** Certo. Tá combinado a tarefa pra sexta-feira? Vocês desenharem, certo?

### III.5.3 3º Encontro

Participamos desse 3º encontro Mila com Ciço, Bete, Ceci com Pepe e eu. Antes de começarmos a produção de novos trabalhos, demonstrei e elas realizaram um procedimento que faz parte dos cuidados durante o processo cerâmico. Consiste em tirar o excesso de argila das partes maciças das peças para facilitar a secagem e evitar que elas quebrem durante a queima devido à retenção de possíveis bolhas de ar. Assim, foram dados os acabamentos das peças produzidas no encontro anterior que ficaram cobertas com plástico e estavam em ponto de couro. Aproveitei para relacionar a etapa do acabamento em vários contextos, além do processo cerâmico: na construção de casas, na costura de roupas etc. Após finalizadas, as peças ficaram secando sem estarem envoltas em sacos plásticos.

Também demonstrei novamente como preparar a barbotina reaproveitando as sobras da argila. Mostrei e demonstrei como elas poderiam usar os vários tipos e tamanhos de estecas. Mostrei, ainda, recursos alternativos como instrumentos de serem produzidos ou reaproveitando objetos usados: escova de dentes, faca, garfo, esteca feita com clips e cabo de caneta etc. Destaquei que essas ferramentas alternativas são largamente utilizadas pelos ceramistas populares.

Esse encontro, conforme conversei com elas seria o último de 2014, pois tínhamos um recesso de quinze dias para os festejos de fim de ano. Diferente dos dois encontros anteriores,

Mila e Ceci estavam numa interação diferenciada – ora brincavam entre si, ora discutiam. Um fato que merece ressaltar foi a presença de Ciço, pois para Mila poder participar da oficina de cerâmica, ou ela viria com o filho ou ele ficaria sob os cuidados de outra pessoa – uma missionária ou outra adolescente acolhida. Bete, por sua vez se posicionou sobre esse assunto e explicou que quando precisava se ausentar só deixava seu filho Nino com uma missionária, ela tinha dificuldade de deixar com alguma acolhida, pois não confiava. Nesse encontro, Ciço ficou sob os cuidados de outra adolescente acolhida, mas ele estava inquieto, chorando, choramingando, querendo a atenção de Mila e, em alguns momentos, ele ficou conosco na oficina. Fazia pouco tempo que ele tinha saído de uma internação hospitalar porque esteve desidratado. Ela tentou fazer com que ele brincasse com algum objeto para que ela pudesse continuar a modelar:

**(1:15:36 – 3º encontro) (Ciço chegou chorando). Mila: (Ela disse para o filho: “Mainha te ama, mai num pode ficá cuntingo, não”).**

**Pesquisadora:** Dá um barrinho pra ele.

**Mila:** Não. Si não ele bota na boca.

**Pesquisadora:** Mas barro não é para botar na boca.

**Mila:** Ele tem legia, fica chêo de coisa. Isso aqui tem bactéria.

**Pesquisadora:** Ele está com bactéria?

**Mila:** Não isso aqui (se referindo ao barro).

**Pesquisadora:** Não, o barro é limpo.

**Mila:** Isso é limpo?

**Pesquisadora:** É.

**Mila:** Mai, né de barro?

**Pesquisadora:** Mas, não é um barro sujo, contaminado.

**Mila:** Eu num sabia.

**Pesquisadora:** Ele tem alergia de tocar no barro?

**Mila:** Tem, é chêo di frescura. Ele, quoqué coisa, ele fica chêo de coisa.

**(1:19:55 – 3º encontro) Ciço:** Mããee!

**Mila: (Ela disse para o filho: “Oi Mainha!”).** Ô tia, tem como a sinhora mi imprestá uma coisa pra Ciço ficá brincano?

**Pesquisadora:** Tenho, claro!

**Mila: (Ela disse para o filho: “Ô Ciço, vem cá! [Ela dá um beijo nele]. Mainha ama você muito”.**

**(1:26:01 – 3º encontro) (Ciço começa a chorar...).**

**Mila: (Ela disse para o filho: “Silênço! Você tem qui aprendê a ficá no lugá. Silênço! Silênço! Quondo é você, eu dexo você brincano. Dêxe sua mãe fazê as coisa”).**

**(Ciço chora muito).**

**Mila:** O meu filho tá atrapaiano, tia?

**Pesquisadora:** Vamos administrar. Vamos dar papel e lápis para ele desenhar.

Embora eu tivesse sugerido no encontro anterior que elas fizessem desenhos para trazerem nesse 3º encontro, como “dever de casa”, elas não o fizeram. Então, disponibilizei papel e lápis para desenharem antes de começarem a modelar. Mila desenhou flores (Figura

15) – este tema foi recorrente em sua produção. Bete pretendeu desenhar uma casa, embora no desenho tenha aparecido uma igreja (Figura 17) e Ceci desenhou um castelo (Figura 19). Dando sequência ao texto, passo a especificar a experiência de desenhar de cada uma, seguida da modelagem com a argila. Os desenhos se tornaram projetos de referência na criação das formas tridimensionais, ou seja, pensar o projeto desenhado em termos visuais gráficos e imaginá-lo concretamente em termos visuais escultóricos.

Mila estava se sentindo “feliz” porque tinha passado de ano na escola, mas também estava com “preguiça” conforme falou. Mesmo assim, fez rapidamente um desenho de flores. A jovem modelou flores abertas e escancaradas e até o que ela chamou de “coxinha” remeteu a um botão de flor fechado (Figura 16). A conversa abaixo revelou o seu movimento e a sugestão técnica para realizar a modelagem. Fiz uma demonstração com a técnica do rolinho e ela continuou, de modo que conseguiu aproximar o desenho-projeto, das esculturas modeladas:

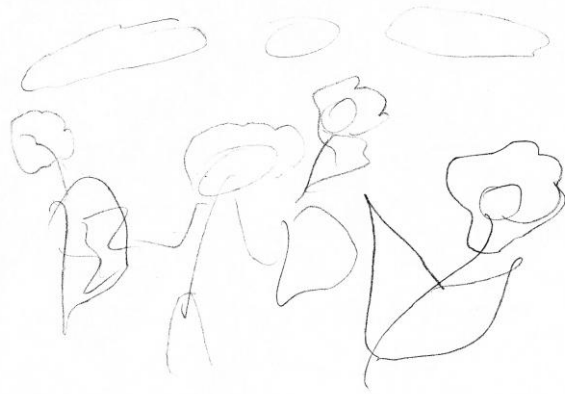


FIGURA 15 – MILA, *desenho 1* (3º encontro).



FIGURA 16 – MILA, *expressões plásticas* (3º encontro). Foto Rosilda Sá.

**(1:04:04 – 3º encontro) Pesquisadora:** Mila, isso aqui são flores? É um jardim?

**Mila:** É, mais eu tô cum prigiça de fazê.

**Pesquisadora:** Como é que você pensou em fazer? Vamos ver como é que você pode aproximar o projeto pensado e desenhado, do que vai modelar.

**Mila:** Tia, eu fii um desenho doido. Aí, num sei qui ia fazê do mermo jeito.

**Pesquisadora:** Aproveite o seu desenho para servir de referência para a modelagem. Creio que seria melhor você fazer com a técnica do rolinho.

**(1:35:26 – 3º encontro) Mila:** Tia! Queru fazê di novo, tia.

**Pesquisadora:** O quê?

**Mila:** Essa flor aqui.

**Pesquisadora:** Sim, pode fazer a quantidade que você tiver vontade.

**(1:40:12 – 3º encontro) Mila:** Ô tia, posso fazê uma coxinha?

**Pesquisadora:** Pode o quê?

**Mila:** Fazê uma coxinha.

**Ceci:** Pra cumê?

**Pesquisadora:** Pode. Você pode fazer o que quiser.

Tendo as flores como tema, Mila retomou a questão sexual, conforme uma das possíveis interpretações. Isso poderá ser observado nas imagens das esculturas realizadas em vários encontros, que remetem a flores ou a vaginas. As flores foram ficando, formal e plasticamente, mais elaboradas a cada encontro. Convém ressaltar que há um modo popular que também está indicado no dicionário, para se referir às moças jovens quando perdem a virgindade: fulana foi “deflorada”, foi tirada a flor dela, porque essa flor está no genital. Mas, talvez isso seja contraditório no caso de Mila, pois “defloração” é “não floração”, e as flores de Mila revelavam vida, natureza, poesia e não destruição.

Fazendo uma aproximação com seu histórico, Mila começou a ser explorada sexualmente muito cedo. Embora não soubesse precisamente com que idade, existe a probabilidade que tenha sido entre os 10 e 12 anos, porque aos 13 anos ela foi acolhida na “Terra” com seu bebê recém-nascido. As relações sexuais delituosas (conforme explicitado anteriormente) não eram regadas a amor e delicadeza, pois predominavam a violência, a ameaça e a brutalidade praticadas por homens de diversas idades e, portanto, com mais experiências de vida que a adolescente.

Já Bete afirmou querer fazer uma “casa normal”, conforme a conversação a seguir, mas seu desenho retratou uma igreja (Figura 17):

**(1:06:21 – 3º encontro) Bete:** Cadê o papel pra’eu desenhar.

**Pesquisadora:** Aqui.

**Bete:** Eu quero fazer uma casa normal.

**Pesquisadora:** Então, faça sua “casa normal” pra gente ver como é.

**Mila: (Ela disse para o filho):** “Vem mainha, vem mainha, vem dá um beijo im mainha, venha. Meu filho venha, qui você recebeu autá”).

**Pesquisadora:** Ele estava com quem no hospital?

**Mila:** Uma pessoa da comunidade.

**Bete:** Pronto! Aqui tá a casa.

Na continuação do trabalho dei instruções técnicas de como Bete poderia construir a sua “casa normal”, observando como era o desenho, com o formato retangular e telhado. Ela iniciou utilizando a técnica do rolinho para fazer as quatro paredes, e à medida que ela me

solicitava lhe dava instruções técnicas. O telhado foi construído utilizando a técnica de placas (Figura 18).

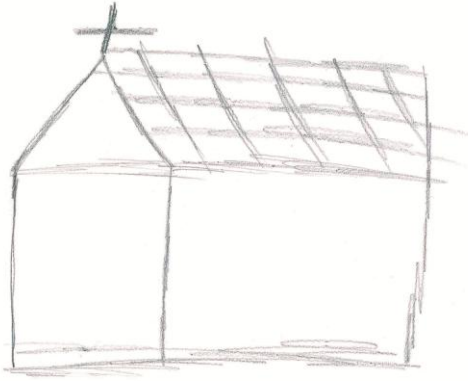


FIGURA 17 – BETE, *desenho 1* (3º encontro).



FIGURA 18 – BETE, *expressão plástica* (3º Encontro). Foto Rosilda Sá.

Creio que seja necessário contextualizar o que se passava de destaque na instituição naqueles dias, antes de descrever o que a jovem modelou com a argila. Estavam construindo a casa de um casal de missionários que iriam se casar na igreja, e obviamente, se amavam. Bete gostava muito do casal, falava coisas boas sobre eles, e esse foi o tema de onde partiu a ideia tridimensional de Bete.

A casa tinha porta e janela fechadas, e um coração aberto posicionado na frente, próximo ao telhado. Ela escreveu as iniciais dos nomes do casal sobre o telhado – embora não estivessem sobrepostas, as letras representavam o monograma que a jovem havia criado para os nubentes.

Considero oportuno relacionar que Bete, curiosamente, retratou no 1º encontro a cena da natividade, de um bebê deitado numa manjedoura, mas não construiu uma casa para protegê-lo. Então, porque ela não conseguiu estruturar uma casa para proteger aquele bebê na manjedoura? Certamente não foi por falta de habilidade ou de capacidade, pois ela conseguiu fazer uma casa estruturada nesse 3º encontro, mesmo com pouca experiência com a cerâmica para conseguir modelar essa casa. A resposta é que talvez Bete estivesse falando de coisas diferentes: *eu vivi isso que retratei no 1º encontro, e eu queria a “casa normal” que simbolizei nesse 3º encontro*. Observa-se aqui um dos aspectos mais interessantes ao se trabalhar com a arte: a liberdade de se expressar. Primeiro ela deu a entender ter expressado a dor e, em seguida, de ter expressado o sonho – o desejo de ter a vida que aqueles missionários

tinham, vivendo numa “casa normal”, criar sonhos, até mesmo reais como uma casa. Ela parecia desejar isso desde o começo, ela queria apenas ser igual à mãe dela, ter uma casa, ter um filho, ser mãe. A casa dos missionários que ela representou tinha uma única abertura passando por um coração, passando pelo amor, passando pelo sentimento.

Bete estava empolgada com a sua produção artística e parecia querer ver a sua peça queimada, de modo que me perguntou detalhes sobre a construção do forno e o processo de queima. Falei-lhe sobre a finalidade da queima, tamanho e carga do forno, combustível utilizado durante a cocção, tempo e disponibilidade para fazer a fornada. Expliquei que era contraproducente construir um forno grande para queimar poucas peças, por isso, o tamanho do forno devia atender às demandas de cada ceramista. O forno que pretendíamos construir seria pequeno.

Ceci, por sua vez, desenhou um castelo com uma porta, uma janela e uma flor (Figura 19). A partir do projeto, dei-lhe as explicações técnicas para a construção com a argila usando a técnica do rolinho. Expliquei como fazer rolinhos uniformes, numa espessura que atendesse àquele tipo de projeto e tamanho de castelo e como colar com barbotina. Ela conclui, se surpreendeu com a sua criação (Figura 20) e, sobretudo, com sua capacidade de realização, conforme a conversação:

**(0:32:27 – 3º encontro) Ceci:** Me passô um negoço aqui pela cabeça.

**Pesquisadora:** O quê?

**Ceci:** Adivinha? Fazê um castelo.

**Pesquisadora:** Então, você vai desenhar como é o seu castelo.

**(0:40:15 – 3º encontro) Ceci:** Vô fazê como cum o barro, tia?

**Pesquisadora:** Veja! O seu projeto é o castelo, o castelo é quadrado, a base é quadrada. Então, começa de baixo para cima fazendo rolinhos. Ele vai ser oco, não precisa fazer o piso, por isso começa pelas paredes.

**Ceci:** Já pode pegá o barro, tia?

**Pesquisadora:** Pode.

**Mila:** Istô viajano aqui nas coisa, tia.

**Pesquisadora:** Você está viajando onde? Conta pra gente. Foi pra onde agora?

**Mila:** Pra minha casinha.

**Pesquisadora:** E onde é sua casinha? [Mila diz o nome de uma cidade de interior].

**(1:12:11 – 3º encontro) Ceci:** Eu sô rápida pra aprendê as coisa, tia.

**Pesquisadora:** É? Que beleza Ceci.

**Ceci:** Óia aí.

**Pesquisadora:** Você está vendo que não tem mistério. É simples. É só a pessoa querer. Imaginar alguma coisa e conseguir fazer com a argila.

**Ceci:** Tem povo qui vende, né, essas coisa?

**Pesquisadora:** Tem pessoas que vivem disso. Para isso tem que ter dedicação, porque passa a ser uma profissão, a de ceramista.

**(1:18:43 – 3º encontro) Ceci:** Óia [se referindo ao castelo dela].

**Pesquisadora:** Gostou?

**Ceci:** Gostei, véiu no meu pensamento, eu nem imaginava qui ia fazê isso.

**Pesquisadora:** O castelo.

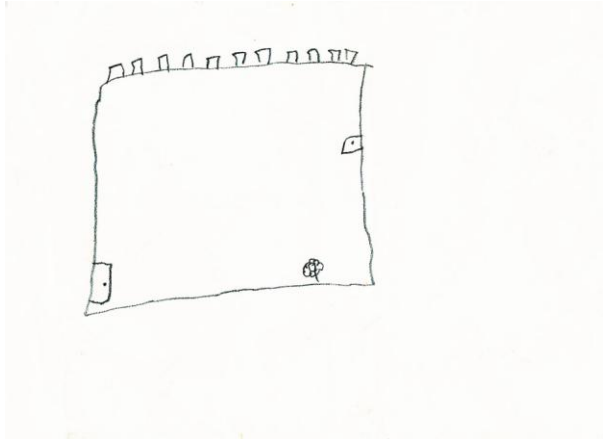


FIGURA 19 – CECI, *desenho 1*  
(3º encontro).



FIGURA 20 – CECI, *expressão plástica*  
(3º encontro). Foto Rosilda Sá.

Pode-se observar que mais do que um castelo, Ceci fez a torre de um castelo que pode remeter ao conto de fadas, ao sonho de ser princesa, ao isolamento de uma princesa solitária. Ceci no encontro anterior havia falado do amor-calor através de um sol-corção plano, e nesse 3º encontro ela conseguiu fazer uma torre-castelo imponente. Obviamente que ela teve orientação, mas foi ela quem fez e idealizou através do desenho. Ela transpôs para a escultura o que estava no desenho-projeto. E observa-se que tinham flores ao redor do castelo.

Esse castelo com flores poderia significar uma tentativa de reinscrição em um lugar, sonhando como uma criança num conto de fadas. Talvez um sonho com uma vida rica de princesa já que ela teve acesso, via o tráfico de drogas, ao dinheiro. Ora, a expressão do sonho é uma forma de “criação de si”, de ressignificar a sua própria situação de simultaneidade da adolescência e da maternidade, e da condição de pobreza. Ceci se deparava com uma nova realidade e, mesmo sonhando, era ela que precisava assumir as suas responsabilidades de cuidar de si mesma e do filho. No entanto, de que modo uma adolescente como Ceci disporia de recursos diversos, a exemplo do psíquico e do financeiro, para cuidar de si e de um filho bebê, sem um suporte familiar ou institucional? E, por que a necessidade recorrente de fugir da instituição que lhe abrigava? Fugir do castelo-instituição, se provavelmente uma das poucas perspectivas de ela concretizar alguma melhoria na sua vida seria através do apoio institucional e não familiar? Ela provavelmente fugia por não encontrar na instituição alguém



que lhe desse o *holding* que ela necessitava, o suporte diferenciado: a mãe como supostamente imaginava.

Por isso, é possível destacar a importância que deve ter sido para Ceci participar da oficina de cerâmica, ainda que tenham sido só três encontros. O espaço para brincar e se expressar *ceramicando*, por se sentir acolhida e ter confiança na pesquisadora-mãe. Winnicott postulou que “Brincar é fazer” (WINNICOTT, 1975, p. 63), ou seja, a pessoa controla o que está fora de si ao fazer coisas, e não apenas pensando e desejando. Assim, Ceci estava tendo a oportunidade de brincar com naturalidade e isso era uma forma de facilitar o seu crescimento psíquico. Para Winnicott (1975), brincar é também uma forma que conduz aos relacionamentos grupais – na pesquisa isso foi concretizado durante os encontros na oficina de cerâmica.

Ceci estava num momento delicado de sua vida, a adolescência é o momento de desenvolver as habilidades, definir metas para o futuro, ter um projeto de vida, começar a ter segurança em si mesma e tomar suas decisões. Curioso é que, deliberadamente, a jovem não queria frequentar uma escola e estudar, como se não tivesse um objetivo pessoal de ascender a uma condição de autonomia através da educação e da profissionalização.

Pode-se pensar, contudo, que a criação artística de Ceci não condizia com uma traficante e usuária, que andava armada e assaltava, era inconsequente e foi presa. Há um contraste entre a coisa infantil de conto de fada e uma história de vida atravessada pela violência. Ora, representar a violência artisticamente seria fácil, por exemplo, a partir de coisas quebradas, partidas, amassadas, fazer uma arma etc., mas não, ela falava de um desejo infantil, um desejo de amor e calor. Talvez seja possível afirmar que Ceci não havia perdido a sua esperança e, por isso, atacava ou agia no ambiente conforme se referiu Winnicott (1975). Inconformada, ela “testava o ambiente”. Ela parecia reivindicar aos adultos responsáveis por ela um lugar para ela existir, onde predominasse o afeto e o cuidado restauradores.

Antes de finalizar esse 3º encontro, que seria o último do ano (2014), fiz uma avaliação sobre como foram as experiências para cada uma e para mim:

**(2:19:58 – 3º encontro) Bete:** Ei, mas foi massa hoje!

**Pesquisadora:** Gostou?

**Bete:** Achei massa! Eu aprendi de um pequeno boneco pra uma casa.

**Pesquisadora:** E você está só começando.

**(2:23:38 – 3º encontro) Mila:** Pra mim, bom, gostei, né.

**Pesquisadora:** Sim. E hoje, a produção?

**Mila:** Gostei. Qui a sinhora tombém mi ensinô, né. Qui fazia antes quôndo tinha 10 anos. Num tinha como fazê mai, né. Agora vortô quôndo a sinhora chegô, né, fazê. Agora tá vortano tudinho di novo cumo era antes. Agora tô fazeno cum a sinhora e tô aprendeno mai.

**Pesquisadora:** Que bom.

**Mila:** I, quiria qui a sinhora fizesse mai cum a gente. Qui eu gostei muito du seu trabaio. I qui fique continuano cum a gente. Qui seguisse continuano cum a gente. Num disistisse.

**Bete:** Se ela tá dizendo isso é porque é verdade.

**Pesquisadora:** Numa condição: Você vem com óculos como eu. Vai ficar eu e tu de óculos aqui.

**Bete:** Vai ser dois a dois, tu e ela com óculos e eu e Ceci sem.

**Pesquisadora:** Você precisa de óculos como eu também.

**Pesquisadora:** Vocês duas agora, como foi a produção?

**Ceci:** Eu gostei, né. Qui aprendi muitas coisa. A sinhora ensinô varas forma da gente fazê muitas coisa e a gente vai aprendeno a fazê. Cunsegui fazê. Num é difíci di fazê, num é. Eu gostei. E agradecê da sinhora di tá aqui. E obrigada!

**Pesquisadora:** Ótimo! Que bom. E Bete?

**Bete:** Eu amei! Eu não esperava nunca fazer isso não. Eu gostei demais.

**Pesquisadora:** Que bom.

**Bete:** Porque dá mais interesse e a pessoa tenta fazer mais coisa.

**Pesquisadora:** Vamos combinar de agora nas férias vocês fazerem desenhos no papel. Eu também quero dizer para vocês que pra mim está sendo ótimo trabalhar com vocês, de estar aqui na pesquisa, na oficina de cerâmica com vocês até fevereiro do ano que vem. (**Digo à Pepe:** “Ô que mamada boa!” E ele ri.). Acho que vocês estão indo muito bem, estão desenvolvendo cada vez mais, se sentindo mais seguras para modelar a argila cada vez mais.

**Ceci:** Pu exemplo, a gente saí daqui di dento, se a gente quisé vendé aí fora, a gente vende.

**Pesquisadora:** Claro, vai aprimorando a produção.

Para finalizar, resalto que já havia discutido na fundamentação teórica: quando um pai e uma mãe não exercem as funções parentais de acolhimento, dando *holding* aos filhos, e são negligentes ao ponto de os menores ficarem em situação de risco, os menores são acolhidos judicialmente numa instituição. Esse *holding*, então, precisa ser dado pela instituição acolhedora. É curioso notar que as três jovens, Mila, Bete e Ceci pareciam precisar de tão pouco, mas era impossível para essa instituição suprir todas as demandas delas. Aliás, é impossível para qualquer instituição suprir tudo que os acolhidos necessitam. Como, também é impossível para a família suprir tudo que os filhos necessitam.

Relacionando o *holding* à oficina de cerâmica, pode-se dizer que semelhante à sensação confortante de um abraço ou de uma palavra é sentir o *holding* de alguém qualificado durante seu processo de expressão e de aprendizagem durante a experiência inicial com a cerâmica, a experiência de ensino-aprendizagem. Isso dá segurança, confiança para criar, para se expressar e ousar, por saber que tem alguém ali perto que orienta, que demonstra, que discute sobre os seus projetos, o modo de realizá-los e de concretizá-los modelando a argila, brincando mutuamente, *ceramicando*. Isso poderá ser visto também como aspecto clínico (da clínica extensa) – embora eu não vá me adentrar nesse debate. Winnicott (1975) afirmou que uma condição para o brincar é o relaxamento a partir da confiança no outro, seja a mãe, a família, um amigo etc. Diferente do comportamento defensivo contra a ansiedade, a pessoa está viva e tem uma relação criativa com o mundo, ela pode expressar

(comunicar-se com o outro) o que ela é, o seu verdadeiro *self*, nesse “posicionamento tudo é criativo” (WINNICOTT, 1975, p. 83)

Creio que a fala de Mila resumiu o que elas tanto necessitavam – de serem escutadas e orientadas para se sentirem confiantes: “quiria qui a sinhora fizesse mai cum a gente. Qui eu gostei muito du seu trabaio. I qui fique continuano cum a gente. Qui seguisse continuano cum a gente. Num disistisse”. Mila estava me dizendo: *confiamos em você*. E, também me fazendo um pedido: *não desista de nós, acredite em nós, nos ensine, nos oriente*.

### III.5.4 4º Encontro

Antes de iniciarmos esse 4º encontro, tive uma reunião com Lane, a missionária responsável pelas adolescentes, e o assunto em pauta foi a fuga de Ceci da instituição. Ela me disse que perto dos festejos de fim de ano os acolhidos, geralmente, ficam mobilizados e querem estar em casa ficar com suas famílias, para passar o Natal e o Ano Novo, e alguns acolhidos fogem. Devido ao interesse de outras adolescentes que não eram mães em participarem da oficina de cerâmica e considerando que o grupo era aberto, participaram nesse 4º encontro Alda e Mara, além de Mila com Ciço e eu. Ainda que as duas moças tenham participado, não foi dado destaque às suas produções e suas conversações foram importantes para contextualizar o diálogo e a produção de Mila, já que Bete, por ter outro compromisso nesse dia, não participou desse encontro.

Disponibilizei a argila e o tema “coração” contagiou o grupo. Mila provocando Alda, disse: “Óia, u meu coração tá mai bunito qui u teu”. O “coração” modelado por Mila era uma forma plana oval, uma placa pequena com sílabas do seu nome (Figura 21), conforme disse na conversação:

**(0:54:47 – 4º encontro) Mila:** Posso botá LE?

**Pesquisadora:** E por que não escreve o seu nome?

**Mila:** Não, tô sem corage. O TI somente.

**Pesquisadora:** Tanto espaço para escrever seu nome, por que não faz?

**Mila:** Priguiça.

Além de Mila, Alda e Mara escreveram sobre o “coração” modelado, as iniciais de seus próprios nomes ou de pessoas que gostavam. Convém destacar que modelar em grupo tem suas peculiaridades, dentre elas está o assunto que conversam. As três jovens conversaram sobre “gostar de alguém” e “namorar”. Esse tema que envolve o desejo de namorar, o amor, a experimentação da sexualidade, que se exacerba na adolescência.

Conforme eternizado na música “Xote das Meninas”: “toda menina que enjoa da boneca é sinal que o amor já chegou no coração” / “só vive suspirando sonhando acordada” / “o mal é da idade e que prá tal menina não há um só remédio em toda medicina” / “ela só quer, só pensa em namorar” (DANTAS; GONZAGA, 1953). Alguns adolescentes têm a sexualidade muito evidenciada, como no caso de Alda, diferente de Mila, de Mara, e também de Bete. Quando Alda estava modelando, disse em tom de provocação:



FIGURA 21 – MILA, *expressão plástica* (4º encontro). Foto Rosilda Sá.

**(0:12:09 – 4º encontro) Alda:** Sabe de quem Mila gosta? Do pai do filho dela.

**Mila:** É o quê?

**Alda:** Você não gosta do pai do teu filho?

**Mila:** Isso pra mim é passado.

**Alda:** Quem vive de passado é museu.

Mila não demonstrou que nutrisse afeto pelo pai de Ciço. E fazendo uma aproximação com seu histórico, o tempo que durou a relação entre eles não foi um “mar de rosas”, considerando-se também o fato de que ele consumia excessivamente bebida alcoólica. A convivência era regada a violências e a ameaças. Assim, ele fazia “coisa errada” com a adolescente, conforme relatou:

**(0:43:04 – 4º encontro) Mara:** Se meu pai quisé tirá eu daqui, ele tira.

**Mila:** Num tira não minha filha vai dependé du juis. Se você tá puraquí minha filha, quem vai vê é o juis, num é você não. Fosse assim, todu mundo ia, num era não, tia? Fôsse pela pessoa mermo. Fôsse pur mim, minha filha, eu num tarra nem aqui.

**Mara:** Se meu irmão falá cum o juis preu i imhora, eu vô.

**Mila:** Vai não.

**Alda:** Aqui é difíci entrá, eu quero vê saí. Entrá é bom, boy, quero vê saí. Ninguém sai daqui não, tia.

**Mara:** Eu fujo.

**Alda:** Fuja.

**Mila:** O Conseio Tutelá vai pegá você de vorta. Tia, já fugiu um bucado di minina já, e o Conseio pegava. Tarra iscondida.

**Pesquisadora:** E fugir pra ir pra onde, pra comer o quê?

**Mila:** Isso é invenção, tia. Safadeza nu rabu.

**Pesquisadora:** Pra dormir onde? Que não tem dinheiro, não tem nada na mão.

**Mila:** Isso é safadeza nu rabu. É pra namorá, trepá, bebê...

**Alda:** Caí, levantá.

**Mila:** Isso é safadeza. Aparece coisa boa e num qué. De mau qué, maconha, essas coisa. Num istante qué. Coisa boa qui a comunidade mermo dá, pra quôndo você saí daqui já tê o seu imprego, já tê sua casa, tê sua família. Ôtras pessoa qué entrá e num cunsegue. Já o qui tá aqui num qué aproveitá. Eu digo na cara mermo. Eu agradeço a Deus, tia, pu tá aqui nessa comunidade.

**Pesquisadora:** E estar com seu filho, né Mila! E como é seu filho pra você?

**Mila:** Assim, tia, eu gosto muito du meu filho, mai tem ora qui eu tô impaciente, num vô minti, tem vêi qui eu chamo nome cum ele.

**Pesquisadora:** Chama o quê?

**Mila:** Chamo nome cum ele. Eu bati nele puquê eu perdi muita paciência cum ele, mai eu peço a Deus muita paciência. Mai, só qui Deus... Assim, foi alguém qui mi mandô esse minino na minha vida, tia. Se num me desse, tia, eu já tarra morta uma hora dessa.

**Pesquisadora:** Por que, Mila, você estaria morta?

**Mila:** Purquê o pai do meu filho...

**Pesquisadora:** Quem é ele?

**Mila:** Ele mandarra eu fazê as coisa obrigada cum ele. Ele butarra revolve nu meu vaginal. Butarra revolve na minha cabeça. Fazia um bucado di coisa errada cumigo.

**Pesquisadora:** Ele vem aqui lhe ver? Vem aqui lhe ameaçar?

**Mila:** Não, tia, num vem não. Mai só qui...

**Pesquisadora:** Se você não estivesse acolhida aqui, certamente, ele já teria agido?

**Mila:** Se eu tivesse lá fora, se eu num tivesse Ciço, eu já tinha murrido. Ele num é traficante, tia. Ele num é. Ele tem um demôno nu corpo dele. O bicho ficô vermeio, as tia tudinho viu na diêunça qui têve.

Nessa conversa foi abordada, dentre outras questões, a fuga. Ceci havia fugido e tinha ficado uma lacuna no grupo. Desde o início eu sabia que esse tipo de ocorrência poderia acontecer durante a coleta de dados, pois a fuga era um recurso usado pelas acolhidas. Quando Mila conseguiu modelar um “coração” e escreveu algumas sílabas do seu nome, poderia estar evidenciando um vazio na sua fala sem a presença de Ceci. A jovem pareceu ter conseguido reproduzir e se apropriar de sua identidade, mesmo estando com preguiça para escrever todas as sílabas, mesmo não sabendo escrever seu nome completo, estava se reinventando, a partir do seu prenome. Como se dissesse: *Ceci fugiu, mas eu estou aqui na instituição, eu existo, eu sou Mila, e eu sei fazer isso com a argila*. Assim, a ligação com Ceci aparece na produção dela. Aquele “coração” modelado de Mila com as sílabas era a sua imagem, como um espelho. O nome é a primeira coisa dita a alguém na hora da apresentação e Mila parecia estar marcando a sua identidade.

Outras narrativas na ocasião versaram sobre família, mãe e pai. Mila falou de abandono, violência e de uma esperança de ir morar na casa do pai (pai de criação, o pai biológico de seus irmãos):

**(0:35:09 – 4º encontro) Mara:** Tenho pena do meu irmão, tia.

**Pesquisadora:** Seu irmão, o que é que tem dele?

**Mara:** Eu tenho pena dele.

**Mila:** Mulhé num vai senti pena de ninguém não, puquê ninguém nem tem pena de tu.

**Alda:** É, ninguém tem pena de nói, não.

**Mila:** Puque se quizesse, tu já tarra im casa. Vinha atraí de tu. Tu vai ficá cum essa históia aí, na frente de todo mundo aí: “quero meu irmão, quero meu irmão”. E teu irmão, nem aí pur tu. Olha aí, no Natal nem ligó pur tu. Hem tia? Vô contá cum a minha famía. Minha famía num qué eu. Vô chorá pra quê? Sabeno onde eu tô. É assim, sabe tudo de mim, qui eu tô aqui dento e nem liga pra mim. Tá lá, no Natal nem ligó pra mim. E eu vô ficá feito uma besta chorano pelus outro? Ninguém me procura. Sinto pena não!

**(0:37:42 – 4º encontro) Mila:** Nunca meus pai deu im mim.

**Alda:** Meu pai já, tia.

**Mila:** Uma vêi, minha mãe levantô uma mão e eu sigurei na ôta. Na hora qui ela ia compretá eu dei nela. Peguei assim. Eu sô uma filha, num sô uma cachorra pra ela ficá bateno, não. Até hoje, eu num arrependo nunca. Mais nunca ela levantô a mão pra mim. Nem meu pai qui né nada meu. Minha mãe qui dis qui têve eu, ela bateu uma vês, na ôtra vês ela bateu e eu bati nela.

**Pesquisadora:** Você tinha quantos anos?

**Mila:** Eu? Bem uns 13 ano.

**(0:40:53 – 4º encontro) Alda:** Apói, meu pai nunca me deu o que eu queria, não.

**Mila:** Apói, meu pai me darra tudo.

**Pesquisadora:** E o que você queria?

**Alda:** Celulá.

**Mara:** Apói, meu pai já mi deu, mai tá cum a minha mãe meu cerurá.

**Mila:** Apói tia, diga quônto meu pai recebia? É o cheque.

**Pesquisadora:** Não sei.

**Mila:** Apói, ele darra quarenta real a cada um. Ainda darra coisa pô fora, rôpa, alimento, brinquedo, coisa. A gente saia. Ele darra dinheiro, pensão pra comprá coisa pra gente.

**Pesquisadora:** E cadê ele?

**Mila:** Meu pai tá im [ela fala o nome de uma cidade]. Não, im [ela fala o nome de outra cidade].

**Pesquisadora:** Ele vem lhe ver?

**Mila:** Não, ele tá muito longe num tem condição não. Tem hora que tá disimpregado, outro não. Em mauço eu vô minbora. Depende do siuviço dele. Si ele arrumá siuviço, eu vô minbora, se ele num arrumá eu vô ficá um tempo mai puraqui, ainda.

Mila se ressentia da sua situação familiar, ninguém lhe procurava, nem nas datas comemorativas, e por isso ela dizia “não sentir pena de ninguém”. É provável que no fundo a jovem sentisse pena dela mesma. Embora ela afirmasse “eu sô uma filha”, talvez se ressentisse de não ter vivido corretamente o seu lugar na relação filial “num sô uma cachorra”. A negativa talvez afirmasse como ela se sentia e seu comportamento atestava isso.

Nota-se que o termo “cachorra” foi empregado pela jovem de modo pejorativo, pois muitos desses animais vivem em condições de vida mais dignas do que incontáveis seres humanos.

O fato de Mila criticar as acolhidas que optaram por fugir da instituição, dizendo que isso era “safadeza nu rabu. É pra namorá, trepá, bebê”, podia estar evidenciando a sua postura de desinteresse, nesse período de acolhimento sobre essas atitudes que já estiveram em pauta na sua vida, antes de ser acolhida. Bem como, a sua certeza de que quem foge não vai muito longe, porque o Conselho Tutelar consegue localizar e trazer de volta. Ela tinha consciência que o fato de estar acolhida judicialmente não dava autonomia aos parentes de tirá-la da instituição quando quisessem, pois só o juiz determinaria quando ocorreria a sua saída da “Terra”. E demonstrava, ainda, a sua consciência acerca dos benefícios e ganhos oferecidos pela instituição, benefícios esses que ela vinha desfrutando nesses dois anos de acolhimento. Outro ponto importante era o fato de que ter sido acolhida com seu filho foi um modo seguro de preservar a sua vida e a de Ciço, pois se não tivesse o filho e não estivesse vivendo acolhida, já teria “murridu”. Sim, ela talvez estivesse em condição de saúde bem precária por falta de assistência médica devido a AIDS, ou quiçá, assassinada pelo pai do filho ou por outro explorador sexual violento, drogado e embriagado.

Esse encontro foi encerrado com uma pergunta de Mila que indicava o quanto ela estava integrada à dinâmica da oficina de cerâmica, ela havia sido contagiada pela modelagem na argila, e introduzida no universo da cerâmica: “Ô tia, a gente vai quemá aquela peça quôndo?”

### **III.5.5 5º Encontro**

Após duas semanas de recesso na instituição, participamos desse 5º encontro Bete, Alda, Mara, Lia e eu. Mila não participou porque havia ido a uma consulta médica. Destaco uma observação feita por Bete sobre os dois anos de acolhimento na Instituição: “eu já convivi com todo tipo de gente aqui e foi preciso eu ter cuidado para não ficar mentalmente perturbada”. Dava para imaginar a dificuldade que a jovem sentiu, ao mesmo tempo, revelava a sua força, o seu equilíbrio e sua resiliência para se manter saudável.

Ainda que Alda, Mara e Lia tenham participado desse encontro, não foi dado destaque às suas produções, mas suas conversações foram importantes para contextualizar o que Bete falou e produziu, conforme explicitado anteriormente.

A minha proposta foi que elas fizessem um desenho antes de começarem a modelagem. Bete fez novamente uma “cena” com vários elementos: casa, igreja, árvore com

frutos, flores, uma menina (moça) com cabelos longos (soltos) e poste com luz acesa (Figura 22).



FIGURA 22 – BETE, *desenho 2* (5º encontro).

O projeto de Bete evidenciado nesse desenho era uma “vila” e sua intenção era modelar uma árvore em cada casa “em tamanho real, quase real...”. Expliquei que o real seria proporcional, pois ela iria trabalhar num tamanho considerável onde os elementos da cena seriam pequenas esculturas, diferentes das duas cenas em miniaturas que ela havia feito no 1º e 2º encontros.

Talvez uma das leituras sobre o seu desenho, seria dizer que era a representação da Bete feliz, integrada e desfrutando do que foi proporcionado pela instituição acolhedora: ter encontrado a luz na sua vida, com segurança e apoio. Curioso notar que, embora estivessem várias crianças e adolescentes acolhidos na instituição, novamente ela retratou uma figura solitária.

Pertinente destacar que Bete tinha uma agenda de compromissos diários na instituição e fora dela – que envolviam a sua circulação pela cidade, de ônibus, de bicicleta, a pé etc., a jovem tinha livre trânsito. E parecia notório que Bete desejava ter uma vida autônoma, ter uma casa para morar com seu filho e manter a relação de amizade que tinha com o pai de Nino. Cada elemento desenhado na cena tinha uma simbologia: a casa – o lugar para habitar, para fundar a convivência diária e íntima; a árvore repleta de frutos – o enraizamento e a fartura; a igreja – o encontro com Deus, pai, protetor; o poste com luz acesa – sair da escuridão, a luz que clareia e norteia; as flores – a possibilidade de sonhar, a beleza e o perfume; o espaço para circular – a liberdade. Pareceu-me possível pensar que Bete estava



remodelando a sua própria história de vida e, com isso, estava favorecendo um horizonte existencial para além de um destino previsível de vítima passiva e inerte. Ou seja, ela estava amadurecendo, criando a si mesma (*self*) e modelando o seu horizonte de uma mulher cronológica e psiquicamente adulta, suficientemente responsável por si e por seu filho. Ela tinha o desejo de “entrar na faculdade” e expressou ter consciência da importância de estudar inglês, isso dava a entender que a jovem pretendia seguir os estudos, diferente de outras jovens acolhidas.

Continuando os comentários sobre a produção artística de Bete, dentre os elementos desenhados na cena, ela modelou uma casa (Figura 23). A estrutura escultórica foi iniciada incluindo o piso feito com a técnica de placa, em seguida, foram levantadas as paredes com a técnica de rolinho e, por último, o telhado com a técnica de placa. Essa casa não foi concluída nesse 5º encontro, Bete trabalhou nela nos dois encontros seguintes até finalizá-la.



FIGURA 23 – BETE, *expressão plástica* (5º encontro). Foto Rosilda Sá.

Durante o processo de modelagem surgiram questionamentos acerca do universo da cerâmica por parte das jovens e foram dadas as explicações. Perguntaram-me, por exemplo: “Vem de onde o barro?”, respondi. Expliquei como se modelam por partes as peças de grandes dimensões, considerando o que Bete havia falado sobre fazer as suas peças em tamanho “normal”. As partes são montadas umas nas outras, pois, qualquer projeto cerâmico deve ser pensado considerando a limitação do tamanho do forno onde as peças serão

queimadas. Todo forno tem um tamanho específico<sup>31</sup> e os projetos precisavam se adequar ao tamanho do forno. Era necessário um trabalho delicado de secagem para que as peças cruas não apresentassem defeitos. Na secagem as peças diminuem de tamanho pela evaporação da água. E, mais delicado era o processo de cocção, o momento de transformação irreversível da matéria argila em cerâmica, sempre um momento de surpresas. Durante essas explicações Bete falou:

**(0:54:26 – 5º encontro) Bete:** É massa, pô, isso aqui é uma terapia.

**Lia:** Dizem que é bom pra passar no rosto, né, a argila?

**Pesquisadora:** Toda argila não, só as que tiverem propriedades para isso.

Para Bete, estar envolvida com a argila na oficina de cerâmica estava sendo “massa”, era uma “terapia”. Como ela já tinha experiência de atendimento psicológico, sabia o que era uma “terapia”. Na forma como ela colocou uma “terapia”, dava a entender que representava uma experiência com efeito positivo para ela. Ostrower (1989, p. 28) explicou sobre os efeitos do ato criador no indivíduo que cria artisticamente, pois, embora exista uma “descarga emocional”, o que gratifica é a potência de renovação, de “reestruturação”, assim, não é possível reduzir a arte “à terapia”, ela perde o seu sentido artístico.

Conforme postulou Winnicott (1975), a extensão do brincar infantil está presente na experiência artística, na experiência cultural, na experiência com o sagrado. A partir desta experiência artística, Bete estava se “sentindo real” e “sentindo real” o mundo em que vivia, ou seja, a experiência artística possibilitou-lhe estar no lugar intermediário, no “espaço potencial”, onde ela *ceramicou* e pode ser ela mesma.

Envolvida na modelagem da casa, Bete trouxe novamente a questão da construção do forno e revelou a sua expectativa tanto na construção dele, quanto no desejo de ver as suas peças queimadas, postas no forno-útero. Simbolicamente, a retirada das peças queimadas após o processo de cocção é nascer, sair do forno-útero é nascimento.

No diálogo seguinte Bete me alertou sobre os obstáculos que, de fato, vieram a contribuir para a não concretização da construção do forno.

**(1:10:58 – 5º encontro) Bete:** Quando é que a gente vai fazer o forminho?

**Pesquisadora:** Eu preciso dos materiais e a definição do local.

**Bete:** Então, tem que falar com as missionárias.

**Pesquisadora:** E preciso que todo mundo ajude.

**Bete:** Mais o principal é falar com as missionárias.

**Pesquisadora:** Eu já falei naquele dia.

---

<sup>31</sup> Considerando a correlação com a simbologia do útero, cada útero tem um tamanho específico, cada bebê nasce com tamanho e forma diferentes, mesmo que sejam modelados por uma mesma mãe.

**Bete:** Mais tem que falar novamente, porque se não elas se esquecem. Não vá pensando que elas se lembrem não. É só pedir que elas dizem que providenciam, mas não providenciam nunca.

A fala de Bete foi reveladora da situação de dificuldade que eu estava passando para concretizar a construção do forno.

Em função do ingresso de Bete no curso “Jovem Aprendiz” – preparatório para a inserção de adolescentes no mercado de trabalho – foi necessário ajustar os horários da oficina de cerâmica para que pusesse continuar participando, embora ela não fosse participar dos vinte encontros, devido à sua agenda de atividades, conforme tinha sido acertado previamente.

#### III.4.6 6º Encontro

Participaram desse 6º encontro, Mila, Alda e eu. Novamente não foi dado destaque à produção de Alda, suas conversações foram importantes, em algumas ocasiões, para contextualizar o que foi dito e produzido artisticamente por Mila.

Com a finalidade de situar os assuntos, trago inicialmente a novidade que deixou Mila feliz: ter passado de ano na escola, após quatro anos consecutivos de reprovações. Dei-lhe os parabéns. Durante o seu processo de produção artística, ela falou sobre o período em que estava grávida e nele situou um dos motivos que levaram à sua repetência escolar:

**(0:24:33 – 6º encontro) Pesquisadora:** E nessa época você também frequentava a escola?

**Mila:** Estudava, mas só qui eu parei mode o bucho.

**Pesquisadora:** Parou o quê?

**Mila:** Mode o bucho, purquê minha gravidei era di riscu. Aí, eu num tinha cumo istudá não.

**Pesquisadora:** Porque você era muito jovem?

**Mila:** Assim, minha gravidei era di riscu, num tinha cumo saí di casa. Eu era doente.

**Pesquisadora:** Sentia o quê?

**Mila:** Muitas dô. Muitas dô mermo, cumo fôsse dôr di parí mermo. Eu teve fecção no vaginal, teve morragia, teve um bucado di duença vaginal. Passei três mês.

**Pesquisadora:** Antes do parto?

**Mila:** Ham, ham. Eu mi intenei cum cinco mês, até os nove mês fiquei intenada.

**Pesquisadora:** Foi?

**Mila:** Mai graças a Deus, Deus mi curô.

A saúde de Mila durante a gravidez ficou delicada, sua gravidez foi de risco. Mila, além de ter AIDS, teve infecção vaginal, hemorragia e necessitava de um acompanhamento especializado. Assim, além de não poder frequentar a escola, ela teve de se internar no hospital durante três meses antes do parto. Felizmente que o tratamento especializado em hospital de referência na capital paraibana estabilizou o quadro de saúde da jovem para o

parto e o pós-parto. O caso de Mila é mais um exemplo de “gravidez precoce” – tema exposto e discutido na “Parte I – Modelagens teóricas e conceituais”.

No diálogo seguinte, Mila contou que a madrinha de Ciço iria colocá-lo numa creche, pois ele já iria completar dois anos de idade. Conforme disse: “Dá uma foga pra mim”. Oportunamente trago uma conversação que envolve a questão da maternidade e registra a expressão de raiva e irritação da jovem ao falar sobre o trabalho que Ciço lhe dava:

**(0:57:22 – 6º encontro) (Ciço está chorando) Mila: (Grita: “U qui foi isso, hem?”)**

**(Uma acolhida grita):** “Mila! Biel está batendo no teu filho!”

**Mila:** I puquê tu dêxa... Esse viado.

**(Mila se irrita, levanta da mesa e grita para o filho:** “Ciiiçooo! Essa nojenga!” Tô cansada desse pirraio. Vô dá pra doação esse nojento. Pu quê foi tê ele, hem? Divia tê dotado. Né não tia? Puquê isquenta mermo, esse minino. Tê qui cuidá desse pirraio era mihó cuidá... Eu pêco a paciência cum esse minino.

Percebi que se ela continuasse irritada como estava não se manteria envolvida na sua produção artística. Então, lhe ofereci bombons para adoçar os ânimos. Ela os aceitou de imediato e até se alegrou dissipando sua irritação.

A proposta inicial para a produção artística foi desenhar o que elas pretendiam modelar na argila. Mila disse: “Ô tia, num sei nem u qui é qui faço hoje”. Mas em seguida teve uma ideia:

**(0:07:28 – 6º encontro) Mila:** Eu posso fazê uma casa tombém, tia? Mermo qui auguém já fei?

**Pesquisadora:** Pode, mas se você quiser continuar o projeto das flores, pode ser também.

**Mila:** Vô dexá pra ôtra vêi. Vô fazê uma casa! Essa casa eu queru dá a uma pessoa.

Tentei propor a Mila que ela poderia continuar com o projeto iniciado com o tema das “flores”, mas ela estava decidida a fazer uma “casa”. Imediatamente rabiscou uma casa com seis linhas, sem porta e sem janela, mas com telhado. Perguntei se não iria ter porta. Ela disse que se tivesse porta na hora ela colocaria. Percebi que o projeto não era exatamente o que Mila queria modelar, tanto que após iniciar a produção tridimensional, no momento de concluir as quatro paredes da “casa” usando a técnica de rolinho (Figura 24) e de iniciar a construção do telhado convencional, ela optou por modelar uma caixa fechada colocando uma tampa em cima. Não seria a “casa” como ela havia pensado inicialmente, ela queria que fosse uma “casa fechada”, um “miaero” com um furo em cima, um cofrezinho para colocar dinheiro (Figura 26), conforme sua conversação. A colocação dessa tampa exigiu que fossem posicionados apoios internos para ela não desmoronar (Figura 25). A tampa, os apoios e o

fundo foram feitos com a técnica de placas. Essa escultura não ficou concluída nesse 6º encontro.



FIGURAS 24, 25 e 26 – MILA, *expressões plásticas (6º encontro)*. Fotos Rosilda Sá.

**(1:30:48 – 6º encontro) Mila:** Num vô fazê porta nem janela não, tia.

**Pesquisadora:** Ôxente, e uma casa sem nada como é que vai saber que é uma casa?

**Mila:** Vô fazê tampada mermo. Num queru casa aberta não.

**Pesquisadora:** Hum.

**Mila:** Eu queru só uma caxa. Queru um miaero.

**Pesquisadora:** Sim, você quer fazer uma casa-mealheiro.

**Mila:** Sim, essi negoço di botá dinheiro.[...] Cum u riscu di butár dinheiro pu cima.

**Pesquisadora:** Você quer fazer, então, o furinho do mealheiro em cima.

**Mila:** É.

Antes de tecer alguns comentários sobre essa produção tridimensional de Mila, destaco o diálogo no qual são abordados assuntos cruciais que têm relação com o tema da sua produção “casa”, “miaero”, “dinheiro”, exploração sexual, expostos durante o processo de modelagem, e que nortearão os comentários posteriores:

**(0:18:53 – 6º encontro) Pesquisadora:** Por que você quis fazer casa hoje?

**Mila:** Puquê?

**Pesquisadora:** Sim. Como era a casa onde você morava com a sua mãe?

**Mila:** A minha casa, mermo, mermo, é de talbinha i barro. Ela é piquinininha.

**Pesquisadora:** Quantos quartos?

**Mila:** Na vedade só tem dois, um lá atrás e um lá na frente. O da frente era meu.

**Pesquisadora:** Você dormia sozinha no da frente?

**Mila:** Não, durmia cum meu marido.

**Alda:** Mila, e tu tem marido?

**Mila:** Tinha quôndo morava cum ele, mai quondo perdeu a guarda a minha mãe, vim pra cá.

**Pesquisadora:** E o de trás?

**Mila:** Ficava a minha mãe e o marido dela.

**Pesquisadora:** Então ela é casada?

**Mila:** Casada, casada assim mermo não.

**Pesquisadora:** E o seu “marido” que você fala. Você viveu quanto tempo com ele?

**Mila:** Eu, sete mês.

**Pesquisadora:** Sete meses. Ele ia todo dia lá?

**Mila:** Não, ele morava cumigo na minha casa.

**Pesquisadora:** Ah, direto. Que idade ele tinha?

**Mila:** Ele tinha uns 22 anu.

**Pesquisadora:** Ele é o pai de...

**Mila:** Ciço. Só qui a famia dele num qué qui ele assumo não.

**Pesquisadora:** E você tinha quantos anos na época?

**Mila:** 13.

**Pesquisadora:** E ele trabalhava?

**Mila:** Trabaia, agora.

**Pesquisadora:** Você tem contato com ele?

**Mila:** Tinha, mai só qui num ligo mai não.

**Pesquisadora:** Ele era bom pra você?

**Mila:** A metade era, a ôta metade não.

**Pesquisadora:** Como é isso?

**Mila:** É qui ele bebe, sabe tia. Tem vêi qui eu dexava ele. Ele mi dexava e vortava, e assim ia.

**Pesquisadora:** E como era para se manter? Quem fazia a feira?

**Mila:** Mainha nunca terre frescura não. Mainha mermo comprava. Ele também ajudava mainha. Meu sogru ia lá im casa, darra dinheiro a ela.

**Pesquisadora:** O pai dele?

**Mila:** Meu sogru.

**Pesquisadora:** Mas o sogro era quem vivia com a sua mãe?

**Mila:** Não, é ôto.

**Pesquisadora:** E quando ele bebia o que ele fazia?

**Mila:** Tem vêi qui eu brigarra cum ele, tirarra onda cum a cara dele. Uma vêi ele ia baté im mim. A gente era comu cachorr... Era amigo. A gente brigarra e si intendia.

**Pesquisadora:** Ele era violento com você?

**Mila:** Não. Era us amigu da minha mãe.

**Pesquisadora:** Os amigos? Como assim?

**Mila:** Puquê eu era di pograma. Se eu num fazêsse, eles ia baté na minha cara.

**Pesquisadora:** Lhe ameaçavam. E quando você estava com o pai de Ciço, você tinha outros também?

**Mila:** Assim, na vedade eu ficava cum um e outro, mai num ficava cumo marido não. Marido mermo, ficava cum esse qui é pai do meu filho. Mai cum us ôto era só pra ficá mermo.

**Pesquisadora:** Mila e por que sua mãe permitia, então, que você ficasse em contato com esses homens?

**Mila:** Ela num ligarra não. Mai, só qui ela mandarra eu tomá muito cuidado. Mai só qui eu nunca tomei conseio de mãe não.

- Pesquisadora:** Ela lhe apresentava esses homens? Esses homens já frequentavam a sua casa?
- Mila:** Não, eu era safada, tia.
- Pesquisadora:** Como assim?
- Mila:** Os hõmi chamarra eu pegarra ia, num ligava. Mãe me darra conseio, mai eu num tomei conseio di ninguém. Aí eu fui mi perdeno...
- Pesquisadora:** Se perdendo.
- Mila:** Aí, hoje eu tô arrependida de tudo qui eu fii. Puquê si eu num fazêsse as coisa errada, eu tarra em casa agora, onde tá a minha mãe.
- Mila:** A sinhora qui compra essa gila, tia?
- Pesquisadora:** Sim, eu compro essa argila.
- Mila:** É quanto uma gila dessa, tia, qui num é da minha conta?
- Pesquisadora:** Um saco desse custa uns vinte reais.
- Mila:** É munto caru.
- Pesquisadora:** E por falar em “caro”, você ganhava dinheiro com esses programas?
- Mila:** Ganhava, num fazia di graça não, tia. Eu era di cabaré.
- Pesquisadora:** Como assim de cabaré? Então, existia uma estrutura, um local, um quarto com tudo, é isso?
- Mila:** Hum, hum.
- Pesquisadora:** E tinham muitas meninas?
- Mila:** Tinha uas quato minina.
- Pesquisadora:** E sua mãe também?
- Mila:** Minha mãe não. Minha mãe vivia im casa.
- Pesquisadora:** E esse lugar era perto da sua casa?
- Mila:** Não, era longe.
- Pesquisadora:** E você ia como para esse lugar?
- Mila:** Eu ia di carona, tia. Eu e as minha amiga arrumava a bolsa. A rente tarra cum dinheiro nu bosso, pegava e saía. Só chegarra de vinte dia, de cinquenta dia depoi.
- Pesquisadora:** E quanto você cobrava?
- Mila:** Cinquenta, vinte cinco, vinte sete real.
- Pesquisadora:** E bebia?
- Mila:** Bebia e pegarra cigarro. Só num pegarra maconha e nem quero essa nôjera.

Observa-se que embora Mila tivesse mudado a temática de sua produção artística, das “flores” para a “casa”, ela continuava a falar da questão sexual. Nota-se que era uma casa prisão, onde os apoios colocados para sustentar a tampa remetiam à divisão de compartimentos (Figura 25). Mila parecia falar de uma falta de comunicação, onde ela estava fechada nesse lugar: “Num queru casa aberta não”. Havia paredes simbólicas que impediam as pessoas de se comunicarem. E havia uma fenda em cima representando um mealheiro, mas dependendo do ângulo que se estivesse olhando, via-se claramente a vagina de uma criança (Figura 26). Era de onde vinha o dinheiro que alimentava e sustentava essa casa, da vagina-mealheiro de uma criança. E essa era a comunicação que se fazia nessa casa – uma comunicação via dinheiro, pela vagina de uma criança.

Seria possível pensar, ainda, que a simbolização dessa casa em forma de cubo, fechada, sem telhado, sem porta, nem janelas, talvez fosse um modo de significar a moradia de referência da jovem, a casa primordial construída com “talbinha i barro”, de taipa. Embora Mila tenha vivido numa casa com infraestrutura precária referente a um quadro social de

pobreza extrema era diferente de morar na rua como viveu Alda (na ocasião, essa jovem contou detalhes sobre como era viver nas ruas). Lembranças da convivência com a mãe e com o “marido” durante os sete meses que durou essa relação. Curioso que sendo uma forma fechada essa casa também poderia simbolizar os rompimentos dessas duas relações: com a mãe e com o namorado. Na compreensão de Mila sobre a sua relação com o pai biológico de Ciço, afirmou: “A gente era comu cachorr... Era amigo. A gente brigarra e si intendia”. Novamente a referência de se sentir como “cachorro”, coabitando com o substituto da mãe, na presença da mãe. Um exemplo de comportamento regredido de uma adolescente que tinha o “corpo fértil”, mas com a “cabeça de um bebê”, conforme afirmou Cassorla (2001), e achava que estava vivendo com um “marido” sem nenhum vínculo significativo com ele.

Outro ponto a ser trazido seria considerar que o poderoso bombardeio midiático sobre a cultura da mulher prostituta, influenciava sobremaneira as jovens oriundas de famílias de baixa renda, que, muitas vezes, só dispunham do corpo como recurso para obter dinheiro. Para exemplificar, destaco uma das celebridades momentâneas no Brasil, a funkeira Mc Marcelly que tem uma música denominada “Bonde das Prostitutas”, ela canta: “A mina, quando é certinha, pode crê, não tá com nada! Nós ‘tem’ que ser prostituta, pra aprender a ser respeitada” (MARCELLY, s/d). Convém informar que Mila gostava desse gênero musical. Na prática, sabe-se que a mulher ao ser explorada sexualmente nunca é respeitada. Mila era um exemplo disso, como se não bastasse ser usada, explorada por homens mais velhos do que ela, que a humilhavam, a ameaçavam, lhe agrediam verbalmente, e quiçá, lhe agrediam fisicamente.

Ostrower (1989) considerou que, através da vinculação cultural e imerso numa determinada realidade social, o ser humano tem seus valores de vida influenciados de modo condicionado, que esmagam o seu potencial criador. Vê-se que não foi diferente com Mila, pois qual a alternativa que uma jovem sem escolaridade, sem discernimento crítico, enfim, sem informação, vivendo nas condições que vivia teria diante desse tipo de bombardeio cultural? Bombardeio que não se restringe apenas à música, mas a todo tipo de aparato midiático relacionado à questão. Uma das possíveis respostas seria que grande parte das jovens nesse contexto não encontram alternativas e se tornam presas fáceis para esse tipo de comportamento. Obviamente, sem generalizar, pois esse não é o destino de todas as meninas que vivem nesse contexto.

A consequência, conforme abordada por Ostrower (1989), são os efeitos generalizados da alienação, da coisificação do ser humano, submisso e adaptado a valores banais. E isso ocorreu com Mila, conforme ela disse: “eu era safada, tia”, “Os hõmi chamarra eu pegava ia,



num ligava. Mãe me darra conseio, mai eu num tomei conseio di ninguém”. Então, Mila incorporou uma leitura sobre si mesma e seu comportamento, se denominado “safada”, porque como disse: “eu era di pograma”, “eu era di cabaré”. Mas, como ela poderia atender algum conselho de sua mãe? Se a própria genitora se prostituía e seus “amigos” eram também os que exploravam sexualmente Mila? Mila parecia estar simbolicamente presa nessa casa, ela não tinha como sair desse círculo vicioso, submissa, alienada e humilhada. Assim, ela foi se “perdeno”... Mila foi se perdendo dela mesma, provavelmente se adaptando a um falso *self*. A jovem não teve espaço para criar a si mesma, viver criativamente dentro da própria família.

Convém ressaltar que o serviço de acolhimento realizado pela instituição, com o *holding* e todos os investimentos realizados para que Mila recuperasse a sua autoestima e passasse a viver em condições dignas, com adultos responsáveis por ela e por Ciço, foram imprescindíveis para a jovem.

A oportunidade de simbolizar, de se expressar através da produção artística na oficina de cerâmica estava sendo positiva para Mila. A experiência artística é um modo de habitar a vida, de se humanizar, conforme discutiu Ostrower (1989). Através do seu potencial criador (do que ainda restava, apesar do falso *self*), de sua liberdade para se expressar artisticamente, *ceramicando*, Mila estava podendo ressignificar a sua vida – e isso era um modo de se apropriar de si.

Esse brincar com a argila, esse “jogo de argila” tendo como referência o dispositivo clínico do modelo de consultas proposto por Winnicott (1994), por meio do “jogo do rabisco”, era de fato uma aproximação fecunda. Nesse caso, havia de se considerar enquanto recorte da investigação, além da modelagem da argila, a comunicação revelada com o que cada adolescente se surpreendia pelo que descobria sobre si mesma, descobria sobre suas potencialidades, sobretudo artísticas, por meio de uma relação de confiança comigo, a pesquisadora-mãe.

Mila disse estar “arrependida” de tudo que fez: “Puquê si eu num fazêsse as coisa errada, eu tarra em casa agora, onde tá a minha mãe”. Entretanto, Mila não tinha noção de que era uma vítima. Não foi ela quem causou tudo isso, não lhe foi oferecida outra escolha. Ela era uma vítima das desigualdades no Brasil – pobre, excluída, explorada sexualmente, grávida e com doença incurável, antes de estar vivendo em contexto de acolhimento. Mas, em sua inocência, Mila se considerava “mala”, esperta, comparada com as suas amigas, as outras jovens de “pograma”, conforme falou:

**(0:31:20 – 6º encontro) Mila:** Ô tia, quôndo eu fêz as coisa errada eu sabia. Quôndo eu tarra bêba, eu sabia donde eu fui, e tombem cum os homi qui eu fiquei. Eu num tenho esse negoço de isquecer não. Vai qui acontecê um negoço e eu num sabê. Eu era mai mala de tudinho das minina. Era mala.

**Pesquisadora:** E você sofreu muita violência?

**Mila:** Da minha mãe já.

**Pesquisadora:** O que é que ela fazia com você?

**Mila:** Era muita coisa. Puquê eu num gosto di botá coisa passado pra frente não. Purquê si não...

**Alda:** Ela chora, tia. Tu chora Mila.

**Mila:** Tanta coisa qui eu já passei na minha vida... Foi um sofrimento!

Mila nesse momento mudou o tom de voz, demonstrou que estava comovida, mas ela não chorou. A demonstração da sua comoção foi uma lágrima no olho direito. Pareceu-me que ela havia desaprendido a chorar e, de fato, se queixou: “Eu tô cum o olho doeno”. Aproveitei para lhe perguntar pelos óculos e ela deu uma desculpa. Os óculos a ajudariam a ver melhor as coisas, isso é significativo quando se quer realmente enxergar melhor, é simbólico, mas enxergar melhor poderia desencadear novamente o seu sofrimento. E ela não gostava de falar sobre coisas do passado. Isso a fazia chorar, mas ela não conseguia chorar. Mila também, ao longo dos encontros, se contradisse várias vezes. Uma dessas contradições foi dizer que não se esquecia do que fazia, do que acontecia, mesmo estando bêbada: “Eu num tenho esse negoço de isquecer não”. Ora, com frequência ela demonstrou que se esquecia de coisas simples.

Relacionando os episódios de violência citados, observa-se que mesmo vítima da falta de cuidado, do sofrimento e das agressões que sofria também por parte da mãe, Mila não deixou de falar saudosamente desse lugar do convívio familiar nuclear – a casa e a mãe. Pareceu-me evidente a incapacidade de sua genitora para exercer a função materna – cuidar, educar, socializar os filhos –, sendo assim, também não existia a lei parental. Então, como Mila, com seus limitados recursos psíquicos, poderia criar suas forças de autocontenção já que não foram amadurecidas? Prostituir-se foi a ação da jovem no ambiente; desse modo, encontrou seu mecanismo defensivo repetindo o comportamento da mãe e seus consequentes sintomas e sofrimentos e, talvez, também se identificando com essa mãe.

Considerando tudo que viveu e sofreu Mila disse: “hoje eu tô arrependida de tudo qui eu fii. Puquê si eu num fazêsse as coisa errada, eu tarra in casa agora, onde tá a minha mãe.” Modelar essa casa-mealheiro também foi uma maneira de significar e simbolizar a precariedade da casa e da convivência familiar. Ao abordarem sobre a casa, Certeau, Giard e Mayol (1996) escreveram:

Indiscreto, o habitat confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes. Tudo nele fala sempre e muito: sua situação na cidade, a arquitetura do imóvel, a disposição das peças, o equipamento de conforto, o estado de manutenção. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 204).

As experiências de Mila com o ambiente familiar, o convívio com a presença do outro humano, especialmente a mãe, revelava o contexto social, econômico e cultural em que esteve inserida no seu processo de subjetivação.

É notório que um dos problemas cruciais relativo às adolescentes mães em condição de acolhimento está na ausência desse lugar da convivência familiar – a casa (o lar), enquanto lugar para existir, modelar uma casa poderia significar uma tentativa de reinscrição em um lugar. Como bem destacou Winnicott (1999): “tudo começa em casa”, e no caso de Mila isso era marcante, pois suas narrativas revelavam uma infância comprometida.

### **III.5.7 7º Encontro**

Participaram desse encontro Bete, Alda, Isa e eu. Mila não pôde participar. Esteve presente a assistente social que ficou cerca de meia hora, sem ter sido convidada. Os diálogos com as outras adolescentes e com a profissional da instituição contextualizaram o que Bete havia falado e produziu.

Iniciei esse 7º encontro com meu propósito de mostrar às adolescentes livros sobre cerâmica. Tudo que tínhamos conversado e que elas haviam praticado em seus processos poéticos sobre técnicas de modelagem, sobre a argila e seu preparo estavam detalhados no livro **A cerâmica**, de Chavarria (1997). Disponibilizei o livro para que o apreciassem e mostrei as fotos dos instrumentos e equipamentos, como as estecas e o torno. Mostrei e expliquei sobre os tipos de fornos, particularizei o forno elétrico (semelhante ao que estava desinstalado na “Terra”). Sobre como era o procedimento para enfornar as peças secas (arrumar o forno), a queima, e o desinfornamento (retirada das peças queimadas). Nessa ocasião expliquei que produzir cerâmica era um exercício de tolerância à frustração, porque a pessoa dedica um tempo imenso para produzir uma peça, se apegava ao seu objeto produzido, e durante a queima, a peça pode quebrar, trincar. Expliquei que os ceramistas lidam diariamente com a alteridade, a imprevisibilidade, com esse fator surpresa, isso faz parte do universo da cerâmica. Bete aproveitou para perguntar sobre a construção do forno a lenha, se eu sabia quando ocorreria. Expliquei que havia falado com a missionária Lane e ela iria falar com o pedreiro. Bete ressaltou que gostaria de participar da construção do forno.

O segundo livro apresentado foi **Arte popular de Pernambuco**, organizado por Costa (2001). Nele estão destacados ceramistas e artesões que trabalham/trabalhavam com outras matérias além da argila. Bete queria saber como fazer um boneco e expliquei que aquele que ela estava vendo era de madeira. O modo de produção era diferente da produção com a argila. Conforme explicou Ostrower (1989), são materialidades distintas e cada uma com suas especificidades. Destaquei dois artistas da cerâmica popular de Pernambuco e suas obras, ambos falecidos que moravam no Alto do Moura, em Caruaru: Mestre Vitalino e Mestre Galdino. Eles queimavam as peças em forno a lenha. As jovens ficaram encantadas com as produções de ambos.

O terceiro livro apresentado foi **Noivas da seca**, de Dalglish (2006), fruto de pesquisa realizada pela autora sobre a cerâmica do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Um estudo primoroso sobre as ceramistas dessa localidade, com fotos de todo o processo cerâmico realizado por elas. Bete disse: “Tem mais letra do que foto!”.

Mostrei os fogões a lenha usados pelas ceramistas para cozinhar e vários fornos a lenha para a queima da cerâmica. Nesse momento, Bete perguntou se o que iríamos construir seria como um daqueles, lhe expliquei que seria menor do que aqueles. Comentamos também sobre as casas simples onde elas moravam. Então, Bete e Alda perceberam que eram casas que se aproximavam formalmente das “casas” que elas haviam modelado.

Elas se apropriaram dos livros, os consultaram e fizeram seus comentários. Bete disse para as outras adolescentes: “Não é pra copiar nada do livro, porque tem que ser de criatividade sua”, Alda disse: “Eu não sei fazer”, e Bete respondeu: “Eu também não sabia”. Apresentar, mostrar, disponibilizar e discutir sobre os conteúdos dos livros é um dos recursos usados na arte-educação, fundamental para o processo de aprendizagem, sobretudo quando é a primeira experiência, a iniciação na linguagem específica e tradicional como a cerâmica. Então, a noção inicial sobre a cerâmica e seu processo foi enriquecida com o acesso a algumas referências publicadas sobre o assunto. Reforcei que eu não estava ali ministrando aula de cerâmica, com conteúdo programático, por exemplo, e avaliação, e o meu propósito era para fins artísticos e de pesquisa. Mas Bete, novamente ressaltou a questão da “terapia”, conforme a conversação:

**(0:44:16 – 7º encontro) Assistente Social:** Quem é mais paciente, é Bete?

**Isa:** É.

**Bete:** Eu? Sou demais, visse? Isso aqui é bom porque serve como terapia.

**Isa:** Como assim?

**Bete:** Terapia. Vai dizer que não sabe o que é terapia?

O contato com a materialidade dessa linguagem e a possibilidade de criar estava sendo uma realização, entendida por Bete como “terapia”. É bem provável que a oportunidade que ela estava tendo de se expressar artisticamente, tenha amenizado as suas angústias, pois ela estava, sobretudo, se apropriando dela mesma, modelando a argila modelava a si mesma e, certamente, sentia os seus efeitos positivos. Conforme afirmou Ostrower (1989), ao dar forma à argila, impregnando-a com a presença de sua vida, de seus sentimentos e emoções, a pessoa dá forma ao seu próprio existir. Assim, criando, também se recria. À medida que Bete e as outras adolescentes falavam de si e materializavam as suas ideias tridimensionais, ocorria simultaneamente, processo artístico e autoconhecimento.

A força da expressão “terapia” revelou a gratificação da jovem em participar da oficina de cerâmica. Convém destacar que mais importante do que qualquer interpretação que se possa dar – e as interpretações podem ser dadas de uma forma selvagem como associações livres –, seja correlacionando a seu histórico ou não, era perceber como, ao modelar, Bete ia permitindo que seus conteúdos inconscientes fossem se estruturando de alguma forma, o que ocorreu também com Mila. Não estávamos fazendo “terapia”, nem “arteterapia”, reafirmo que esse não era o propósito da oficina de cerâmica. O propósito era a criação artística e as possíveis ressonâncias na criação de si (*self*), e isso fazia sentido para elas, podendo até amenizar suas possíveis angústias. Sobretudo reforçava a autoestima por elas conseguirem se expressar livremente e produzirem artisticamente de modo autoral.

Bete, nesse 7º encontro, continuou a modelagem da casa iniciada anteriormente (Figura 27), e finalizou no encontro seguinte.



FIGURAS 27 – BETE, *expressão plástica* (7º encontro). Foto Rosilda Sá.

Bachelard afirmou que “para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos” (BACHELARD, 1993, p. 33). A casa é o nosso canto no mundo, justamente o que faltava a essas jovens – um lugar no mundo. Eguier, por sua vez, chamou a atenção para a existência do “vínculo da coabitação” entre as pessoas, baseado “em trocas cotidianas, tarefas domésticas comuns e ritualizadas pelas quais se conhecem melhor e podem se amar e fundar sua intimidade” (EIGUER, 2007, p. 19). Porém, no caso dessas jovens o amor e a intimidade familiar estavam comprometidos, o que não as impediu de abordar de modo poético o tema da “casa”, tema especial para elas.

À medida que Bete se familiarizava com a linguagem da cerâmica, ao se apropriar de modo singular da argila, seu processo criativo artístico acerca desse tema foi evoluindo, concomitante ao compartilhamento sobre sua situação existencial. Essa evolução não se resumia à aprendizagem técnica e instrumental, remetia, essencialmente, à sintonia entre a sua memória e a sua imaginação criativa que revelaram as imagens da casa. Desse modo, considerando esse contexto da oficina de cerâmica, cabe fazer uma ousada aproximação poética com Bachelard, parafraseando-o: Pelas formas escultóricas modeladas na argila, “talvez mais que pelas lembranças”, essas jovens chegaram “ao fundo poético do espaço da casa” (BACHELARD, 1993, p. 26).

Diferente de Bete, que produziu casas para serem habitadas, como estava em seus planos de morar com seu filho levando uma vida autônoma, Alda produziu nos encontros anteriores uma casa com portas e janelas abertas. O foco de sua fala foi a questão da “fuga”, e Alda fugiu da “Terra” na semana seguinte e Isa fugiu também:

**(1:15:20 – 7º encontro) Alda:** Quero ir simhora.

**Pesquisadora:** Quer ir embora para onde?

**Alda:** Pro meio da rua!

**Pesquisadora:** E vai comemorar o seu aniversário no meio da rua?

**Assistente social:** Bete, dê um conselho a essa menina!

**Bete:** E adianta? Se adiantasse minha filha! Nenhuma fugia, sabia?

A adaptação à instituição e a consciência de Bete sobre os seus benefícios eram claros, ao ponto de a assistente social interferir pedindo para Bete dar um conselho para Alda. Isso também era visível em Mila que, em encontro anterior, defendeu a instituição e criticou as acolhidas que fugiram. Além do tema da “casa”, Alda neste encontro havia começado a modelar um bolo de aniversário. O tema “aniversário” também mobilizava de modo especial as acolhidas. Na ocasião, após um diálogo com Alda sobre esse tema, perguntei à Bete se ela gostava de “aniversário”, a sua resposta foi categórica: “Eu não sou muito chegada, não!”.

### III.5.8 8º Encontro

Participamos desse 8º encontro Mila, Bete, Alda, Isa e eu. Os diálogos e produções de Alda e Isa foram importantes para contextualizar as falas e produções de Mila e de Bete que se ocuparam em dar os acabamentos das peças começadas nos encontros anteriores – a casa (Figura 28) de Bete e a casa-mealheiro (Figura 29) de Mila.



FIGURA 28 – BETE, *expressão plástica* (8º encontro). Foto Rosilda Sá.



FIGURA 29 – MILA, *expressão plástica* (8º encontro). Foto Rosilda Sá.

Bete trabalhou com a peça em ponto de couro (semi-seca), tirou os excessos usando uma esteca. Nessa consistência da argila, pode-se manusear a peça em várias posições sem deformá-la. Demonstrei como brunir a peça para obter um brilho suave, com a superfície sedosa, bem como os cuidados para não quebrar as partes mais vulneráveis, por exemplo, as pontas do telhado. Mila, por sua vez, também deu os acabamentos, embora com a peça na consistência plástica, tirou os excessos da casa-mealheiro, conforme ela afirmou: “Vô dá pra uma pessoa, pu isso vô dexá bem ajetadinho o miaero”. Destaco que o tema “mealheiro” estava relacionado, também, ao histórico de Bete, conforme contou, ela pegava o dinheiro guardado nos mealheiros dos parentes. Essa era uma de suas provocações no ambiente doméstico. Percebia-se a familiaridade das jovens com referência ao mealheiro – presente na tipologia do artesanato da cerâmica popular, vendido nas feiras livres do Brasil, sobretudo na região Nordeste.

Além dos ajustes para as finalizações dos trabalhos de Mila e de Bete ocorridas nesse 8º encontro, estava a continuação da produção do “bolo de aniversário” de Alda. Diferente da

resposta categórica dada por Bete sobre o tema “aniversário” no encontro anterior, Mila falou de suas lembranças sobre esse assunto:

**(0:32:07 – 8º encontro) Pesquisadora:** Quem gosta de aniversário?

**Isa:** Tá, quem num gosta tia?

**Mila:** Eu num gosto não.

**Pesquisadora:** Por que você não gosta Mila?

**Mila:** Isso é só pra pirráia. Mai os pôvo fai, eu vô fazê o quê? Agradecê né.

**Pesquisadora:** Que “povo” que faz pra você?

**Alda:** O povo daqui.

**Pesquisadora:** Em casa você comemorava aniversário com a sua mãe?

**Mila:** Minha mãe fei pra mim um bolo, condo eu compretei 13 ano.

**Pesquisadora:** E como era esse bolo?

**Mila:** Foi grandinho, comprô uma coca. Ela assim, quiria puquê nunca ela tinha feito, só tinha feito du meu irmão. Só qui pra mim... Tarra buxuda nesse tempo. Ela quiria fazê, né, pra cumê cum todo mundo.

**Pesquisadora:** Todo mundo? Quem?

**Mila:** Meus irmão. Nesse tempo ainda num perdi minha mãe não. Tinha perdido a guada ainda não.

**Pesquisadora:** Sei. Ela que fez ou ela comprou o bolo?

**Mila:** Não, puquê a amiga dela sabe fazê bolo, fai coxinha pra vendê, essas coisa. Minha mãe pagô cinquenta reai pra fazê o bolo, pra coisá o bolo.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Aí, us amigo di minha mãe gostava muito di mim, né.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Aí ajudô, aí a minha mãe compô as coisinha, comemorô em casa os 13 ano.

**Pesquisadora:** Você estava grávida com quantos meses?

**Mila:** Ia fazê um mêi.

**Pesquisadora:** Um mês! E ganhou presente?

**Mila:** Tia, num quirs não.

**Pesquisadora:** Não.

**Mila:** O pai du meu filho nesse tempo num tarra trabaiano, num quirs não.

**Pesquisadora:** E quem estava na festa?

**Mila:** Eu, minha mãe, meus irmão, u pai du meu filho.

**Pesquisadora:** Seus irmãos são mais velhos ou mais novos do que você?

**Mila:** Agora num sei não, passô muito tempo...

**Pesquisadora:** E na época?

**Mila:** Na épuca, num mi alembro tombém não. Tanta coisa na minha cabeça qui num mi alembro mai.

Entendi que Mila estava comemorando o seu último aniversário em família, com um mês de gravidez, antes de ser acolhida. Aliás, a narrativa indicava que tinha sido a primeira vez que a mãe providenciava (com a ajuda financeira de seus “amigos”) um bolo e um refrigerante para comemorar o aniversário da filha. Ela não quis ganhar presentes porque o rapaz que a engravidou estava desempregado, mas foi um momento marcante para ela de comemoração junto à mãe e aos irmãos.

Na instituição, seus aniversários foram comemorados, embora ela considerasse que isso “é só pra pirráia”. Em todo caso, as pessoas que trabalhavam na “Terra” providenciaram



os detalhes para celebrar seus aniversários. Então, mesmo ela não sendo uma “pirráia”, ela aceitava: “os pôvo fai, eu vô fazê o quê? Agradecê né”.

Mila sabia que festejar seu aniversário era uma forma de ser lembrada e valorizada, de estar com pessoas que a respeitavam e nutriam afeto por ela na instituição, que planejavam e organizavam as suas festas de aniversário, com carinho. E que sinceramente cantavam e lhe desejavam “muitas felicidades, muitos anos de vida”. Na situação de acolhimento em que Mila estava, festejar seu aniversário representava, além da comemoração de mais um ano no dia em que ela havia nascido, a celebração do seu renascimento, pois como ela já havia falado em outro encontro, se não estivesse acolhida e continuasse vivendo como vivia, já estaria morta.

Convém destacar que Mila agora se ocupava com o aniversário do filho que completaria dois anos, então ela parecia haver assimilado que a comemoração de aniversário era coisa de “pirráia”, e não de uma adolescente como ela.

Depois das fugas de Isa e de Alda – que estava modelando o bolo de aniversário –, Mila se apropriou do projeto do bolo, conforme será apresentado em encontro posterior.

### **III.5.9 9º Encontro**

Participamos desse 9º encontro Mila com Ciço e eu. Alda e Isa haviam fugido da “Terra”. Mila gostou e disse: “Tá tão bom eu e a sinhora aqui, tia”. Ela ficou mais à vontade, percebeu que isso lhe daria mais privacidade para falar de si, além da atenção exclusiva da pesquisadora-mãe para ela.

Nesse encontro ela retomou a temática das “flores”. Demonstrei como se modelava forma cilíndrica utilizando a técnica de placa e sua montagem sobre canos de plástico.

Assim, Mila modelou três flores. A primeira flor foi com as “bolinha”, usadas nos primeiros encontros (Figura 30), talvez ele tenha voltado ao despedaçamento do começo. Em seguida, ela modelou uma flor espatifada (Figura 31) e, por fim, uma flor desabrochando (Figura 32). Talvez uma leitura possível seria dizer que Mila estava tentando se reconstituir. Ela saiu do seu espatifamento e estava tentando reconstruir a sua sexualidade íntegra novamente, uma flor organizada, bonita, como deveria ser uma flor de uma criança/adolescente.

Mila ficou entusiasmada com a modelagem das flores, queria pintá-las após a queima, e percebeu a possibilidade de vender o que havia produzido, conforme falou:



FIGURAS 30, 31 e 32 – MILA, *expressões plásticas* (9º encontro). Fotos Rosilda Sá.

**(0:21:30 – 9º encontro) Mila:** Gostei qui só, tia. I só vô mostrá quôndo quemá. I num tem asquela tinta qui pinta? Quôndo ajeitá, bem direitinho, todo mundo compra, num compra tia?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Ganha dinheru cum fôça.

Mila queria vender as suas flores modeladas, embora a profissionalização não fosse a finalidade dessa oficina de cerâmica, o fato de Mila perceber que poderia produzir objetos artísticos vendáveis lhe deixou entusiasmada. Carvalho (2008) ressaltou que a profissionalização a partir da arte é um dos aspectos que favorecem os jovens que participam dos projetos de arte-educação em ONGs e também era um fator importante para recuperar a autoestima deles.

Aproveitei para avaliar como estava sendo para ela trabalhar com a argila e, então, retornou ao seu encontro com a argila (na infância):

**(0:46:40 – 9º encontro) Pesquisadora:** O que você está achando de trabalhar com a argila?

**Mila:** Tia, eu gostu muito da gila. Assim, quôndo eu cumecei a trabaiá cum gila, mi alembrei dos meu passado quôndo eu fazia. Morro di saudade dos passado, du qui eu fazia.

**Pesquisadora:** O que você fazia?

**Mila:** Fazia buneco, fazia casinha, panelinha, fazia fugãozinho.

**Pesquisadora:** Então, você brincava.

**Mila:** Era, di bunequinho. Morro di saudade.

**Pesquisadora:** E você está gostando do que está fazendo?

**Mila:** Hum, hum.

Embora ela tenha modelado flores, disse várias vezes nesse encontro que queria fazer “casa”: “Tô loca pra fazê uma casa”. Perguntei-lhe: “Por que você quer fazer casa?”. Mila não respondeu diretamente à minha pergunta, porém o tema de sua narrativa que versou sobre

“aniversário” poderia ser a causa da sua motivação. Inicialmente o aniversário do filho – ocasião na qual conversamos sobre os detalhes da festa que estava sendo organizada pela madrinha de Ciço e, posteriormente, sobre o aniversário dela:

**(0:14:17 – 9º encontro) Mila:** A sinhora qué vi, tia, nu anivesáru di Ciço?

**Pesquisadora:** Não entendi.

**Mila:** Qué vi no anivesáro di Ciço?

**Pesquisadora:** Quando?

**Mila:** 13 di maço.

**Pesquisadora:** Ele vai completar 02 anos?

**Mila:** Hum, hum.

**Pesquisadora:** Vai ser aqui?

**Mila:** Vai, aqui na comunidade.

**(0:48:27 – 9º encontro) Pesquisadora:** Você gosta de comemorar aniversário, não é?

**Mila:** Tia, eu num vô minti, mai eu num gosto.

**Pesquisadora:** Por que você não gosta, Mila?

**Mila:** Puquê eu queru fazê na minha casa, comemorá cum as minha famía.

**Pesquisadora:** E quando é com a sua família, você gosta?

**Mila:** Quem num gosta di fazê cum suas famía, tia?

O desejo de Mila era comemorar o aniversário dela e do filho com a sua família, a lembrança do aniversário comemorado em casa com a família foi marcante para ela, conforme comentei em encontro anterior. Mas qual família? Se ela não tinha mais contato com a mãe, nem com os irmãos e o padrasto sequer a visitava ou procurava. Ainda assim, ela nutria a esperança de ele arrumar trabalho para ir morar na casa dele, morar com a família dele. Curioso, que ela não sabia o nome desse senhor (pai dos irmãos dela), apenas sabia o seu apelido, mas sabia o nome dos irmãos. A postura de Mila em relação à família revelava uma idealização de uma família que existia no seu imaginário.

Ainda no clima do tema “aniversário”, a jovem disse que estava com saudade dos meus “bombõis”. Como eu já havia percebido que esse recurso de oferecer bombons lhe dava prazer, eu tinha levado alguns na minha bolsa. Ela ficou feliz, escolheu o que queria e deu um a Ciço.

Nesse ínterim sobre o tema “aniversário”, Mila comentou que dois meninos haviam fugido da “Terra”, e teve início uma conversação sobre o tema “fuga”:

**(0:33:15 – 9º encontro) Pesquisadora:** Mas você não pensa nisso não, não é Mila?

**Mila:** Eu ia tombém, mai...

**Pesquisadora:** Você ia por que, Mila?

**Mila:** Noi sofre cum regra dimai.

**Pesquisadora:** Em todo lugar vão ter regras. Não se vive sem regras.

**(0:54:45 – 9º encontro) Mila:** Im maço vai pará, é tia?

**Pesquisadora:** Em maço vamos ver como vai ser. Por que você está preocupada?

**Mila:** Eu num quéro pará não.

**Pesquisadora:** Não quer parar não. Mas o povo diz que não quer parar e, de repente, foge daqui.

**Mila:** Eu num fugi não, tia. Num acridita im mim não, tia?

**Pesquisadora:** Acredito.

**Mila:** Fai um anu qui eu tô aqui já. Fazê dois anu agora im maço.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Eu nunca fugi. Puqui é qui eu vô fugi agora? Nun sô doida não, tia. As ôtra fugiu purqui num tem filho, mai eu tenho filho, né. Eu pensei im quem? Nu meu filho. Num sô doida não.

A justificativa que ela deu para não ter fugido foi o filho. Nesse encontro, Ciço estava inquieto, irritado e chorando constantemente e Mila pendulou seu comportamento com ele, entre extremos: “Qui foi meu catoquinho, di mamãe. Pode não gatinhu!”, deu beijinhos e fez carinho nele. Ele gritou várias vezes para chamar a atenção dela, oferecemos barro para ele brincar, mas ora ele queria e ora não. Até que a paciência dela foi se esgotando e o comportamento evoluiu para a raiva, conforme a conversação:

**(1:03:40 – 9º encontro) Pesquisadora:** Ele aperreia muito?

**Mila:** Muitíssimo.

**Pesquisadora:** Como é muitíssimo, explica?

**Mila:** É muito.

**Pesquisadora:** O que é que ele faz?

**Mila:** Muita coisa.

**Pesquisadora:** Você não sabia que dava trabalho quando você estava grávida?

**Mila:** Eu num sabia di trabaio nihum.

**(1:06:30 – 9º encontro) Mila grita com Ciço:** “Cala a boca!” Eu num tenho paciência não, tia.

**Pesquisadora:** Não tem?

**Mila:** Tenho não, nem a pau.

**Pesquisadora:** E você faz o quê?

**Mila:** Eu dô cum foça! Eu falu pá pára, depói eu num guento não.

**(1:16:04 – 9º encontro) Mila grita com Ciço:** “Eu vô dá na sua cara, viu! Eu tô sem paciência! Você vai se calá!”.

Mila não havia discernido que o modo que Ciço tinha para chamar a sua atenção era chorar. Pareceu-me que ele estava querendo ficar no colo dela, talvez porque estivesse com sono. Tanto que após as ameaças que ela fez de bater nele, eu lhe disse: “Você tem que ter paciência, porque ele é uma criança e você é uma mocinha”. Ela se voltou para ele, o beijou e imediatamente ele se calou. E ela me perguntou: “A sinhora num ficô cum raiva não, tia, puque eu dá nesse minino?”. Eu lhe respondi dizendo que o segredo era ter paciência para compreender o que a criança estava querendo naquele momento.

### III.5.10 10º Encontro

Nesse dia o ar estava parado, abafado, as folhas das árvores não se mexiam, tive a sensação de que algo estava em suspenso. Muito diferente dos encontros anteriores com o vento soprando farto e secando (endurecendo) o barro rapidamente, se permanecesse fora do plástico (descoberto).

Participamos desse 10º encontro Mila, Bete e eu. Ambas iniciaram a produção de novas esculturas. Mila comentou que tinha passado a manhã fazendo faxina e, antes do início da modelagem, iniciou um diálogo que falava da irmã menor que estava “viveno nas droga” e dando muito trabalho ao pai – batendo nele e nos irmãos, sem obedecer, quebrando as coisas dentro de casa, roubou o celular da diretora da escola e bateu nos alunos. Mila estava agitada, dizendo da sua preocupação, que não gostava de ver o pai sofrendo, que via a hora “os traficanti matá ele” e que o “negoço é gravi”.

A jovem passou boa parte do tempo supondo que já estivesse morando na casa do padrasto. Assim, ela já teria tomado uma providência para “resovê” a questão: “Pegu u venenu botu na cumida, num instanti ela mórri”. No meio dessa falação, Mila estava revelando a confusão na sua cabeça sobre a questão do futuro dela e de Ciço: “Muita coisa na minha cabeça... muita coisa pra resovê...”. Se a irmã estava no centro das atenções do pai (padrasto) já não poderia ser ela e seu filho o tema principal. E pelo modo pouco evolutivo dela em relação à correta rotina de cuidados e alimentação com o filho (além da sua falta de paciência), a tendência, a meu ver, seria entregar Ciço para a adoção. Essa parecia ser a atitude para resolver a questão. Mas pensar sobre essa questão era ainda ambíguo e confuso para Mila, revelado através das suas contradições:

**(0:01:30 – 10º encontro) Pesquisadora:** Se seu pai arrumar emprego você vai morar com ele, é isso?

**Mila:** Hum, hum. Vai difini si vô cum Ciço ou não.

**Pesquisadora:** Se vai com Ciço ou não. Não indo com Ciço, ele fica aqui, é isso?

**Mila:** Ô vai pro abrigo, ô si ágiem quizé dotá logu ele... tive ágiem querenu ele... Mai si ele ficá eu fico tombém. Num tem isso da mãe i simbora e o filho ficá não.

**Pesquisadora:** Há possibilidade de você ir sozinha e deixar Ciço?

**Mila:** É.

**Pesquisadora:** Disponibilizar Ciço para a adoção, é isso?

**Mila:** É.

**(0:03:25 – 10º encontro) Pesquisadora:** É a primeira vez que você fala nisso, na possibilidade de você ir pra casa do seu pai, ir morar com seu pai, mas, de deixar Ciço, se separar dele.

**Mila:** Issu quem vai sabê é o juís, num é eu não.

**Pesquisadora:** Sim, eu sei. Mas como é para você se separar dele?

**Mila:** Pra mim, sei lá.

**Pesquisadora:** Como é que você se imagina sem ele?

**Mila:** Eu mi matarra na hora. O juis dissé: “óia, seu filho vai pra doação, você vai pra casa du seu pai”. O quê? Peraí, homi. Disistu di í pra casa du meu pai. Prifiru mi matá mermo.

**Pesquisadora:** Eu não estou entendendo, porque você falou outra coisa ainda agora.

**Mila:** Si meu filho fô pra doação, i dizê pr’ eu i pra casa du meu pai, eu prifiru mi matá.

**(0:58:17 – 10º encontro) Pesquisadora:** Tem hora que você fala como se concordasse, eu estou sem entender direito qual a sua posição em relação a isso.

**Mila:** Sei não tia.

**Pesquisadora:** Se você concluir que não tem condição de cuidar dele, nem tem paciência, como é que vai ficar? Se seu pai também não tiver condição de cuidar dele?

**Mila:** Num sei não tia.

Na produção artística Mila modelou uma “casa” quadrada, fechada (Figura 33), com a técnica de placas.



FIGURA 33 – MILA, *expressão plástica* (10º encontro). Foto Rosilda Sá.

Talvez uma das possíveis leituras para essa peça, seria o fato de Mila estar percebendo que a “casa” do padrasto ainda estava fechada para ela. Ela escreveu a letra inicial do apelido do padrasto na parte superior da casa, indicando que era dele aquela casa fechada. No entanto, ainda que fechada, a “casa” tinha porta e janela desenhadas que potencialmente poderiam ser abertas.

Outra leitura seria considerar que ela retornou à temática da “casa” incomunicável com o mundo, mas conseguiu fechar a abertura por onde entrava o dinheiro da casa-mealheiro modelada anteriormente.

Relacionando a minha sensação inicial de que algo estava em suspenso, e para complexibilizar ainda mais a questão de Mila, tinha a sua condição de estar doente com a AIDS. Ela só tomava a medicação quando queria, não seguia com regularidade o tratamento

prescrito, o que deixava a sua condição de saúde ainda mais vulnerável. Esse é outro aspecto relevante da situação de Mila que, certamente, deve pesar na decisão do juiz em relação à separação/ou não dela de Ciço. Sem dúvida, a situação de Mila estava em suspenso – tudo a ser decidido.

Embora o tema “aniversário” não tenha sido abordado nesse encontro, mas tenha predominado no encontro anterior, houve um comentário de Mila sobre uma “festa” que havia ocorrido no dia anterior e ela tinha participado. Como Alda e Isa (as jovens que fugiram) haviam deixado algumas formas modeladas (estavam úmidas, cobertas com plástico), Mila perguntou se poderia ficar com elas e concluir o “bolo de aniversário” desenhado por Alda (Figura 34). Mila, então, se apropriou das formas já modeladas e a sua operação foi montar a parte superior do bolo usando essas formas que já estavam disponíveis (Figura 35).



FIGURA 34 – ALDA, *desenho*.



FIGURA 35 – MILA, *expressão plástica* (10º encontro). Foto Rosilda Sá.

De algum modo essa apropriação foi significativa para Mila. Ela havia verbalizado sobre esse assunto no encontro anterior e estava na expectativa da comemoração do aniversário de dois anos de Ciço, no qual o “bolo” era a peça mais simbólica da festa. Mas, sobretudo ela havia expressado a importância de comemorar o aniversário com a sua família. A família era um tema recorrente em sua fala: “Eu num isqueçu da minha família não tia. Eu num isqueçu nunca da minha família, até a morti”.

Essa escultura do “bolo” era significativa. Recordo que no 1º encontro, a minha recomendação inicial foi: “Fiquem à vontade, se sirvam do bolo!” Ao longo daqueles dez



encontros elas brincaram com a argila, *ceramicaram*, se serviram poeticamente do “bolo de argila”, se apropriaram da matéria. Já podiam dizer que tinham “experiência” com a cerâmica. E a experiência é intransferível, é pessoal, singular.

Bete, por sua vez, iniciou a modelagem de uma “árvore”, nesse encontro ela construiu o tronco e a base da copa (Figura 36), mas só fechou a copa no encontro seguinte, o último que ela participaria. Na modelagem, ela usou a técnica do rolinho. Devido ao tamanho da árvore e, obviamente, ao peso da argila, foi necessário colocar escoras em baixo da parte modelada para não arriar (desmoronar), até a argila endurecer o suficiente para dar continuidade à modelagem. Bete falou da dificuldade que sentiu em modelar a copa:



FIGURA 36 – BETE, *expressão plástica* (10º encontro). Foto Rosilda Sá.

**(0:38:32 – 10º encontro) Mila:** Ô tia eu tô cum ciúmi.

**Pesquisadora:** De quê?

**Mila:** Tombém eu queru fazê uma árvore tia, é tão bunita qui Bete fai. Bete tem mai cabeça du qui eu, né?

**Pesquisadora:** Isso é você quem está dizendo, nem é Bete, nem sou eu.

**Bete:** Fazer árvore, a parte de cima é muito difícil.

**Pesquisadora:** É um pouco, porque tem essa operação da copa, ela pode ter formas variadas.

**(0:42:40 – 10º encontro) Bete:** O que é que tu tá olhando?

**Mila:** Sua árvore aí bunita.

**Bete:** Mas, eu nem terminei de fazer ainda pra tu dizer que tá bonita.

**Mila:** Tá. Tá paricenu sabe o quê Bete? Num tem aquela jardim qui é aberto cum aquelas árvore. Tá paricenu.



**(0:45:11 – 10º encontro) Bete:** Tá arriando.

**Pesquisadora:** Você está fazendo grossa, aí ela fica com mais peso. Olha como ela está arriando. Então, vai precisar de dois apoios aqui.

**Mila:** Uma bixôna dessa aí, cansei geral.

**Pesquisadora:** O ideal era afinar.

**Bete:** Se for muito fina eu vou demorar uma vida pra conseguir levantar.

**Pesquisadora:** A questão não é levantar, a questão é que ela precisa endurecer, porque hoje você não vai terminar. Tem que deixar para o próximo encontro.

**Bete:** Então.

**Pesquisadora:** Deixa ela descoberta, com os apoios necessários para dar sustentação.

**Mila:** Eu vô fazê uma dessa, mai eu queru fazê piquena. Qui essa bixa tá muito grande, tá paricendu uma bacía. I fai mai grandí qui isso, tia?

**Pesquisadora:** Sim, existem peças monumentais feitas por partes, elas se encaixam.

Para as pessoas que não são iniciadas nesse universo da cerâmica e da escultura, é imprescindível chamar a atenção para uma das características inerentes à própria matéria – o peso. O elemento argila/terra tem peso, inclusive ela é comercializada (seca ou na consistência plástica) por quilo, diferente do elemento ar, pode-se sentir o “ar pesado” ou o “ar parado” como eu estava sentindo nesse encontro, abafado. Uma escultura, dependendo do tamanho e da forma, não se consegue iniciar e finalizar no mesmo dia, tem que ser modelada por etapas, respeitando o limite da matéria, ainda que na hora dos acabamentos seja possível tirar os excessos e diminuir o peso. Do início até a conclusão, a escultura pode ser modelada durante dias.

Convém destacar que eu estou falando de questões técnicas. Geralmente nos projeto com a cerâmica considera-se a cocção – assim como nós estávamos considerando a construção do forno e a queima – e deve-se pensar em todos os detalhes técnicos a fim de se tentar evitar que a peça seja danificada durante a queima. Por isso, eu costumo dizer que *trabalhar com a cerâmica é um exercício de tolerância à frustração*, conforme ressaltai anteriormente.

A necessidade do projeto prévio, sobretudo para um/a iniciante, serve para que ele/a se aproprie de sua ideia, e planeje as etapas de execução a fim de obter êxito. Ter consciência do projeto, de como deseja executá-lo. O processo produtivo em arte funciona assim, não é simplesmente um *laissez-faire*. Do contrário, seria possível se fazer qualquer coisa, de qualquer jeito. Alguém que tenha o domínio técnico tem a liberdade de realizar o projeto que desejar, inclusive improvisando, os artistas profissionais nos mostram isso através de suas poéticas.

Na produção da árvore de Bete também foi necessário seguir as regras básicas de modelagem, respeitando o limite da matéria-prima. A escolha pelo tema da árvore é muito significativa e pertinente no caso de Bete. Pareceu evidenciar que no decorrer dos encontros ela foi ampliando as possibilidades de simbolizar os seus avanços – artísticos e pessoais (maturacionais). Sabe-se que a simbologia da árvore encontra-se em várias religiões de várias culturas, inclusive no contexto católico da instituição onde ela foi acolhida. A árvore está na simbologia referente à “proteção” em mitos universais (Cf. SANTO, 2010).

Bete, na sua primeira produção plástica, havia trazido a questão da desproteção, refletindo a sua própria desproteção no ambiente familiar. Ao ser acolhida na instituição e ter se integrado ao seu sistema, a jovem havia encontrado a rede de apoio e de referências que necessitava para lhe dar sustentação (*holding*) durante o seu processo de amadurecimento até a sua autonomia “relativa” para cuidar de si e de Nino. Bete era uma das sementes dessa árvore – que poderia estar representando a instituição que lhe protegia e era generosa com ela, que lhe alimentava e ao seu filho, que lhe ajudava a amenizar as suas dores. Assim, ela poderia gradativamente respirar melhor, sem tanta angústia.

### **III.5.11 11º Encontro**

Participamos desse encontro Mila, Bete e eu. Mila só chegou pouco antes do final e não produziu nenhuma peça. Esse foi o último encontro que Bete participou, conforme os motivos expostos anteriormente. Nesse 11º encontro Bete finalizou a modelagem da sua árvore, trabalhou na conclusão da copa e dos acabamentos (Figura 37). Ela usou uma argila escura (de Guarabira) que eu havia disponibilizado, diferente da que tinha sido usada nos encontros anteriores (de Cupissura). As reações de Mila e de Bete, ao tocarem essa argila, foram distintas, enquanto Mila disse: “Ô tia num gostu dessa gila preta não”; Bete disse: “Esse barro é lindo!” e recobriu a parte inferior da árvore com esse barro escuro. Essa escultura de Bete, após os acabamentos, ficou com a superfície lisa (Figura 38).

Durante o processo de modelagem foram surgindo questões técnicas e estruturais, específicas do campo das artes visuais: 1) diminuir o peso, desbastando a peça, ou seja, tirando os excessos da superfície externa ou da parte interna; 2) o equilíbrio, para que a peça se mantivesse em pé, por isso a necessidade de modelar uma base; 3) a assimetria, dando a

entender as irregularidades encontradas nas árvores frutíferas do entorno da “Terra”, diferente das árvores ornamentais que são podadas de modo simétrico<sup>32</sup>.



FIGURAS 37 e 38 – BETE, *expressões plásticas* (11º encontro). Fotos Rosilda Sá.

Sabe-se que é vasta a universalidade do simbolismo da árvore com sua riqueza e complexidade. A sua representação escultórica ou gráfica pode ser apresentada com uma infinidade de possibilidades formais. Vou destacar alguns significados, correlacionando-os com as conversações de Bete e a sua produção plástica.

Talvez o significado mais conhecido seja o simbolismo da vida – iluminada pela luz do sol, em constante evolução, em crescimento ascendente em direção ao céu. As árvores dão sombra, embelezam a paisagem, purificam o ar, na “Terra”, a fartura de ventilação e aquelas árvores do entorno eram especialmente inspiradoras.

A árvore também representa a “Grande Mãe”. Embora Bete não tenha tido como referência positiva a sua mãe biológica, teve na avó sua referência materna, conforme afirmou: “Minha mãe mesmo de verdade foi só a minha vó. Por mais defeito que ela tenha,

<sup>32</sup> Talvez fosse possível pensar que essas questões elencadas poderiam estar presentes sob outra ótica epistemológica, no processo psíquico de Mila, de Bete e de Ceci: 1) diminuir o peso/tirar os excessos da superfície externa ou da parte interna – diminuir as resistências, tirando o peso do que traziam ou transferindo o peso para o aspecto simbólico, usar a argila para expressar as tensões, descarregar a agressividade; 2) o equilíbrio – buscar o equilíbrio para o passado/presente/futuro, entre o interno e o externo, com a sustentação interna; 3) a assimetria – o reconhecimento da assimetria nas relações, porém reconhecendo-se como atuantes nestas, não só vítimas.

mas ela foi a única que me aguentou até os 15 anos, e sabia que eu tinha o meu valor. Isso eu reconheço. Hoje eu agradeço a ela por ter feito o que fez”. Em sua fala, ela trouxe detalhes da relação com a mãe e com a avó, e as consequências da violência na qual foi vítima do padrinho:

**(0:16:36 – 11º encontro) Pesquisadora:** Bete, sua mãe está vivendo com outra pessoa?

**Bete:** Não sei não, não procuro saber sobre ela não. Não tenho o mínimo interesse, ela estando viva é o que importa. Quando ela morrer eu não vou nem saber se ela morreu ou não, quero distância.

**Pesquisadora:** A relação é estremecida a esse ponto?

**Bete:** Na verdade ela nunca teve nenhum tipo de vínculo não.

**Pesquisadora:** Mesmo antes quando você morava com ela?

**Bete:** Eu passei três meses, isso não foi morar não. Eu tava lá feito hóspede. Morar eu morei com a minha avó.

**Pesquisadora:** Nenhum período depois, você já adolescente, não morou na casa dela?

**Bete:** Não. Ela só ia na casa da minha avó e dava um oi, nunca quis saber de mim não, pelo contrário, só fez comer o que era meu, minha Bolsa Família eu nunca soube o que era isso. Comeu a vida todinha, apesar que eu também não precisava, mas se ela não tivesse comido minha Bolsa Família hoje eu taria com uma poupança.

**Pesquisadora:** Quer dizer que ela já recebia o seu benefício do Bolsa Família?

**Bete:** Ela recebia e sempre dizia a minha avó que não recebia, e minha vó só esperava o meu Bolsa Família pra daí abrir uma poupança pra mim.

**Pesquisadora:** E sua mãe nunca lhe falou?

**Bete:** Nem pra mim, nem pra minha avó, nunca falou.

**Pesquisadora:** E como você descobriu?

**Bete:** Minha avó foi atrás. Falou com a diretora e ela confirmou que a minha mãe tava pegando todas as vezes o meu Bolsa Família. Foi aí que minha avó tomou raiva dela, minha vó até hoje lembra disso. Ela nunca chegou até mim pra me dá um centavo, pelo contrário, as vezes que eu pegava um dinheiro ela só fazia comer e só gostava de mim por alguns minutos quando eu levava algo pra agradar ela.

**Pesquisadora:** E as peripécias todas que você fez como pegar os mealheiros dos familiares foi na época que estava com a sua avó?

**Bete:** Foi. Minha perturbação quando eu era pequena foi por causa do meu estupro, entendeu? Mas mesmo assim eu não tiro a razão pela cabeça, hoje já falo tranquilo sem problema nenhum. Eu não sou tão acesa para o sexo por conta disso, eu me lembro das safadezas que meu padrinho fez comigo.

Outra questão trazida por Bete através da sua produção artística foi a “culpa”, a cena da praça, ela solitária sentada num banco olhando para a árvore e os frutos, talvez olhando o seu “pecado”. Considerando o contexto católico da instituição onde Bete estava e, portanto, considerando a literatura bíblica, judaico-cristã, a “árvore” estava envolta de um certo mistério. Ela apareceu não só no *Gênesis* (BÍBLIA, 1982), onde o paraíso era um bosque com árvores no qual se destacavam as árvores da sabedoria e da vida.

Outra possível aproximação do texto bíblico com o que foi produzido por Bete está na passagem em que ao provar o fruto proibido no jardim do Éden, Adão e Eva foram expulsos do paraíso pela desobediência a Deus (BÍBLIA, 1982). Bete por sua vez, também foi rejeitada

no contexto familiar, pela tentação e pelo engano, pelo “pecado” cometido, como no cenário bíblico. Obviamente, não pretendo fazer comparações literais, mas me apropriar de algumas passagens bíblicas de modo “criativo”, conforme recomendou o próprio Winnicott (1975) em relação à assimilação de sua teoria, a fim de ilustrar poeticamente a minha discussão sobre a produção artística da “árvore” de Bete – essa escultura advém do projeto de construir uma vila com árvores em cada casa.

Na Bíblia (1982), além do *Gênesis*, a “árvore” milagrosa aparece no *Apocalipse* como sinal de salvação da humanidade: “No meio da sua praça, e de ambos os lados do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a cura das nações” (BÍBLIA, 1982, p. 1576). Talvez para Bete a “árvore milagrosa” fosse a instituição que lhe acolheu e, através dela, poderia conquistar a sua “salvação”.

Comentei em encontro anterior, uma das questões trazidas por Bete através de sua produção artística, a “desproteção”, relacionando-a com o tema da “árvore”. A representação da “Grande Mãe” simbolizada na árvore de Bete também poderia ser a instituição que lhe acolheu, lhe protegeu e estava oferecendo oportunidades para ela mudar a sua vida, investindo em suas potencialidades – através dos estudos e da profissionalização. Assim, a jovem poderia amadurecer com tranquilidade, porque teve o *holding* institucional. Ela construía condições para assumir a sua existência, viver na sua casa, em família, de modo a realizar o seu desejo representado nas casas modeladas anteriormente. Conforme sua narrativa, Bete reconhecia os investimentos que lhe eram oferecidos pela instituição:

**(0:03:43 – 11º encontro) Pesquisadora:** Quando você faz planos para o futuro você pensa em estar na sua casa?

**Bete:** Numa estrutura familiar, eu, meu filho, com alguém.

**Pesquisadora:** E, certamente, você trabalhando?

**Bete:** Totalmente, eu tô lá na comunidade por conta disso. Nem todos vão poder ter a mesma oportunidade que eu tô tendo.

Simbolizar a “árvore” poderia representar ainda a quietude que Bete estava sentindo após o acolhimento na “Terra”, diferente da “perturbação” que sentia anteriormente, durante o período apocalíptico que viveu. A instituição foi o seu refúgio.

Largamente difundida é também, a árvore enquanto arquétipo da “psique” integrada produzida pelo inconsciente. Segundo Jung (1964), que fez parte de uma corrente psicanalítica diferente de Winnicott, a “árvore” era um arquétipo e símbolo do *self*. Sendo assim, ao brincar *ceramicando*, ao modelar na argila a sua “árvore”, Bete talvez estivesse demonstrando que estava em sintonia com seu verdadeiro *self*. E, por conseguinte, podia estar

revelando que estava desfrutando do seu viver criativo, saudável, conforme propôs Winnicott (1975).

Para finalizar esse encontro fiz uma avaliação com Bete sobre a sua experiência, conforme a conversação:

**(1:42:15 – 11º encontro) Pesquisadora:** Bete, hoje é o seu último encontro na oficina de cerâmica, talvez você venha na construção do forno se a equipe da instituição providenciar o que é necessário. Então, como foi para você essa experiência de trabalhar com a argila?

**Bete:** Foi bom, porque pelo menos a pessoa se distrai, espairose mais um pouco, porque é como aquele negócio: pequenas coisas se tornam grandes coisas. Tipo música, eu gosto de música e futebol. Música e futebol é terapia pra mim. Entendeu? A argila também tá sendo porque é algo que eu posso meter murro aqui e ninguém saber, né?

**Pesquisadora:** Não vai afetar ninguém.

**Bete:** Não vai afetar em ninguém. É igual à bola, eu pego a bola e começo a chutar pra cima e pra baixo, entendeu? Quando eu tô com raiva. Isso é um modo de se expressar que é bem melhor. Eu achei bom. Até porque foi a primeira vez que eu fiz, nunca tinha feito não.

**Pesquisadora:** E o que você achou desses projetos que você fez, dessas peças. Gostou dos resultados, por ter sido a primeira vez?

**Bete:** Gostei.

**Pesquisadora:** E foi sobre o que você estava pensando em fazer?

**Bete:** Foi sim.

**Pesquisadora:** E o que você achou da própria matéria, da argila, essa matéria que diz respeito à linguagem da cerâmica. Você considera que seu envolvimento com a matéria se deu de forma fluente, que você conseguiu realizar o que pretendia?

**Bete:** É, consegui. É aquele negócio, a pessoa faz um desenho, mas do desenho a pessoa sozinha não tem como fazer a escultura. Mas aqui eu consegui fazer.

**Pesquisadora:** Então, eu lhe agradeço por você ter participado da minha pesquisa, e agradeço pela confiança. Nos encontraremos novamente, se tudo for providenciado pela instituição, na construção do forno.

**Bete:** Não se esqueça de me chamar, né?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Eu tombém, né tia?

**Pesquisadora:** Sim.

Bete estava dizendo que através da argila pôde expressar a sua agressão – de fato, essa matéria suportava isso, o que a “mãe” e o “ambiente” anterior (familiar) não puderam suportar, mas no espaço de confiança com a pesquisadora-mãe isso foi possível. Oportuno destacar a expectativa que ficou em Bete, em Mila e em mim, sobre a construção do forno.

### III.5.12 12º Encontro

Participaram desse 12º encontro Mila com Ciço e eu. A jovem iniciou a modelagem da parte inferior de uma “casa”, com a técnica de placa, sem ter feito o desenho prévio (Figura 39). Duas coisas merecem destaque: 1º) A dificuldade que ela encontrou em usar a régua e fazer as medições para dar o recorte nas placas de argila, errou várias vezes. Essa dificuldade

ela já tinha apresentado de não saber os numerais, não assimilar os tamanhos escolhidos, demonstrando o seu comprometimento cognitivo e de alfabetização. Conforme afirmou: “Tô cum a cabeça tão dirmiolada”; 2º) A ambiguidade em relação ao tema “casa”, talvez pudesse haver toda uma questão relacionada a “casa” de origem, conforme foi demonstrado anteriormente, assim como o desejo de ir morar na casa do padrasto. Diferente de Bete, Mila não fazia planos ou almejava ter autonomia, ter a sua casa e ir morar com seu filho, pelo menos isso não ficou claro na sua conversação:



FIGURA 39 – MILA, *expressão plástica* (12º encontro).  
Foto Rosilda Sá.

- (0:21:38 – 12º encontro) Pesquisadora:** Você tem vontade de ter a sua casa Mila?  
**Mila:** Sei lá tia, seio não.  
**Pesquisadora:** De cuidar do seu filho, ter sua casa, ser dona de casa.  
**Mila:** Não.  
**Pesquisadora:** Não?  
**Mila:** É.  
**Pesquisadora:** Não ou é.  
**Mila:** É.  
**Pesquisadora:** O que é “é”?  
**Mila:** Qui sim.  
**Pesquisadora:** Tem vontade?  
**Mila:** Tenhu não.  
**Pesquisadora:** Vontade de trabalhar, ganhar seu dinheiro.  
**Mila:** Tenhu, né tia?  
**Pesquisadora:** Aí você pensa em fazer o quê?  
**Mila:** Sei lá.  
**Pesquisadora:** Você gosta de fazer o quê?  
**Mila:** Isquici.

**Pesquisadora:** Costurar, cozinhar.

**Mila:** Qui negóçu di cuzinhá, detestu!

**Pesquisadora:** Você trabalharia em quê para se sustentar financeiramente? Você faz plano ou pensa nisso?

**Mila:** Sei não.

Tentei acompanhar a motivação de Mila em modelar essa “casa” mais estruturada, mas diante da sua forma de se esquivar para responder, fiquei com dúvidas, mas certa de que ela estava confusa. Talvez nos próximos encontros outros aspectos pudessem ser revelados, porque nesse encontro não ficou claro se ela desejava ter e assumir a sua casa, nem se profissionalizar, investindo nos estudos. Fez-me lembrar de que, ao mesmo tempo em que a jovem havia demonstrado felicidade por ter passado de ano na escola em encontro anterior, revelou também outro aspecto da questão, conforme a sua fala, que contextualizou a sua dificuldade em desenvolver e aprofundar os estudos:

**(0:43:03 – 10º encontro) Mila:** Ô tia num quiria passá di anu não.

**Pesquisadora:** Por quê?

**Mila:** Vegonha.

**Pesquisadora:** Vergonha de passar de ano?

**Mila:** Pra mim é.

**Pesquisadora:** Por quê?

**Mila:** Num gostu di passá não tia.

**Pesquisadora:** Você queria ter repetido de ano? Por quê?

**Mila:** Puquê eu num gostu di passá, queru sê burra sabe? Pá vida sabe?

**Pesquisadora:** Pensar dá trabalho não é Mila? Estudar exige esforço, não é Mila?

**Mila:** Puquê eu fui passá, hein? Queru passá não. Queru tá na primêra séri.

Fiquei pensando se o “sê burra” dito por Mila, podia corresponder ao que os outros pensavam dela. Mila havia usado uma palavra que naquele momento talvez refletisse como ela estava se sentindo “dirmiolada”, sem estar com o juízo (os miolos) no lugar. Os dicionários definem o adjetivo “desmiolado” como um indivíduo insensato, louco. Então, seja por força da sua expressão em usar o termo, seja porque a expressão talvez traduzisse a sua insensatez, a jovem só faria qualquer tipo de avanço em sua vida ou do que se esperava dela, obviamente, dentro de suas limitações.

### III.5.13 13º Encontro

Participaram desse 13º encontro Mila com Ciço, eu e Tito – que circulou em torno da nossa mesa de trabalho vendo Mila modelar e, ao ouvir a nossa conversa, deu a sua opinião sobre o assunto. Para contextualizar o silêncio de Mila, considere a fala de Tito.



Assim que Mila continuou com a modelagem da casa, iniciada no encontro anterior, alguém ligou o som numa das casas lar, e ouvimos Djavan cantar “Sina”. Passei boa parte desse encontro cantarolando baixinho a primeira frase da música, que não saía do meu pensamento: “Pai e mãe, ouro de mina / Coração...” (DJAVAN, 1982). Mila me perguntou: “A senhora gosta?” E eu respondi: “Sim, gosto da música de Djavan!”. Não sei se ela tinha noção de quem era o cantor e o que dizia a letra. Só escrevendo no meu diário de campo me deparei com uma questão: para alguém cantar em verso, relacionando poeticamente “pai e mãe” a “ouro de mina”, teria sido preciso ter feito uma experiência satisfatória com essas figuras referenciais da família ou, do contrário, justamente por não ter feito essa experiência, poderia estimar que “pai e mãe” deveriam equivaler ao que era precioso, talvez como uma forma de lamentar por não ter tido esse prazer de ser cuidado, amado e educado.

Mila e todas aquelas crianças e adolescentes que estavam acolhidos na “Terra”, passaram por algum tipo de falta de “cuidado” – abandono, negligência, maus tratos, exploração etc. –, conforme abordei na “Parte I – Modelagens teóricas e conceituais”. Muitos deles não retornariam ao convívio com suas famílias de origem e talvez fossem disponibilizados para a adoção. Assim, eles poderiam ter a experiência de viverem numa família substituta e, quiçá, encontrar ao menos, uma mãe “ouro de mina”.

Curioso era que Mila tinha uma noção errada, igual ao senso comum, de que a criança adotada não estava com a “mãe de verdade”, que o filho não era de quem cuidava, no caso, a mãe adotiva, porque ela só “criava” a criança que adotou, mas não pariu. Talvez fosse um modo de ela se esquivar sobre a sua própria situação em relação a ficar ou entregar Ciço para adoção. Aproveitei para falar algumas coisas e fiquei surpresa com a reação verbal de Tito e o silêncio de Mila:

**(0:57:03 – 13º encontro) Pesquisadora:** Mãe é quem cuida do filho todo dia, quem tem responsabilidade com o filho, quem educa, quem prover, quem sustenta, quem dá carinho, dá amor, leva para o médico, leva para passear, é compreensiva com o filho.

**Tito:** Leva pru shoppi.

**Pesquisadora:** Mas não joga o filho no lixo.

**Tito:** É o quê? Filhu fica jogadu nu lixo? É muito feio filhu qui fica jogadu nu lixo.

**Pesquisadora:** Mas tem muita criança jogada no lixo, não tem?

**Tito:** Tem, dentru du baldi du lixo, né?

**Pesquisadora:** É.

Esse diálogo foi anunciador, porque Tito em encontro posterior gritou avisando: “Mila, teu filhu tá cumeno cumida du lixo!”. Obviamente que me deterei sobre esse episódio quando for analisar o encontro em que isso ocorreu. Nesse encontro, novamente a jovem falou sobre o aniversário de Ciço e a festa. Chamou-me a atenção como Mila tem um

comportamento constante de pedir coisas, completamente diferente de Bete que nunca me pediu nada. Coisas para ela e para o filho – roupa, calçado, produto de higiene pessoal, brinquedo etc., conforme falou:

**(0:41:07 – 13º encontro) Mila:** Ô tia, tem comu a sinhora mi dá um tamanquinho, não?

**Pesquisadora:** Tamanquinho para você?

**Mila:** Sim, azú.

**Pesquisadora:** Um tamanquinho azul?

**Mila:** É pra usá na festa do meu filhu.

**Pesquisadora:** Quando será a festa do seu filhu?

**Mila:** Im maçu.

**Pesquisadora:** Você pediu as tias (missionárias) o tamanquinho?

**Mila:** Não, puquê aqui, misericórdia, é tudu véiu, tia. Mai na festa do meu filhu num vai tê coisa veia não, passá vegonha. Aí a madrinha dele deu um lisamentu pra eu, prá dá nu meu cabelu.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Num tem aqueles joguinho, Ciço gosta de joguinho, ele gosta qui só. Traga seu filhu, tia. Vai tê palhacinho, sei qui vai tê, na festa di um anu têve.

Fiquei surpresa com o fato da jovem que viveu na condição de miséria econômica, reclamar porque as coisas que ganhava da Instituição eram “véia”, ou seja, usadas. Em encontro anterior ela havia me pedido um “velocípede”, conforme falou:

**(1:13:45 – 10º encontro) Mila:** Ô tia, você num tinha um relocipe véio pra dá pro meu filhu, não?

**Pesquisadora:** O quê? Um velocípede velho?

**Mila:** Sim.

**Pesquisadora:** Tenho, mais ainda não está velho não. Por que, aqui não tem não?

**Mila:** Tem, mai esse aqui é pas criança.

**Pesquisadora:** E então?

**Mila:** Mai só qui meu filhu qué um pá ele. Eu só peçu um pá ele, sabe tia, puquê us mininu acaba.

Mila tinha essa postura passiva que vivia à espera da assistência dos outros, dos proventos da instituição. Não se mobilizava para ela mesma ter o seu próprio dinheiro, através dos estudos e da profissionalização. Na sua produção artística, nesse 13º encontro, ela concluiu a “casa”, modelou o telhado (Figuras 40 e 41) com a técnica de placas. E usou, reclamando, a argila (na cor preta) para trabalhar, mas só havia essa, ela não tinha outra opção de argila para escolher.

Observa-se que plasticamente essa escultura apresentava uma composição formal mais equilibrada, com uma aparência diferente das outras casas que ela havia feito. Essa representação de uma “casa” mais elaborada (bem acabada), me pareceu ter como referência as casas lar da “Terra”. Mila morava há mais de 01 ano numa delas, com Ciço, com outras adolescentes e com uma missionária. Ela gostou da escultura pronta e disse que queria

queimá-la. A questão da cocção foi recorrente, em quase todos os encontros Mila ou Bete haviam falado sobre construir forno e queima:



FIGURAS 40 e 41 – MILA, *expressões plásticas* (13º encontro). Fotos Rosilda Sá.

**(1:25:19 – 13º encontro) Tito:** Tia, condu a sinhora terminá esse trabaio cum as minina, a sinhora vai fazê cum a genti, né?

**Pesquisadora:** Talvez, se eles arrumarem argila, vai depender de várias coisas...

**Mila:** Mai, num vai disisti da gente não, né tia?

**Pesquisadora:** Claro que não. Por que você está perguntando isso?

**Mila:** Puquê, sei lá, vai qui a sinhora achi ruim, aí a sinhora num vem mai, nem pá construi o forno. Num vai acabá im maço.

**Pesquisadora:** Vamos aguardar os missionários providenciarem os materiais e definirem o local para a construção do forno.

Sobre essa questão da construção do forno, eu havia falado várias vezes tanto com o pedreiro (mas tudo dependia dos missionários), quanto com quatro missionários/as que não decidiram nada. Fiquei esperando, mas não me foi dada nenhuma explicação.

Para concluir, perguntei a Mila o que ela estava pensando em fazer no próximo encontro, e ela me disse: “Quêru fazê frô”.

### III.5.14 14º Encontro

Nesse 14º encontro estávamos Mila e eu. Antes de a jovem começar o novo projeto, ela viu as imagens do livro **Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha**, de Dalglish (2006). Discutimos sobre as obras e o processo cerâmico, bem como sobre a vida simples das artesãs, as suas casas e as suas famílias. Mila teve uma reação imediata, ficou

entusiasmada com o livro: “Muitu legau! Puquê venu essas coisa eu possu fazê tombem. Podé inté algém vê achá bunitu e qué comprá, né? É muito lindo dimai, na fêra si vendi dissu”. Ela me perguntou: “Mai tia, puquê num trossi êsse livru antis”. Respondi que havia levado, mas foi num encontro que ela não havia participado.

Depois que ela viu o livro disponibilizei papel e ela desenhou “flores”, temática recorrente na produção dela, mas nesse 14º encontro teve o diferencial pela apresentação das imagens e a discussão sobre a produção das ceramistas do Jequitinhonha que é ornamentada por flores – tanto tridimensionais, quanto pintadas sobre a superfície dos objetos cerâmicos (Figura 42). Até a casa da ceramista Noemisa Batista é ornamentada com flores pintadas por ela mesma, nas paredes (Figura 43).

Mila ficou identificada com o que havia visto e fez um comentário: “Num tinha niguém trabaiandu cum gila aqui na “Terra”, mai agora tem”. A referência era ela mesma, Mila estava se sentindo ceramista. A jovem fez um desenho singelo de três jarros com flores (Figura 44). A partir do seu desenho discutimos quais as possibilidades técnicas para modelar com a argila – sejam flores escultóricas ou desenhadas. Expliquei sobre as limitações da matéria correlacionando com as limitações da vida. Dei explicações técnicas e Mila, então, modelou uma pequena flor com pétalas e miolo (Figura 45) e transpôs para uma placa de argila um dos jarros desenhado (Figura 46). Quando ela ainda estava manuseando o livro disse: “Quôndu quemassi, eu quiria pintá assim dessi jeitu. Assim, di tinta, assim”. Antes de iniciar os comentários sobre a produção de Mila, creio seja oportuno trazer sua conversação:

**(0:22:29 – 14º encontro) Mila:** Essa frô tá piquena, mai é assim.

**Pesquisadora:** Você pode desenhar outras.

**Mila:** Tanta coisa na minha cabeça qui eu nem seio u qui façu.

**Pesquisadora:** Deve ser coisa boa de ideia.

**Mila:** Sabi u qui é, eu tarra pensandu im fazê um coração. Hoje eu queru fazê um coração.

**(0:41:27 – 14º encontro) Pesquisadora:** Na sua casa tinha flores?

**Mila:** Tinha.

**Pesquisadora:** É. Qual flor?

**Mila:** Quequé uma.

**Pesquisadora:** Você plantava flores?

**Mila:** Plantarra, mai agora num seio mai não.

Mila seguiu no tema recorrente das “flores”, mas queria fazer “coração”. Ela expressou através dos corações desenhados sobre a placa de argila, o desejo de amor e de beleza, embora tenha retornado a falar da AIDS, da medicação que tomava, dos efeitos colaterais e da exploração sexual.



FIGURA 42 – Vaso com flores,  
Vale do Jequitinhonha – MG. Foto divulgação.



FIGURA 43 – NOEMISA BATISTA,  
pintura com barro sobre parede da casa,  
Vale do Jequitinhonha – MG. Foto divulgação.



FIGURA 44 – MILA, desenho 2 (14º encontro).



FIGURAS 45 e 46 – MILA, expressões plásticas (14º encontro). Fotos Rosilda Sá.

A jovem culpava a mãe por estar na situação em que estava, por ter descuidado dela: “Eu cumeçei a namorá logu cêdu, fazê coisa errada logu cêdu, namorá cuns hõmi qui eu num quiria, mi foçou”. Mas Mila se dizia arrependida: “U qui eu fii eu mi arrependu. Até hoje eu sinto noooooojo”. Perguntei que sentimento ela tinha pela mãe sabendo das coisas erradas que ela havia feito, e Mila respondeu: “Si um dia eu vê ela, peguntá si ela si arrependeu du qui fei cumigu. Puquê si ela fossi mãe darra mai valô a filha. Purissu pediu a filha”. Observa-se que Mila percebia a negligência da mãe que perdeu a sua guarda.

Quais relações podem ser feitas entre o que foi verbalizado e o que foi expresso plasticamente por Mila nesse encontro? Sabe-se que existe uma enorme variedade de flores, elas são usadas como símbolos por diversas razões. Dentre elas, o fato de a flor ser o sistema reprodutivo das plantas e representar o símbolo de pureza sexual. Assim, sugere-se que a flor podia significar a ideia de “beleza” e de “regeneração” em detrimento da “luxúria” e da “degeneração”. Talvez, isso coubesse nesse momento a Mila, pois ela parecia estar expressando a sua resignação, após ter vivido a luxúria e a degradação, e desse modo a sua flor poderia ser bela novamente. Embora ela tivesse afirmado que não sabia mais plantar flores, estava cultivando poeticamente jarros floridos no seu “jardim da vida”, singelo e singular. E assim, essas flores modeladas e desenhadas talvez pudessem servir como uma pequena porção de bálsamo ou unguento para ela. Eu disse isso a Mila usando outros termos, de outra forma:

**(1:30:09 – 14º encontro) Pesquisadora:** Deixe eu lhe dizer uma coisa: você me disse que sua vida foi para o lixo. Não é exatamente assim.

**Mila:** Lixu tia, puquê a minha vida foi istragada, num foi du jeto comu eu quiria. Cumu eu pensava antis.

**Pesquisadora:** Sei, eu estou entendendo o que você está falando.

**Mila:** É issu qui a minha vida foi pru lixu.

**Pesquisadora:** Mas veja, você tem esperança no seu coração.

**Mila:** Si eu tivessi cum meu pai, num tarra nada dissu, comu ele falô.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Inté hoje eu sintu disgotu da minha vida. Sempre qui eu olhu assim, pensu... Tem hora qui eu queru qui saíssi issu da minha mente, mai num sai, né. Puquê assim, eu tentu isquecê mai num sai da minha vida.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Qui tudu qui eu passei, tudu qui eu sufri na minha vida, mai nunca quéru vortá.

**Pesquisadora:** Não vai voltar mais a sofrer isso, você sabe que não.

**Mila:** Já sufri dimai.

**Pesquisadora:** Veja. Por mais que você esteja falando sobre coisas do seu passado e do seu sofrimento, que de fato foram coisas muito fortes para serem vividas por uma criança ou adolescente, você está modelando amor e esperança na argila. Veja que lindas essas flores nesse jarrinho! Isso é lindo, com borboletas e corações! Se apegue a essas coisas boas!

Com sua produção artística Mila estava mostrando que havia uma possibilidade de ela cultivar o seu “florido jardim da vida”, que nem ressecou, nem morreu. Pelo contrário, as borboletas podiam embelezá-lo, conforme ela afirmou: “Queru vivê agora vida nova. Botá a vida pá frenti. Sigui minha vida pá frente!”.

### III.5.15 15º Encontro

Participamos desse encontro Mila com Ciço e eu. Achei curioso Mila demonstrar e afirmar seguidamente que estava “istressada” com Ciço, mas ter passado o tempo todo cantarolando alguma música.

**(0:10:27 – 15º encontro) Pesquisadora:** “Ciço! Não pode colocar o barro na boca!” Mila, ele está colocando na boca, olha.

**Mila diz para o filho:** “Mainhaaa!” Ele gosta di barro quisó. Era eu quôndo eri grávida dele.

**Pesquisadora:** Mas não é correto, ele pode adoecer, ficar com dor de barriga.

**Mila:** A sinhora sabe qui barro é bom pra cumê?

**Pesquisadora:** Não é natural a pessoa comer barro, será que ele está com verme?

**Mila (ficou cantarolando).**

Eu já havia abordado sobre o tema da conversa acima em encontro anterior, na ocasião eu perguntei se Ciço tinha feito exame de fezes recentemente e Mila só afirmou que o filho não tinha nada, no entanto Ciço colocava com frequência coisas na boca que encontrava no chão e eu expliquei que isso era normal nas crianças pequenas, colocarem as mãos na boca, fazerem exames e conforme o diagnóstico, fazerem o tratamento recomendado. Expliquei que na “Terra” tinham animais soltos (cachorros e pássaros, por exemplo) e Ciço andava e brincava descalço, mas eu fiquei com a impressão de que Mila não gostou dessa conversa.

Nesse 15º encontro ela continuou pendulando o comportamento com Ciço entre aspereza e delicadeza. A sua conversação sobre ser mãe revelou a sua dificuldade em exercer esse lugar:

**(0:15:21 – 15º encontro) Mila está cantarolando:** Tô istressada! Num gostu di fazê nada istressada.

**Pesquisadora:** Como é que você sabe que está estressada?

**Mila:** Quôndu eu tô istressada? Quondo eu queru fazê um negoçu, u ôto fica mi perriano, mi perriano, mi perriano, aí eu fico istressada.

**(0:19:33 – 15º encontro) Mila grita com raiva:** “Sái Ciço!”. Eu num presto pá fazê nada cum esse menino não. Puquê esse infeliis num saiu logo cedo, hem meu Deus? Misericórdia! Esse negoçu di sê mãe é rim, visse.

**Pesquisadora:** Você acha?

**Mila:** Eu acho.

**Pesquisadora:** Por que Mila?

**Mila:** Sei lá, só pá cabá a vida da pessoa. Oi tia, num vô minti não, se esse pirrai (**fala confusa, incompreensível**)... Se fosse pu mim já tinha matado ele, puquê num gosto não.

**Pesquisadora:** Não gosta de ser mãe?

**Mila:** Detesto.

**Pesquisadora:** Dá muito trabalho?

**Mila:** Bagunçô meus istudo esse negoçu de sê mãe.

**(0:41:20 – 15º encontro) Mila grita com raiva:** “Ciçooo! Num pode mexê! Mexa agora di novo pra você vê! Vai mexê di novo?”. Hoje eu num tô boa não, tô daquele jeito.

**Pesquisadora:** Como é “daquele jeito” que eu não sei?

**Mila:** Tia, já ixpriquei pra sinhora.

Mila foi direta ao afirmar que “detestava” ser mãe, a sua raiva dirigida ao filho naquele momento pôde ser simbolizada conforme veremos mais adiante.

No tocante à sua produção, a primeira coisa que Mila disse foi: “Hoji, eu num queru desenhá não, tia”. Fui percebendo a partir do nosso diálogo que não se tratava apenas de um procedimento mais livre para modelar sem a referência do desenho sobre o papel, que facilitava a se pensar previamente como seria a execução do projeto, mas sim uma forma que ela encontrou de brincar comigo, de me fazer surpresa do que iria modelar, demonstrando que sabia fazer conforme a narrativa:

**(0:01:04 – 15º encontro) Pesquisadora:** Não quer desenhar não?

**Mila:** Cansei desenhá agora.

**Pesquisadora:** Já quer ir direto para a argila.

**Mila:** Pra gila.

**Pesquisadora:** Mas aí, como é que eu vou saber o que você quer fazer?

**Mila:** Intóim, a sihora num vai vê eu fazendu gila, vê u qui é qui eu quéru.

**Pesquisadora:** Vai ser direto na argila?

**Mila:** Ééééé, quôndu eu fai a sinhora vai vê.

**Pesquisadora:** Sim.

Essa foi a forma que Mila encontrou para brincar e para produzir, me mostrando que sabia fazer. Usando a argila preta com a técnica de placa, a jovem voltou à temática da “casa” (Figura 47), conforme afirmou:

**(0:26:07 – 15º encontro) Pesquisadora:** O que você vai fazer? Eu queria entender o que você vai fazer.

**Mila:** Quôndu eu fazê a sinhora vai vê.

**Pesquisadora:** É uma caixinha?

**Mila:** Casa feitu uma caxinha.





FIGURA 47 – MILA, *expressão plástica* (15º encontro). Foto Rosilda Sá.

A peça foi concluída nesse encontro, a forma era de uma caixa toda fechada, não tinha nada que indicasse que era uma “casa”, na minha leitura formal era uma “urna-caixa-preta-fechada”. A “caixa-preta” é o nome popular dado ao sistema de registro de voz e de dados existente nos aviões, o qual registra em equipamentos distintos o som ambiente e os dados de performance da aeronave, é o principal equipamento nas investigações de acidentes aéreos fatais. Na pesquisa investigativa que eu estava realizando, também usei equipamentos distintos, o gravador de voz para o registro das conversações e a máquina fotográfica para o registro do processo artístico (plástico) com a argila. Assim, voz e imagem fotográfica foram cruzadas para interpretar os eventos. Durante esse encontro, a conversação de Mila foi reveladora para interpretar o conteúdo da “caixa-preta” modelada por ela. Nos distintos continentes, as pessoas mortas são enterradas em caixas fechadas. Assim, relacionando os dados de voz e a performance escultórica da “urna-caixa-preta-fechada” da jovem, seria pertinente questionar: Será que Mila estava simbolicamente matando o filho (simbolizando a sua raiva), tendo em vista que ela afirmou que “detestava ser mãe”, que isso “acabava a vida da pessoa” e que se fosse por ela já tinha “matado” o filho. Mila estava trabalhando aspectos difíceis relacionados à maternidade precoce que limitavam a vida das jovens face às prioridades do cuidado com o filho pequeno, conforme destaquei no “Tópico I – Modelagens teóricas e conceituais”. Poder expressar o que ela estava sentindo, ainda que fossem questões agressivas dirigidas ao filho, lhe permiti ter um comportamento descontraído – além de “cantarolar” constantemente, ela estava nesse encontro, vestida de modo alegre, colorida.

### III.5.16 16º Encontro

Assim que eu cheguei na “Terra” me dirigi para o local onde ocorreria a oficina de cerâmica. Nesse trajeto, vi Ciço pegando e comendo a comida que era deixada no chão para os cachorros. Eu disse para ele: “Não Ciço! Não pode comer essa comida! Saia daí! Venha comigo!”, mas ele continuou no local. Mila já estava me esperando, imediatamente comuniquei para ela o ocorrido (esse fato não foi isolado, já havia ocorrido outras vezes, mas eu não havia registrado). Mila disse: “Ai meu Deus! Vem timbora Ciço, pode não mainha! É cumida dus bicho!”. Ciço saiu de perto de onde estava por alguns minutos, mas logo voltou. Eu disse a Mila: “Ele continua comendo”, mas dessa vez ela não disse nada, ficou indiferente.

É impactante presenciar a cena de uma criança de dois anos pegar no chão e comer as sobras de alimentos deixadas para os cachorros. Não menos impactante é ver Mila, de 15 anos, não se levantar de onde estava para tirar o filho dessa situação. Mila parecia estar repetindo com o filho, o comportamento de descuido do qual foi acostumada a receber da mãe.

Participamos desse 16º encontro Mila, Ciço que chegou depois, eu e Tito – que circulou em torno da nossa mesa de trabalho vendo Mila modelar, ele alertou e fez comentários ao ver Ciço colocar barro na boca. Para contextualizar a fala de Mila considerei também os comentários de Tito.

Iniciei mostrando o catálogo da exposição **Miró ceramista**, publicado pelo Ajuntament de Barcelona (1993), e fui conversando com Mila sobre esse artista espanhol que também era ceramista, de imediato ela disse: “Esse eu num gostei muito não, sei nem qui muléstia é isso, é tudo doido, num achei nada bunitu, o ôto é mai bunitu” (o “ôto” era o livro **Noivas da seca**, comentado no 14º encontro). Ela me fez uma pergunta que achei curiosa: “Morreu cum quôntos anu ele?”. Respondi a sua pergunta.

Neste encontro, Mila novamente não quis desenhar e disse que iria começar diretamente na “gila”, disse também que estava “chata” por vários motivos. Ao longo deste encontro as falas (que versaram basicamente sobre como ela estava se sentindo, sobre suas habilidades domésticas e a falta de paciência em cuidar de Ciço) se misturaram com a sua produção e sua forma de brincar fazendo surpresa para mim sobre o que ela iria modelar. Usando a técnica de rolinho (Figura 48), ela seguiu levantando a peça e depois revelou: “Vô fazê jarru” (Figura 49). Os acabamentos só foram dados no encontro seguinte.

**(0:23:30 – 16º encontro) Mila:** Tia, esse negócio di desenho eu num gosto não. Derna de manhã lavano rôpa, o fiio de lado chorando no meu pé du uvido, escala. Meu dia foi um correriço.

**Pesquisadora:** Mas desenhar facilita para você entender o que vai fazer e eu poder lhe orientar.

**Mila:** Mai, eu num gosto di desenhá, tia. Hoje tô chêia, tô goniada, tô chata. Ainda mai qui eu tô mentruada. Tô chata hoje.

**Pesquisadora:** Hum... Tomou os remédios hoje?

**Mila:** Tomei, mai tô chata hoje.

**(0:30:27 – 16º encontro) Pesquisadora:** Mila, quer dizer que todo o serviço de casa você já sabe fazer?

**Mila:** Sei, né.

**Pesquisadora:** Lavar roupa. Engomar também?

**Mila:** Gomá sei.

**Pesquisadora:** Lavar, passar, cozinhar... Cozinhar não, cozinhar você não pode e não gosta, né? Lavar louça e arrumar casa, lavar casa, tudo?

**Mila:** Hamham.

**Pesquisadora:** Cuidar de criança, dar banho, dar comida. Quem cuida de Ciço é você?

**Mila:** Só qui eu num tenho paciência, eu num tenho paciência cum criança, mai u restu eu faço.

**Pesquisadora:** E como é que fica sem ter paciência com criança, com Ciço bem pequenininho?

**Mila:** Aí é qui eu num tenho paciência mermo (risos). Eu mi istresso cum ele. Essa gila preta eu num gosto. Vixe! Só a misericórdia.

**Pesquisadora:** Hum.

**Mila:** Vô fazê uma coisa.

**Pesquisadora:** O quê?

**Mila:** Sûpresa.



FIGURAS 48 e 49 – Mila, *expressões plásticas* (16º encontro). Fotos Rosilda Sá.

**(0:58:20 – 16º encontro) Mila:** Isso fai até casa, né não tia?

**Pesquisadora:** O quê? O barro?

**Mila:** Sim.

**Pesquisadora:** Com tijolos constrói casa e com telhas cobre o teto.

**Mila:** Tia, tá paricenu u quê u qui eu queru fazê?

**Pesquisadora:** Sei não.

**Mila:** Já dá pá divinhá? Um jarru.

**Pesquisadora:** Um jarro bem diferente.

**(1:12:04 – 16º encontro) Mila:** Tá ficano bunito! Tia, num tem aquele jarro qui tem aqueles negocinho assim, como si fosse cheio di frôre.

**Pesquisadora:** Como se fosse o quê?

**Mila:** Num tem aquele jarro?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Aí num tem aquelas frôre qui tem uns negocinho, fosse um babadinho?

**Pesquisadora:** Sim, estou entendendo.

**Mila:** É isso qui eu queru fazê.

**Pesquisadora:** Ao invés de ter desenhado pra gente ver.

**Mila:** Não, suprêsa.

**Pesquisadora:** Você gosta de fazer surpresa mesmo, não é?

**Mila:** A sinhora era doida pra eu fazê no papel. Num gostu, gostu di fazê suprêsa.

**Pesquisadora:** Hum.

**Mila:** Vai ficá lindo!

**Pesquisadora:** Está feliz porque vai fazer surpresa?

**Mila:** Humhum. Sô muito isperta, num sô não tia?

**Pesquisadora:** Está ficando esperta na cerâmica.

**Mila: (risos)** Meu sonho é de fazê mai gila, e sô lôca pá aprendê tombém, assim aprendê mai, quôndo fô lá na frente ensiná tombém.

**Pesquisadora:** Humhum. Preste atenção nas emendas, aqui precisa fazer a emenda bem feita para não descolar.

**Mila:** É mermo.

Observa-se que a produção artística de Mila foi um “jarro” formalmente diferente, a jovem ousou fazer a modelagem diretamente na argila, sem o desenho prévio. Isso só foi possível porque ela já tinha o mínimo de domínio técnico e também porque sabia e tinha confiança que eu estava presente para o que precisasse durante o seu processo de produção. Embora Mila tenha afirmado não ter gostado da obra de Miró, o fato de ter visto e comentado sobre o que viu da cerâmica dele, de algum modo deve ter ficado registrado para ela, porque o “jarro” modelado ficou com uma forma ousada e original (Figura 49), assim como é a obra do artista espanhol.

No decorrer desse encontro, Ciço chegou ao local comendo banana, depois chegou Tito, as conversações que seguiram misturaram “comer banana”, “comer barro”, “morrer” e “defunto”:

**(0:32:11 – 16º encontro) (Ciço foi chegando) Pesquisadora:** “Tá comendo banana? Aonde você pegou onde essa banana, Ciço?” Será que foi do lixo?

**Mila:** Sei não. Hoje eu tô daquele jeito. Tu achasse essa banana aonde, hem?

**Pesquisadora:** Será que foi no lixo?

**Mila:** Ele tá cumeno banana, mai as tia num qué qui ele cuma quequé cumida, ainda mai cumeno banana, elas vai recramá.

**Ciço fala com Mila e ela diz:** “Não! Vá cumê sua bananinha veia”. Tia, a senhora fai um favô pra mim? Tira gila pra mim.

**Pesquisadora:** Quer mais argila?

**Mila:** É.

**Pesquisadora:** Tome, pegue aqui.

**Ciço fala com Mila e ela diz:** Ele tá pidindo mai tia.

**Pesquisadora:** Banana?

**Mila:** Gila.

**Pesquisadora:** Mas, o que ele estava na mão era banana.

**(0:40:05 – 16º encontro) - (Ciço fala com Mila e ela diz):** “Sai mainha, acoda pá vida mainha. Ajuda tua mãe” (risos).

**(Ciço fala com Mila e ela diz:** “Dêxa di sê [fala incompreensível]. Ciço, ajuda tua mãe, minino!”).

**Pesquisadora:** Deixa de ser o quê?

**Mila:** (risos).

**Pesquisadora:** Como é? Não entendi.

**Mila:** Sê difunto.

**Pesquisadora:** Defunto? Por que defunto?

**Mila:** Puque num fai nada na vida.

**(1:15:04 – 16º encontro) Tito chegou no local e disse:** Mila, o teu filho tá cumeno barro. Ó a bôca dele, pô quê ele tá cumeno barro?

**Mila:** Puque ele gosta, eu tombém era assim quôndo era criança.

**Tito:** Eu num gostu não, isso é rim.

**Pesquisadora:** “Ciço! Não é pra botar na boca não, não é pra comer, você pode adoecer!”.

**Tito:** E pô quê ele gosta? Ele vai morrê cum isso. Tu vai morrê Ciço, tu vai morrê, tu vai morrê Ciço (**Tito repetiu essa frase várias vezes**).

**Pesquisadora:** “Ciço! Você não pode colocar barro na boca!”.

**Mila grita:** “Ciçoo!”.

Mila ao dizer para o filho “Dêxa di sê difunto”, me levou a entender que talvez Ciço já estivesse “morto” simbolicamente para ela (conforme a interpretação dada sobre esse assunto no 15º encontro). As conversas deste 16º encontro talvez tenham indicado mais conteúdos sobre a “caixa-preta” – o significado inconsciente de Mila. Nessa questão de Ciço, o que estava sendo dito por Tito era que ele poderia morrer por estar comendo o barro, e Mila talvez tenha simbolizado a morte do filho usando essa matéria no encontro anterior, além de ter afirmando seu desejo de matá-lo e agora, chamá-lo de “difunto”. Assim, no meu entendimento, estava sendo importante para Mila simbolizar essa questão, isso a ajudava a não agir de fato contra o filho. A morte do filho poderia estar relacionada a entregá-lo para adoção, se separar dele, não estar mais em contato cotidiano com seu corpo, não acompanhar diariamente o seu crescimento. A separação do filho era uma questão ambígua para Mila, conforme comentado em encontro anterior, ela disse que se “mataria” se tivesse que se separar do filho. No entanto, ela talvez estivesse sinalizando através dos conteúdos

expressados, tanto os artísticos (tridimensionais modelados), quanto os verbais (ditos) que estava começando a assimilar uma possível separação de seu filho.

### III.5.17 17º Encontro

Participamos desse 17º encontro Mila, eu, e Ciço que chegou depois. Sua produção artística foi dar os acabamentos do “jarro” modelado no encontro anterior (Figura 50). O tema “jarro” estava diretamente ligado ao tema “flores” conforme Mila já vinha trabalhando, as “flores” podem ser (ou não) cultivadas em jarros. Mila já vinha desenhando, modelando e cultivando poeticamente flores em jarros no seu “jardim da vida”. Pode-se observar que formalmente este “jarro” remete a uma grande flor aberta.



FIGURA 50 – Mila, *expressão plástica* (17º encontro). Foto Rosilda Sá.

Relacionei no meu diário de campo a música “Relicário” com o trabalho de Mila: “O que você está fazendo? Milhões de vasos sem nenhuma flor / O que você está fazendo? Um relicário imenso deste amor” (REIS, 2011). Talvez a jovem estivesse otimista com a possibilidade de ir morar com a família (na casa do padrasto), conforme pôde revelar a sua conversação abaixo. Observa-se, ainda, que Ciço não foi incluído nessa sua narrativa sobre ir

embora da instituição, talvez dando a entender que, na perspectiva de ir morar com a família, Ciço não iria com ela.

**(0:25:17 – 17º encontro) Mila:** Tô pensano im maço.

**Pesquisadora:** O quê Mila?

**Mila:** Saí daqui p'eu i mimbora.

**Pesquisadora:** É esta querendo mesmo ir?

**Mila:** É, né tia tá chegano a ora cum minhas família, né. Mai, mermo assim, vô ficá vindo aqui, mermo qui longe. Num vô desisti du povo da comunidade não, qui nunca disistiu di mim.

**Pesquisadora:** Você está acolhida aqui há quanto tempo?

**Mila:** Vai fazê dois anu agora im maço. Se eu ficá im maço vai pá ôto maço, aí fai três anu, quato anu, cinco anu e assim ia, se eu fica, né. Ninguém sabe da minha história. Quem sabe é o juis.

**Pesquisadora:** Que expectativa você está fazendo em ir morar com seu pai? Como você imagina a vida lá com ele?

**Mila:** Eu quero i minbora num vô ficá sem fazê nada dento di casa, eu tenho qui ajudá tombém. Purque eles tem qui mi ajudá, eu tembém tenho qui ajudá eles. Num é só chegá lá, cumê i durmi não, eu tenho qui ajudá eles dento di casa. Eu num tinha ninguém por mim né, só tem ele né, minha mãe num posso mais, aí agora o juis tá ajeitano pá eu vortá cum meu pai.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Mermo assim tia, eu vô vortá pá ele, mai num vô dexá minha mãe bondonada não. Puque eu sei qui essa cachaça é u maió créu, puque pra saí é muita luta.

**Pesquisadora:** Humhum.

**Mila:** Uns já cunsegue, mai tem uns...

**Pesquisadora:** Que não conseguem, não é?

**Mila:** Cumo a minha vó num cunsiguiu saí da cachaça.

**(0:31:03 – 17º encontro) Mila:** Onti mermo eu tarra pensano na minha vida, o qui era de passado, né.

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Eu num durmi onti. Tem vêz qui eu fico sozinha na cama acodada com os óio fechado, os povo pensa qui eu tô durmino mai eu num tô durmino não. Aí eu fico lá pensandu. É muito sofrimento qui eu passo na minha vida, tanta coisa na minha vida, qui foi tudo pá trás, mai agora eu tô butano minha cabeça pá frente.

**Pesquisadora:** Hum.

**Mila:** Tenho 15 anu, vô fazê 16 anu. E Deus fei di tudo pá eu saí dessa vida né. Nera peu tê essa dificuldade derde criança não.

**Pesquisadora:** Hum.

**Mila:** Eu fico assim, tia, que é muita coisa pá uma pessoa, né. E logo eu qui num sei resolvê nada na minha vida. Eu num sô como toda aquelas pessoa qui intendi, eu num intendu muito. Deus tá vendu essa vida qui eu passei, né, qui ele já olhô pos ôto qui tão sofrero e já passarum, né. E ele dá ôta vida nova.

**Pesquisadora:** E você não está sozinha, Mila.

**Mila:** Uma difircudade pá saí, mai eu saí. Só saí puquê mi butaru nu hospital, puquê se eu tivesse im casa num tinha saído, ainda não.

**Pesquisadora:** É verdade.

Esse 17º encontro ocorreu em fevereiro e Mila estava pensando no mês de março quando completariam dois anos de seu acolhimento na “Terra”, só o juiz poderia decidir sobre a possibilidade de ela ir morar com o pai, já que não voltaria para o convívio com a mãe. Esse

era o seu desejo conforme afirmou: “tá chegano a ora cum minhas família”, “Eu num tinha ninguém por mim né, só tem ele né, minha mãe num posso mais, aí agora o juis tá ajeitano pá eu vortá cum meu pai”. Perguntei a Mila sobre a sua expectativa de morar com ele, como ela imaginava a vida lá com ele, e ela respondeu: “Eu quero i minbora num vô ficá sem fazê nada dentro di casa, eu tenho qui ajudá tombém. Porque eles tem qui mi ajudá, eu tembém tenho qui ajudá eles. Num é só chegá lá, cumê i durmi não, eu tenho qui ajudá eles dentro di casa”. Ao abordarem sobre o “não fazer nada” em casa, Certeau, Giard e Mayol (1996) afirmaram:

Neste espaço privado, via de regra, quase não se trabalha, a não ser o indispensável: cuidar da nutrição, do entretenimento e da convivialidade que dá forma humana à sucessão dos dias e à presença do outro. Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, têm tempo para viver e sonhar. Aqui as pessoas se estreitam, se abraçam e depois se separam. Aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidado, provisoriamente dispensado de suas obrigações de trabalho e de representação no cenário social. Aqui o costume permite passar o tempo “sem fazer nada”, mesmo sabendo que “sempre há alguma coisa a fazer em casa”. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 205).

A jovem estava consciente e certamente aprendeu na “Terra”, a colaborar nas obrigações domésticas. Interessante que apesar de tudo que Mila passou morando com a mãe, ela se preocupava com a genitora: “eu vô vortá pá ele, mai num vô dexá minha mãe bondonada não”. Ela sabia da dificuldade que a mãe tinha para deixar o vício de beber (conforme afirmou em encontro anterior a mãe não era uma pessoa boa quando bebia, vendia os objetos de casa para comprar bebida), essa dificuldade era possivelmente transgeracional, pois a avó não deixou a bebida até falecer. Como ela afirmou: era “muita luta” para sair dessa “cachaça”, ela estava determinada a não deixar a mãe “abandonada”, talvez estivesse dizendo que a ajudaria.

Creio que Mila estava consciente dos benefícios resultantes do seu acolhimento na instituição, e mesmo perdendo o sono com seus pensamentos, “sozinha na cama”, refletindo sobre o sofrimento que já passou na vida, ela apontava para um futuro esperançoso: “É muito sofrimento qui eu passo na minha vida, tanta coisa na minha vida, qui foi tudo pá trás, mai agora eu tô butano minha cabeça pá frente”.

### **III.5.18 18º Encontro**

Participamos desse 18º encontro Mila e eu. Inicialmente, Mila reclamou que estava com sono, mesmo assim, novamente quis me fazer surpresa sobre o que iria produzir. Dessa vez abriu a argila entre tecidos usando um rolo de madeira, fez uma placa, depois envolveu essa placa num cano de plástico para criar uma forma cilíndrica. Ela não revelou o que iria



modelar, fez segredo e surpresa até finalizar a peça nesse mesmo encontro, que formalmente era um “jarro” (Figura 51). A conversação expressou a sua descontração em me fazer surpresa e segredo. Eu percebi Mila com um sorriso largo.



FIGURA 51 – Mila, *produção plástica* (18º encontro). Foto Rosilda Sá.

**(0:16:33 – 18º encontro) Mila:** Tia me dá um daquele canudo ali.

**Pesquisadora:** O que você vai fazer com o cano de plástico?

**Mila:** Num possu contá, a sinhora sabe muito bem qui é di suprêsa.

**Pesquisadora:** Tá certo! Mas cuidado para não ficar argila presa no cano, cubra o cano com saco plástico, certo? E cuidado com as emendas.

**Mila:** certo.

**(0:53:06 – 18º encontro) Pesquisadora:** Eu estou curiosa para saber o que Mila vai modelar (risos). Me conta!

**Mila:** (risos) Num posso contá não, tia, é segredo.

**Pesquisadora:** Percebeu como você está feliz me fazendo segredo e surpresa?

**Mila:** (risos) A sinhora num vai sabê, só quôndu eu terminá.

Conforme afirmiei, no encontro anterior o tema “jarro” está diretamente ligado ao tema “flores” e Mila já vinha trabalhando com as flores ao longo de vários encontros. As flores, após colhidas, podem ser dispostas em jarros sobre os móveis da casa ou em qualquer outro local. Escrevi no meu diário de campo, associando trechos da música “Flores” ao jarro de Mila: “Flores para quando tu chegares / Flores para quando tu chorares / Uma dinâmica botânica de cores / Para tu dispores pela casa / Pelos cômodos, na cômoda do quarto / Uma

banheira repleta de flores / Pela estrada, pela rua, na calçada / Flores num jardim” (DUNCAN, 2001). Mila parecia estar anunciando alguma coisa que eu supunha que estivesse relacionada ao seu retorno à convivência familiar, essa minha suposição (intuição) foi revelada nos encontros seguintes.

### III.5.19 19º Encontro

Participamos desse 19º encontro Mila e eu. Disponibilizei argila de cor creme (oriunda de Cupissura), mas curiosamente Mila pareceu não ter se agradado nem por essa, nem pelas outras argilas que eu havia disponibilizado nos encontros anteriores (a cinza oriunda de Mumbaba e a preta oriunda de Guarabira), pois estava sempre reclamando, seja porque a cor era “preta”, seja porque parecia um “chocolate mole”, seja porque se “melava” e já tinha tomado banho. Fui percebendo que esse jeito pessoal de Mila, de constantes reclamações, se estendia às coisas e situações diversas, ela parecia não estar satisfeita com nada, um estado típico de adolescentes (sempre insatisfeitos). Embora sendo cronologicamente adolescente, Mila revelava aspectos infantis e, como qualquer criança, se agradava com guloseimas, de modo que a primeira pergunta que me fez foi: “Cê tem bomboim tia?”. Eu havia me esquecido de levar bombons.

Nesse encontro a jovem continuou, conforme sua conversação, brincando de me fazer surpresa sobre o que iria modelar, fez quatro placas e modelou uma forma de caixa quadrada sem fundo, nem tampa (Figura 52), que só foi finalizada no encontro seguinte.



FIGURA 52 – Mila, *expressão plástica* (19º encontro). Foto Rosilda Sá.

**(0:05:50 – 19º encontro) Pesquisadora:** Me diga o que você vai modelar hoje?

**Mila:** Segredo.

**Pesquisadora:** Agora tudo é segredo para mim. E quando você vai me dizer?

**Mila:** Num posso dizê, puquê sinão a senhora vai sabê di tudo.

Ela deixou a peça coberta com saco plástico para finalizá-la no encontro seguinte, e não me disse o que seria. A sua fala foi significativa: “Num posso dizê, puquê sinão a senhora vai sabê di tudo”. Esse “dizê” de Mila seria revelar ou desvendar o segredo, que talvez estivesse relacionado ao desfecho do que lhe aconteceria após esses dois anos de acolhimento na “Terra”.

Neste encontro, eu vi, pela primeira vez, chover na “Terra”, uma chuva forte, isto me chamou a atenção e me pareceu simbólico. Relacionei ao escrever no meu diário de campo excertos da música “Alcohol” que, para mim, pareceram significativos naquele momento da vida de Mila: 1º) “Água de beber, água de benzer, água de banhar” (BEN JOR, 1994) – água essencial para manter a vida, a vida de Mila benzida com água benta católica e banhada (lavada) de um passado que ela dizia sentir “nojo”; 2º) “Na hora do espanto / Não precisa ter olho clínico para saber / Para saber / Que o melhor é ficar tudo em família” (BEN JOR, 1994) – de fato eu não tenho olho clínico, mas, mesmo o meu olho sendo artístico, era evidente que o melhor para Mila era ficar “em família”, afinal, voltar para o convívio familiar sempre foi o seu desejo; 3º) “Cada palavra caçada / É um compasso de um passado / Que foi enterrado / A caça ao fantasma continua porque / O fogo é mais antigo que o fogão / Em busca de uma nova identidade” (BEN JOR, 1994) – Mila ter sido acolhida na “Terra” contribuiu para ela ressignificar a sua vida e assim, talvez sentir o futuro com uma “nova identidade”, o desfecho de sua vida a partir da determinação judicial após os dois anos de acolhimento. Mila vivia o presente, o passado foi revisitado em “cada palavra” dita e quanto mais dita (verbalizada), mais possibilidade de ter sido “enterrado” (amenizado). Não nos esqueçamos também de que Mila simbolicamente havia matado o filho em encontro anterior, e Ciço talvez já fizesse parte do seu “passado”; 4º) Mas, ainda existia um “fantasma”, a “caça” continuava porque “O fogo é mais antigo que o fogão” – parafraseando Ben Jor, o fogo é mais antigo que o forno a lenha, até então sem perspectiva de ser construído. No entanto, eu não estava disposta a desvendar o mistério institucional (“fantasma”) que estava impedindo a construção do forno (anotei também no meu diário que essa forma quadrada modelada por Mila coincidia com a forma do forno que pretendíamos construir).

### III.5.20 20º Encontro

Participamos desse 20º encontro Mila e eu. Como era o nosso último encontro, levei presentes para ela, dentre os quais, um *pendrive*, que ela havia me pedido de presente, contendo alguns registros fotográficos e uma cópia do CD “Sons da natureza – estilo bebê”.

Iniciei este encontro pedindo a Mila que colocasse o CD para ouvirmos a primeira música, ela ligou o aparelho portátil e não saiu mais de perto dele até terminar. O som já estava um pouco alto, mesmo assim ela se abaixou e aproximou o ouvido como se quisesse ouvir melhor, eu fiquei impressionada com a reação dela ouvindo essa música pela primeira vez. Eu tive a impressão que ela estava sendo embalada por emoções e sentimentos positivos transmitidos pela música que combinava melodias suaves com belos sons da natureza. Mila, provavelmente, nunca tinha tido a oportunidade de ouvir esse estilo de música, produzida para ser ouvida nos primeiros meses de vida do bebê. Ela conseguiu sentir a música e ser estimulada por ela, fêz essa experiência e ficou extasiada. Quando a música terminou pedi para ela baixar o som para conversarmos e, em seguida, ela poder dar continuidade a modelagem da peça iniciada no encontro anterior, mas, antes, lhe entreguei o *pendrive*, e ela agradeceu.

Até esse último encontro eu ainda estava com esperança de receber a autorização dos missionários da “Terra” para construir o forno, tanto que levei e mostrei a Mila o desenho (projeto) de como ele seria (Figura 53), mostrei fotos de fornos e fornadas realizadas com meus alunos na UFPB, mostrei as peças cruas e as peças queimadas.

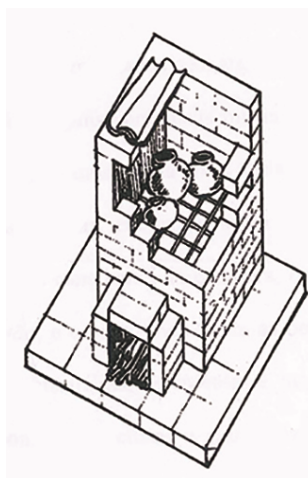


FIGURA 53 – Forno a lenha quadrado, desenho de Joelsio Gomes (FONTE: SÁ, 2001, p. 42)

Mila ficou encantada e perguntou: “Puquê desenhô antis di queimá, tia?” Eu lhe expliquei sobre a importância de um projeto prévio. Na minha fala eu disse: “Este é o nosso último encontro e eu virei novamente para construir o forno e fazer a fornada, se eles autorizarem a construção e disponibilizarem os materiais necessários”.

Mostrei também o catálogo da exposição **Arte popular de Pernambuco**, organizado por Costa (2001). Mila ficou identificada com o que viu. Destaco a sua conversação que versou sobre esse catálogo e as suas reações relacionadas a passagens de sua vida e de seus familiares:

**(0:40:15 – 20º encontro) Mila:** O boi.

**Pesquisadora:** Esse trabalho é do Mestre Vitalino, um ceramista famoso no Brasil, ele era de Caruaru, em Pernambuco.

**Mila:** Ele morreu foi?

**Pesquisadora:** Sim, há muitos anos, foi em 1962, ele bebia muito e morreu numa condição de extrema precariedade.

**Mila:** Esse é o caixão dele?

**Pesquisadora:** Não, essa é uma cena de um velório, ele modelava as cenas do cotidiano e os ritos de passagem: nascimento, casamento e morte.

**Mila:** Deus mi live! Ai meu Deus! U pôvo fai essas coisa, eu num tinha corage não.

**Mila:** A sinhora fala assim qui us pôvo já morreu, dá vontade di chorá, sabe.

**Pesquisadora:** Por que, Mila?

**Mila:** Puquê uma metadi da minha família já morreu. Assim, puquê quiria qui participasse da festa do meu filho. Mai num vai paticipá, num sabe onde eu tô. Mai, Deus tá olhano isso. U pôvo morreno assim...

**Pesquisadora:** Como assim Mila?

**Mila:** Quôndu eu era criança morreu um bucado di família minha, morreu minha avó, como eu contei a históra. Eu quiria, assim, qui ela tivessi viva pá paticipá da festa do meu filho, mai... Num possu fazê nada...

**Pesquisadora:** Mas a festa de aniversário de Ciço vai ser linda e estarão comemorando com você os seus amigos aqui da “Terra”.

**Mila:** Eu sei.

**Pesquisadora:** Olha o forno dele.

**Mila:** Tá queimano?

**Pesquisadora:** Sim.

**Mila:** Eu fiquei pensandu... U pôvo du mau Deus num leva, qui mata, rôba, fai tudo; a pessoa du bem leva logo, né? Dá disgostu, dá raiva.

**Pesquisadora:** Não sei se é assim.

**Mila:** Ele ganha dinheru vendendu essas coisa, né?

**Pesquisadora:** Ganhava sim.

Observa-se que Mila ficou tocada pela obra do Mestre Vitalino, se identificou, relacionou com seu meio social, cultural e familiar, falou da mãe e da avó falecida (ela já havia comentado com detalhes sobre o velório da avó em encontro anterior) e retornou ao tema do “aniversário” de Ciço. Ainda que esses ceramistas populares estivessem mortos, as suas obras permaneciam e isso era uma forma de eles também permanecerem vivos a partir do legado artístico e cultural que deixaram. Afinal, é fato que “não se finaliza a experiência

cultural compartilhada”, porque ela é o que se entende por tradição (Cf. MEDEIROS, 2016). O legado deixado por uma pessoa, seja intelectual, artístico, científico etc., pode ser apreciado, estudado, enfim, servir de referencial para as gerações futuras, como é o caso do Mestre Vitalino, bem como os dois autores que fundamentam esta tese: Winnicott e Ostrower, e assim eles permanecerem vivos.

As experiências de uma pessoa só fazem sentido se forem relacionadas à sua bagagem social e cultural, isso ficou evidenciado no caso de Mila. O meu propósito, conforme afirmei anteriormente, não foi que as adolescentes mães se envolvessem num *laisser-faire*, mas que houvesse a construção de conhecimento e a ampliação do universo estético e cultural das jovens. Eu trouxe conteúdos relacionados à linguagem da cerâmica, por isso mostrei e contextualizei a obra de vários ceramistas e, nesse encontro, destaquei Mestre Vitalino. Penna (1995) ressaltou que o acesso à arte diverge socialmente e que a facilidade de aproximação que tem uma criança da classe alta, não é a mesma “que tem uma criança pobre de periferia ou da zona rural, para quem a própria sobrevivência ainda é uma questão vital” (PENNA, 1995, p. 20), e esse contexto social e econômico vivido pelo Mestre Vitalino era similar ao que Mila viveu. Portanto, ela estava fazendo uma experiência artística significativa e usando como referência (como conteúdo) a própria realidade vivida e isso, talvez, pudesse ser uma maneira de simbolicamente transformar essa realidade.

Dando continuidade a sua produção plástica, Mila havia chegado numa etapa da modelagem que não dava mais para me fazer surpresa sobre o que iria construir, a forma a ser modelada seria uma “casa” (Figura 54), pois ela me pediu explicações na montagem do teto. Dei explicações técnicas, depois que ela abriu as placas entre os tecidos e fez os cortes nos tamanhos desejados. Essas explicações objetivaram a montagem do teto de modo que ele não desmoronasse.

Embora diferentes leituras pudessem ser feitas sobre esta última produção artística de Mila, considerando que eu acompanhei todas as modelagens que ela fez com a argila, essa “casa” formalmente organizada com um expressivo telhado talvez indicasse a proteção de quem nela foi (ou seria) acolhido. Desse modo, essa casa podia remeter tanto a casa-instituição (o tempo de permanência na “Terra”), quanto a casa do pai-padrasto (a possibilidade de ir morar com ele e seus irmãos).

Nesse último encontro eu trouxe a associação escrita no meu diário de campo entre trechos da música “Amigo é casa” e a casa modelada por Mila:

Amigo é feito casa que se faz aos poucos e com paciência pra durar pra sempre. Mas é preciso ter muito tijolo e terra, preparar reboco, construir tramelas. Usar a sapiência de um João-de-

barro que constrói com arte a sua residência, há que o alicerce seja muito resistente, que às chuvas e aos ventos possa então a proteger. E há que fincar muito jequitibá e vigas de jatobá e adubar o jardim e plantar muita flor toiceiras de resedás [...]. Amigo é pra ficar, se chegar, se chegar, se abraçar, se beijar, se louvar, bendizer. Amigo a gente acolhe, recolhe e agasalha e oferece lugar pra dormir e comer. Amigo que é amigo não puxa tapete oferece pra gente o melhor que tem e o que nem tem, quando não tem, finge que tem, faz o que pode e o seu coração reparte que nem pão. (CAPIBA, s/d).



FIGURA 54 – Mila, *expressão plástica* (20º encontro). Foto Rosilda Sá.

Igual ao “pássaro oleiro” João-de-Barro, Mila, oleira com “sapiência” e “arte”, construiu a sua casa simbólica que parecia “resistente” e poderia protegê-la. A jovem já vinha cultivando flores, muitas flores, “toiceiras” de flores em seu vivo jardim povoado de sonhos. Eu penso que, independente de relações hierárquicas – familiares, acadêmicas, profissionais, institucionais etc. –, as relações podem ser pautadas pela amizade, o afeto que nutre as sinceras relações de amizade pode ser cultivado durante a vida toda. Mila sabia que tinha amigos na “Terra”, os ingredientes somados ao acolhimento da jovem pela equipe que compõe a “Terra” foram a compaixão e a empatia, tanto que em sua fala no 17º encontro disse: “É, né tia tá chegando a ora cum minhas família, né. Mai, mermo assim, vô ficá vindo aqui, mermo que longe. Num vô desisti du povo da comunidade não, qui nunca desisti di mim”. Mila sabia que tinha sido resgatada com seu filho, quando mais precisou de ajuda foi acolhida, “agasalhada”, teve o que “comer”, onde “dormir”, voltou a estudar, teve sempre um ombro e uma palavra amiga durante a sua permanência na “Terra”.

Parecia que a sua expectativa em voltar à convivência familiar, mesmo sabendo de toda a dificuldade financeira do seu padrasto, era que ele ofereceria o melhor que tinha e até o que não tinha ele fingiria ter, porque ele já havia demonstrado com empatia, compaixão e comoção que “o seu coração” poderia ser repartido “que nem pão” para acolher Mila em sua casa, além de todos os filhos (irmãos de Mila por parte de mãe) que já estavam sob a sua guarda. Ele havia demonstrado, mesmo sem visitá-la na instituição, que tinha um vínculo com ela. Ao abordarem sobre a casa, Certeau, Giard e Mayol escreveram:

Aqui as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas, todo aquele longo trabalho de alegria e de luto que só se cumpre “em casa”, toda aquela lenta paciência que conduz da vida à morte no correr dos anos. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 206).

Assim, Mila poderia vir a conviver com um pai-amigo que abriria a sua “residência” para acolhê-la, mesmo sabendo de todas as dificuldades (ventos, chuvas e tempestades) que pudessem advir, eles poderiam “superar as provas”, porque a “casa” parecia ser resistente e ela confiava nele. O pai-amigo que talvez lhe desse o *holding* que não foi dado pela mãe, Mila poderia viver a “maternidade da casa” destacada por Bachelard:

O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes [...]. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo” [...], o homem é colocado no berço da casa. [...] A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD, 1993, p. 26).

Finalizei esse último encontro com a certeza que não haveria a continuidade com a construção do forno e a queima das peças, mas não comentei essa minha intuição com Mila. Ela estava se sentindo bem. Despedimo-nos com um abraço, ela me agradeceu por tudo, e eu também lhe agradei.



# Modelagem final

## MODELAGEM FINAL

Escrever esta tese foi editar o processo da pesquisa, que objetivou com sucesso, estudar as expressões de criatividade que poderiam emergir – por meio da escuta e do brincar – durante a participação de adolescentes mães numa oficina de cerâmica, sob a intervenção da pesquisadora. A partir da discussão dos resultados obtidos com a análise dos dados, observou-se a aproximação entre a arte e a vida que já estava indicada desde o título “*Adolescentes mães acolhidas modelando a arte e a vida: entrelaces entre a experiência artística com a cerâmica e as ressonâncias na criação de si*”.

Nos encontros semanais na oficina de cerâmica foram reveladas as distintas experiências criativas de Mila, de Bete e de Ceci, que viviam a simultaneidade da adolescência e da maternidade em contexto de acolhimento, bem como foram partilhadas experiência e projetos de vida, mas, sobretudo, projetos artísticos. A expressão artística (a arte) é um dos possíveis canais, além da expressão verbal, que o ser humano dispõe para se comunicar. O contato com a produção autoral usando a linguagem da cerâmica (o *ceramicar*) permitiu às três jovens expressarem a sensibilidade, a subjetividade, as ideias, as emoções e as criações – possibilitando se surpreenderem com o que descobriram sobre si mesmas. Além de ampliar o universo estético e cultural de cada uma, a partir da experiência com a cerâmica artística.

Também foram reveladas singularidades que pendularam entre à deriva e a potência criadora da vida, na medida em que se considerou a abertura para o devir um aspecto implícito ao processo da vida (a possibilidade de mudanças, a impermanência), isso implica no contato com as incertezas, com as vicissitudes, mas, também, com a capacidade criativa das jovens. De modo que elas tanto puderam criar o mundo de modo novo – a “experiência de onipotência” destacada por Winnicott (1975), que perdura ao longo da vida para cada ser humano –, quanto puderam se reinventarem, criarem a si mesmas ao fazerem a experiência artística.

As histórias prévias de vida dessas adolescentes à chegada à instituição acolhedora se assemelharam pelos evidentes padecimentos em decorrência de experiências difíceis – a exemplo da vivência da miséria econômica, abandono e negligência por parte dos responsáveis, drogadição, alcoolismo, tráfico, violência/exploração intrafamiliar e/ou comunitária, fragilidade ou rompimento dos vínculos familiares e sociais, vivência de rua, de violação de direitos garantidos por lei, de exclusão, portanto, de vulnerabilidades. Para

qualquer ser humano, essas situações extremas comprometem a dignidade de existir e, conseqüentemente, o que Winnicott denominou “viver criativo”.

As vulnerabilidades sociais apontadas neste estudo – a pobreza, a gravidez na adolescência, a baixa escolaridade e a privação da convivência familiar e comunitária –, presentes no perfil dessas três jovens participantes da pesquisa, permitiu reforçar a seguinte premissa emitida pelo UNICEF (2011): *o que diferencia as formas de se viver as adolescências são as oportunidades que cada jovem tem acesso*. No caso de Mila, de Bete e de Ceci foi a instituição católica que as acolheu, quem promoveu o acesso a uma agenda regular de experiências sociais, educacionais, de saúde, de cultura e lazer, para atender as suas necessidades, oferecendo oportunidades reais de desenvolverem suas potencialidades.

Assim, oriundas de contextos familiares com sérios problemas de disfunção, as adolescentes foram afastadas do convívio dos responsáveis por ordem judicial e encaminhadas para o serviço de acolhimento institucional: Mila por vulnerabilidade social e exploração sexual, Bete por desinteresse da genitora em reintegrá-la e Ceci por vulnerabilidade social e risco pessoal.

O estado das jovens quando chegaram à ONG era de fragilidade generalizada. A assistência institucional representou o que a família não teve condição de dar – o cuidado e o *holding* para suas angústias, medos, dúvidas e demandas básicas presentes na gestação de Bete e de Ceci, e nos primeiros meses e/ou anos de vida dos filhos de Mila, de Bete e de Ceci. A instituição, portanto, favoreceu a vivência da maternidade assistida e o confronto da responsabilidade real de ser mãe. De modo intensivo, imersivo, elas saíram do contexto em que viviam e passaram a ter novas experiências e assistências comparadas ao acolhimento materno suficientemente bom winnicottiano, ao mesmo tempo em que tanto elas se adaptavam ao perfil/ritmo da instituição, quanto a instituição se adaptava a elas. Por conseguinte, o cuidado e o *holding* institucional foram reparadores para Mila e Bete e moderadamente reparadores para Ceci, que fugiu da “Terra”.

Sabe-se que o ser humano é imponderável com uma enorme capacidade de superação, mas, na situação de precariedade em que as jovens se encontravam, se elas não tivessem tido o apoio institucional, seria um desafio extremamente difícil e/ou impossível para administrarem sozinhas: darem conta do próprio desamparo de viverem a maternidade na adolescência sem a assistência familiar e terem que sustentar o desamparo do filho-bebê.

O trabalho da instituição foi no sentido do auxílio no processo de amadurecimento pessoal, de reconstrução de suas histórias, na manutenção da educação formal e na restauração da dignidade de viver – seja recriando a vida sem o filho, no caso de Mila, pois a

maternidade foi um peso para ela, além da realização do seu desejo de retorno ao convívio com a família (extensa)<sup>33</sup>; seja recriando a vida com o filho, no caso de Bete, com sua identificação com ele, assumindo a maternidade e a sua entrada na vida adulta inserida no mercado de trabalho, com autonomia e autoconfiança. Portanto, o trabalho da instituição se configurou em condição de possibilidade fundamental de humanização para a recuperação de suas vidas, de reabilitação psicossocial, podendo levá-las a vislumbrar um diferente horizonte existencial, com o resgate da esperança, da motivação e da autoestima até o desligamento do serviço.

Verificou-se, por conseguinte, que o projeto social de acolhimento de adolescentes mães realizado pela ONG católica obteve êxitos no caso de Mila e de Bete, de modo que a atuação da instituição no âmbito da cidadania contribuiu para a mudança social. E no caso de Ceci foi oferecido o mesmo serviço que recebeu Mila e Bete, mas a evasão da jovem foi recorrente e a instituição não teve como dar continuidade aos investimentos nela.

Considero relevante ressaltar que a intervenção que realizei com a oficina de cerâmica foi bastante significativa para as jovens, bem como foi uma significativa contribuição dentro do contexto de acolhimento que elas se encontravam há mais de seis meses – esse foi um dos critérios de inclusão para as jovens participarem da pesquisa.

Retornando aos questionamentos iniciais que nortearam a pesquisa, considero que eles foram respondidos:

**1º) Que conteúdos as adolescentes mães expressam considerando o contexto de acolhimento institucional em que vivem?**

Além da simultaneidade da adolescência e da maternidade, este questionamento abrange a realidade interna (psíquica) e a realidade externa (compartilhada) e também leva em consideração o contexto ambiental – o acolhimento institucional –, pois, conforme Chizzotti (2011), os fenômenos são afetados pela ação direta do contexto onde ocorreram. Nesse sentido, a oportunidade que as jovens tiveram de usufruir de um espaço onde foram construídas relações pautadas pela confiança e pelo diálogo possibilitou a criação de novos vínculos de caráter simbólico e afetivos através da rede social de apoio. Para Mila e Bete não foram apenas relações institucionais, já Ceci não conseguiu se vincular, nem se adaptar à

---

<sup>33</sup> A notícia sobre a entrega de Ciço para a adoção e o retorno de Mila para morar com a família foi dada em 2016 por Rosa (uma das missionárias), durante um encontro na ONG para revisar as informações sobre a “caracterização institucional” e os “históricos de Mila, Bete e Ceci” escritos, respectivamente, na “Parte II” e “Parte III” desta tese.

instituição, mostrou-se agressiva e tinha atritos constantes durante o acolhimento até a sua evasão.

Para Ostrower (1989), criar está intrinsecamente relacionado a dar forma enquanto atuação simbólica, a forma é o modo por que se relacionam os fenômenos, é o modo como se configuram certas relações dentro de um contexto. No caso deste estudo, se deu tanto através de conteúdos formais expressos na construção do objeto artístico, quanto das conversações – ambas as expressões, a plástica e a verbal, se sustentaram. A experiência com a linguagem da cerâmica se configurou em conteúdos significativos em termos plásticos e visuais, mas, sobretudo, na capacidade de simbolização de prováveis conteúdos inconscientes, revelando assim, a riqueza do mundo interno (psíquico) de cada adolescente. Este se constituiu como pano de fundo para tudo que foi modelado a partir da realidade externa que estavam vivendo – a simultaneidade da adolescência e da maternidade em contexto de acolhimento institucional.

Segundo Ostrower (1989), por meio de ordenações simbólicas objetiva-se um conteúdo expressivo, a forma converte a expressão subjetiva em comunicação objetiva. Eu tive o privilégio de acompanhar as ordenações simbólicas de Mila, de Bete e de Ceci que nunca haviam feito uma experiência sistemática e orientada sobre a linguagem da cerâmica, e estavam imaginando e criando em termos visuais (inseridas nas artes visuais), preordenando mentalmente certas possibilidades de proporção, volume, equilíbrio etc., que envolvia uma materialidade específica escultórica usando a argila.

Convém destacar que em sua inscrição histórica e cultural, a argila e a linguagem da cerâmica podem ser relacionadas a incontáveis conteúdos (temas). O conteúdo expressivo da “casa” foi recorrente entre as jovens, elas construíram várias casas com tamanhos e formas diferentes: Mila modelou seis casas (Figuras 5, 26, 33, 41, 47 e 54 – a “casa-útero da mãe”, a “casa-mealheiro-vagina”, a “casa fechada”, a “urna-caixa-preta-fechada” e as casas mais estruturadas), Bete produziu duas casas (Figuras 18 e 23) e Ceci construiu um “castelo” (Figura 20).

Mas por que predominou esse tema? Justamente porque um dos problemas cruciais dessas adolescentes mães acolhidas estava nesse lugar para existir, o lugar para a construção do espaço psíquico da família a partir dos investimentos de afeto recíprocos entre seus membros, o lugar onde a família constrói os ritos diários domésticos e vive a intimidade. Sobre os “espaços privados”, Certeau, Giard e Mayol (1996) escreveram: “O território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das ‘artes de fazer’ é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente. De tudo se faz para não ‘retirar-se’ dela, porque é o lugar

‘em que a gente se sente em paz’” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 203). Mas, também, esse foi o lugar onde isso não aconteceu, as jovens não tiveram “paz” conforme o histórico delas.

Por conseguinte, foi uma forma de significar e simbolizar suas experiências vividas de precariedade na convivência familiar – experiências acerca do papel do ambiente familiar, a presença do outro humano e do contexto sociocultural para o processo de subjetivação –, bem como da convivência transitória no contexto de acolhimento – o lar institucional e até, talvez, como um modo de comparar as vantagens da vivência de acolhimento institucional com o lar de origem de cada uma, pois Mila e Bete reconheceram a importância e valorizaram os investimentos oferecidos pela instituição, e isso foi reforçado após a fuga de Ceci. Bete era mais integrada do que Mila ao ritmo da instituição, de tal forma que talvez ela se sentisse em casa.

É notório que um dos problemas cruciais relativo às adolescentes mães acolhidas que têm os laços familiares fragilizados ou rompidos está na ausência desse lugar da convivência familiar – a casa, o lar. Winnicott (1999) revelou que “tudo começa em casa”, para ele a unidade familiar proporciona uma segurança indispensável. Portanto, a casa é mais do que uma questão de conforto e conveniência, é um elemento com potência afetiva no qual Mila e Bete transitaram retrospectivamente no passado, mas também nas vivências do presente, e miraram o futuro: para Bete, o imaginário da construção do próprio espaço de moradia e convivência com o filho, assumir a sua existência e viver em família; e para Mila, o desejo de voltar a morar com a família, desta vez na casa do pai (padrasto), já que a mãe havia perdido a sua guarda.

Pertinente assinalar que fiz interpretações no *setting* de pesquisa, sabendo, entretanto, que elas não foram e nem poderiam ser apresentadas como interpretações psicanalíticas, pois, nesse caso necessitariam ser associadas a outros dados mais consistentes para essa finalidade, e isso caberia a psicanalistas, não a uma artista-pesquisadora.

**Mila e o reencontro do brincar com a argila:** A jovem fez um reencontro lúdico, tátil e sensorial com a argila, mergulhou nas lembranças da época que brincava modelando com os irmãos enquanto a mãe lavava roupa no rio, período anterior ao que ela foi se “perdendo” dela mesma até cair no caos e vazio emocional, no falso *self*, na vida não criativa, desvalorizada, humilhada, submissa a valores banais, até a mão institucional lhe ser estendida. Durante a oficina de cerâmica ela pode experimentar outras possibilidades lúdicas e criativas

com a argila tendo o meu acompanhamento profissional como suporte e foram abordados vários conteúdos.

Além do tema “casa”, que talvez refletisse o seu desejo de voltar à convivência familiar, Mila trabalhou o tema “flores” (Figuras 15, 16, 30, 31, 32, 44, 45 e 46), bem como o tema “jarros” (Figuras 48, 49, 50 e 51) que estava relacionado às “flores” – desenhou e modelou, brincou de não desenhar, e se apropriou de formas já modeladas para construir outro tema “bolo de aniversário” (Figura 35). Esses temas pareceram significar a extensão do tema “casa” e deram a entender que se relacionavam entre si:

(a) As flores remeteram tanto à questão da exploração sexual presente também na “casa-mealheiro”, quanto poeticamente indicava que Mila estava cultivando flores no seu jardim da vida. Convém lembrar que Mila tinha entre 10 e 12 anos de idade quando começou a ser explorada sexualmente (prática abusiva caracterizada como “violação de direito” e “ato criminoso”), não houve interdição para adiar o exercício de sua sexualidade para mais tarde (com mais idade). Práticas sexuais ou condutas denominadas por Aberatury (1983) “pseudogenitais” apoiadas pelo ambiente, pois a mãe, doente com AIDS e prostituída, era a referência e elas estavam imersas na miséria econômica. Essa iniciação sexual precoce em condições precárias, sob ameaças psicológicas e totalmente desprotegidas culminou na gravidez e no adoecimento da jovem com AIDS.

Havia algo em Mila que era paradoxal: de um lado havia a devastação (destruição) da sua vida e por outro, havia a reinvenção da vida (reconstrução). Mila mostrou uma dimensão de vida, a temática das flores representava vida, natureza e poesia.

(b) O “bolo de aniversário” significou o desejo de comemorar os aniversários dela e do filho, prioritariamente, em “casa” com a família, embora nesses dois anos de acolhimento tenham sido comemorados na instituição, portanto significou a celebração da vida.

Convém assinalar que Mila foi a única que ficou até o fim comigo na oficina de cerâmica, houve uma “continuidade” da parte dela, conforme postulou Winnicott (1975).

Outro aspecto a destacar foi a perspectiva ambígua na relação de Mila com Ciço, seu comportamento oscilou entre cuidado e descuido, carinho e agressão, ela foi negligente com ele em relação às demandas diárias, expressava agressões verbais de ameaça diversas, inclusive de matá-lo. Demonstrou rejeição ao filho e à função materna. A maternidade foi um peso para ela. Era evidente a sua imaturidade psíquica para cuidar de uma criança pequena, mesmo com a assistência institucional, diferente do que ocorreu com Bete.

**Bete e a experiência norteadora da maternidade:** A jovem significou a maternidade de forma positiva, ela se identificou com o filho, havia satisfação com a construção de um vínculo afetivo parental com o filho Nino (o que não ocorreu entre ela e a genitora), pois o cuidado materno estruturou a sua vida em torno das necessidades dele, ele lhe preenchia, isso só foi possível em consequência da rede de sustentação (apoio) dada pela instituição, além disso, favoreceu a jovem se autoconhecer. Assim, a maternidade foi para Bete uma forma de construção de identidade, ela passou a ter visibilidade e a ter seus direitos garantidos. Considerando Joffily (2010), a maternidade para Bete significou reviver a infância, os vínculos afetivos primários e a busca de amor; a motivação para ser alguém na vida, inserida no mundo adulto do trabalho; a aquisição da identidade de boa mãe e a valorização social, bem como a elevação da autoestima. É provável, ainda, considerando Santos e Motta (2014), que o abandono e o vazio vividos anteriormente tenham sido amenizados ou superados a partir da experiência da parentalidade com a constituição de um núcleo familiar (mãe-filho). Ainda considerando essas autoras, para Bete, enquanto adolescente que passou por privação e violência, a maternidade foi uma oportunidade para se tornar uma pessoa melhor, e encontrar a sua humanidade.

A instituição foi fundamental no processo da maternidade por ela vivido, pois atendeu as demandas da jovem e do filho. Houve identificações recíprocas, a equipe da instituição se identificou com a “força criativa” de Bete, conforme afirmou Aberastury (1981) – o que seria papel dos pais –, demonstrou sentir orgulho dela, dos seus avanços, conquistas, do desenvolvimento de suas potencialidades, e se sentia gratificada pelos efeitos positivos dos investimentos dirigidos à jovem.

Bete, por sua vez, estabeleceu um projeto de vida que envolvia os estudos e a estabilidade financeira com um emprego para ter autonomia de cuidar do filho. Ela era um exemplo de adolescente mãe que demonstrava capacidade de reinventar a vida e a si mesma, após ter vivido passagens traumáticas na infância e na adolescência. Conseguiu se adaptar à dinâmica católica da ONG, foi evangelizada (esse era outro objetivo da instituição além do acolhimento) e falar a mesma língua, a tal ponto que foi refletido no que ela produziu e verbalizou: além do tema “casa”, Bete criou “cenas” que indicavam serem autorretratos, cenas com vários elementos – a “cena da natalidade” (Figuras 6, 7 e 8), a “cena da praça” (Figura 12), e o desenho da “vila” (Figura 22). Criou ainda o tema “árvore” (Figuras 36, 37 e 38), os conteúdos expressados através das produções artísticas e das conversações puderam ser relacionados.



A “cena da natividade” continha temas católicos, o nascimento de Jesus e a sua crucificação e, provavelmente, Bete tivesse expressando a desproteção, pois tinha um bebê deitado num berço, com figuras em volta, mas sob uma estrutura desmontável que não protegia, além de uma figura crucificada. Bete foi rejeitada pela mãe desde que nasceu, viveu desmontada, de uma casa para outra, havia pessoas em sua volta que não a protegeram, até estuprada ela foi aos sete anos. Existia uma carga simbólica em torno da figura da mãe pela negligência e omissão, de modo que Bete vivia ressentida. A jovem, então, usou um artifício para se vingar da genitora, caracterizado pela rivalização da questão edípica: Bete engravidou aos 17 anos do padrasto.

Conforme Aberastury (1983), os filhos adolescentes podem assumir novos papéis, pois estão fisicamente aparelhados para isso, eles tornam-se rivais dos pais, se convertem em competidores na situação incestuosa, além de serem testemunhas implacáveis dos seus ganhos e fracassos na relação com seus genitores. É quando tem início “o verdadeiro drama edípico” (1983, p. 16). Já Winnicott chamou a atenção para o “conteúdo da fantasia adolescente”, porque “crescer significa ocupar o lugar do genitor [...], implica a morte do rival e o estabelecimento da dominância (1975, p. 194-195). Para Bete isso não ficou restrito à fantasia inconsciente, se transformou numa situação de vida. A jovem usou um artifício/arma para atingir a mãe/rival e ganhar o jogo, ela matou simbolicamente a mãe e ficou em seu lugar, virou a rainha do rei, a momentânea parceira sexual do padrasto (considerado pai para ela), engravidou e deu um filho ao pai. Conforme Rassial (1997), houve o comprometimento precoce na maternidade, ela dramatizou uma arriscada escolha que fez eco no seu devir de adulta. Embora Bete tenha rompido definitivamente a relação com a genitora, após o ocorrido, todos a crucificaram, até a avó que era uma referência para ela não a colheu, indicando que ela era culpada. A jovem, então, ficou perdida até ser encaminhada para a instituição.

Na “cena da praça”, Bete deu continuidade a conteúdos da “cena da natividade”, e também falou de si. Havia um banco com uma pessoa solitária sentada olhando para uma árvore, um poste, uma serpente e um cesto com frutas. A cena tanto podia remeter ao pecado original bíblico, quanto representar ela própria espectadora e culpada por esse pecado, conseqüentemente viveu o isolamento e a rua.

No desenho da “vila”, Bete fez novamente uma “cena” com vários elementos simbólicos: casa, igreja, árvore com frutos, flores, uma menina com cabelos longos (soltos) e poste com luz acesa. Novamente a questão do autorretrato, Bete feliz, integrada e desfrutando do que foi proporcionado pela instituição acolhedora: ter encontrado a luz na sua vida, com segurança e apoio.

Bete finalizou a sua experiência artística modelando uma “árvore”, talvez para a jovem fosse a representação da “Grande Mãe” que estava sendo a instituição acolhedora, que lhe protegia e estava oferecendo oportunidades para ela mudar a sua vida. Assim, poderia amadurecer com tranquilidade, porque teve o *holding* institucional. Também poderia significar o arquétipo da “psique” integrada produzida pelo inconsciente, o arquétipo e símbolo do *self*, conforme Jung (1964). Sendo assim, Bete talvez estivesse demonstrando que estava em sintonia com seu verdadeiro *self* e, por conseguinte, podia estar revelando que estava desfrutando do seu viver criativo, saudável, conforme propôs Winnicott (1975).

**Ceci e a experiência sensorial regressiva:** A modelagem da argila foi uma atividade que deixou Ceci bastante envolvida em explorações sensoriais. Ostrower (1989) destacou que a sensibilidade é uma disposição elementar de abertura constante para o mundo e pontuou que a criatividade nas crianças se manifesta em todo o seu fazer espontâneo, o que leva a considerar que Ceci parecia ter regredido numa experiência exploratória, de descobertas sensoriais novas para ela, uma experiência tátil com algo que era agradável tocar – a argila macia, matéria permissiva, não resistente, como deveria ser o corpo da mãe.

Pela primeira vez, Ceci pôde se expressar a partir dessa matéria convidativa e dar forma ao que sentia. Isso a tocou profundamente. A sua experiência estava revestida da “qualidade de primeira vez”, conforme pontuou Winnicott (1975). Mesmo não tendo conseguido modelar como desejava o “cesto” (Figura 9), no primeiro dos três encontros de que participou, sentiu necessidade de ficar com a argila, de tê-la perto dela. A argila era o elemento intermediário, numa área possível para brincar, comunicar e se expressar, o “espaço potencial” destacado por Winnicott (1975). O fato de Ceci não querer se separar do corpo da matéria talvez pudesse significar o que ela não teve da própria genitora: disponibilidade para explorar essa relação com o corpo da mãe, ou seja, poderia remeter ao que é primitivo na relação parental sobre o que postulou Winnicott (1975) acerca da função ambiental suficientemente boa – o toque das mãos, o segurar. Devido à intensidade e à intimidade da relação mãe-filho inscrita nos seres humanos de modo ontológico, especialmente na relação corporal (física) entre ambos – a experiência tátil diz respeito às relações mais primitivas e arcaicas.

No segundo encontro, Ceci modelou um “sol-coração” e um cestinho com um bebê deitado (Figuras 13 e 14), e provavelmente ela tenha expressado a necessidade de amor, de aconchego e calor, mas Nino, o seu bebê de três meses, estava junto dela, com frio, se sentindo desconfortável (chorando) e ela parecia não entender a necessidade dele. Ela não

conseguia dar o que estava representado ali: o calor e o amor para aquecer o bebê. Parecia que ela não tinha se apropriado do filho. O sol e o aconchego precisavam “se tornar reais” para Ceci.

No terceiro e último encontro de que a jovem participou, desenhou e modelou um “castelo” com porta, janela e flor (Figuras 19 e 20), que poderia significar uma tentativa de reinscrição em um lugar, sonhando como uma criança num conto de fadas. Talvez um sonho com uma vida rica de princesa, já que ela teve acesso, via o tráfico de drogas, ao dinheiro. A expressão do sonho é uma forma de “criação de si”, de ressignificar a sua própria situação de simultaneidade da adolescência e da maternidade, e da condição de pobreza. A jovem se surpreendeu com a sua criação e a sua capacidade de realização.

Sua criação artística não condizia com uma traficante, usuária, assaltante e ex-detenta, pois o conteúdo expressivo não falava de violência. Ao contrário, havia um contraste. Ceci representou coisas singelas – o amor, o calor, um bebê num cesto, o conto de fadas, o sonho. Talvez seja possível afirmar que Ceci não havia perdido a sua esperança e, por isso, “testava o ambiente”, conforme se referiu Winnicott (1975). Ela parecia reivindicar aos adultos responsáveis por ela um lugar para existir, onde predominasse o afeto e o cuidado restauradores. E provavelmente fugia por não encontrar na instituição alguém que lhe desse o *holding* que ela necessitava: a mãe como supostamente imaginava. Considerando o quadro de violência que viveu, certamente afetou o seu processo de subjetivação, pois, conforme Santos e Motta (2014), o indivíduo organiza seu Eu de forma insegura, o sentimento de confiança não se estabelece, “o que torna seu viver de forma criativa um desafio” (2014, p. 524).

Ceci se deparava com uma nova realidade: um filho para criar, mas não esboçava nenhuma perspectiva para estudar, se profissionalizar ou trabalhar, diferente de Bete. Por isso, considerando Jofilly (2010), a maternidade significou um alibi para ela não continuar os estudos.

## **2º) Aquilo que cada uma faz com a argila pode expressar uma criação artística e vir a favorecer na criação de si?**

Partindo da premissa de Ostrower (1989) de que toda forma é ao mesmo tempo comunicação e realização, bem como corresponde a aspectos expressivos que refletem os processos interiores de crescimento e maturação do ser humano; e considerando que a intervenção realizada com as jovens previa a construção formal do objeto artístico, parece pertinente considerar positiva a resposta a este questionamento, pois ocorreram entrelaces entre a experiência artística com a cerâmica e as ressonâncias na criação de si (*self*).

Ainda que exista uma descarga emocional, de liberação de energias no processo criativo artístico, segundo Ostrower (1989), é algo de menos importância, porque o que é significativo e gratificante para quem cria artisticamente é a ampliação da experiência individual de vitalidade, no caso de Mila, Bete e Ceci, a expressão artística dinamizou o crescimento interior de cada uma, que puderam ampliar a abertura para a vida. A experiência (expressão) artística foi reconhecida pelas jovens como algo positivo, que fez bem para si mesmas, o objeto artístico foi visto como parte de si, portanto, fez sentido para elas.

Mila, Bete e Ceci brincaram livremente, ou melhor, *ceramicaram*, se apropriaram da argila, dos recursos técnicos, viveram experiências estéticas e poéticas com a arte e, por conseguinte, também se apropriaram delas mesmas, modelando a argila modelaram a si mesmas em autopoiesis. Conforme Ostrower (1987), ao dar forma à argila, impregnando-a com a presença de sua vida, de seus sentimentos e emoções, a pessoa dá forma ao seu próprio existir. Assim, criando também se recria. À medida que as jovens falavam de si e materializaram as suas ideias tridimensionais, ocorreu, simultaneamente, processo artístico e autoconhecimento e foi uma realização gratificante.

Convém destacar que o processo criativo artístico pode ser um modo de viver o verdadeiro *self*, que é o centro de cada pessoa, é ser a si mesmo e se expressar no mundo de modo singular. Isso tudo atravessa o processo maturacional e depende das articulações que ocorrem com o ambiente (BEZERRA JÚNIOR, 2007). O potencial criativo do *self* favorece a capacidade de viver espontaneamente, é um canal aberto em relação com o mundo e isso amplia as possibilidades de viver e de criar a si mesmo constantemente.

À medida que cada uma foi se familiarizando com a argila e vivenciando a sua própria capacidade individual de “imaginação criativa”, que para Ostrower é “um pensar específico sobre um fazer concreto” (1989, p.38), revelou o quanto Mila, Bete e Ceci se identificaram com a materialidade da cerâmica. E a cada ordenação em torno da matéria (argila), ela era percebida num sentido novo e de modo singular. Perceber a existência da matéria (argila) e fazer ordenações pode ser uma condição de possibilidade para realizar “potencialidades latentes”, são potencialidades tanto da matéria, quanto potencialidades de quem a percebe, “pois na forma a ser dada configura-se todo um relacionamento nosso com os meios e conosco mesmo” (OSTROWER, 1989, p. 33).

Dentre as potencialidades da matéria, creio que a relação intrínseca no imaginário universal entre o barro primordial e o ser humano é uma das mais marcantes. Do ponto de vista simbólico, a argila está no centro do exemplo mais difundido a respeito da criação mitopoética a qual o homem atribuiu à sua gênese – o Homem veio da argila/terra, a metáfora da

existência, anteriormente destacada. A potência que essa matéria exerce em quem faz uma experiência criativa, significativa e singular com ela pode ser um modo de se remodelar (se recriar) usando a mesma matéria primordial, após a gênese da modelagem mítica que lhe criou, porque estar vivo é constantemente uma criação inacabada, como o processo criativo artístico para o artista, sempre um devir. Assim, considerando que vivemos em amadurecimento psíquico contínuo até o último suspiro (a morte), pode ser pertinente trazer “um paralelo poético – da mesma maneira do fazer cerâmico, a vida inteira é um estado de processo (uma obra em processo), uma espécie de modelagem contínua... A modelagem da vida!” (MEDEIROS, 2009, p. 1187).

O barro é uma matéria permissiva. Leminski, citado na epígrafe, poeticamente escreveu que “O barro toma a forma que você quiser” (2013, p. 107), mas o barro simultaneamente também é uma alteridade (o inesperado), por isso, “você nem sabe está fazendo o que o barro quer” (2013, p.107), ou seja, no caso de Mila, Bete e Ceci, elas foram modeladas pela argila – Mila viveu o reencontro do brincar com a argila, Bete revelou que a sua experiência da maternidade foi norteadora e Ceci fez uma experiência regressiva sensorial com a argila. Elas puderam ampliar seus repertórios estéticos e culturais, bem como amenizar um pouco das marcas negativas da vida a partir da experiência artística, e seguiram a vida em processo e devir.

**3º) Será que uma intervenção por meio da escuta e do brincar com a argila pode funcionar enquanto “espaço potencial” e contribuir para que os sujeitos ponham suas vidas em andamento, ao viverem o contexto simultâneo da adolescência e da maternidade?**

Respondendo a esse questionamento de modo positivo, destaco que, segundo a visão de Winnicott (1975), a extensão do brincar infantil está presente na experiência artística, na experiência com o sagrado, na experiência científica, esse é o lugar onde se localiza a experiência cultural. Manter o processo criativo na arte é um modo de o artista lidar com a tensão gerada pela difícil tarefa de aceitar a realidade interna (psíquica) e a externa (compartilhada), ou seja, a arte ajuda a enfrentar as tensões e os paradoxos advindos dos impulsos individuais e da demanda por segurança que têm lugar no “espaço potencial”. Assim, o processo criativo artístico pode ser um modo de o artista (ou quem faz uma experiência artística) viver o verdadeiro *self* e, por conseguinte, de ampliar as possibilidades de existir e de se transformar permanentemente.

No caso de Mila, Bete e Ceci, a experiência artística possibilitou-lhes se sentirem reais e sentirem real o mundo que viviam. Puderam brincar *ceramicando* de modo compartilhado, na área intermediária da experiência e, assim, serem elas mesmas. A experiência artística é um modo de habitar a vida e se humanizar, conforme discutiu Ostrower (1989), através do seu potencial criador as jovens tiveram a oportunidade de verem a si mesmas e o mundo de maneira diferente. Isso foi uma condição de possibilidade para ressignificarem as suas vidas.

O fato de elas se permitirem brincar com a argila só foi possível devido à relação humanizada mantida com a pesquisadora-mãe, as jovens se sentiram acolhidas, ficaram relaxadas, demonstraram confiança e se integraram à dinâmica da oficina de cerâmica. Winnicott afirmou que uma condição para o brincar é o relaxamento a partir da confiança no outro, seja a mãe, a família, um amigo etc., diferente do comportamento defensivo contra a ansiedade, a pessoa tem uma relação criativa com o mundo, ela pode expressar (comunicar-se com o outro) o que ela é, o seu verdadeiro *self*, nesse “posicionamento tudo é criativo” (1975, p. 83).

Embora não esteja explicitamente escrito nesse questionamento, pode-se considerar implícita a presença implicada da pesquisadora nessa intervenção para a coleta de dados que propiciou uma base de sustentação para as jovens e suas criações. Sentir o *holding* de alguém qualificado durante seu processo de expressão e de aprendizagem durante a experiência inicial com a cerâmica gera segurança, confiança para criar e ousar por saber que tem alguém que orienta, discute sobre os seus projetos e o modo de realizá-los. A presença implicada da pesquisadora foi fundamental: sozinhas elas não conseguiriam modelar formalmente.

Eu dei a matéria-prima de uma mãe para as jovens modelarem: ao mesmo tempo em que estavam modelando a si mesmas, estavam modelando a matéria (corpo) da mãe, e elaborando o lugar delas de mãe.

Convém destacar que ao oferecer a argila às adolescentes, elas não estavam apenas diante da matéria-prima, pois, nesse contexto da oficina de cerâmica, modelar era também experiência relacional. E, nesse caso, a presença implicada da pesquisadora e o brincar recíproco, talvez estivesse sendo o que Winnicott (1975) definiu como “o espelho da face da mãe”, refletindo a Mila, a Bete e a Ceci que estavam ali. Observa-se o lugar transferencial da pesquisadora (o lugar de mãe), que pode auxiliá-las a darem sentido ao que viviam naquele período simultâneo de adolescência e maternidade em contexto de acolhimento institucional, pois o fato de cada uma poder se expressar e simbolizar se reverteu em benefício individual, afinal, não se sai de um processo desses da mesma forma que se entrou.

Sabe-se que à medida que a pessoa fala de si para outrem, simultaneamente ela também escuta o que diz, isso foi uma condição de possibilidade para as jovens se apropriarem de si através do que falavam, concomitante ao que modelavam – ocorreu a emergência do gesto poético artístico, pois a argila não permite você se emudecer, a sua permissividade e brandura não lhes oferece resistências. Isso possibilitou cada uma simbolizar o que a palavra não disse, pois a palavra não alcança a materialidade de outras linguagens – a linguagem da cerâmica, a linguagem escultórica, a linguagem das artes visuais. A pesquisadora pode acompanhar Mila, Bete e Ceci devido a sua experiência prática e teórica no campo das artes visuais e da cerâmica, aliada à sua sensibilidade, num processo intersubjetivo.

A escuta, nesse caso, precisou ser diferenciada, uma escuta ampliada, pois, não se escuta unicamente através da audição. A escuta de Mila, de Bete e de Ceci foi assentada em dois lugares: o de pesquisadora e o de artista (ceramista) – de alguém que faz poesia com barro e cerâmica –, portanto foi uma escuta poética num contexto de intersubjetividade. Considerando a teoria de Winnicott, Safra (2009) explicou que no processo de intersubjetividade ocorre a importância do “entre”, denominado “espaço potencial”. Ocorre uma interação entre os sujeitos que os transcende, que os define, que os constitui. Há algo para além da própria subjetividade encerrada em si mesmo, então o fenômeno vai acontecer como “experiência”. Justamente o que ocorreu: uma experiência singular para cada uma das jovens e para a artista-pesquisadora, num espaço lúdico que favoreceu o relacionamento grupal, afetivo, artístico, criativo – os encontros na oficina de cerâmica.

Pode-se perceber, todavia, que neste questionamento também está implícito o aspecto clínico, mesmo não havendo a intenção de realização de intervenção clínica, conforme anteriormente justificado. No entanto, o trabalho realizado foi de alguém que se fundamentou no campo metodológico e teórico de Winnicott, ainda que tenha sido diferente daquilo que é feito na clínica do consultório, pode-se observar que estiveram presentes as interpretações, o *setting*, a compreensão da transferência, ou seja, a dimensão clínica e terapêutica perpassou todo o trabalho em conversação com o outro.

### **Modelagem inacabada e modelagens compartilhadas...**

Os resultados e conclusões obtidos nesta pesquisa são limitados, sobretudo porque revelaram a centralidade da interpretação, análise e leitura de uma única pesquisadora com sua visão de mundo, fundamentada no aporte teórico de Winnicott e Ostrower (os autores de

referência), bem como no aporte metodológico utilizado. Conforme afirmei anteriormente, o devir da existência é processo até a morte – a expressão da subjetividade humana (no caso de Mila, Bete e Ceci) é sempre aberta a interações com o mundo –, mas a pesquisa está marcada no tempo e no espaço, com início, meio e fim, portanto, seus resultados são conclusivos.

A pesquisa sofreu outras limitações, a exemplo: (a) Do tempo de acompanhamento das adolescentes na oficina de cerâmica, pois, a participação delas numa oficina com duração maior do que o realizado nesta pesquisa (dois meses e meio) poderia gerar dados com maior expressividade de criações; (b) Da impossibilidade institucional que inviabilizou a construção do forno de estrutura fixa a lenha<sup>34</sup>, conseqüentemente, inviabilizou as jovens de fazerem a experiência com a cocção cerâmica, e gerou expectativas em nós; (c) Talvez o item (b) viesse a ser contemplado se a pesquisa objetivasse a estruturação de uma oficina de arte na instituição, inclusive para a instalação dos equipamentos já existentes – o torno e o forno elétricos. Assim, todos os menores acolhidos poderiam se expressar artisticamente numa oficina (permanente) de artes e, quiçá, até de modo profissionalizante, conforme verificado no estudo de Carvalho (2008).

Ao final desse processo de pesquisa, os resultados nas análises dos casos de Mila, de Bete e de Ceci demonstraram a importância da experiência artística para essa população – adolescentes mães em situação de acolhimento institucional. Somado a esses resultados, está o estudo de Carvalho (2008) sobre a importância da utilização da arte nas propostas pedagógicas das ONGs que atendem crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no Nordeste do Brasil, pois a arte tem favorecido a reconstrução pessoal e social, ela pode ser entendida como lugar organizador, estruturante e de pertencimento, por meio da qual se possibilita desenvolver as habilidades e as competências dos menores atendidos, amenizar o sentimento de desvalia e aumentar a autoestima.

Diante do exposto, apresento as minhas sugestões:

1) Dirigida aos gestores das Organizações Não Governamentais e Governamentais, no estado da Paraíba, que oferecem o serviço de acolhimento para crianças e adolescentes que estão sob medida protetiva judicial, para que invistam de modo prioritário e sistemático em projetos de arte e arte-educação desenvolvidos por artistas e/ou arte-educadores nas diversas linguagens artísticas. Isso poderia possibilitar a abertura de mais um campo de atuação e pesquisa para alunos da UFPB, da graduação (Licenciatura e/ou Bacharelado) e da pós-

---

<sup>34</sup> Ressalto que a inexistência de fornos para cocção cerâmica nas escolas públicas de João Pessoa (PB) foi o problema explorado na minha pesquisa de especialização (Cf. SÁ, 2001).



graduação (Mestrado e/ou Doutorado) em Artes Visuais, Artes Cênicas, Música etc. em espaços não formais e/ou alternativos;

2) Levando em consideração que não existem nos documentos oficiais dados específicos sobre adolescentes grávidas e/ou adolescentes mães com filhos em situação de acolhimento institucional, nem no Brasil, nem na Paraíba e no único indicativo de 2009 encontrado relacionado ao tema está destacado que o motivo que ocasiona o acolhimento institucional dessa população, no Brasil, é a falta de condição dos responsáveis para cuidarem de adolescente gestante. No entanto, eu verifiquei neste estudo, que existem outros motivos, que não foram computados oficialmente. Portanto, que sejam incentivadas pesquisas realizadas pelos órgãos governamentais, bem como, através das pós-graduações em Psicologia e outros cursos das Ciências Sociais e área da Saúde (Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado, especialmente nas instituições da região Nordeste), de perfil quantitativo para que possam ser revelados e disponibilizados dados atualizados sobre essa população (indicando o quantitativo dessa população, os motivos dos acolhimentos, o tempo de permanência nas instituições, o motivo do desligamento do serviço de acolhimento, quantas jovens entregaram seus filhos para a adoção, quantas jovens foram adotadas com seus filhos, dentre outros itens relevantes). Ressalto o que justifiquei anteriormente: a ausência de dados atualizados e publicados sobre essa população me motivou a manter, nesta tese, dados gerais quantitativos sobre a adolescência de 2009, disponibilizados através dos estudos publicados pelo UNICEF (2011), UNFPA (2013) e Princeswal (2013), com a finalidade de manter uma uniformidade de informações relacionadas, alinhados a vários itens que contextualizaram uma parte da minha reflexão.

Para encerrar, considero que a documentação elaborada das expressões plásticas das jovens e dos resultados, ultrapassaram os objetivos pretendidos (enxerguei mais coisas nesta pesquisa do que me propus). Não expus apenas os aportes teóricos sobre o conceito de criatividade nos contextos do processo maturacional (Winnicott) e do processo artístico (Ostrower), mas modeliei interlocuções entre eles, pude revelar que os sentidos de criatividade nessas duas perspectivas não são díspares, são duas posições que se entrecruzam (desde o início essa foi a aposta do trabalho), embora a psicanálise e a arte sejam campos epistemológicos distintos.

Por conseguinte, vislumbro que este estudo possa se configurar em fonte (referência) para investigações futuras que se debrucem tanto sobre o tema aqui abordado – a produção cerâmica de adolescentes mães em contexto de acolhimento institucional e as ressonâncias na criação de si –, pois não existem publicações sobre este tema, nem no campo clínico (a

psicanálise winnicottiana), nem no campo artístico (as artes visuais e a cerâmica), quanto sobre pontos não abordados nesta tese e/ou pontos não respondidos. Assim, num espaço lúdico, conforme apontado por Winnicott, outros pesquisadores possam se apropriar desses conteúdos (conhecimentos) como se fossem argilas e criarem outras modelagens a serem, também, compartilhadas. Afinal, *não se finaliza a experiência cultural compartilhada!*

## Referências

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. O adolescente e a liberdade. In: \_\_\_\_\_; Knobel, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Tradução Suzana M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981a, p. 13-23.

\_\_\_\_\_. O adolescente e o mundo atual. In: \_\_\_\_\_. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Tradução Suzana M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981b, p. 88-90.

\_\_\_\_\_. Adolescência. In: \_\_\_\_\_ et al. **Adolescência**. Tradução Ruth Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983a, p. 15-32.

\_\_\_\_\_. O mundo do adolescente. In: \_\_\_\_\_ et al. **Adolescência**. Tradução Ruth Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983b, p. 227-246.

ABRAMOVAY, Miriam; PINHEIRO, Leonardo Castro. Violência e vulnerabilidade social. In: FRAERMAN, Alicia (Org.) **Inclusión social y desarrollo: presente y futuro de la comunidad IberoAmericana**. Madrid: Comunica, 2003, p. 1-9. Disponível em:<[http://ead.senasp.gov.br/modulos/educacional/material\\_apoio/Viol%C3%Aancia\\_e\\_Vulnerabilidade\\_Social\\_VA.pdf](http://ead.senasp.gov.br/modulos/educacional/material_apoio/Viol%C3%Aancia_e_Vulnerabilidade_Social_VA.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2015.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. **Miró ceramista**. Madrid: Electra, 1993.

ALESSANDRINI, Cristina Dias. **Análise microgenética da oficina criativa: projeto de modelagem em argila**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

ANDRADE, Liomar Quinto de. **Terapias expressivas: Arte-Terapia, Arte-Educação, Terapia Artística**. São Paulo: Vector, 2000.

ANTUNES, Adriana Rodrigues; PASSOS, Maria Consuelo. Reinvenção do sujeito e demanda judicial por reconhecimento de direitos. **Estudos de psicanálise**. Belo Horizonte – MG, n.38, dez. 2012, p. 15-22.

ARTHUR Bispo do Rosário. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em:<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>>. Acesso em: 10 de jan. 2017. Verbete da Enciclopedia.

ASSIS, Simone Gonçalves de. Crianças, adolescentes e serviços de acolhimento: limites possibilidades e perspectivas. In: \_\_\_\_\_; FARIAS, Luís Otávio Pires (Orgs.). **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviços de acolhimento**. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 349-357.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Tradução Antonjo de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. Arte, educação e reconstrução social. **Insight** – Psicoterapia e Psicanálise, São Paulo, v. 11, n. 121, p. 23-24, set. 2001.

\_\_\_\_\_. Arte e ONGs. In: CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 7-10.

BEN JOR, Jorge. **Alcohol**. Letra de música, 1994. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/jorge-ben-jor/alcohol.html>>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Winnicott e Merleau-Ponty: o *continuum* da experiência subjetiva. In: \_\_\_\_\_; ORTEGA, Francisco (Orgs.). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relime Dumará, 2007, p. 35-65.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, 2008, vol.20, n.1, p. 11-26.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOGOMOLETZ, Davy. **Winnicott e a música ou Winnicott para musicoterapeutas**, 1992, p. 1-7. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12854769/winnicott-e-a-musica-ou-winnicott-para-saudeinfbr>>. Acesso em: 10 de fev. 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução João Wanderley Geraldi, 2002. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf)> Acesso em: 15 out. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)> Acesso em: 7 de mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei Nº 8.069/90, de 13 de julho de 1990). Brasília: Senado Federal, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso em: 10 de set. 2012.

\_\_\_\_\_. **Código Civil** (Lei Nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002). Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm)>. Acesso em: 28 de mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília:

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2006. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/pdf/plano-nacional-de-convivencia-familiar-e.pdf/view>>. Acesso em: 27 de fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Orientações Técnicas:** serviços de acolhimento para crianças e adolescentes, Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/convivencia-familiar-e-comunitaria>> Acesso em: 27 de fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais** (Resolução Nº 109, de 11 de novembro de 2009). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009a. Disponível em: <<http://mds.gov.br/aceso-a-informacao/legislacao-1/resolucao/resolucao-no-109-de-11-de-novembro-de-2009>> Acesso em: 27 de fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 12.010**, de 3 de agosto de 2009. Brasília: Presidência da República, 2009b. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/112010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112010.htm)>. Acesso em: 27 de fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Juventude**, Lei Nº 12.852. Brasília: Presidência da República. 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm)>. Acesso em: 29 de set. 2017.

BULHÕES, Maria Amélia. **Pensar pode ser um salto no vazio**, 2013. Disponível em: <[WWW.sul21.com.br/jornal/20135/pensar-pode-ser-um-salto-no-vazio/](http://WWW.sul21.com.br/jornal/20135/pensar-pode-ser-um-salto-no-vazio/)>. Acesso em: 10 out. 2013.

CAPIBA. **Amigo é casa**. Letra de música, s/d. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/capiba/amigo-e-casa.html>>. Acesso em: 07 de jan. 2017.

CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. A influência da arte na formação do indivíduo: experiências em ONGs. In: **Intervenções:** artes visuais em debate. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, Ano 2 e 3, n. 2, 2009, p. 21-31.

CASSETARI, Chistiano. A diferença entre capacidade de fato e maioridade civil: questões polêmicas. **Jornal Carta Forense**, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/artigos/a-diferenca-entre-capacidade-de-fato-e-maioridade-civil-questoes-polemicas/6581>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. Gravidez, prostituição infanto-juvenil, DST e auto-agressão: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”. In: LEVISKY, David Léo (Org.). **Adolescência e violência:** ações comunitárias na prevenção. São Paulo: Casa do Psicólogo/Hebarica, 2001, p. 131-140.

CATTANI, Iceia Borsa. **Iceia Borsa Cattani**. Org. Agnaldo Farias. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

CAUDURO, Celia Regina de Souza. Holding: o contexto da neurogênese. Aproximações entre Winnicott e a Neurociência do Desenvolvimento. In: Laznik, M. C.; Cohen, D. (Orgs.).

**O bebê e seus intérpretes:** clínica e pesquisa. Tradução Érica Parlato-Oliveira, Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly, Gabriela Araújo, Sirley Alves da Silva Carvalho. São Paulo: Instituto Langage, 2011, p. 137-144.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano:** 2. Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CFM – Complexo Filhos da Misericórdia. **Projeto.** João Pessoa, 2010.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica.** Lisboa: Estampa, 1997.

CHIESA, Regina Fiorezzi. **O diálogo com o barro:** o encontro com o criativo. São Paulo: casa do psicólogo, 2004.

CHITI, Jorge Fernández. **Historia de la cerámica:** Orígenes de la cerámica, La cerámica primitiva. Buenos Aires: Condorhuasi, 1975, v.1.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CLARK, Kenneth. **Manual del alfarero.** Traducción Juan Manuel Ibeas. Madrid: Hermann Blume, 1984.

CONSTANTINO, Patrícia; ASSIS, Simone Gonçalves de; MESQUITA, Viviane de Souza Ferro. Crianças, adolescentes e famílias em SAI. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; FARIAS, Luís Otávio Pires. **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviços de acolhimento.** São Paulo: Hucitec, 2013, p. 161-227.

COOPER, Emmanuel. **Historia de la cerámica.** Barcelona: Ceac, 1987.

COSTA, Janete (Org.). **Arte popular de Pernambuco.** Recife: Espaço Cultural Bandepe, 2001. Catálogo de exposição.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Vol. 23, N. 1, Brasília, Mar. 2003. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012)> Acesso em: 25 de fev. 2016.

DALGLISH, Lalada. **Noivas da seca:** cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha. São Paulo: Unesp, 2006.

DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. **O xote das meninas**, 1953. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Xote\\_das\\_Meninas](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Xote_das_Meninas)>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

DELGADO, P. et al. **O campo da atenção psicossocial.** Anais do 1º Congresso de Saúde Mental do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: TeCora, 1997.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22,

n.7, jul. 2006, p. 1447-1458. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-311x2006000700009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-311x2006000700009&script=sci_arttext)> Acesso em: 20 de maio 2014.

DIAS, Ana Cristina Garcia et al. O significado da maternidade na adolescência para jovens gestantes. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul, v.3, n.6, dez. 2011. Disponível em:< [http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.Osignificadodamaternidade.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Osignificadodamaternidade.pdf)> Acesso em: 20 de maio 2014.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. A literatura brasileira sobre avós na atualidade: as diversas facetas do cuidar. In: Ana Cecília de Sousa Bastos; Lucia de Campos Moreira; Giancarlo Petrini; Miriã Alves de Alcântara. (Org.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. 1ed. Curitiba: Juruá, 2015, v. 1, p. 465-482.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DJAVAN. **Sina**. Letra de música. 1982. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/djavan/sina.html>>. Acesso em: 18 de abr. 2015.

DUNCAN, Zélia. **Flores**. Letra de música, 2001. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/zelia-duncan/flores.html>>. Acesso em: 04 de fev. 2017.

EIGUER, Alberto. A apropriação do espaço da casa. Tradução Maria Consuelo Passos. **Interações**. São Paulo, jul./dez 2000, vol. 5, n. 10, p. 11-24.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Alberto Eiguer: a família em (des)ordem. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 11-21, jun. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352007000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago. 2017.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. Apresentação (1999). In: SAFRA, Gilberto. **A face estética do self: teoria e clínica**. Aparecida, SP: Ideias & Letras: São Paulo: Unimarco, 2005, p. 9-12.

\_\_\_\_\_. **As diversas faces do cuidado: novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2012.

\_\_\_\_\_. Escutas em análise/Escutas poéticas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2014, n. 48, v.1. p. 123-137.

FONTOURA, Natália de Oliveira; PINHEIRO, Luana Simões. Síndrome de Juno: gravidez, juventude e políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009, p. 149-165.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil (1923). In:\_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 168-175.



\_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 203-213.

\_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 283-299.

FULGÊNCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, V. 42, n. 1, 2008, p. 124-136.

GIANNOTTI, Sirlene. **Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância**. São Paulo, 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

GONTIJO, Daniela T.; MEDEIROS, Marcelo. Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v.6, n.3, 2004. Disponível em: <[http://www.fen.ufg.br/fen\\_revista/revista6\\_3/12\\_Revisao2.html](http://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista6_3/12_Revisao2.html)> Acesso em: 20 de maio 2014.

\_\_\_\_\_. “Tava morta e revivi”: significado de maternidade para jovens com experiência de vida nas ruas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.2, Fev. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000200026](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000200026)>. Acesso em: 29 de maio 2014.

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. **Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.

\_\_\_\_\_. **A tridimensionalidade da relação analítica**. São Paulo: Cultrix, 1999.

GRANATO, Tania Maria Marques; AIELLO-VAISBERG, Tania Maria José. **Adolescência e gravidez: um paradoxo sustentável?** 1º Simpósio Internacional do Adolescente, São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200034&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200034&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 de maio 2014.

HEIDEGGER, Martin. Parte I. In: \_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 243-300.

JAMES, Paulo; VIDAL, Jean-Jacques. **Ceramicando**. São Paulo: Callis, 1997.

JANSON, Horst Waldemar. **História geral da arte**. Tradução J. A. F. de Almeida, São Paulo: Martins Fontes, 1993. V.1: O Mundo Antigo e a Idade Média.

JOFFILY, Suzana Meira Lopes de Castro. **Adolescentes mães em contexto de abrigamento: significando a gravidez e a maternidade**. Curitiba: Juruá, 2010.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: \_\_\_\_\_ (Editor). **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964, p. 18-103.

KHAN, M. Masud R. Introdução. In: WINNICOTT, Donald Wood. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 11-54.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução Pedro Tamen, 4. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITÃO, Heliane de Almeida Lins. Gravidez e maternidade na adolescência: possibilidades de desenvolvimento da preocupação materna primária. **Tópica**, N. 7, Ano 7, Maceió - Al, 2011, p. 6-14. Disponível em: <<http://www.gpal.com.br/revista-topica/>>. Acesso em: 22 de fev. 2016.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. 1. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, E. A. Oficinas, laboratórios, ateliês, grupos de atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: Costa, C. M.; Figueiredo, A. C. **Oficinas terapêuticas em saúde mental** - sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p. 59-81. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/beth/oficinas.pdf>> Acesso em: 20 de maio 2014.

LIMA, Julia Coutinho Costa. **O processo de mudança das narrativas de si no encontro terapêutico entre adolescentes em situação de rua e psicólogo**. Recife, 2013. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 137-155.

LOMMEL, Andreas. **A arte pré-histórica e primitiva**. Tradução Álvaro Cabral et al. [s.l.]: Expressão e Cultura, 1966.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. **Percursos**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, n. 17, 1996, p. 41-47. Disponível em: <[http://revistapercursos.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=883&ori=autor&letra=L](http://revistapercursos.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=883&ori=autor&letra=L)>. Acesso em: 6 de jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Winnicott clínico. **Natureza humana**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-26, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302010000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 fev. 2016.

LUZ, Rogério. Winnicott: experiência estética. In: LINS, Maria Ivone Accioly; \_\_\_\_\_. **D. W. Winnicott**: Experiência clínica e experiência estética. Rio de Janeiro: RevinteR, 1998, p. 155-259.

MARCELLY, Mc. **Bonde das prostitutas**. Letra de música, s/d. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-marcelly/1685206/>>. Acesso em: 05 de mar. 2016.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MATTAR, Sumaya. **Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula.** Campinas, SP: Papirus, 2010.

MEDEIROS, Rosilda Maria Sá Gonçalves de. Nexos – uma poética contemporânea com a argila. In: Transversalidades nas Artes Visuais. **Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.** Maria Virgínia Gordilho Martins; Maria Hermínia Oliveira Hernández (Orgs.). Salvador: ANPAP, EDUFBA, 2009, Cd-Rom, p. 1178-1189.

\_\_\_\_\_. **Redes Vivas: nexos poéticos mediados pela cerâmica contemporânea.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, 2011a.

\_\_\_\_\_. A cerâmica e a rede colaborativa nas obras *Inventário e Imagens Amadas*. In: Subjetividades, utopias e fabulações. **Anais do 20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.** Sheila Cabo Geraldo; Luiz Cláudio da Costa (Orgs.). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011b, Cd-Rom, p. 4430-4443.

\_\_\_\_\_. A presença da matriz originária da cerâmica no filme *Aruanda*. In: Vida e ficção: arte e fricção. **Anais do 21º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.** Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (Orgs.). Rio de Janeiro: ANPAP, 2012, Cd-Rom, p. 863-872.

\_\_\_\_\_. Não se finaliza a experiência cultural compartilhada: o legado do Mestre Abimael Fonseca acerca da construção de fornos e da cocção cerâmica. In: **Conceitos.** Ricardo de Figueiredo Lucena e Carlos Cartaxo (Orgs.). N. 24, vol. 2, dez. 2016, p. 125-137. João Pessoa: ADUFPB – Seção Sindical do ANDES-SN. Disponível em: <http://www.adufpb.org.br/site/wp-content/uploads/2017/05/REVISTA-CONCEITOS-ED-24.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2017.

MEZAN, Renato. **Escrever a clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

NICOLAU, Marcos. **Educação criativa: ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar.** João Pessoa: Ideia, 1997.

NINO, Maria do Carmo. Texto de apresentação. Catálogo da exposição **À flor da pele** de Marília Diaz. Núcleo de Arte Contemporânea, João Pessoa, 2000, s/p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 7. edição. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Acasos e criação artística.** Rio de Janeiro: Campus, 1990.

\_\_\_\_\_. **A sensibilidade do intelecto.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

OUTEIRAL, José. **Adolescer.** Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PANTOJA, Ana Lídia Nauar. Ser alguém na vida: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 2003, v. 19, p. 335-343. Suplemento 2.

PARAÍBA. **Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Governo da Paraíba. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano. Outubro 2013. Disponível em: <[static.paraiba.pb.gov.br/2013/11/plano.pdf](http://static.paraiba.pb.gov.br/2013/11/plano.pdf)> Acesso em: 1 de mar. 2016.

PASSOS, Maria Consuelo. Família, laços e sofrimento psíquico. **Revista Mal estar e Subjetividade**. Fortaleza, v.XI, n.3, p. 1001-1017, set. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/271/27122346009.pdf>> Acesso em: 20 de maio 2014.

PENNA, Maura. O papel da arte na educação básica. In: PEREGRINO, Yara Rosas (coord.) **Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995, p. 17-22.

PENNA, Lucia Helena Garcia et al. A maternidade no contexto de abrigamento: concepções das adolescentes abrigadas. **Rev. Esc. Enferm.** São Paulo/USP, 2012; v. 46, n. 3, p. 544-551.

PERROTTA, Claudia. **Um texto pra chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERSON, Ana. **A primeira casa da gente**. Letra de música, 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/paralatimum/posts/589609881129238>>. Acesso em: 21 de maio 2016.

PRINCESWAL, Marcelo. O direito à convivência familiar e comunitária sob o paradigma da proteção integral. In: ASSIS, S. G. de; FARIAS, L. O. P. **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviços de acolhimento**. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 23-62.

RASSIAL, Jean-Jacques. **A passagem adolescente: da família ao laço social**. Trad. Francine A. H. Roche. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

REIS, Nando. **Relicário**. Letra de música, 2011. Disponível em: <<http://www.letrasdemusicas.fm/nando-reis/relicario>>. Acesso em: 22 maio 2016.

RIVERA, Tania. **Arte e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. A função estruturante do cuidado. In: QUEIROZ, Edilene Freire de; PASSOS, Maria Consuelo. **A clínica da adoção**. 2012, p. 117-124.

ROSSI, C. Arte e psicanálise na construção do humano. In: **Ciência e Cultura** [on line]. V. 61, n. 2, p. 25-27, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000200010&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000200010&script=sci_arttext)>.

SÁ, Rosilda. **Sistemas elementares de queima: uma alternativa para as aulas de cerâmica**. João Pessoa, 2001. Monografia (Especialização em Artes), Departamento de Artes, Universidade Federal da Paraíba.

SAFRA, Gilberto. Investigações em Psicanálise na Universidade. **Psicol. USP [on line]**. 2001. vol.12, n.2, p. 171-175. Disponível

em:<<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/63382/66125>>. Acesso em: 18 de out. 2015.

\_\_\_\_\_. **A po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A face estética do self: teoria e clínica**. Aparecida, SP: Ideias & Letras: São Paulo: Unimarco, 2005.

\_\_\_\_\_. **A criatividade e suas origens: o ontológico, o sócio-político e o si mesmo**. São Paulo: Sobornost, 2008. CD-Áudio-MP3.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar uma tese na perspectiva winnicottiana: facetas ontológicas na produção de conhecimento**. São Paulo: Sobornost, 2009. CD-Áudio-MP3.

\_\_\_\_\_. **Estudo do conceito de criatividade em Winnicott**. São Paulo: Sobornost, 2009a. CD-Áudio-MP3.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: QUEIROZ, Edilene Freire de; PASSOS, Maria Consuelo. **A clínica da adoção**. 2012, p. 13-16.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2. edição. São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_. **Redes da criação: construção da obra de arte**. 2. edição. São Paulo: Horizonte, 2006.

SANTO, Maria Inez do Espírito. **Vasos sagrados: mitos indígenas brasileiros e o encontro com o feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

SANTOS, Pêrsio de Souza. Argilas como matérias-primas cerâmica. In: \_\_\_\_\_. **Ciência e Tecnologia de Argilas**. São Paulo: Edgard Blücher, 1989. v.1, p. 374-392.

SANTOS, Kate Delfini; MOTTA, Ivonise Fernandes da. O significado da maternidade na trajetória de três mães: um estudo psicanalítico. **Estudos de Psicologia**. Campinas [online], 2014, vol.31, n.4, p. 517-525, out.-dez. 2014. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2014000400006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2014000400006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 22 set. 2015.

SIELSKI, Isabela Mendes. Círculo do barro: do objeto à experiência do encontro. In: MARTINS, Pedro (Org.). **Território & sociabilidade: temas e práticas interdisciplinares**. Florianópolis: PEST, 2009, p. 129-139.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de. Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito à convivência familiar e comunitária. In: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Políticas sociais – acompanhamento e análise**. N. 11; ago. 2005, p. 186-193. Disponível em:<[http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas\\_sociais/ENSAIO3\\_Enid11.pdf](http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/ENSAIO3_Enid11.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2015.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

\_\_\_\_\_. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

SINGH, Susheela; DARROCH, Jacqueline E. **Adding It Up: Costs and Benefits of Contraceptive Services – Estimates for 2012**. Nova York: Guttmacher Institute e UNFPA, 2012. Disponível em: <<http://www.Guttmacher.org/pubs/AIU-2012-estimates.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

SONTAG, Susan. Mergulho num lago gelado. Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves. **Caderno Mais**, Folha de São Paulo. 18 mar. 2001.

TITÃS. **Miséria**. Letra de música, 1989. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/titas/48984/>>. Acesso em: 06 de jun. 2016.

UNFPA. **Maternidade precoce** – enfrentando o desafio da gravidez na adolescência. Situação da População Mundial 2013. Disponível em:<<http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/situacao-da-populacao-mundial>>. Acesso em: 20 de set. 2015.

UNICEF. **O direito de ser adolescente**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília, DF: UNICEF, 2011.

\_\_\_\_\_. **Documento do Programa de Cooperação do UNICEF com o Brasil para o período de 2012-2016**. 2011a. Disponível em:<[http://www.unicef.org/brazil/pt/overview\\_24871.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/overview_24871.htm)>. Acesso em: 8 de dez. 2015.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso et al. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. Goiânia, 2003, v.5, n.1, p. 4-9. Disponível em:<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/768/850>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar & a realidade**. Trad. José Octávio de A. Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. O atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência. In: \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo C. S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 218-224.

\_\_\_\_\_. **A criança e o seu mundo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os bebês e suas mães**. Trad. Maria Helena Souza Patto. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Natureza humana**. Trad. Davi Litman Bogomeletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. O jogo do rabisco [*Squiggle Game*]. In: Winnicott, Clare; Shepherd, Ray; Davis, Madeleine (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p. 230-243.

\_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. Tradução Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. A preocupação materna primária. (1956). In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 399-405.

\_\_\_\_\_. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Privação e delinquência**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

# Apêndice



## **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

**Título: MÃES ADOLESCENTES ACOLHIDAS E A EXPERIÊNCIA CRIATIVA COM A CERÂMICA: um diálogo entre psicanálise e artes visuais**

Nós, Maria Consuelo Passos, professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco, juntamente com Rosilda Maria Sá Gonçalves de Medeiros, doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, estamos convidando você, adolescente mãe acolhida há pelo menos seis meses na instituição onde será realizada a pesquisa, para participar como voluntária de uma pesquisa sob nossa coordenação. Assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você, enquanto mãe adolescente acolhida estará dando o seu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntária do projeto de pesquisa supracitado.

Assinando este termo de consentimento, você estará ciente que:

- 1) O objetivo geral da pesquisa é estudar as expressões de criatividade que poderão emergir – por meio da escuta e do brincar – durante a participação de mães adolescentes, numa oficina de cerâmica sob a intervenção da pesquisadora. Os objetivos específicos são: discutir a relação entre o conceito de criatividade nos contextos do processo maturacional (Winnicott) e do processo artístico (Ostrower); analisar os processos e as formas decorrentes de possíveis expressões lúdicas e plásticas das adolescentes ao se apropriarem da argila; compreender o modo singular como cada adolescente faz uso da argila. A partir desses dados, verificar a relação deste uso com possíveis indícios de criatividade em um processo pessoal de maternidade e adolescência.
- 2) Sua participação nesta pesquisa se constituirá em frequentar os vinte encontros (em grupo) na oficina de cerâmica, com duração de duas horas cada um. Nos encontros serão gravados o áudio e a produção em argila fotografada pela pesquisadora. No final da pesquisa será marcado um encontro entre você, as outras duas participantes e a pesquisadora na instituição acolhedora, para que se possa conversar sobre os resultados da pesquisa.
- 3) Foram dadas todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa.
- 4) Você estará livre para interromper a qualquer momento a sua participação na pesquisa, sem nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. A sua participação, também, não gerará nenhuma despesa para você, bem como não haverá retorno financeiro.
- 5) Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. No decorrer da pesquisa e em todo material escrito a partir dela, serão usados nomes fictícios para salvaguardar o seu anonimato. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada e apresentação em eventos científicos. A pesquisadora guardará em seu poder a transcrição das entrevistas por um período de 5 (cinco anos). Após esse período o material será incinerado.

6) Os benefícios relacionados com a sua participação refletirão, tanto no favorecimento do seu entendimento pessoal sobre a vivência simultânea da maternidade e da adolescência, além do entendimento favorável na relação com seu filho, quanto o reflexo sobre outras adolescentes que vivem num contexto idêntico, pois contribuirão para lidar criativamente com as dificuldades, gratificações e especificidades acerca do referido contexto.

7) Não há riscos físicos ou de saúde relacionados à sua participação. No entanto, poderá ocorrer constrangimento ou timidez de sua parte em falar sobre tema da sua intimidade. Caso isso ocorra, lembramos o nosso respeito e sigilo sobre o material coletado. Caso se faça necessário ou do seu desejo, você receberá apoio psicológico.

8) No caso de necessitar apresentar recurso ou reclamações em relação à pesquisa, você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, que funciona na Pró-Reitoria Acadêmica da UNICAP, localizada na rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 8º andar, CEP 50050-480, Recife, Pernambuco, Brasil, ou através do telefone (81) 2119-4376, Fax (81) 21194004, endereço eletrônico: [pesquisaprac@unicap.br](mailto:pesquisaprac@unicap.br).

9) Você receberá uma cópia deste termo, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar a qualquer momento suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação.

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Dados da Orientadora da Pesquisa:

Nome: Maria Consuelo Passos

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 7º andar.

Telefone: 81 – 2119.4369

---

Assinatura da Orientadora da Pesquisa

Dados da Pesquisadora:

Nome: Rosilda Maria Sá Gonçalves de Medeiros

Endereço: Rua José Clementino de Oliveira, 1834, Tambauzinho, João Pessoa – PB

Telefone: 83 – 9116.7142

---

Assinatura da Pesquisadora

**DECLARAÇÃO PÓS-LEITURA:**

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, com endereço acima descrito.

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

\_\_\_\_\_

Assinatura da participante da pesquisa

Documento de Identidade número: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do Diretor da Instituição  
(responsável pela adolescente)

Documento de Identidade número: \_\_\_\_\_